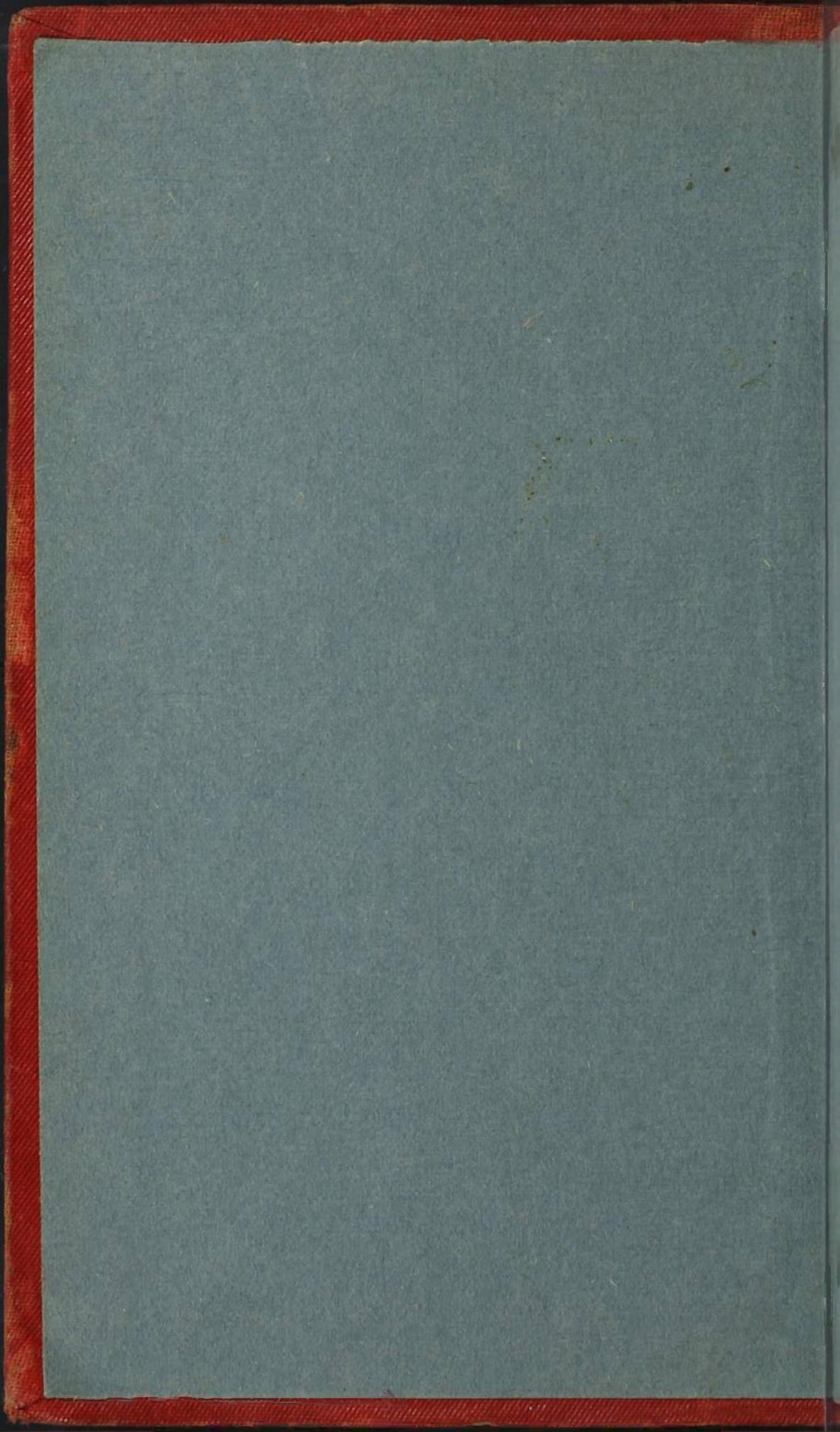


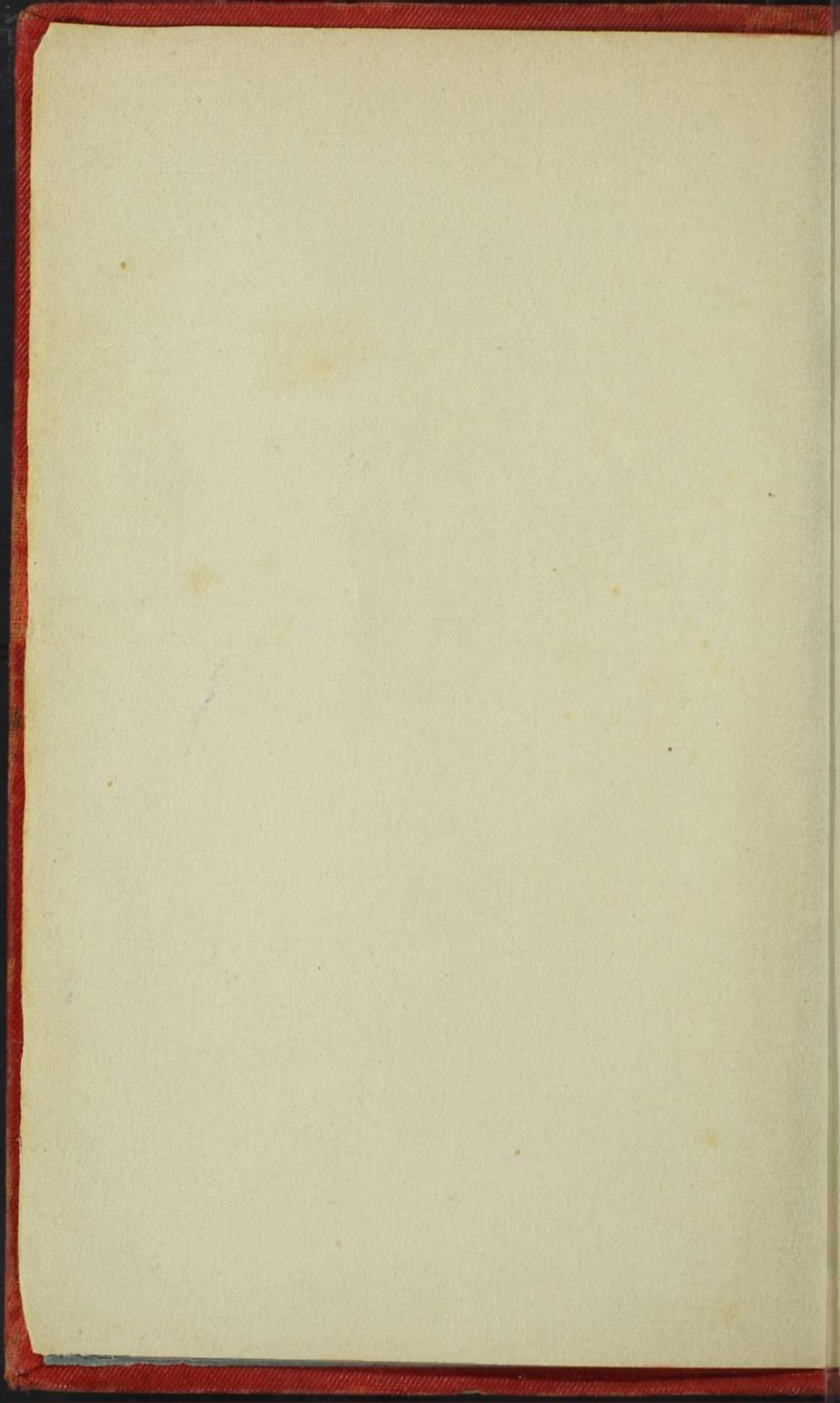
BIBLIOTHECA
DA
JUVENTUDE

MME LEPRINCE DE BEAUMONT

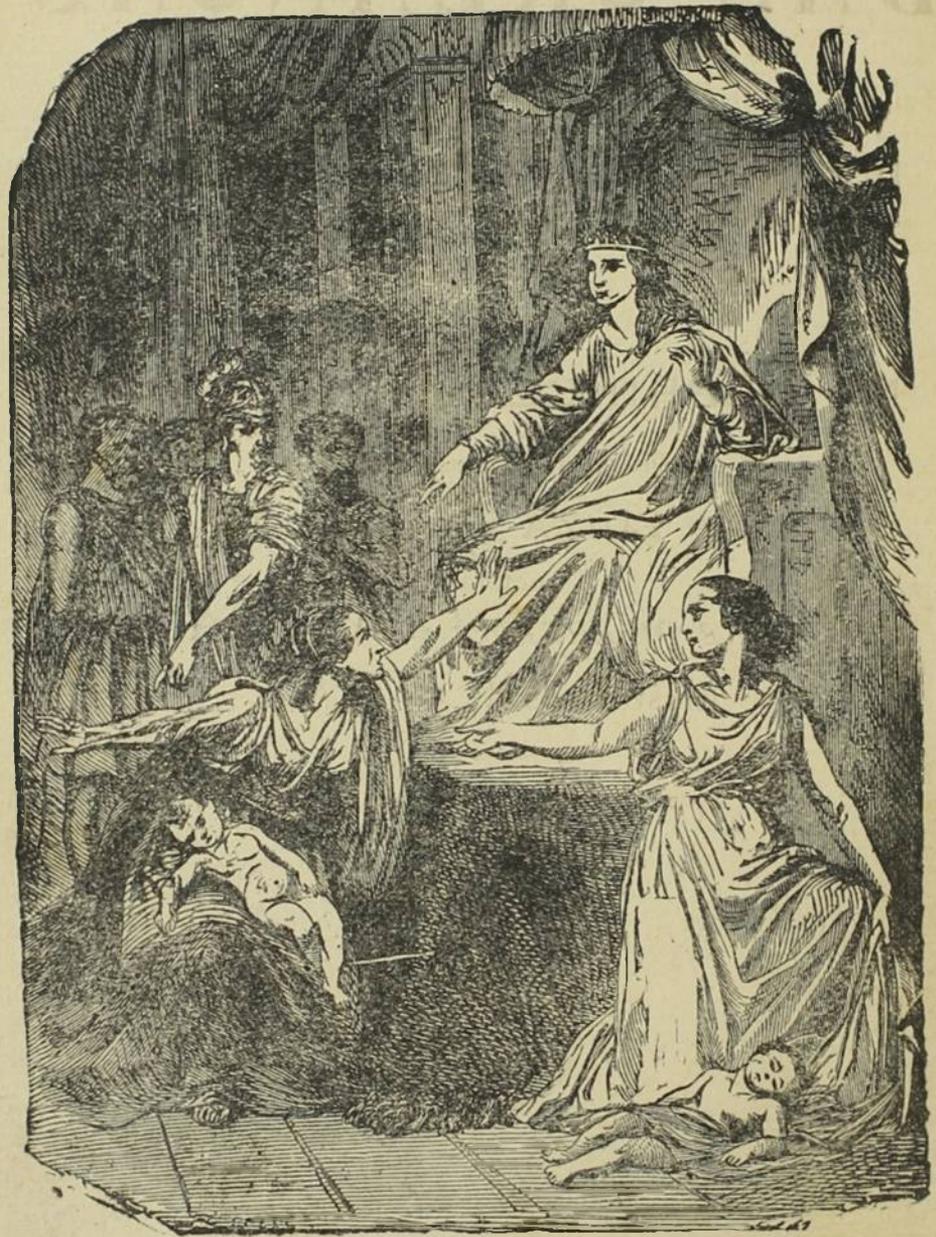
O BAZAR
DAS CRIANÇAS
II

LIVRARIA GARNIER
RIO - DE - JANEIRO





O
BAZAR DAS CRIANÇAS



O BAZAR
DAS CREENÇAS

OU

DIALOGOS DE UMA SABIA PRECEPTORA
COM SUAS DISCIPULAS

POR

M^{me} LEPRINCE de BEAUMONT

Precedido de uma noticia de

M^{me} LUIZA Sw. BELLOC

auctora de

PEDRO E PIERRETTE, d'A COLMÈIA, etc.

Illustrações de G. STAAL

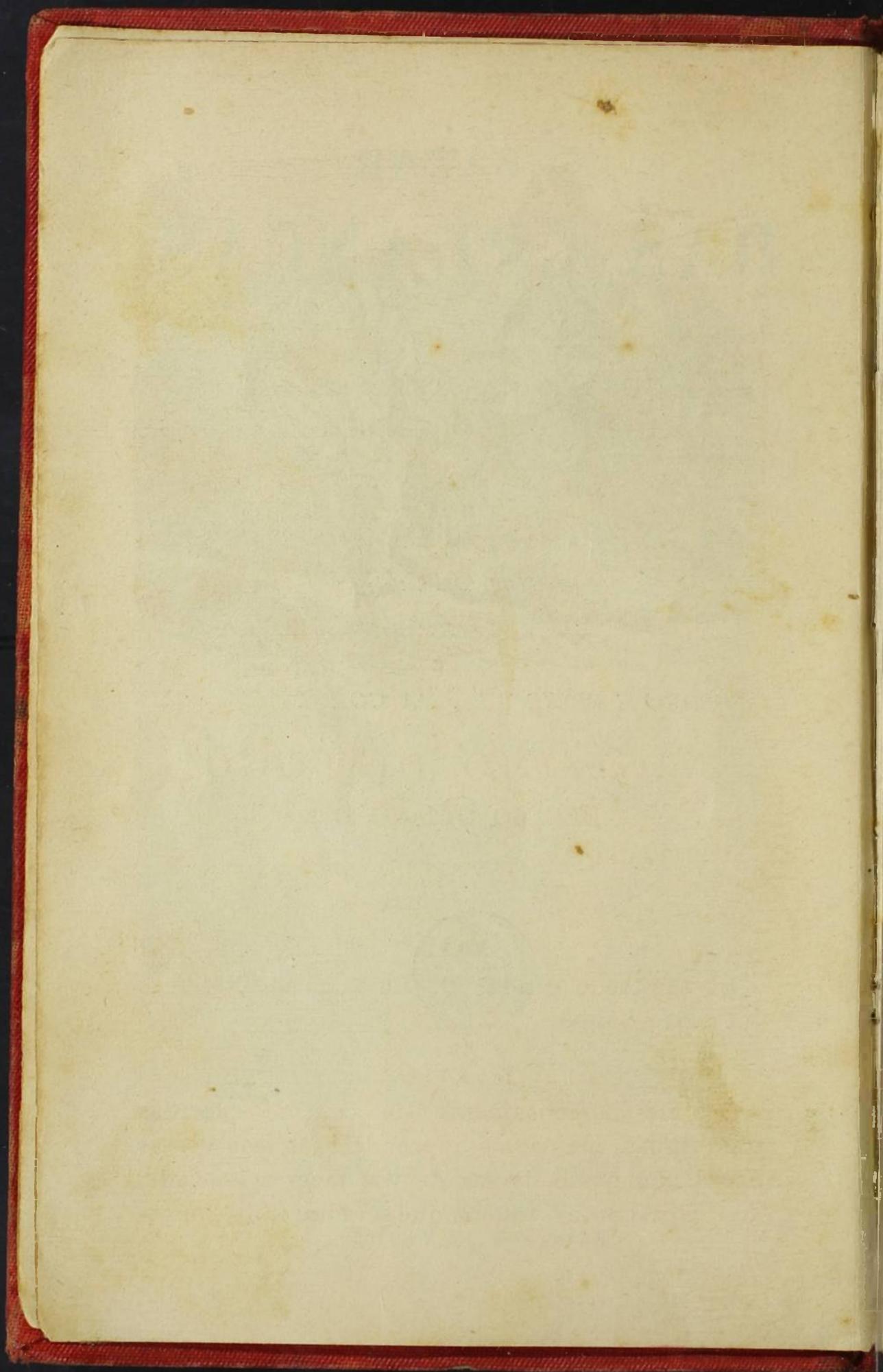
TOMO SEGUNDO



João Mayer Jor
Rua Marechal Floriano 43
PORTO ALEGRE

LIVRARIA GARNIER

109, Rua do Ouvidor
RIO DE JANEIRO





VIGESIMO DIALOGO

DECIMO OITAVO DIA

MARIA

E' tão cedo ainda, D. Luiza ; não teremos um conto hoje ?

D. LUIZA

Gostais immensamente de contos queridas amiguinhas, mas como aprendeis tão bem vossas lições não posso deixar de vos fazer a vontade. Vou, pois, contar-vos, um que será um tanto longo.

CARLOTA

Tanto melhor.

O REI CAMELEÃO E O PRINCIPE TITY

(CONTO)

Havia um, rei muito avarento, chamado *Cameleão*. Um dia pensou elle em casar-se, mas não se preocupava de desposar uma bella princeza ; desejava apenas que fosse riquissima e ainda mais avarenta do que elle. A sorte favoreceu-o, dando-lhe uma mulher tal qual desejava. Desse casamento nasceu um filho que recebeu o nome de *Tity*, e um anno mais tarde, um outro que se chamou *Mirtil*. *Tity* era mais bonito do que seu irmão; porém, seus paes não o podiam supportar, porque elle gostava, de dividir com seus companheiros de jogos, tudo quanto se lhe dava. *Mirtil*, pelo contrario, preferia ver estragados os doces, que recebia, do que dal-os a quem quer que fosse. Guardava seus brinquedos receioso de estragal-os, e quando, porventura, brincava com algum segurava-o tão bem, apertava-o tanto na mão, que era, impossivel arrancar-lh'o mesmo quando adormecido. O rei e sua mulher adoravam essa creança de indole tão semelhante ás suas. Os principes cresceram, tornaram-se homens ; porém, os reis, receiosos de que *Tity* gastasse seu dinheiro, não lhe davam, um vintem. Um dia, *Tity* foi á caça, e um de seus escudeiros, cujo cavallo dispárrara, ao passar junto de uma

pobre velha que por alli se achava, atirou-a num lamaçal : a velha chorava e gritava que tinha a perna quebrada, o escudeiro, porém, limitava-se a rir. Tity, dotado de muito bom coração, ralhou com o escudeiro e, aproximando-se da velha, em companhia de Vigilante, seu pagem favorito, ajudou-a a levantar-se, e segurando-a cada um por braço, levaram n-a até à sua choupana. O principe ficou então contristadissimo por não ter dinheiro para dar-lhe. « De que me serve ser principe, dizia, si não tenho a liberdade de praticar o bem ? Não é possivel haver ventura em se ser principe, desde que não se tem o poder de soccorrer os desgraçados. » Ouvindo estas palavras Vigilante lhe disse : « Toda a minha riqueza, consiste numa unica moeda de prata que, no emtanto, ponho á vossa disposição. — Recompensar-te-hei quando fôr rei, respondeu Tity ; acceito-a para dal-a a esta pobre mulher. » De volta ao palacio, a rainha ralhou com o principe por ter ajudado aquella mulher a se levantar. « E si, porventura, essa velha morresse, que grande desgraça ! disse ella a seu filho (pois os avarentos são inclementes) : realmente é muito digno de um principe rebaixar-se ao ponto de soccorrer uma desgraçada mendiga ! — Minha mãe, respondeu Tity, julgava que os principes nunca poderiam ser mais dignos do que quando fazem o bem. — E's um extravagante, com o teu bello modo de pensar, tornou a rainha. » No dia seguinte, Tity voltou á caça, mas para ver, como

tinha passado a mulher. Achou-a restabelecida e muito grata pelo seu acto de caridade. « Resta-me ainda fazer-vos um pedido, disse ella : tenho aqui excellentes nesperas e avelãs; peço-vos, comer algumas. » O principe não quiz recusar a offerta da pobre mulher, receioso de que ella suppozesse que assim procedêra por desprezo : comeu, pois, as avelãs e as nesperas e achou-as excellentes. Uma vez que as achais tão bôas, disse a velha, dai-me a prazer de levar o resto para vossa sobremeza. Enquanto assim fallava, uma gallinha pôz-se a cantar e a velha insistio tanto com o principe para que levasse tambem o ovo, que este, por condescendencia, acceitou-o ; mas em compensação deu-lhe quatro guinéos que lhe trouxera Vigilante que, por sua vez, os tomára emprestadas a seu pai, gentilhomem que se retirára para o campo. Chegando ao palacio, o principe ordenou que lhe servissem no jantar o ovo, as nesperas e as avelãs; mas, ao quebrar o ovo, ficou bem admirado de encontrar dentro um enorme diamante : as nesperas e as avelãs estavam tambem repletas desse precioso mineral. Tendo sciencia do occorrido, a rainha dirigio-se pressurosa aos aposentos de Tity, e, ao ver aquellas pedras preciosas, sentio tanta alegria que o abraçou e, pela primeira vez na sua vida, chamou-o seu querido filho. « Queres dar-me estes diamantes ? perguntou-lhe. — Tudo quanto tenho está á vossa disposição respondeu-lhe o principe. — Bem, és um bom rapaz, tornou a rainha ; hei de recompensar-te. » Retirou-se

levando os diamantes e, pouco depois, mandou trazer ao principe quatro guinéos bem embrulhados num pedacinho de papel. As testemunhas de semelhante presente zombaram da rainha, que não se sentia envergonhada de dar aquella quantia em troca de pedrarias que valiam mais de quinhentos mil guinéos: O principe porém, expulsou-as de seu quarto dizendo-lhes que era muita ousadia faltarem com o respeito a sua mãe. Entretanto, a rainha disse a Cameleão: A velha que Tity levantou é sem duvida uma poderosa fada; é preciso irmos vel-a amanhã, porem, em vez de Tity, levaremos seu irmão, pois não quero que ella se affeioe, demasiadamente a este idiota que, nem ao menos, teve a idéa de guardar seus diamantes. » No mesmo instante, ordenou que limpassem, as carruagens e alugassem cavallos, pois mandára vender os do rei por ser muito dispendiosa a sua alimentação. Em dois destes carros, tomaram lugar, medicos, cirurgiões, pharmaceuticos; no, outro, ia a familia real.

Chegados á cabana da velha, a rainha disse-lhe que vinha pedir-lhe desculpas do estouvamento do escudeiro de Tity. « Meu filho, continuou, não sabe escolher bons criados; mas eu o obrigarei a expulsar aquelle bruto. » Em seguida, disse á velha que trouxera em sua companhia os mais habéis profissionaes do reino para curar seu pé. A mulher, porém, respondeu-lhe que se achava já restabelecida, mas que ainda assim agradecia-lhe a caridade de visitar uma pobre

mendiga como ella. « Oh ! sabemos realmente que sois uma grande fada, pois déstes ao principe Tity muitos diamantes. — Asseguro-vos, disse a velha, que apenas dei ao principe um ovo, nesperas e avelãs ; as que me restam estão á disposição de Vossa Magestade. — Aceito-as com grande prazer, respondeu a rainha, encantada com a perspectiva de possuir pedras preciosas. Recebido o presente, agradeceu á velha e pediu-lhe que a fôsse ver. Todas os cortezãos, imitando os reis, fizeram grandes elogios á mendiga. A rainha perguntou-lhe ainda quantos annos tinha. « Sessenta, respondeu ella. — Nem mesmo quarenta apparentais ter, tornou a rainha, e bem podeis ainda pretender casar, porque realmente sois muito graciosa. » Ouvindo isto, o principe Mirtil, que era muito mal educado, poz-se a rir nas barbas da velha, affirmando-lhe que teria muito prazer em dansar nas suas bôdas. A velha, porém, fingio não perceber que elle zombava della. Os reis e sua comitiva partiram. Apenas a rainha chegou ao palacio mandou cozinhar o ovo e partio as nesperas e as avelãs ; mas, em vez do bello diamante, com que contava, encontrou dentro do ovo um pinto : as avelãs e as nesperas estavam cheias de vermes. Apoderou-se então della uma colera tremenda. Aquella velha, disse, é uma feiticeira que quiz zombar de mim ; vou mandal-a matar. » Reunio immediatamente o conselho de juizes para tratarem do processo da velha ; mas Vigilante, que tudo ouvira, foi

in continenti prevenir a pobre mulher, para que fugisse. « Bom dia, senhor pagem das velhas ! (nome que lhe tinham dado desde que a ajudára a sahir do lamaçal) disse a mendiga ao avistal-o. Refugiai-vos o mais breve possivel em casa de meu pai, homem muito honrado e que vos esconderá da melhor bôa vontade ; porque, se aqui ficardes, sereis presa e condemnada á morte. — Fico-vos muito agradecida respondeu-lhe a velha ; mas não temo as perversidades da rainha. » E, transformando-se no mesmo instante, appareceu a Vigilante, maravilhado pela sua belleza, sob sua verdadeira fórma. O moço quiz lançar-se-lhe aos pés, mas ella o impedio de fazel-o e disse-lhe : « Prohibo-vos referir ao principe ou a quem quer que seja o que acabais de presenciar. Quero recompensar vossa caridade : pedi-me um dom. — Senhora, respondeu Vigilante, estimo de todo coração o principe meu senhor, e desejo immensamente ser-lhe util : por isso, peço-vos o dom de me tornar invisivel quando quizer, para poder conhecer quaes os cortezãos que o amam verdadeiramente. — Concedo-vos o que desejais, retorquiu a fada ; mas é preciso que eu pague as dividas de Tity. Não tomou elle a vosso pai quatro guinéos ? — Já os pagou, tornou vigilante, elle bem sabe que é humilhante para um principe não pagar suas dividas e, por isso, restituiu-me os quatro guinéos apenas recebeu-os da rainha. — Bem o sei, disse a fada, mas tambem não ignoro que o principe ficou aborrecidissimo por não

vos poder dar maior quantia, pois um principe deve recompensar generosamente, e é esta divida que quero pagar. Tomai esta bolsa, levai-a a vosso pai ; está cheia de ouro ; elle ahi encontrará sempre a mesma somma, comtanto que só recorra a ella quando se tratar de bôas acções. » No mesmo instante, a fada desapareceu e Vigilante foi levar a bolsa a seu pai ao qual recommendou o maior sigillo. Os juizes reunidos por ordem da rainha para lavrarem a condemnação da velha, muito embaraçados, disseram-lhe : Como quereis que condemnemos essa mulher ? Ella não illudio Vossa Magestade pois disse : Sou apenas uma mendiga, não possuo diamantes. » A rainha, enfurecida, respondeu : Se não condemnardes aquella miseravel que zombou de mim, e fez-me gastar tanto dinheiro inutilmente em alugar cavallos e pagar medicos, tereis de vos arrepender mais tarde. » Os juizes pensaram comsigo : a rainha é uma mulher má, e, se lhe desobedecermos, achará meios de nos mandar matar ; portanto, mais vale morrer a velha em vez de nós. A mendiga foi, pois, condemnada por unanimidade a ser queimada viva, como feiticeira. Só um dos juizes ousou dizer que preferia ser elle proprio queimado vivo, a condemnar uma innocente. Alguns dias depois, a rainha arranjou testemunhas falsas que affirmaram haver esse juiz fallado mal della. Demittiram-n'o immediatamente de seu cargo, de modo que elle ia ficar reduzido a esmolar com sua mulher e filhos. Vigilante, porém, tirou da bolsa

de seu pae uma avultada quantia, deu-a ao juiz ao qual aconselhou retirar-se para outro paiz. Desde que podia tornar-se invisivel, Vigilante achava-se em toda parte : assim foi que descobrio muitos segredos, mas, como era um rapaz honrado, nada referia que podesse prejudicar a quem quer que fosse, limitando-se apenas a aproveitar o que dizia respeito a seu senhor. Como ia constantemente ao gabinete do rei, um dia ouviu a rainha dizer a seu marido : « Não é realmente uma infelicidade ser Tity o primogenito ? Todos os thesouros, que estamos accumulando, serão dissipados apenas elle fôr rei, ao passo que Mirtil, economico como é, em vez de lançar mão dessas riquezas, augmental-as-hia : não haverá meios de desherdal-o ? — E' preciso ver respondeu o rei, e caso não o possamos conseguir, será mistér enterrar esses thesouros para que não os dissipe. » Vigilante ouvia tambem os cortezãos, que para agradarem ao rei e á rainha, fallavam mal de Tity e elogiavam Mirtil, depois, quando longe delles, vinham ter com o principe e diziam-lhe que tinham sido a seu favor. Tity, porém, que, graça a Vigilante, estava a par da verdade, ria-se delles intimamente e desprezava-os. Em toda a côrte só quatro fidalgos, homens debem, tomavam o partido de Tity, mas não se vangloriavam de assim procederem ; ao contrario, exhortavam-n-o sempre a amar seus paes e ser-lhes obediente. Um dia, um rei visinho mandou embaixadores á côrte de Camaleão para tratarem de importante

questão. Como de costume, a rainha não quiz que Tity apparecesse aos estrangeiros, e, para isso, fel-o partir para uma casa de campo, propriedade do rei, « porque, acrescentou, com certeza os embaixadores quererão visital-a e é preciso que lá estejas para fazer-lhes as honras. » Após a partida de Tity, a rainha preparou tudo para receber a embaixada sem, no entanto, dispender muito. Mandou levar ao alfaiate uma de suas saias de velludo, recommendando-lhe que dalli fizesse as costas dos fatos do rei e de Mirtil, as frentes, então, seriam de velludo novo, porque calculava que o rei e o principe, estando sentados, não se lhes veria as cóstas. Para tornar ricas as vestes, mandou que pozessem na roupa do rei os diamantes encontrados nas nesperas, á guisa de botões, e no chapéo collocou o bello diamante encontrado no ovo. Quanto aos menores, sahidos das avelãs, serviram para enfeitar a vestimenta de Mirtil bem como da rainha, que tambem os usou como broche, collar e pulseiras. Assim cobertos de pedrarias estavam realmente scintillantes. Cameleão e sua mulher sentaram-se no throno, tendo Mirtil a seus pés. Apenas, porém, os embaixadores entraram na sala, desapareceram os diamantes, vendo-se em seu lugar nesperas, avelãs e um ovo. Suppondo que Cameleão se tivesse vestido assim tão ridiculamente, para fazer affronta a seu senhor, os embaixadores retiraram-se enfurecidos dizendo que o rei lhes faria saber que não era rei das nesperas. Debalde cha-

maram-n-os, nada elles quizeram ouvir, e voltaram ao seu paiz. Cameleão e a rainha ficaram envergonhadissimos e muito encolerizados. « Foi Tity que nos pregou esta peça, disse a rainha ao marido apenas viram-se sós ; é preciso desherdal-o e deixar a corôa a Mirtil. — Consinto, com todo prazer, respondeu o rei. » No mesmo instante, ouviram uma voz dizer : « Se levardes a perversidade a esse ponto, reduzir-vos-hei a pó, um após outro. » Essa voz causou-lhes um medo horrivel, pois ignoravam que Vigilante achava-se no gabinete e tinha ouvido a conversa. Não ousaram, portanto, fazer mal a Tity ; em compensação, mandavam procurar a velha por todos os lados para matarem-n'a e, como não havia meio de encontral-a, estavam desesperados. Entretanto, o rei Violento, o mesmo que enviára embaixadores a Cameleão, suppondo que tivessem realmente querido zombar d'elle, resolveu vingar-se declarando guerra a seu visinho. Este ficou a principio muito vexado, pois, além de medroso, temia a morte ; a rainha, porém, lhe disse : « Não te afflijas, confiaremos a Tity o commando do exercito sob pretexto de proporcionar-lhe a gloria da victoria e, como é um imprudente, far-se-ha matar na primeira batalha ; assim, teremos o prazer de deixar a corôa a Mirtil. Achando magnifica a idéa, o rei mandou vir Tity do campo, nomeou-o generalissimo de suas tropas e, para que tivesse mais occasiões de expôr a vida, deu-lhe plenos poderes de fazer a guerra ou a paz.

Como este conto é muito longo, e não teríamos tempo de recitar as lições, deixarei o resto para a proxima vez.

MARIA

Asseguro-vos D. Luiza que, d'aqui até lá, não dormirei tranquillamente ; terminai-o hoje.

D. LUIZA

E' preciso, querida amiguinha, sabermos privar-nos de um prazer quando se trata de fazer nosso dever. Acabarei o conto hoje se tens muito empenho nisso, porém, outras cousas mais necessarias ficarão por fazer, o que não é direito. Para sermos boas, é preciso não nos acostumarmos a satisfazer nossos caprichos : aconselho-te pois a fazer este pequeno sacrificio ; do contrario, pensarei que nunca terás a coragem de sacrificar o prazer ao dever.

MARIA

Pois bem, vamos ás historias ; mas asseguro-vos que me custa um pouco renunciar ao meu desejo.

D. LUIZA

Assim succede quasi sempre ; no emtanto, a felicidade de toda nossa vida depende do habito de sabermos vencer-nos nas cousas de pouca importancia. Si não estiveres acostumada a mortificar a tua vontade, quando fôres grande querida, amiguinha, sempre farás as cousas fóra de tempo, de modo que desejarás passear quando fôr preciso

ficar em casa, quererás ler quando tiveres de sahir, emfim viverás numa eterna confusão. Devemos adoptar uma regra e, uma vez que nól-a tivermos imposto, nunca devemos abandonal-a por fantasia ou sem uma necessidade imperiosa. Vamos á historia, Carlota.

CARLOTA.

Como os filhos de Israel continuassem ainda a adorar os idolos, Deus abandonou-os aos Madianitas que atormentaram-n'os por todos os meios chegando a virem expressamente, na epocha das colheitas, para estragarem os fructos, o trigo e tomarem o gado. Só então, reconhecendo suas faltas, o povo pedio perdão ao Senhor. Compadecido do seu arrependimento, Deus mandou um anjo a um homem chamado Gedeão, ao qual disse : « Homem forte e valente, o Senhor é contigo. — Ai de mim, senhor ! respondeu Gedeão, onde estão as maravilhas por Deus obradas em favor de nossos paes ? já agora elle nos abandonou. — Porque fostes os primeiros a abandonal-o, tornou o anjo ; no emtanto, ouviu teus rogos ; marcha contra Madian e vencel-o-has. »

Gedeão disse ao anjo : « Como hei de libertar meus irmãos ; sou o mais pobre dos Israelitas e o mais moço da casa de meu pai ! »

O anjo respondeu-lhe : Vencerás os Madianitas como se fossem apenas um só homem, porque o Senhor está contigo. — Sem que haja offensa para vós, replicou Gedeão, peço-vos uma prova

de que Deus manda que eu emprenda essa guerra. »

O Senhor obrou então muitos milagres para provar a Gedeão que era sua vontade que elle combatesse contra Madian. Em seguida, o Senhor appareceu-lhe e ordenou-lhe que destruísse o altar de Baal, seu pai. Gedeão, obedecendo, o povo quiz matal-o, porém, seu pai, intervindo, disse á multidão : « Não tomeis o partido de Baal ; se elle é Deus, que se vingue elle proprio. » Os Madianistas, Amalecitas e Orientaes reuniram um numeroso exercito, para então marcharem contra Israel : Gedeão, por sua vez, tocando a trombeta, reuniu innumeradas tropas ; Deus, porém, lhe disse : « O teu exercito é demasiado ; se vencessees o inimigo com essas tropas o povo diria : Fomos nós que ganhámos a victoria, e não a mão do Senhor que destruiu nossos inimigos. Assim, torna publico que todos aquelles que tiverem medo voltem aos seus lares. Gedeão obedeceu e de trinta e dois mil homens só ficaram dez mil. Mas Deus disse-lhe : E' muita gente ainda ; marcha em direcção ao rio com esses dez mil homens. »

Chegando perto do rio, estavam todos mortos de sede e quizeram beber agua ; dentre os dez mil homens, trescentos apanharam agua na mão, sómente para refrescar a bocca, os outros, porem, ajoelharam-se para beberem á vontade e se desdentaram completamente. Então, disse Deus a Gedeão : Toma os trescentos homens que apanharam

agua nas mãos ; são bons soldados esses, pois sabem supportar a sede ; por elles vencerei o numero exercito dos Madianitas. »

Em seguida, ordenou a Gedeão que fôsse ao acampamento dos inimigos com um homem apenas. Uma vez alli, ouviu um soldado dizer a seu camarada : Sonhei esta noite que tinha cahido um pão em nosso campo e que, ao passar nas barracas, as tinha derrubado. » O outro soldado respondeu-lhe : « Este sonho significa que a espada de Gedeão, representada por este pão, destruirá nosso exercito inteiro. » Ao ouvir isto, Gedeão prostrou-se por terra para dar graças a Deus, voltou ao acampamento cheio de confiança e disse aos soldados : « Vou dividir-vos em tres bandos ; que cada um tenha numa mão uma trombeta, na outra uma bilha vasia na qual será posto um facho ; então fareis tudo quanto eu fizer. » Chegados ao campo inimigo, todos tocaram a trombeta e quebraram as bilhas gritando : *A Espada do Senhor e de Gedeão*. A estas palavras, os inimigos fugiram e massacraram-se uns aos outros.

D. LUIZA.

Continua Lili.

LILI.

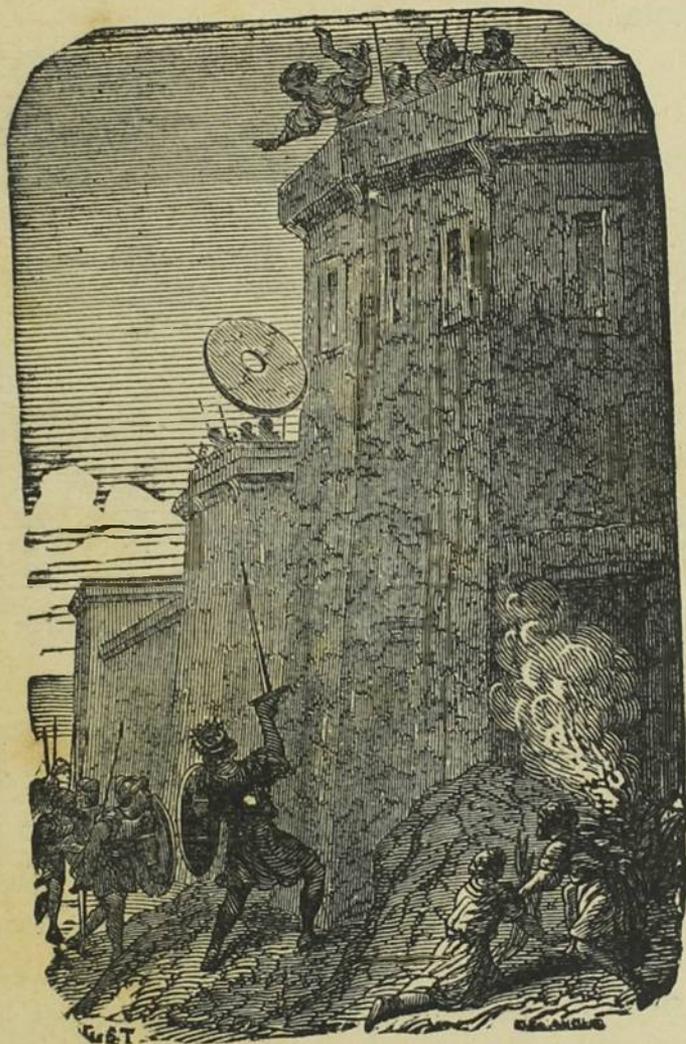
Gedeão ordenou então a todos os Israelitas que perseguissem os inimigos, cujo numero de victimas elevava-se a vinte mil ; mas, como os tresentos homens, que continuavam a perseguir os

fugitivos, se sentiam já fatigados, Gedeão rogou aos povos que encontrava no seu caminho que lhes dessem um pouco de pão. Elles, porém, recusaram terminantemente e com a maior brutalidade, mas, uma vez ganha a victoria, Gedeão punio os principaes chefes.

Como recompensa, pedio Gedeão todos os anneis de ouro tomados aos inimigos ; e, como eram muitos, mandou derreter para fazer um ephod, isto é, uma cinta que, por ordem de Deus, usavam os sacerdotes. Em seguida, levou-a para a sua cidade natal, mas com a continuação este ephod foi para o povo, que se pôz a adoral-o, origem de peccado. Gedeão morreu em extrema velhice, deixando setenta filhos legitimos e um bastardo. Depois de vencidos os Madianitas, o povo dissera-lhe : « Sêde nosso rei, e depois de vós, vossos filhos. » Mas Gedeão respondêra-lhes : « Só Deus deve ser vosso rei. »

Morto Gedeão, os Israelitas obedeceram a seus filhos, mas, esquecendo pouco tempo depois o que deviam ao pai, deixaram-se influenciar pelos discursos do filho bastardo, chamado Abimelec e reconheceram-n-o por chefe. Este homem fez perecer todos os seus irmãos, excepto o mais moço, de nome Joatham, que se escondêra. Este censurou ao povo sua ingratição, predizendo-lhe que Abimelec lhe causaria muito mal, o que de facto succedeu. Abimelec foi o causador da morte de muita gente ; um dia, porém, quando se dispuha a incendiar uma torre, com todos que se acha-

vam dentro, uma mulher atirou-lhe á cabeça
uma pedra de rebolo que o ferio mortalmente.
Abimelec ordenou então a seu escudeiro varar-



lhe o corpo com uma espada para que não se
dissesse que tinha morrido pelas mãos de uma
mulher.

D. LUIZA.

Notai bem, queridas meninas, que Deus

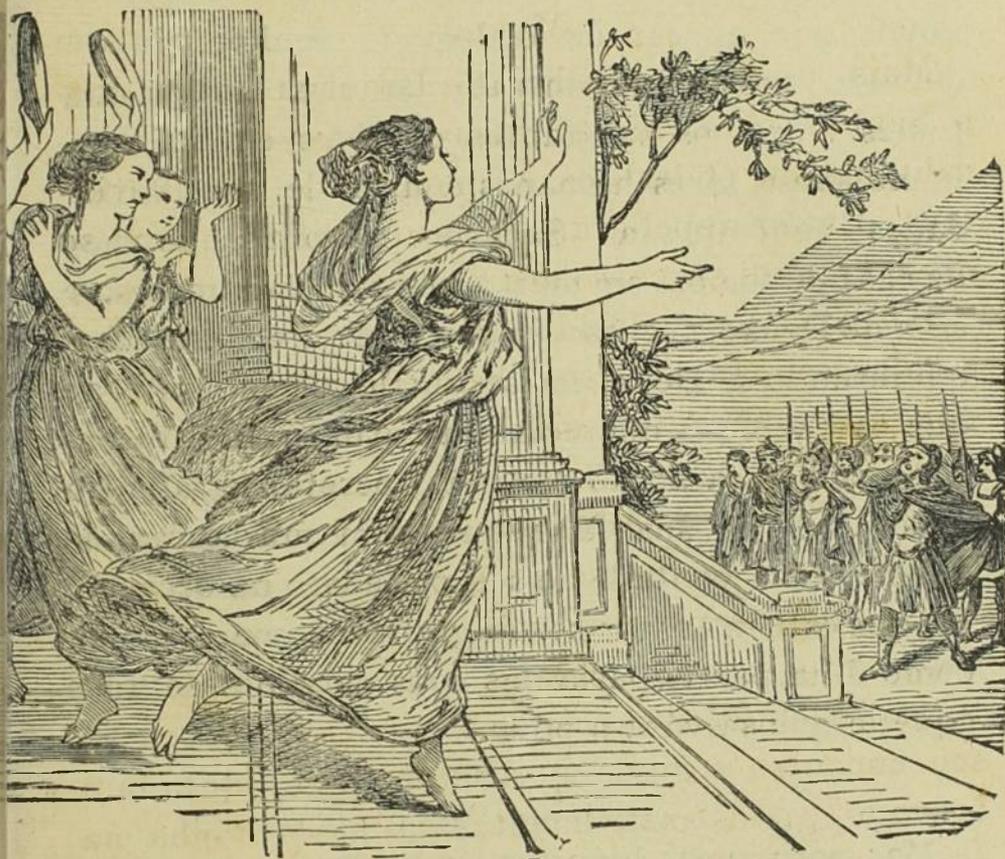
não se descuida de castigar os criminosos. Os Israelitas foram ingratos para com os filhos de Gedeão. Elle serve-se de Abimelec para castigal-os, e em seguida castiga o proprio Abimelec. Continúa Maria.

MARIA.

Mais uma vez os filhos de Israel abandonaram o Senhor para adorar falsos deuses, pelo que cahiram em poder dos Ammonitas e dos Philisteus. Então appellaram para o Senhor que lhes disse : « Pedi soccorro aos deuses que adorastes. »

Por fim, compadecido delles inspirou-lhes que escolhessem Jephté por chefe. Este fôra expulso por seus irmãos da casa de seu pai. Todavia, perdoou-lhes e pôz-se á frente do exercito para combater o inimigo. Antes da batalha, exclamou em altas vozes : Senhor, se me fizerdes vencedor, prometto sacrificar-vos a primeira pessoa com quem deparar ao voltar á cidade. » Cabendo-lhe a victoria, sua filha ao saber a bôa noticia correu ao seu encontro seguida por suas amigas que ia tocando varios instrumentos. A moça vinha na frente. Ao ver sua filha unica, Jephté desviou a vista e rasgou suas vestes, pois amava extremamente essa filha que era o seu enlevo. A moça ficou muito surprehendida ao ver aquella dôr de seu pai num dia de jubilo, mas, quando este lhe explicou a causa do seu desespero e lhe disse que era obrigado a sacrificar-a ao Senhor para cumprir o voto que fizera, ella respondeu-lhe : Não vos afflijais ; consinto em morrer uma vez que o

promettestes a Deus.» Pedio-lhe sómente que lhe dêsse dois mezes para chorar com suas companheiras, por não se ter casado nem tido filhos, o que n'aquelle tempo era considerado uma vergonha.



Ao cabo deste tempo, veio ter com seu pai que a immolou ao Senhor.

SYLVIA.

Mas, D. Luiza, Jephté teria porventura commettido um peccado se tivesse deixado de sacrificar sua pobre filha ? Por acaso, taes sacrificios são agradaveis a Deus ?

D. LUIZA.

Não, querida Sylvia ; Deus tem horror a ver o sangue humano derramado. Jephté fez um juramento imprudente, e obrou mal em executá-lo. Os Israelitas, que viviam em intelligencia com os povos que, apesar da ordem do Senhor, tinham deixado subsistir, contrahiram seus maós costumes : ora, os habitantes de Tyro e de Sidon, immolavam sêres humanos a uma de suas divindades denominada Saturno. Jephté, expulso da casa de seu pai em muito tenra idade, ignorava a lei de Deus e, por isso, julgou fazer um maravilha, offerecendo a Deus um sacrificio semelhante ao que os Tyrenses offereciam a Saturno. Si a intenção era bôa, a acção era má, Entretanto, admiro a coragem de sua filha que, sem murmurar, se submetteu á vontade de seu pai e isto na occasião em que este ia tornar-se um grande homem, e que, como filha, participaria das considerações devidas áquelle que salvára o povo.

CARLOTA.

Mas porque era humilhante morrer sem deixar filhos ?

D. LUIZA

Para explicar-vos o que penso a este respeito, devo lembrar-vos, caras meninas, o que Deus disse á serpente antes de expulsar Adão e Eva do Paraiso terrestre : « *Venceste a mulher, ella, porém, te ha de esmagar a cabeça.* » Essa serpente era o demonio, e Deus queria dizer que um dia seu

filho, Deus, como elle, se faria homem e nasceria de uma mulher. Supponho, pois, que todas as mulheres judias pretendiam a honra de nascer o Messias na sua familia e, por esse motivo desejavam ter filhos.

MARIA.

D. Luiza, permitti-me fazer-vos uma pergunta que ha uma hora não me sahe do espirito. No conto do principe Tity disseste-nos que a rainha encontrára um pinto, dentro do ovo que a fada lhe déra, emlogar de um diamante. Como podia esse pinto achar-se no ovo ?

D. LUIZA.

E' que os pintos geram-se dos ovos, querida Maria, vou tocar o tympano para pedir um ovo afim de te mostrar dentro d'elle um pintinho... Vês esta bolinha branca que está presa á gemma? Ahi dentro ha um pinto.

LILI.

Que maravilha ! E todos os pintos que comemos nascem de uma bolinha branca como essa ?

D. LUIZA.

Sim, queridinha ; esta bolinha chama-se germen ; quando a gallinha quer tirar pintos, choca os ovos durante vinte dias e, devido ao calor, os pintos se geram desse germen : uma vez gerado, nutre-se da clara e da gemma do ovo e, quando já não ha nada mais a comer, e elle está bastante forte,

então quebra a casca do ovo com o biquinho, formado de uma matéria durissima, e sahe.

SYLVIA.

Tive occasião de observar isto no campo e, realmente, admirava a paciencia da gallinha : a pobre ave não deixava o ninho ; estava magra como um espêto e era-se obrigado a levar-lhe comida, sem o que creio que teria morrido de fome.

D. LUIZA.

Admirai a Providencia que permite que esse pobre bicho tenha tanto apêgo a sua familia, ainda por nascer. Uma vez sahidos os pintos do ovo, quantos cuidados, quanto trabalho para defendel-os ! A gallinha é muito timida, tem mêdo de tudo ; se, porém, atacam sua ninhada, torna-se feroz como o leão, aggreindo um cão e até mesmo um homem, se tanto fôr preciso.

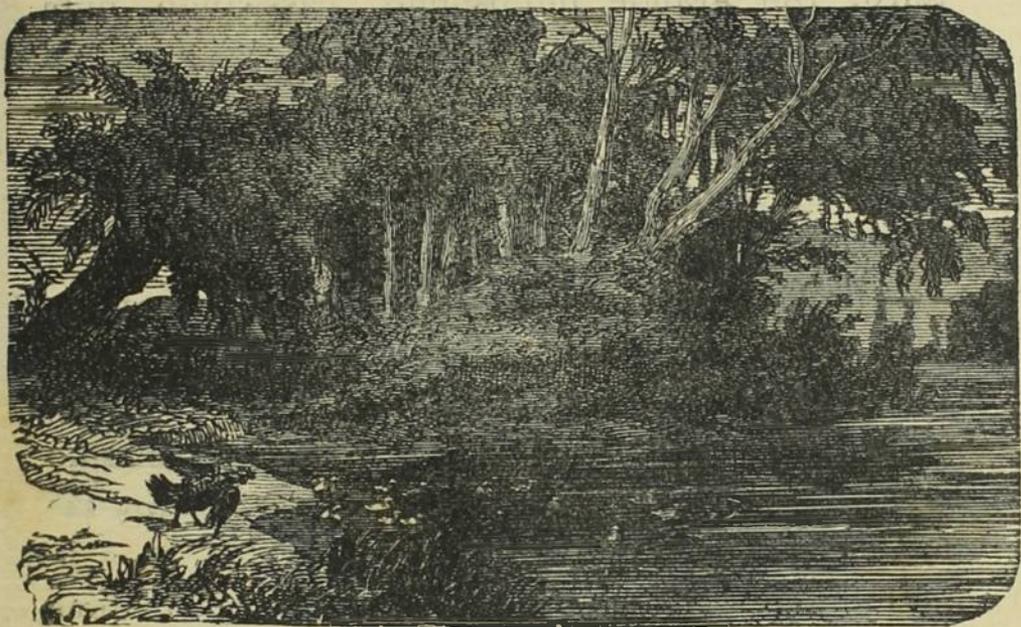
CARLOTA.

Uma vez, deitaram ovos de pato numa gallinha ; ora, quando os patinhos cresceram, atiraram-se n'agua, ao grande despero da pobre mãe que não podendo seguil-os, debatia-se á borda da lagôa.

D. LUIZA

Admirai ainda a Providencia. Vêde o apêgo da gallinha para com seus filhos emquanto estes carecem della ; mas, apenas crescem e podem passar sem a mãe, ella os abandona e mesmo os reconheha.

Qual a causa deste grande amor extinguir-se repentinamente em todos os animaes? E' que, não sendo necessario á conservação da especie, não deve durar inutilmente, e Deus, que tudo



prevê, detem-se precisamente neste ponto. Nada é inutil na natureza ; tudo está em seu lugar e, por mais que imaginemos nada haverá de mais perfeito. Tudo nella são maravilhas, que contemplamos, em cujo meio vivemos e nas quaes não attentamos. Acreditariaeis, queridas meninas, se eu vos dissesse que no universo inteiro não se encontrarão duas cousas exactamente iguaes ?

NOEMIA.

O quê ! pois será possível, D. Luiza, que dentre

todas as folhas desta arvore não haja duas iguaes ?

D. LUIZA.

Não, cara Noemia, nem mesmo no mundo inteiro. Um grande philosopho, passeando num parque em companhia de uma princeza, fez um dia esta observação : caçoaram muito delle e os fidalgos do sequito da princeza passaram o dia a comparar folhas sem jamais encontrarem duas iguaes.

Ha ainda outra cousa á qual não fazeis attenção ; todas as pessoas têm rosto, nariz, olhos, bocca, queixo, cilios, supercilios ; no emtanto, esses mesmos traços, feitos quasi do mesmo modo, differem tanto entre si, que não ha duas pessoas absolutamente parecidas.

Qual o operario que poderia dar a suas obras um tal cunho de variedade ?

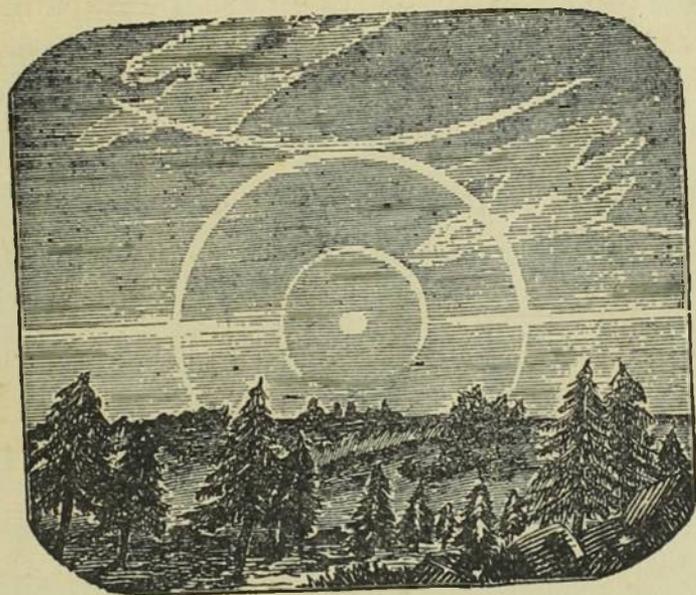
SYLVIA.

Tendes realmente razão de dizer que estamos cercadas de maravilhas que nem mesmo notamos. E as almas differem tanto quanto os rostos ?

D. LUIZA.

Sim minha bôa Sylvia, e o auctor dessas obras poderia fazer infinitamente mais sem que nenhuma dellas se [assemelhasse entre si.

E' tempo de separar-nos, meninas : reflecti algumas vezes nessas cousas e nellas achareis incessantemente novos motivos de admirar a sabedoria e a sapiencia do Creador.



VIGESIMO PRIMEIRO DIALOGO

! DECIMO NONO DIA

MARIA.

Promettestes-nos acabar hoje o conto do principe Tity, D. Luiza.

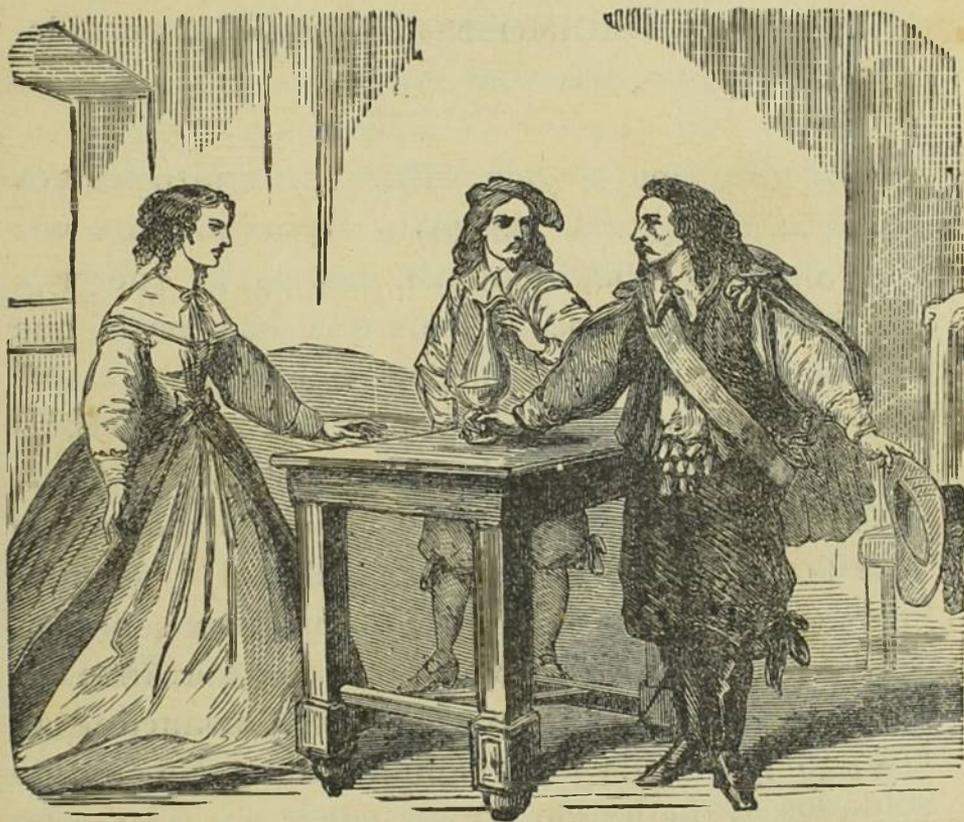
D. LUIZA.

Sim, querida Maria : ficamos no lugar em que o rei lhe confiou o commando de seu exercito no intuito de fazel-o perecer.

† Chegando ás fronteiras do reino de seu pai, Tity, resolvido a esperar o inimigo, tratou de construir um forte, numa estreita passagem que era preciso transpôr. Um dia, quando olhava os soldados trabalharem, teve sêde ; e, avistando uma casa numa montanha visinha, para lá dirigio-se afim de pedir de beber : o dono da casa, que se chamava Abor, offereceu-lhe agua com vinho. Quando o principe ia retirar-se, vio entrar uma moça de rara belleza ; era Biby, filha de Abor. Encantado por ella, o principe voltou muitas vezes a essa casa, sob diversos pretextos e, como de cada vez conversando com Biby, achava-a muito

sensata e muito espirituosa, dizia com siigo mesmo: Si eu fosse senhor de mim, desposaria Biby; é verdade que não nasceu princeza, mas as suas virtudes a tornam digna de ser rainha.

Como o seu amor augmentava dia a dia, o



principe tomou a resolução de escrever-lhe. Ora, sabendo Biby que não é digno de uma moça que se preza receber cartas amorosas, levou a de Tity a seu pai, sem mesmo abril-a. Este, vendo que o principe estava apaixonado por sua filha, perguntou lhe se o amava tambem, e Biby, que não sabia mentir, respondeu-lhe que o principe pareceu-lhe tão bom que ella não pudera repri-

mir a affeição que por elle sentia ; «porem, acrescentou, sei perfeitamente que elle não pôde desposar-me, a mim simples pastora, e por isso mesmo peço-vos mandar-me para casa de minha tia que fica bem distante daqui. » Seu pai fel-a partir immediatamente com grande desespero do principe que, sentidissimo por havel-a perdido, adoeceu. Abor disse-lhe então :

Principe, meu senhor, afflige-me muito ter-vos causado tão grande desgosto : porém, uma vez que amais minha filha, não haveis de querer a sua infelicidade : bem sabeis que uma moça, que recebe visitas de um homem que a ama e que não pode desposal-a, é considerada mais desprezível do que a lama das ruas. — Ouve, Abor, disse o principe : eu preferiria antes morrer do que faltar com o respeito a meu pai, casando-me sem seu consentimento ; promette-me, porém, guardar tua filha para mim, que, por meu lado, te prometto desposal-a quando fór rei. Consinto então em não procurar vel-a daqui até lá. » No mesmo instante, a fada surgio aos olhos de Tity com grande surpresa dêste, pois nunca a vira sob essa fórma. « Eu sou a velha que soccorestes, disse-lhe ; como sois um bom rapaz, e Biby é moça muito sensata, tomo-os ambos sob minha protecção. Dentro de dois annos sereis seu marido, mas até lá passareis por muitos dissabores ; em summa, prometto fazer-vos uma visita por mez levando commigo Biby. » O principe ficou conten-

tissimo com a fada e resolveu cobrir-se de gloria para agradar a Biby.

O rei Violento veio propôr-lhe a batalha: não só Tity a ganhou, como também fez Violento prisioneiro. Aconselharam a Tity confiscar todos os seus bens; este, porém, respondeu: « Nada disso farei: os subditos, que sempre preferem seu rei a um estranho, se revoltariam e o poriam novamente no throno. Por seu lado, Violento jamais esqueceria sua prisão e dahi uma guerra contínua que faria a desgraça de dois povos. Prefiro, pois, dar liberdade a Violento sem nada lhe pedir em troca e, como sei que é generoso, tornar-se-ha nosso amigo, valendo muito mais para nós a sua amizade do que o seu reino que não nos pertence; e, deste modo, evitarei uma guerra que custaria a vida a milhares de homens. » O que Tity previra succedeu, pois Violento, encantado com a sua generosidade, jurou eterna alliança com o rei Cameleão e seu filho. Cameleão, entretanto, ficou muito encolerizado quando soube que Tity dá liberdade a Violento sem lhe fazer pagar uma forte somma como indemnisação. Debalde o principe fez-lhe ver que recebera ordens de agir como bem lhe parecesse; o rei não podia perdoar-lhe; e como Tity amava e respeitava seu pai, adoeceu do pezar de lhe haver desagradado. Um dia, estando só no seu quarto, sem se lembrar que era o primeiro dia do mez, vio entrar pela janella dois lindos canarios, e grande foi a sua surpresa quando os passarinhos, retomando sua

forma natural, transformaram-se na fada e na sua querida Biby.

Dispunha-se já a agradecer á bôa fada, quando a rainha entrou no aposento, carregando um enorme gato do qual muito gostava porque elle caçava os ratos que lhe comiam os mantimentos e a sua subsistencia nada lhe custava. Apenas avistou os canarios, a rainha zangou-se por terem n-os deixado soltos, voando para todos os lados, allegando que aquillo estragava os moveis. O principe lhe disse que os mandaria pôr numa gaiola; sua mãi, porém, respondeu que ia mandal-os pegar immediatamente para comer no jantar visto gostar muito de canarios. O principe, no auge do desespero, debalde supplicava ; os cortezãos e os criados perseguiram os pobres passarinhos, sem attenderem aos seus rogos : um delles agarrou uma vassoura e derrubou a pobre Biby. O principe soltou então do leito para soccorrel-a, mas chegaria muito tarde, porque o gato, desprendendo-se dos braços de sua senhora, ia devorar o pobre passarinho quando a fada transformando-se subitamente num enorme cão, saltou sobre o gato e estrangulou-o.

Em seguida, metamorphoeou-se em rato, como Biby, e fugiram ambas por um burquinho que havia no canto do quarto. Ao ver o perigo que corria sua cara Biby, o principe desmaiára ; a rainha, porém, não fizera attenção ao caso, unicamente preocupada com a morte de seu gato, que lamentava em altas vozes. Disse ao rei que se

mataria se elle não vingasse a morte de seu favorito, acrescentando que Tity mantinha relações com feiticeiros para lhe causar desgostos e que



não descansaria enquanto elle não o desherdasse e dêsse a corôa a Mirtil. O rei aquiesceu, prometendo-lhe que, no dia seguinte, faria prender o principe e trataria de processal-o. O fiel Vigilante estava attento nessa occasião e, como se havia introduzido no gabinete do rei, veio depressa avisar Tity. O medo que elle sentira por Biby

tirára-lhe a febre ; e já elle se dispunha a montar a cavallo e fugir quando vio entrar a fada que lhe disse : « Estou farta das maldades de vossa mãe e da fraqueza de vosso pai ; vou pois dar-vos um numeroso exercito á frente do qual marchareis para o seu palacio onde os fareis prisioneiros em companhia de seu filho Mirtil ; em seguida, subireis ao throno e desposareis Biby immediatamente. — Senhora respondeu-lhe Tity, sabeis que amo Biby mais do que á vida ; entretanto, o desejo de ser seu marido não me fará jamais esquecer o que devo a meus paes, e preferia antes morrer immediatamente a pegar em armas contra elles. — Deixai-me abraçar-vos, tornou então a fada ; quiz experimentar a vossa virtude : si tivesses accedido meus offerecimentos, eu vos teria abandonado, mas, como tivestes a coragem de resistir, serei sempre vossa amiga e, para confirmar o que digo, vou dar-vos uma prova. Transformai-vos num ancião e, certo de que não sereis reconhecido, percorrei vosso reino e informai-vos vós mesmo de todas as injustiças commettidas contra vossos pobres subditos afim de reparal-as quando fôrdes rei. Vigilante ficará na côrte para vos dar conta de tudo quanto acontecer durante vossa ausencia. » Tendo obedecido á fada, o principe vio cousas que fizeram-lhe tremer. A justiça vendia-se, os governadores saqueavam o povo, os grandes maltratavam os pequenos e tudo isto era feito em nome do rei.

Ao cabo de dois annos, Vigilante escreveu-lhe,

communicando-lhe a morte de seu pai e tambem que a rainha quizera fazer coroar seu irmão, porém que os quatro fidalgos unicos homens de bem em todo o reino, a isto se tinham opposto porque elle lhes avisára que Tity era vivo e, diante disto a rainha refugiara-se numa provincia que ella propria sublevára. Retomando sua primitiva fórma, Tity voltou á corte, sendo reconhecido rei. Logo depois escreveu á rainha uma carta muito respeitosa pedindo-lhe para não provocar revoltas: além disso, offereceu-lhe para eila e para Mirtil uma bôa pensão. Sua mãe, porém, possuindo um numeroso exercito, respondeu-lhe que queria a corôa e que viria arrancar-lh'a da cabeça. Esta carta não foi capaz de levar Tity a faltar com o respeito devido a sua mãe. Por fim, sabendo essa má mulher que o rei Violento vinha em soccorro de seu amigo Tity com grande numero de soldados, foi forçada a acceitar as propostas de seu filho. Este, uma vez senhor do reino, desposou a bella Biby com grande contentamento de seus subditos, satisfeitissimos por terem uma rainha tão bondosa.

CARLOTA.

E Tity não reparou o mal feito em nome do rei?

D. LUIZA.

E' o que vos direi na proxima vez queridas meninas ; resta-nos fallar da vida de Tity depois de rei, mas isto seria muito longo para hoje.

MARIA.

E saberemos também o que foi feito de Vigilante ? Gosto muito delle, é um nobre coração.

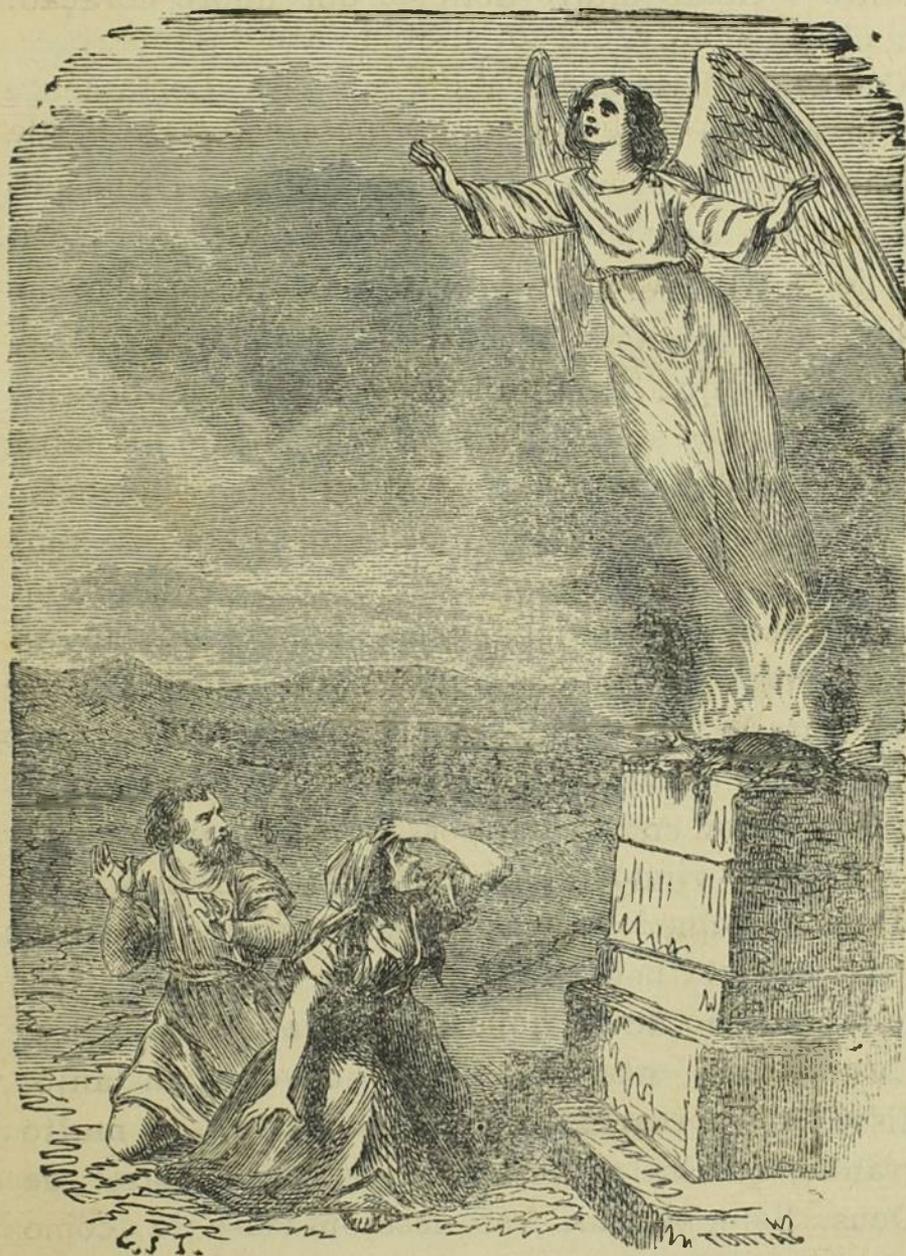
D. LUIZA.

Sim, queridinha. Agora, repete-nos a lição de historia.

MARIA.

Depois de terem tido varios chefes, os filhos de Israel tornando-se novamente idolatras, Deus permittio que os Philisteus os atormentassem. Após grandes soffrimentos, elles pediram perdão a Deus, que, compadecido das suas lagrimas, resolveu enviar-lhes um libertador. Para esse fim, o anjo do Senhor appareceu a uma mulher que nunca tivera tido filhos, e lhe disse : « Declaro-te que terás um filho que libertará Israel e será consagrado ao Senhor para causar a perda dos Philisteus ; por isso te é interdicto beber vinho ou qualquer cousa que possa embriagar até que elle tenha vindo ao mundo. Este menino será Nazareno, quer dizer, que pertencerá ao Senhor ; não poderá beber licores nem bebidas excitantes, nem deverá jamais cortar, os cabellos. Essa mulher, não sabendo o que era um anjo, disse a seu marido que vira um homem muito grande, que lhe promettera um filho da parte de Deus. Este, por sua vez, desejou vel-o ; e, como o anjo appareceu novamente á mulher, esta pediu-lhe que esperasse um momento enquanto ia buscar seu marido. Este, ao chegar, perguntou ao

anjo como se chamava, e rogou-lhe que lhe desse a honra de comer um pedaço de cabrito com elles,



mas o anjo respondeu-lhe : « Chamo-me Maravilhoso e, quanto a comer contigo, mesmo que pre-

parasses o cabrito não o faria ; deves antes offercel-o em holocausto ao Senhor. » O homem obedeceu e, quando a flamma começou a subir, o anjo nella se envolveu e foi subindo até desaparecer. O marido disse então a sua mulher : « Certamente morreremos pois acabamos de ver a face do Senhor. » Ella, porém, respondeu-lhe : « Si Deus quizesse-nos fazer perecer, não teria accedido o sacrificio. » Algum tempo depois, essa mulher teve um filho ao qual deu o nome de Samsão.

D. LUIZA.

Continua Lili.

LILI.

Tornando-se homem, Samsão apaixonou-se por uma moça da raça dos Philisteus e pediu a seu pae permissão para desposal-a. Este lhe disse : Não ha tantas donzellas em Israel? Porque queres desposar uma estrangeira ? Samsão respondeu : « Amo essa moça. » E como era da vontade de Deus que ella fosse sua mulher, seu pae consentio no casamento. Um dia, indo visitar a noiva, encontrou elle um leão ainda novo ; e, como era dotado de prodigiosa força, depois de havel-o apanhado, com as proprias mãos dividio-o ao meio. Dois dias depois, olhando o cadaver do leão, notou que as abelhas tinham feito uma especie de mel na guela do leão. Apanhou então aquelle mel e levou-o a seus paes sem dizer-lhes de onde o trouxera. Alguns dias mais tarde, casou-se e, por essa occa-

sião, deu um banquete aos jovens Philisteus que durou sete dias.

No primeiro dia, lhes disse Samsão : « Vou dar-vos um enigma a decifrar, marcando para isso um prazo de sete dias : si advinhardes, vos darei trinta vestidos ; mas, si não conseguirdes advinhar, sois vós que m'os dareis. Eis o enigma : Daquelle que devorava veio a carne ; do forte veio a doçura. » Os rapazes, que se achavam na boda, não podiam advinhar semelhante enigma, pois não sabiam que Samsão tinha encontrado mel na guéla do leão. Foram, pois ter com a mulher de Samsão e disseram-lhe : « Si não arranjardes meio de vosso marido vos explique este enigma, sereis queimada viva em vossa propria casa em companhia de vosso pae. » No setimo dia, foi ella ter com Samsão e lhe disse : « E' certo que não me amais, pois se assim fosse me terieis dado a explicação do enigma que déstes a decifrar. » Seu marido respondeu-lhe : « Nada disse a este respeito a meu pae nem minha mãe ; todavia vou contar-vos o facto. » Immediatamente sua mulher dirigio-se aos rapazes e lhes disse a significação do enigma : á noite elles disseram a Samsão : Que póde haver de mais doce que o mel e de mais forte que o leão ? » Samsão comprehendeu perfeitamente que tinham seduzido sua mulher e, querendo vingar-se, matou trinta Philisteus e deu suas vestes áquelles que tinham advinhado o enigma ; em seguida, retirou-se para sua casa. Dias mais tarde, porém, desejou ver a mulher que amava

ainda a despeito de sua infidelidade ; mas o pae da moça lhe disse : « Suppondo que havieis abandonado vossa mulher, dei-a a outro homem. — Eis aqui duas grandes offensas que tenho recebido dos Philisteus, tornou Samsão ; depois de haverem seduzido minha mulher ainda m'a roubaram ;



pois, por essa razão declaro-lhes uma guerra eterna. »

Querendo então vingar-se, apanhou Samsão tresentas raposas prendeu as umas as outras pelo rabo, pôz um archote acceso entre as caudas das raposas e tangeu-as para que, correndo, incendiassem e destruíssem as vinhas os olivae e os trigaes dos Philisteus. Estes, ao saberem que Samsão assim procedêra por lhe terem roubado a mulher, queimaram-n'a em companhia de sua

familia, na sua propria casa. Samsão tomou então as armas e venceu os Philisteus que dirigiram-se aos Israelitas da tribu de Judá e lhes disseram : « Vimos prender Samsão, se não nol-o entregardes, vos exterminaremos. » Tres mil homens dessa tribu marcharam para Samsão dizendo-lhe : Esqueces que dependemos dos Philisteus, porque nos trataste dêste modo ?

Samsão respondeu-lhes : « Não fui eu que dei principio á contenda : elles atacaram-me ; é-me portanto licito vingar-me ; todavia como vejo que me quereis entregar a elles não opponho resistencia, permittindo-vos mesmo amarrar-me tão solidamente quanto vos aprouver. » Quando os Philisteus viram o inimigo atado com boas cordas, soltaram gritos de alegria ; mas Samsão, inspirado por Deus, quebrou as cordas com tanta facilidade como se si tratasse de linha fina ; depois, não tendo armas, agarrou uma queixada de burro que achou ao alcance, e com ella matou mil Philisteus. Após esta victoria, sentio muita sêde e, como não havia agua naquelle logar, exclamou : « Senhor, tirastes-me inutilmente das mãos dos Philisteus, pois vou morrer de sêde. »

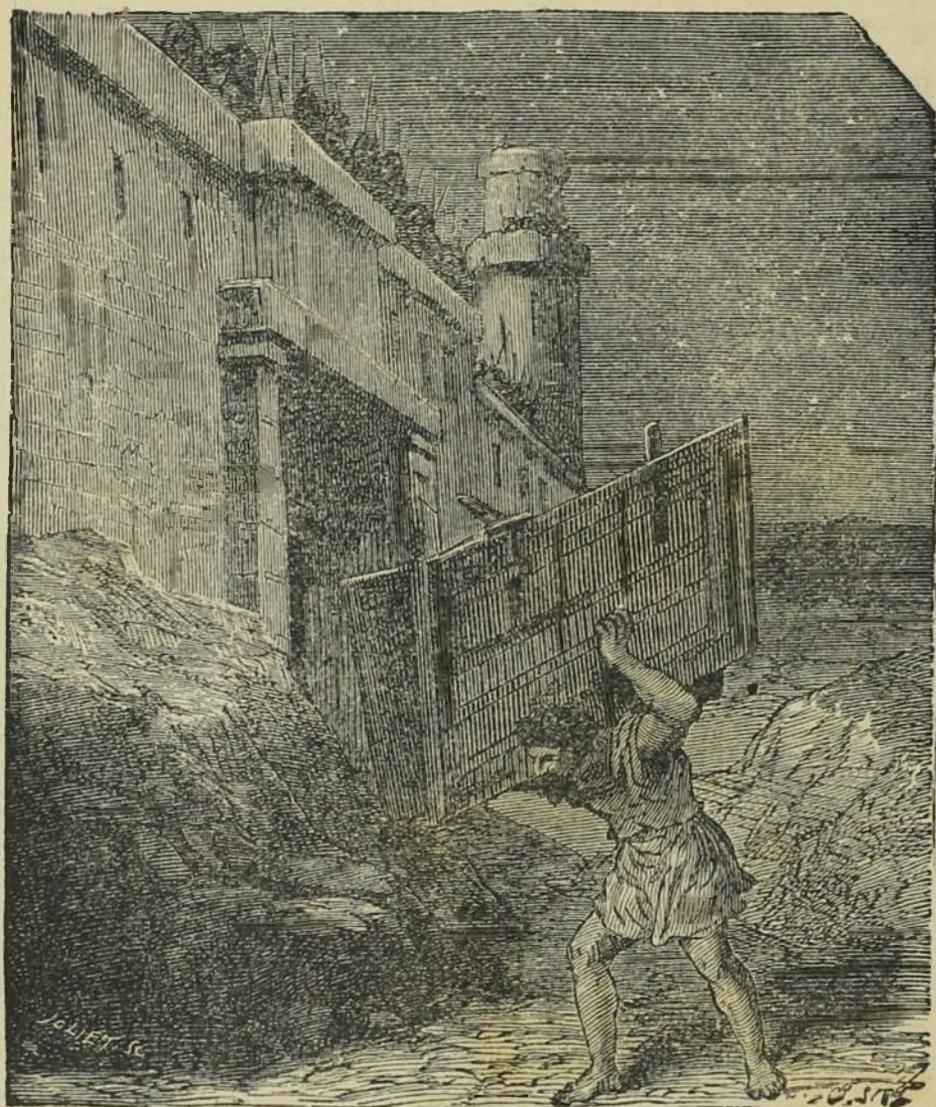
Deus ouvio os rogos de Samsão, pois um dos dentes da queixada de burro que elle tinha ainda, abriu se jorrando agua sufficiente para matar a sêde daquelle valente homem.

D. LUIZA.

Termina a historia, Carlota.

CARLOTA.

Um dia, indo Samsão á cidade de Gaza, poze-
ram os Philisteus sentinellas perto das muralhas



e fecharam todas as portas da cidade. Levantando-
se á meia-noite para voltar a sua terra, encontrou
Samsão todas as portas da cidade fechadas ;
pouco se inquietou porém, e recorrendo á prodi-

giosa força de que era dotado, arrancou os gonzos de ferro de uma das portas, pol-a ás costas e levou-a para uma das montanhas visinhas, diante da admiração dos Philisteus que diziam : « Jamais poderemos desembaraçar-nos deste homem. » Sabendo que Samsão apaixonára-se por uma donzella de seu paiz, chamada Dalila, os chefes dos Philisteus foram procura-la e disseram-lhe : Dar-te-hemos uma fortuna, se poderes nos entregar Samsão. » Essa donzella avarenta e má consentio em trahir seu amante para ganhar o dinheiro ; assim foi que disse a Samsão : « Dize-me, porque sois tão forte, e o que é necessario fazer para vos tirar a força ? Comprehendendo perfeitamente que ella queria trahil-o, Samsão resolveu zombar dellá ; portanto lhe disse : Se me atarem com sete cordas molhadas perderei toda a força. » Tomou Dalila sete cordas molhadas e amarrou Samsão emquanto este dormia ; e como havia occultado os Philisteus em seu quarto, apenas acabou de atal-o, despertou-o dizendo-lhe : « Eis aqui os Philisteus que veem prender-vos. »

Tendo despertado, Samsão quebrou as cordas e os Philisteus fugiram. Mais duas vezes ainda, enganou-o Dalila : finalmente, um dia, disse-lhe esta chorando : Bem vejo que não me amais pois zombais constantemente de mim ; » e atormentava Samsão da manhã á noite, o que o tornava melancolico, taciturno. Afinal, cansado das importunações de Dalila, confessou a verdade di-

zendo-lhe : « Fui consagrado ao Senhor, antes de vir ao mundo, na qualidade de Nazareno, e por isso, nunca me cortaram os cabellos, uma vez, porém, que isto se dér perderei toda a força. » Dalila aproveitou da confidencia e, tendo feito Samsão adormecer em seus joelhos mandou vir um homem que lhe raspou a cabeça. Então lhe disse : Samsão, eis os Philisteus. » Elle suppoz que ainda poderia matal-os como das outras



vezes ; mas, como o Senhor o havia abandonado, elle estava tão fraco quanto o resto dos homens. Os Philisteus pegaram-n'o então, arrancaram-lhe os olhos e condemnaram-n'o a mover uma roda de moinho, como se fosse um cavallo. Tempos depois, deram os Philisteus uma festa em honra do deus Dagon e, reunidos todos os chefes do povo e dignatarios do paiz na grande sala do festim, mandaram vir Samsão para divertil-os. Assim que

chegou disseram-lhe : « Serve de palhaço para divertir-nos ». Ao saber que Samsão alli se achava, todo o povo accorreu, e aquelles que não poderam entrar na sala subiram no telhado e nas janellas somente para vel-o. Ora, os cabellos de Samsão começavam a nascer ; elle disse pois ao homem que o conduzia, pois que estava cego : « Leva-me para o logar onde se acham as duas maiores columnas que sustentam a sala. » O homem obedeceu-lhe e, quando Samsão achou-se alli, elevou seu coração a Deus dizendo-lhe : « Senhor, presta-me novamente teu soccorro ; terei prazer em morrer neste logar comtanto que faça perecer os Philisteus aqui reunidos. » No mesmo instante abraçou-se fortemente aos dois pilares que sustentavam a sala e, sacudindo-os, fel-os cahir, bem como o tecto, sobre os Philisteus; nesta occasião morreram tres mil homens esmagados. Assim foi que Samsão, ao morrer, fez maior numero de victimas do que durante toda a vida.

SYLVIA.

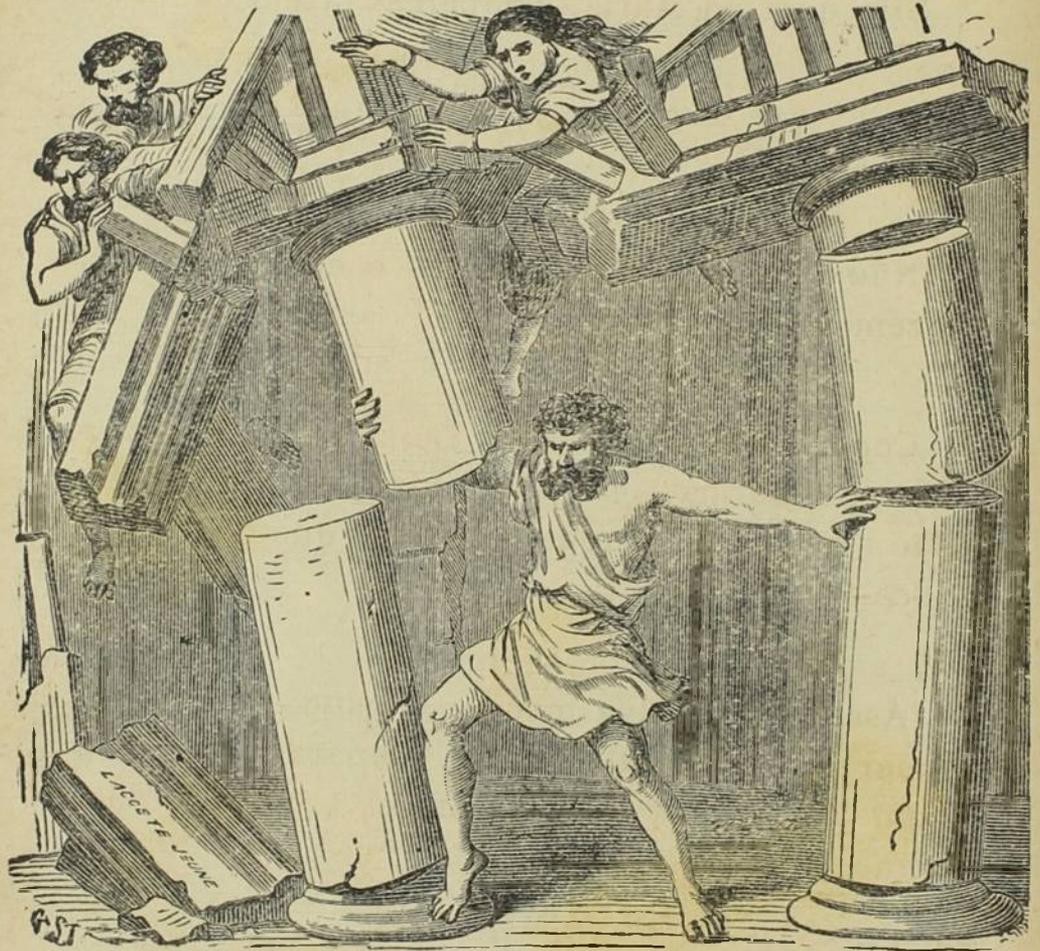
Não comprehendo D. Luiza, como Samsão não abandonou a malvada Dalila desde a primeira vez que percebeu que ella procurava trahil-o. Como podia amal-a ainda, sabendo que a sua intenção era fazel o-perecer ? Era preciso que tivesse perdido o juizo.

NOEMIA.

Bem necessitaria elle que Astolpho fizesse nova viagem da terra á lua para buscar sua garrafa.

D. LUIZA.

Certamente, porque, como já vos disse, queridas meninas, as paixões perturbam o cerebro. Temos disso uma prova evidente na pessoa de Samsão ;



e, se soubessemos de tudo quanto se passa no mundo, veríamos que ha ainda grande numero de mulheres tão perfidas como Dalila e muitos homens tão extravagantes como Samsão, que, mesmo conhecendo quanto são más, não deixam de amal-as.

MARIA.

E' verdade que as abelhas fabricam mel, D. Luiza ? Eu ignorava isto.

D. LUIZA.

Sim, querida Maria, as abelhas fazem melecêra.

CARLOTA.

E este mel e esta cêra ellas teem no corpo ?

D. LUIZA.

Não ; mas sugam as flores e com este succo fazem o mel e a cêra.

LILI.

Como é isto possivel, D. Luiza ? Algumas vezes succede-me mastigar as petalas das flores que me dão : acho-as amargas, ao passo que o mel é tão doce !

D. LUIZA.

Assim é, querida menina ; o succo das flores é amargo, mas a abelha, ao preparal-o, mistura-o com a sua propria substancia, tornando-o doce, como vêdes.

MARIA.

Tenho visto varias vezes enormes abelhas amarellas pousadas nas flôres, mas nunca imaginaria que alli é que iam buscar o mel.

D. LUIZA.

Nada ha de mais interessante do que um pequenino reino de abelhas ; digo que constituem

um reino, porque, em cada uma de suas casas ou *cortiços*, teem uma rainha, que não trabalha como as outras, e que é alimentada sem comtudo fazer cousa alguma. Tambem só a ella é permitido não trabalhar : si outras tentassem se fazerem de preguiçosas, seriam irremissivelmente mortas. Cada uma tem sua occupação; umas são encarregadas de limpar os cortiços; a outras compete fiscalisar as operarias; outras ainda, vivem da manhã á noite á procura de flôres e muito frequentemente empreendem grandes viagens para encontral-as. Preparada a sua carga, reconhecem perfeitamente o caminho de casa, jamais seguindo por um outro : em seguida extrahem do succo a parte propria para fabricar a cêra, e fazem uma especie de pequeno cabaz no qual depositam o mel que, sem isto, não seria tão limpo.

MARIA.

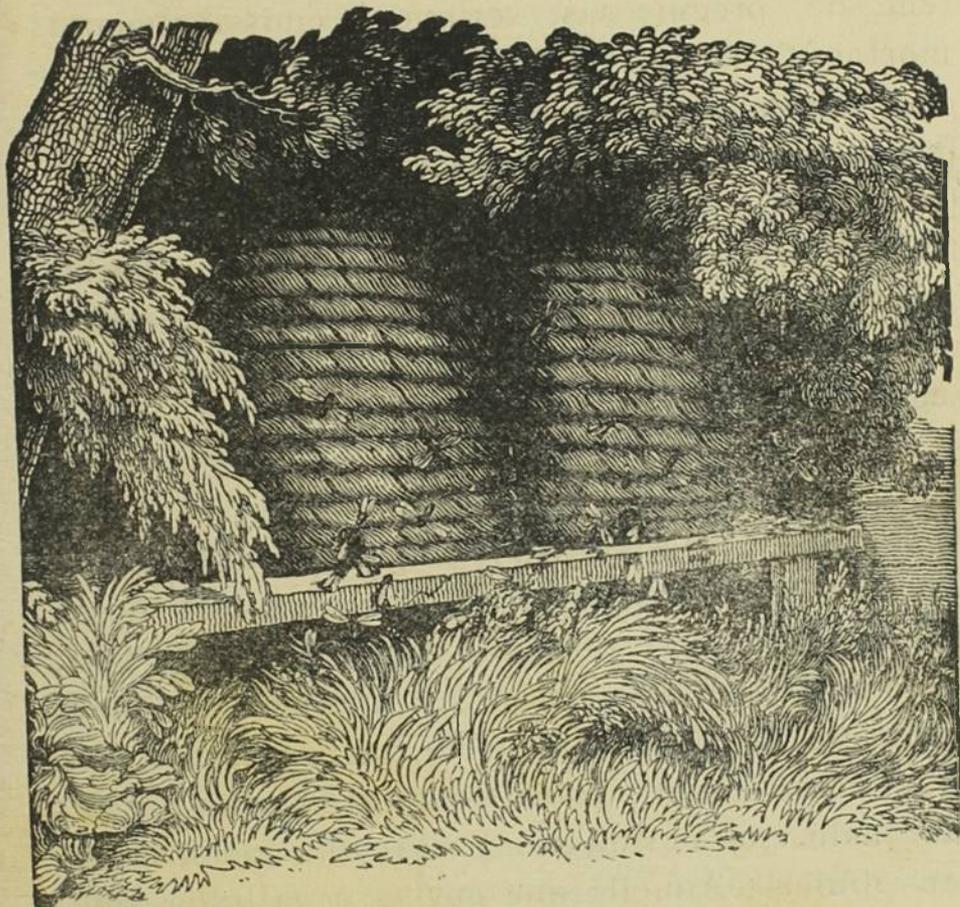
D. Luiza, quem é que ensina as abelhas a fazerem tanta cousa ?

D. LUIZA.

Aquelle que ensina aos passarinhos a fazerem seus ninhos; Aquelle que ensina a gallinha que deve ficar bastante tempo deitada sobre os ovos, si quizer tirar pintos; aquelle que ensina aos gatos fingirem que dormem para caçarem os ratos. Deus instruiu todas as creaturas ás quaes recusou o uso da razão, de tudo quanto devem fazer, e estas seguem á risca o programma que lhes foi estabelecido.

LILI.

Realmente, D. Luiza, custa a crer que o meu cachorrinh onão tenha raciocinio, pois attende-me como se fosse uma pessoa.



NOEMIA.

Quanto a mim. D. Luiza, sempre pensei que os animaes não teem uma rasão como o homem ; entretanto. não saberei estabelecer quala differença que ha delles para nós : ficar-vos-hia muito obrigada si nôl-a quizesseis mostrar.

D. LUIZA.

Para isso seria talvez preciso maiores conhecimentos do que possuo ; em todo caso, vou dizer-vos o que penso. Examinemos primeiramente o que é a razão. Vejamos, Sylvia, qual a tua opinião.

SYLVIA.

E' singular isso, sou dotada de razão, mas não sei o que é ; devo confessar que sou bem ignorante... No entanto, dizem que uma pessoa é razoavel quando essa pessoa se conduz convenientemente, quando cumpre todos os deveres inherentes á sua situação. A razão consiste pois, em saber comportar-se bem.

D. LUIZA.

Perfeitamente, cara Sylvia ; mas, para melhor comprehendermos, vejamos as cousas que nossa alma é capaz de fazer. Olho para o fim desta sala, vejo uma janella e uma porta ; approximando-me, noto que, ao lado desta porta, ha uma escada pela qual posso descer pouco a pouco até dar no pateo : ao passo que, se sahisse da sala pela janella, desceria de repente. Como é que eu noto esta differença ?

Pensando. Ora, a esta faculdade de pensar, de que é dotada minha alma, chamarei « entendimento » e todas as vezes que os meus ouvidos ou meus olhos me fizerem notar um objecto, direi que é o meu entendimento que me faz distinguil-o. Comprehendeis bem ?

LILI.

Perfeitamente. Vejo com meus olhos que sois uma mulher, e que uma mulher não é feita como uma cama ; é o entendimento que concebe a diferença. Ouço-vos fallar, e ouço tambem cantar um passarinho. Estas duas vozes entram-me pelos ouvidos, vão ter com meu entendimento, que então decide que a vossa é a voz de uma mulher, e a outra a de um passarinho.

D. LUIZA.

Lili explica-se como um doutor. Voltemos á primeira comparação, meninas. Quero sahir desta sala ; o entendimento mostra-me a differença que ha entre sahir pela janella ou pela escada, e diz : Se saio pela janella chegarei ao pateo mais depressa ; mas ao descer talvez meu corpo vire de modo que a cabeça seja a primeira a bater no chão, e nesse caso tel-a-hei quebrado ; ou então cahirei sobre um braço ou sobre um perna, sendo o resultado o mesmo. Si, ao contrario, desço pela escada, demorarei mais tempo a chegar, mas pisarei sempre no chão, não correndo o risco de rachar a cabeça. O entendimento faz todas estas reflexões, a alma escuta, e então uma outra cousa innata nella, a qual chamarei « vontade » diz : E' preferivel ir mais lentamente e não me expôr a alguma desgraça ; portanto, tomarei o caminho da escada e não o da janella. O entendimento examina, pesa as cousas, a vontade escolhe. Á noite. acho-me novamente nesta sala, ás escuras, por conseguinte.

já não distingo a janella da porta ; entretanto recordo-me da differença que ha entre as duas, mas que já não vejo ; como é que minha alma se lembra e tem presente esta differença ? E' que possui uma terceira faculdade ou poder, a que chamarei « Memoria ». Repitamos o que acabo de dizer. Quantas faculdades tem a nossa alma. Carlota ?

CARLOTA.

Tres : o *Entendimento* que serve para nos fazer conhecer as cousas ; a *Vontade* que nos faz escolher uma de preferencia á outra por causa das differenças que o entendimento nellas notou ; e a *Memoria* que nos faz lembrar essas differenças, ainda mesmo que não enxerguemos mais os objectos que nossos olhos mostrariam ao nosso entendimento se estivesse claro.

D. LUIZA.

Comprehendes perfeitamente Carlota ; mas note-mos bem, a *Vontade* é cega, nada distingue : se ella fosse prudente, consultaria sempre ao *Entendimento*, dando-lhe tempo de examinar o que fôsse melhor ; mas apressa-se em escolher antes mesmo do exame, do que resulta escolher sempre errado ; d'ahi a origem de todas as asneiras que fazemos. Vejamos agora o que é uma pessoa razoavel : é uma pessoa que faz bom uso do seu entendimento, que se acostuma a nada fazer antes de ter dado ao entendimento o tempo necessario para examinar o que mais convem ; por conseguinte,

a razão não é mais que justeza do entendimento para examinar, e a submissão da vontade ás luzes do entendimento que escolhe. Para ter razão, uma razão semelhante á nossa e á de todos os homens, é necessario, pois, duas cousas: um entendimento para examinar, e uma vontade para determinar. Qualquer destas cousas seria inutil sem a outra. Saberás dizer-me porquê. Noemia ?

NOEMIA.

Creio que sim. De que me serviria que o entendimento me mostrasse que mais vale sahir pela porta do que pela janella da sala, si eu não tivesse a liberdade de escolher entre estes dois caminhos, e si uma força á qual eu não podesse resistir, me impellisse a saltar pela janella ? O entendimento, longe de me ser util, só serviria para me tornar infeliz, revelando-me a cada momento mil perigos que não estariam em minhas mãos evitar.

D. LUIZA.

O que acabas de dizer é perfeitamente exacto. O entendimento, cuja unica funcção é examinar, não podendo portanto querer, seria inutil sem a vontade, e Deus, que nada faz inutil, não póde dar um entendimento sem vontade. Uma vez que vos posso provar que os animaes não teem vontade, será acertado dizer que não teem tambem entendimento, visto estas duas faculdades serem inseparaveis. E, como os animaes não teem

vontade nem entendimento, devemos convir que não teem razão, uma vez que vos acabo de provar que a razão é uma vontade que se conduz pelas luzes do entendimento.

SYLVIA.

Confesso-vos, D. Luiza, que não posso acreditar que os animaes não tenham vontade nem razão. Tive um lindo macaquinho, ao qual deram um dia vinho de Madeira ; o pobresinho bebeu tanto que ficou doente : a partir, porém, daquelle dia nunca mais quiz beber vinho. Meu macaquinho pensava pois : « Este vinho é bom, porém, me fez mal, e para não adoecer novamente, nunca mais o beberei. » Bem vêdes que elle raciocinava e que sua vontade obedecia à razão.

D. LUIZA.

Sylvia está radiante pelo que acaba de provar. Mas, minha cara, do tudo quanto disseste deprehendo justamente o contrário, e o exemplo dos homens confirma o meu modo de pensar. Nunca comestes nada, meninas, que vos fizesse mal ?

CARLOTA.

Mais de quatro vezes D. Luiza : eu gosto muito de fructas, e todas as vezes que posso apanhar, como até ficar doente.

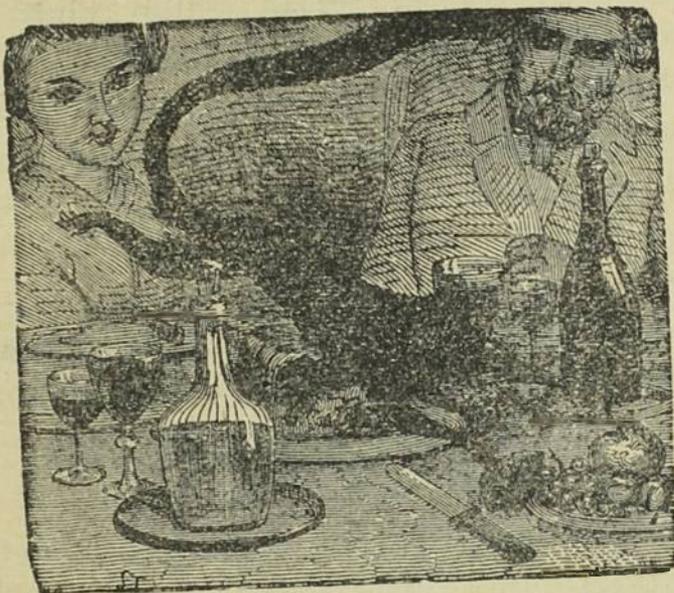
MARIA.

E eu gosto de chá muito forte : dizem que faz mal ás creanças e mamã não quer que eu beba :

mas eu peço tanto á criada que ella me dá sempre uma meia chicara.

D. LUIZA.

E nunca vistes tambem algumas pessoas morrerem muito moças ainda devido ao excesso de



bebida ou de comida ; moças que se fatigam tanto em dansar até que, afinal, irritam o sangue e adoecem ; outras que se arruinão no jogo ; e que, entretanto, jogam e dansam ainda todos os dias ?

NOEMIA.

Sim, D. Luiza, mas estas pessôas são destituidas de razão.

D. LUIZA.

E porquê isto ? Porque teem uma vontade que não quer obedecer ao entendimento. As asneiras

dos homens provam que são dotados do livre-arbitrio; e quando vemos os animaes agirem acertadamente, como sempre o fazem, devemos pensar que não podem proceder de modo diverso, pois, se fosse dotados de uma vontade semelhante á do homem como elle fariam asneiras. O macaco de Sylvia teria bebido vinho novamente, se estivesse nas suas mãos fazel-o, como o *lord* que adoeceu hoje por ter bebido demasiadamente hontem, mas que não deixará de beber, outra vez, amanhã.

NOEMIA.

Mas, D. Luiza, o que é que faz os animaes agirem, si não teem entendimento nem vontade ?

D. LUIZA.

Deus, que os creou, deu-lhes em vez da razão, um instincto que obriga-os a fazerem todas as cousas por elle determinadas. Fizeram-te presente de um cachorrinho para divertir-te e, ao mesmo tempo, guardar-te: este cãesinho não tem o direito de não gostar de ti se lhe dás comida todos os dias; não tem o direito de calar-se se entrar no teu quarto uma pessoa que elle não conhecer; late mesmo contra a vontade, afim de avisar-te que tomes cuidado com aquella pessoa que talvez entrasse para matar-te ou roubar-te.

SYLVIA.

Como eu seria feliz, e todas as outras pessoas

tambem, si, em vez de razão, Deus nos tivesse dado, como aos animaes, um instincto, que nos forçasse a fazer o que nos compete ! Eu não faria tantas asneiras, nem os outros tambem.

D. LUIZA.

E' verdade minha filha, que a nossa maldade provêm de sermos dotados de uma vontade recalcitrante, que recusa-se a obedecer ao entendimento ; mas nota bem que sem a vontade não existiria a virtude. Deus quiz ser servido por creaturas que o amem espontanea, e voluntariamente, sem que a isso sejam forçadas. Quando me fazes um favor, fico-te agradecida, porque, não sendo obrigada a assim proceder, fizeste-o unicamente para me ser agradável. Inutilizando a vontade do homem tirar-lhe-hiastodos os vicios, maslhe tirar-lhe-hias tambem todas as virtudes. Os animaes não tem necessidade de serem virtuosos, não tendo castigos a temer, nem recompensa a esperar na outra vida. Morto o corpo, tudo nelles está morto. Mas Deus, tendo creado o homem para viver feliz por toda eternidade, e sendo este Deus infinitamente justo, era preciso que proporcionasse ao homem os meios de ganhar esta felicidade praticando a virtude, e para isto tornava-se necessario deixal-o livre de escolher entre o bem e o mal, e praticar de preferencia os actos nos quaes consiste a virtude. Mas, queridas meninas, distrahimos-nos a philosophar e esquecemos que já é tarde : não dissemos uma palavra se-

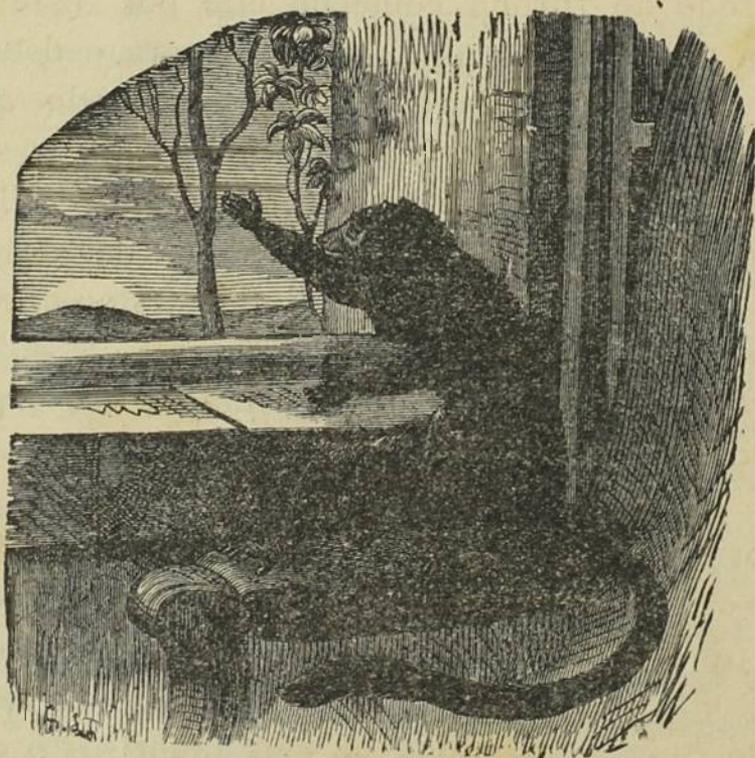
quer sobre geographia, mas, da proxima vez, começaremos por ella.

MARIA.

E o principe Tity, D. Luiza ?

D. LUIZA.

Tens razão, queridinha, acabaremos a sua historia, e, em seguida, fallaremos da França ; é o primeiro paiz da Europa central, começando pelo oeste.



VIGESIMO SEGUNDO DIALOGO

VIGESIMO PRIMEIRO DIA

D. LUIZA.

Prometti concluir hoje o conto do principe Tity : vou cumprir minha promessa.

Subindo ao throno, começou elle por restabelecer a ordem em seus Estados, e para o conseguir, mandou publicar um edito dizendo que todos aquelles que quizessem queixar-se á sua pessoa das injustiças praticadas contra elles, seriam bemvidos, e prohibio aos guardas despedirem quem quer que fosse, ainda mesmo que se tratasse de um mendigo :

« Porque, dizia o bondoso principe, sou o pae de todos os meus subditos, tanto pobres como ricos. »

A principio, os cortezãos não se preocuparam muito com esse discurso, pensando comsigo : « O rei é joven, isto não dura muito tempo ; pouco a pouco, elle irá tomando gosto pelos prazeres e será forçado a abandonar a seus favoritos o cuidado de zelar os negocios. » Os que assim pensavam, enganaram-se porque Tity, sabendo dividir bem seu tempo, este lhe chegava para tudo : de resto,

o cuidado que teve de castigar os primeiros que infringindo suas ordens, commetteram injustiças, fez com que ninguem ousasse mais afastar-se de seus deveres.

Tendo enviado embaixadores á corte de Violento para agradecer-lhe o auxilio que lhe tinha prestado, este mandou-lhe dizer que teria muito prazer em tornar a vê-lo, e que, se consentisse em ir ás fronteiras de seu reino, com muito gosto iria visital-o alli. Reinando completa paz no seu reino, Tity acceitou o convite que convinha justamente ao seu desejo de embellezar a casinha onde pela primeira vez vira a sua querida Biby.

Ordenou, pois, a dois officiaes que comprassem todos os terrenos visinhos, mas prohibio-lhes forçar quem quer que fosse. « Não sou rei, dizia elle, para violentar meus subditos ; e, de resto, cada qual deve ser senhor do seu patrimonio. »

Ao chegar á fronteira do rei Violento, reuniram-se as duas côrtes, ambas apparatusas e brilhantes.

Violento viéra acompanhado de sua unica filha, de nome Elisa, a mais bella joven do mundo depois que Biby se casára, dotada além disso, de um bello character.

Tity, por seu lado trouxera sua mulher e uma de suas primas chamada Branca, que á belleza e á virtude alliava um espirito. Como se estava, por assim dizer, no campo, os dois reis decidiram viver em liberdade e permittirem a diversas damas e fidalgos jantarem á mesa real. Para abolir a etiqueta ficou resolvido não se tratar os

reis por *Vossa Magestade* e que todos aquelles que o fizessem pagariam uma multa de um guinéo. Havia um quarto de hora que estavam á mesa, quando viram entrar uma velhinha maltrapilha. Tity e Vigilante, reconhecendo-a, correram ao seu encontro, mas, a um signal seu, comprehendiram que ella desejava conservar o incognito.

Limitaram-se, pois, a dizer ao rei Violento e ás princezas que lhes permittissem apresentar-lhes uma amiga que lhes vinha pedir hospitalidade. A velha sentou-se, sem a menor cerimonia, numa cadeira perto de Violento e que, por respeito, ninguem ousára occupar, e, uma vez accomodada, disse-lhe : « Como os amigos de nossos amigos são tambem nossos amigos, espero concordareis que não faça ceremonias comvosco. » Violento, de indole altiva, ficou um tanto desapontado com a familiaridade da velha ; comtudo, fingio não se dar por achado. Preveniram a mendiga de que se pagaria uma multa cada vez que se dissesse *Vossa Magestade* ; apenas porém, começou a conversar, disse a Violento : « *Vossa Magestade* parece-me admirado da liberdade que me permitto, mas é um antigo habito este, e já estou muito velha para corrigir-me ; assim *Vossa Magestade* me desculpará. — Estais multada ! exclamou Violento, deveis dois guinéos. — Que *Vossa Magestade* não se zangue disse a velha. Tinha-me esquecido de que não devia dizer *Vossa Magestade* ; porém *Vossa Magestade* não reflecte que, prohibindo de se dizer *Vossa Magestade*, lem-

brais a todos esse respeito embaraçoso, incommodo, que quereis banir. E' o caso daquelles que, para permittirem certa familiaridade, dizem ás pessoas de classe inferior, que acolhem á sua mesa : « Não façais cerimonia... Podeis beber á minha saude. » Não ha nada mais impertinente do que esta especie de bondade : equivale a dizer - lhes : « Lembrai - vos bem que não serieis dignos de beber á minha saude si eu não vos permittisse fazel-o. Demais, o que digo não é para me eximir a pagar a multa ; devo sete guinéos ; aqui estão. » Assim fallando tirou do bolso uma bolsa tão estragada que parecia ter mais de cem annos, e atirou á mesa os sete guinéos. Violento não sabia se devia rir ou zangar-se com o discurso da velha ; sujeito a encolerisar-se por qualquer cousa, o sangue já principiava a subir-lhe á cabeça. Todavia, em consideração a Tity, resolveu conter-se e levar a cousa em brincadeira : « Pois bem, minha velhinha disse-lhe elle, fallai como bem vos parecer ; quer digais Vossa Magestade ou não, nem por isso deixarei de querer estar no ról de vossos amigos.— Assim o espero, redarguiu a velhinha, a prova é que tomei a liberdade de dizer-vos o que sinto e o que farei todas as vezes que se apresentar occasião porque entendo que não se póde prestar maior serviço aos seus do que avisal-os quando se julga que elles procedem mal. — E' preciso não vos fiardes muito nisso, respondeu Violento, porque ha occasiões em que eu não receberia com grande prazer

semelhantes avisos. — Confessai, tornou a velha, que não estais muito longe de uma dessas occasiões, e que daríeis tudo para ter a liberdade de expulsar-me da vossa companhia. E são estes os heroes! Ficarião no auge do desespero se alguém os censurasse por terem recuado diante de um inimigo ou de lhe ter cedido a victoria sem combate; entretanto, confessam com o maior sangue-frio que não teem coragem de resistir á sua colera, como se não fosse mais humilhante ceder covardemente a uma paixão do que a um inimigo que nem sempre está em nós vencer! Mudemos porém, de assumpto pois este não vos agrada. Permitti que eu mande entrar meus pagens que farão alguns presentes às pessoas aqui reunidas.» No mesmo instante a velhinha bateu na mesa, e immediatamente os convivas viram entrar pela janella quatro anjos bellissimos, trazendo cada uma cestinha contendo joias de uma riqueza sem par. Olhando então para a velha, Violento ficou estupefacto ao vel-a transformada numa bella dama vestida com extraordinaria sumptuosidade. « Ah! senhora, disse elle á fada, agora reconheço em vós a vendedeira de nesperas e de avelãs que tão grande coleira me causou. Perdoai a minha pouca consideração, não tinha a honra de conhecer-vos. — Isto vos demonstra que nunca devemos menoscabar dos outros, replicou a fada.

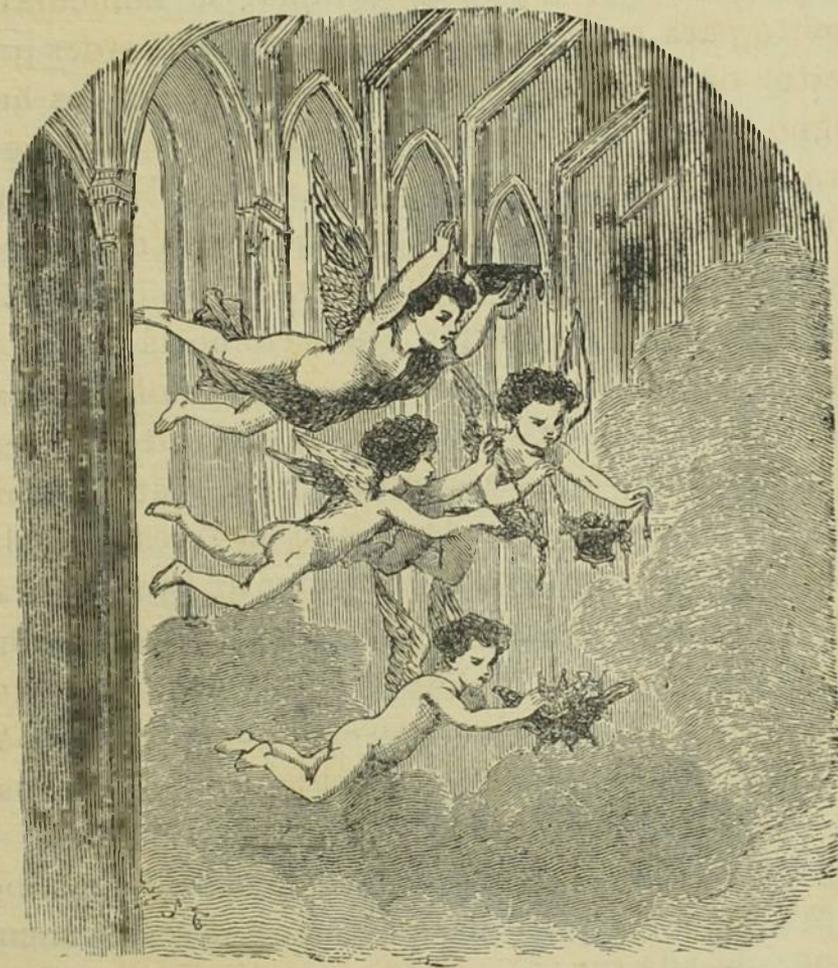
Mas, para vos provar que não vos guardo rancor, vou fazer-vos dois presentes: o primeiro, é

esta taça feita como vêdes de um enorme diamante ; porém, não é isto que a torna preciosa. Todas as vezes que vos sentirdes prestes a enfurecer-vos, enchei-a d'agua e bebei tres vezes ; sentireis então a paixão acalmar-se immediatamente para ceder o logar á razão. Se tirardes proveito deste primeiro presente, tornar-vos-heis digno do segundo. Sei que amais a princeza Branca. Por seu lado, ella vos aprecia, mas teme vossos accessos de ira e só consentirá em desposar-vos com a condição de fazerdes uso da taça. » Admiradissimo de ver que a fada conhecia perfeitamente seus defeitos e suas inclinações, Violento confessou que realmente se consideraria muito feliz em desposar Branca. « Mas, acrescentou, resta-me um obstaculo a vencer : mesmo que eu tivesse a felicidade de obter o seu consentimento, me censuraria sempre o meu acto por reear privar minha filha da corôa. — O vosso sentimento é bello, tornou a fada ; e poucos paes são capazes de sacrificar suas inclinações á felicidade de seus filhos ; mas não seja este o empecilho.

O rei de Mogolan, um dos meus amigos, acaba de fallecer sem deixar herdeiros, e, a conselho meu, dispoz dá sua corôa em favor de Vigilante. Este não nasceu principe, é verdade, mas merece sel-o. Ora elle ama a princeza Elisa que é digna de ser a recompensa da sua fidelidade, e si consentirdes no casamento estou certa que Elisa vos obedecerá sem escrupulos. » Ouvindo estas palavras a moça corou, pois era exacto que achára Vigilante

muito sympathico e ficára commovida ao ter sciencia da sua dedicação por Tity.

«Senhora, disse Violento, contrahimos o habito de fallar-mos sem reбуços. Aprecio muito Vigi-



lante, e si o uso não me tolhesse a liberdade, não necessitaria vel-o possuidor de uma corôa para dar-lhe minha filha.

Porém os homens, mórmente os reis devem respeitar os costumes, as tradições de familia, e seria faltar a esses costumes dar minha filha, que des-

cede de uma das mais antigas familias do mundo, a um simples gentilhomen ; como bem sabeis, ha tresentos annos occupamos o throno. — Ignorais, disse a fada, que a familia de Vigilante é tão antiga quanto a vossa, pois sois parentes, filhos de dois irmãos ; acresce até que Vigilante tem mais direitos por ser filho do mais velho, ao passo que vosso pae era o segundo. — Si me provardes o que affirmais, disse-he Violento, juro dar-lhe minha filha, ainda mesmo que os subditos do fallecido rei de Mogolan se recusassem a reconhecê-lo por soberano. — Nada mais facil do que vos provar a antiguidade da casa de Vigilante replicou, a fada ; elle descende de Gomer, o primogenito de Japhet, filho de Noé, que se estabeleceu no Peloponeso ; emquanto que vós, descendeis do segundo filho deste mesmo Japhet. — » Todas as pessoas presentes procuravam-se conter para não estourar de riso, ao ver a fada zombar de Violento com tanta seriedade. Quanto a este, começava a encolerisar-se quando Branca, sentada ao seu lado, apresentou-lhe a taça de diamante cheia d'agua. O rei bebeu tres vezes como lhe recommendára a fada e durante esse intervallo, reflectio que effectivamente todos os homens são iguaes pelo nascimento uma vez que todos descendem de Noé e que a unica verdadeira differença, que póde existir, é devida á virtude de cada um.

A esvasiar, pois, a taça, disse á fada : « Realmente, senhora, vos devo muito, porque acabais de me corrigir destes dois grandes defeitos : o

preconceito da minha nobreza e o habito de encolerisar-me pela cousa mais simples.

«Admiro a virtude da taça da qual me fizestes presente ; á medida que ia bebendo, sentia-me acalmar, e as reflexões feitas no intervallo dos tres golos acabaram de me tornar razoavel. — Não vos quero illudir, disse a fada ; a taça que vos offereci não tem virtude alguma ; vou explicar a todos em que consiste o sortilegio dessa agua bebida de tres vezes. Um homem de juizo não se deixaria levar aos accessos da colera, se esta paixão não o surprehendesse, se ella lhe desse tempo de reflectir : ora, dando-se a pessoa o trabalho de encher essa taça d'agua e de beber o seu conteudo por tres vezes, ganhará tempo, os sentidos se acalmarão, virão as reflexões ; e, preenchida esta formalidade, prevaleceu a razão. — Realmente, disse Violento, aprendi hoje muito mais do me aprenderei durante o resto da minha vida.

Feliz Tity ! vos tornareis o maior homem do mundo com uma tal protectora ; supplico-vos, porém, empregardes a influencia que tendes sobre vossa amiga para recordar-lhe que ella prometeu-me tambem a sua amisade. — Tenho excellente memoria para esquecel-o. interrompeu a fada, e dessa amisade já vos dei muitas provas, o que continuarei a fazer emquanto fôrdes docil, e espero que o sereis até o fim da vida. Agora cogitemos apenas de divertir-nos para festejar o vosso casamento e o da princeza Elisa.» Nesta occasião, com-

municaram a Tity que os officiaes incumbidos de comprar as terras e as casas que circumdavam a de Biby pediam permissão para fallar-lhe. No mesmo instante, o rei fel-os entrar. Uma vez na sua presença, mostraram a planta da obra que tencionavam fazer na casinha, tendo acrescentado um vasto jardim e um grande parque que se poderia considerar uma maravilha, si não fosse uma pequenina choupana situada justamente em pleno centro de uma das aleas, que vinha interromper a symetria. « Porque não derrubastes esta casinhola ? perguntou Violento aos architectos. — Senhor, responderam elles, o rei prohibio-nos obrigar quem quer que fosse a ceder, e houve um homem que não quiz vender sua casa, apezar de lhe termos offerecido quatro vezes mais do valor.

Se esse patife fosse meu subdito, mandaria enforcal-o, disse Violento.

Antes, esvasiarieis vossa taça, replicou a fada. — Creio que a taça não lhe salvaria a vida, respondeu Violento, porque, afinal, não é horrivel um rei não ser senhor em seus Estados, e ser-se forçado a abandonar uma obra que deseja concluir, por causa da obstinação de um patife que deveria considerar-se muito feliz por poder fazer sua fortuna, obsequiando seu senhor, sem forçal-o a ceder ou então desistir do seu projecto ?

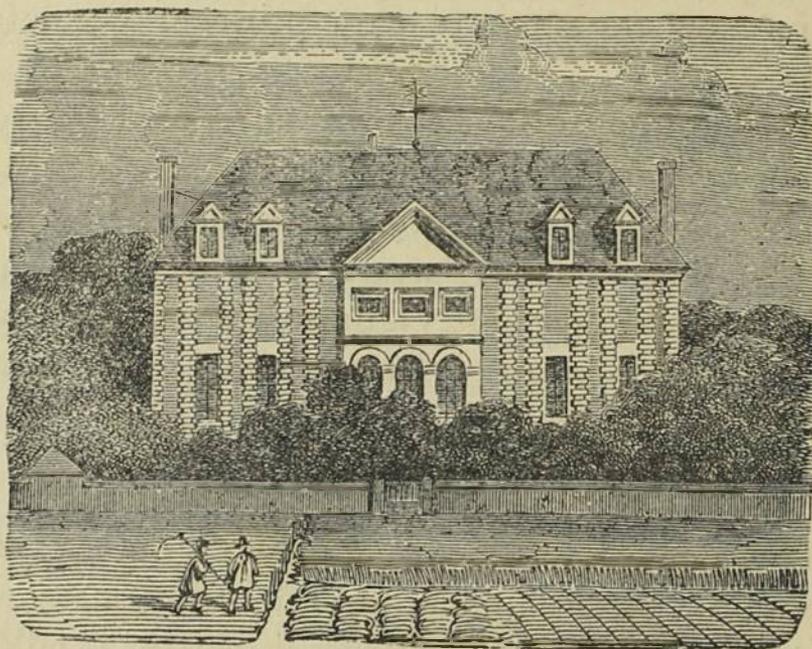
Não farei uma cousa nem outra, disse Tity, rindo, pretendo, ao contrario, que essa casa seja o mais bello ornamento de meu parque. — Oh !

duvido muito, tornou Violento: ella está situada de tal modo que só póde servir para tirar-lhe a belleza. — Eis o que farei disse Tity: mandarei cercal-a de uma muralha, bastante alta para impedir que esse homem entre no parque, porém, não tanto que o prive da vista, não sendo justo encarceral-o como numa prisão. Sobre esta muralha os transeuntes lerão estas palavras gravadas em lettras de ouro:

« O rei que mandou desenhar este parque preferio deixar-lhe este defeito a tornar-se injusto para com um de seus subditos, retirando-lhe o seu patrimonio sobre o qual o rei não tem outro direito a não ser o da força. » — Tudo quanto vejo me confunde, disse Violento; confesso que não tinha a menor idéa das heroicas virtudes que fazem os grandes homens. Sim, Tity, essa muralha será o ornamento do vosso parque, e a bella acção que praticareis ao erigil-a será a gloria de vossa vida. Mas, senhora, de onde provêm que Tity é de natureza tão inclinado ás grandes virtudes, inteiramente desconhecidas para mim?

Magestade, respondeu a fada, Tity, creado e educado por parentes que não o podiam supportar, vio-se contrariado desde seu nascimento; e devido a isto habituou-se a submetter-se á vontade alheia mesmo nas cousas insignificantes. Como não tinha poder algum no reino durante a vida de seu pai, e não podia conceder a menor graça sabendo-se, alem disto, que o rei desejava desherdal-o, os adaladores não se dignaram lisongear-o,

suppondo nada terem a temer nem a esperar delle : abandonaram-n'o, portanto, a pessoas de bem, dedicadas ao pobre Tity unicamente pelo dever, com as quaes elle aprendeu que um rei, senhor absoluto para praticar o bem, deve ter as mãos atadas quando se trata de fazer o mal ;



que deve governar homens livres e não escravos ; que os povos si se submettem a seus semelhantes, ao darem-lhe a coroa, é para terem protectores, que zelem pelas leis, que sejam um amparo para os pobres e para os opprimidos. Nunca ouvistes fallar sobre estas grandes verdades. Tornado rei desde a idade de doze annos, os preceptores aos quaes foi confiada a vossa educação só cogitaram de fazerem a sua felicidade, conquistando as vossas boas graças. Assim é que taxaram o vosso

orgulho, de *nobre altivez* ; vossos accessos de colera, de *vivacidades desculpaveis* ; finalmente, até o dia de hoje, elles só teem feito vossa infelicidade e a de vossos desgraçados subditos que tendes tratado e considerado como vossos escravos, crente de que elles estão no mundo sómente para satisfazerem vossos caprichos, ao passo que a verdade é que sois rei sómente para protegê-los e defendê-los. »

Violento concordou com as duras verdades que lhe dizia a fada : desde então mais bem instruido sobre seus deveres, procurou dominar-se para melhor desempenhal-os, servindo-lhe de estímulo o exemplo de Tity e de Vigilante que conservaram, emquanto reinaram e viveram, as virtudes que sempre praticaram.

SYLVIA.

D. Luiza, é este o mais bello conto que já tenho ouvido ; recorda-me uma historieta que me contaram e que, si m'o permittirdes, repetirei ás minhas amiguinhas.

D. LUIZA.

Com muito prazer.

SYLVIA.

Havia uma mulher de humilde condição, muito desgraçada, por ter um marido que a espancava todos os dias a ponto de fazel-a adoecer. Uma vez, foi ella ter com uma de suas antigas visinhas, que passava por muito instruida, che-

gando mesmo a se affirmar que era feiticeira, por que conseguia tudo quanto queria. A verdade é que essa mulher, sendo muito prudente, procurava conhecer a indole das pessoas com quem lidava, ajudava-as a fazerem o que queriam, e previa o que desejavam. A bondosa mulher ouviu as queixas de sua vizinha e, como a conhecia bem como a seu marido, respondeu-lhe que estava prompta a empregar sua sciencia em seu beneficio. Em seguida, foi buscar um cantaro cheio d'agua, collocou-o sobre a mesa, rodou-o por tres vezes dizendo algumas palavras em latim, depois, pôz tres pedras de sal dentro da agua ; então enchendo uma garrafa, disse á vizinha. « Guardai esta agua com muito cuidado, e, todas as vezes que vosso marido estiver prestes a se zangar, tomai uma bochechada. Prometto-vos que, emquanto não a tiverdes engulido, vosso marido não vos baterá ».

A mulher agradeceu muito á vizinha, seguindo a risca o seu conselho. Tambem convenceu-se de que a velha era realmente feiticeira, pois durante os oito dias que durou a agua seu marido não lhe bateu uma unica vez. Por esse motivo, apenas vio a garrafa vasia, correu, muito afflicta á casa da velha, pedindo-lhe que a enchesse novamente. « Já não é necessario disse-lhe a bôa mulher ; a agua que vos dei, é agua do rio, e as palavras que empreguei ao preparal-a nada significam. — No emtanto, disse a pobre mulher, teve a virtude de impedir que meu marido me batesse. — Porque vos impedio de responder-lhe, tornou a velha,

forçando-vos a estar calada durante o tempo que a tinheis na bocca. Voltai para casa e quando virdes que vosso marido bebeu de mais, ou que está de máo humor, em vez de persistirdes em injurial-o, calai-vos, como si tivesseis a bocca cheia d'agua ; vereis que sua colera se dissipará. » A mulher seguiu o conselho da velha com o qual se deu muito bem, porque o marido não se vendo mais contrariado a proposito de tudo, perdeu o habito de encolerisar-se e viveu perfeitamente com sua mulher a quem amou muito desde que ella tornou-se paciente e meiga.

D. LUIZA.

Tua historia é muito bonita, Sylvia ; bem desejava dar uma garrafa dessa agua a Carlota. Não achas que te seria muito util querida amiguinha ?

CARLOTA.

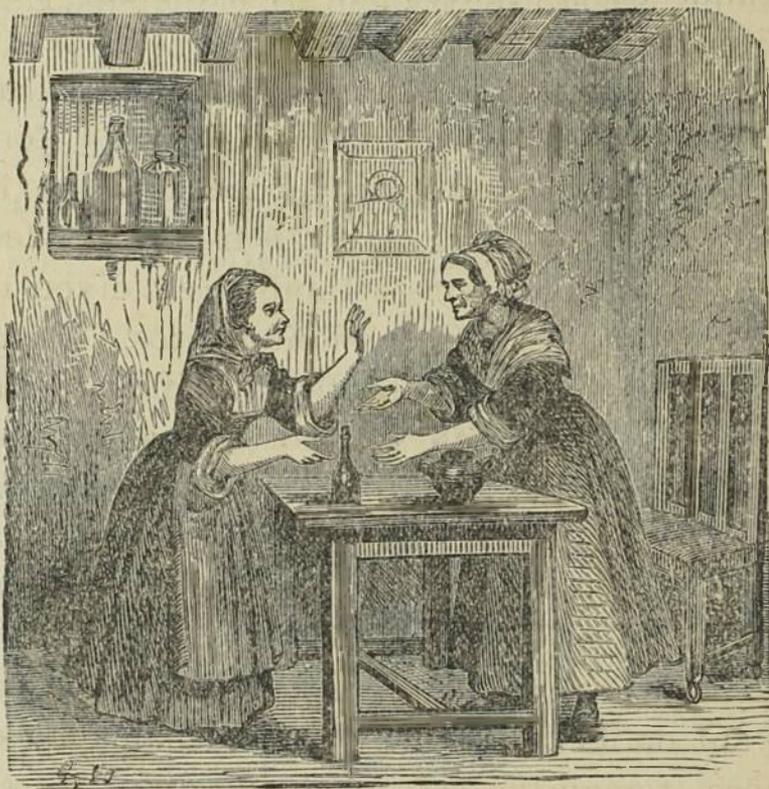
Sim D. Luiza ; no emtanto asseguro-vos que já não sou tão má como d'antes e que cada dia corrijo-me um pouco.

D. LUIZA.

Se continuares, tornar-te-has inteiramente bôa. Digamos agora alguma cousa sobre a geographia ; antes porém, de estudarmos a posição da França, vou dizer-vos uma palavra a respeito do que ella era antes de ter este nome.

Outrora, a França, denominada então *Gallia*, era habitada por povos extremamente fortes e robustos, dotados de tanta coragem que, durante

muito tempo foram considerados invencíveis. Estes povos, tendo-se multiplicado, procuraram-se espalhar por outros paizes porque por mais vasto que fosse o seu tornava-se pequeno para contel-os. Grande numero de Gaulezes atravessaram a Italia e pediram honestamente uma provincia



inculta para nella se estabelecerem: alem de lh-o recusarem, commetteram uma injustica para com elles. Então um chefe, chamado Brenno, depois de ter pedido justiça aos Romanos que se recusaram a attendel-o, reunio seu exercito, marchou para Roma então abandonada, e depois de haverem n'a saqueado incendiaram-n'a ; mas, atacados por um Romano chamado Camillo, na occasião

em que julgavam haverem feito a paz, foram derrotados e despedaçados. Os Gaulezes que incendiaram a cidade de Roma descendiam da cidade de Sens, que vou mostrar-nos na carta. Mais tarde os Gaulezes mandaram ainda novos exercitos á Grecia e á Italia, mas quasi todos foram derrotados, depois de haverem ganho muitas victorias, e saqueado os logares por onde tinham passado.

Finalmente foram vencidos por Julio Cesar que durante dez annos guerreou contra elles. Durante muito tempo, pertenceu a Gallia aos Romanos que deixaram profundas recordações na lingua desse paiz : muitas palavras francezas derivam do latim. Encontram-se tambem em diversas partes da França ruinas de monumentos construidos pelos Romanos. Entretanto, á medida que estendiam suas conquistas, suas forças iam diminuindo, como vos fiz observar ao fallar sobre a Inglaterra. As nações visinhas, aproveitando-se da sua fraqueza, apoderaram-se dos paizes por elles conquistados. Um povo chamado Wisigodos, tomou-lhes parte do Languedoc e parte da Provença situada ao sul da França. Outro povo, chamado Borgui-nhões, tomou-lhe este paiz que aqui vêdes, hoje chamado Borgonha e Delfinado. Finalmente os Francos, habitantes do outro lado do Rheno, na Germania, vieram frequentes vezes á Gallia no intuito de saqueal-a, até que por fim ahi se estabeleceram sob a regencia de um principe chamado Clovis, que conseguiu expulsar o resto dos Romanos que ainda alli se achavam. Com o decorrer do

tempo, Clovis fez um contracto com um outropovo, estabelecido na Gallia, com aquiescencia dos Romanos : eram os Bretões que haviam fugido por occasião da invasão dos Anglo-Saxonios, como vimos quando fallámos sobre a Inglaterra, e deram o nome de Bretanha á parte que Clovis lhes cedeu com a condição que seus principes não poderiam reinar : desde então, usaram o titulo de conde. Noemia, repete resumidamente o que acabo de dizer sobre a França.

NOEMIA.

Este paiz, chamado outrora Gallia, foi vencido por Julio Cesar ; os Wisigodos e os Borguinhões ahi se estabeleceram tomando diversas provincias aos Romanos e fundaram na Gallia dois reinos chamados dos Borguinhões e dos Wisigodos. Haviam ainda um terceiro reino chamado Bretanha fundado pelos Bretões originarios da ilha da Grã-Bretanha. Finalmente, Clovis, rei dos Francos, tendo expulsado da Gallia todos os Romanos, ahi fundou o grande imperio que foi depois denominado França.

D. LUIZA.

Não se poderia dizer melhor, cara Noemia. Vamos, Maria, recita a lição de historia.

MARIA.

Um homem, de nome Elimelech, abandonando sua terra onde reinava a fome, foi residir no paiz dos Moabitas em companhia de sua mulher e seus

dois filhos que desposaram duas moças do paiz. Durante dez annos alli viveram e neste espaço de tempo, o pai e os filhos morreram. Ficando só com suas duas noras. Noemi desejou tornar a ver sua terra, e por esse motivo disse ás viúvas de seus filhos : « Voltai á casa de vossos pais ; rogo a Deus que vos proteja porque vivestes sempre em bôa harmonia com meus filhos e, em seguida, commigo : Deus vos recompensará dando-vos outros maridos. » Uma de suas noras despedio-se chorosa e voltou á casa de seu pai ; a outra, porém, chamada Ruth disse lhe :

Não deixarei a vossa companhia, vosso Deus será meu Deus ; vosso povo será meu povo ; só a morte me separará de vós. » Ruth partio pois com sua sogra, em demanda de Belem, terra de Noemi. Todos admiravam a virtude d'aquella moça que renunciára a tudo para acompanhar sua sogra, pauperrima, de resto. Como se estava na epocha da ceifa, Ruth disse a Noemi :

Permitti-me ir ao campo apanhar algumas espigas de trigo, afim de prover á nossa subsistencia. » Tendo sua sogra consentido, dirigio-se ao campo de um homem velho e rico, chamado Booz, parente do pai de seu marido. Tendo Booz vindo ver o trabalho dos ceifeiros e sabendo que era aquella joven Moabita, cuja bondade e dedicação causava tanta admiração, disse-lhe : « Deus vos proteja, querida filha, e vos recompense tambem ; reuni-vos á minhas filhas, onde ellas ceifarem, ceifareis ; em seguida comereis connosco. »

Immediatamente passou ordem a seus servos que respeitassem Ruth, e deixassem cahir, como por acaso, muitas espigas de trigo no lugar onde ella se achasse.



Deste modo, ponde Ruth apanhar muito trigo para levar a sua sogra.

Esta commovida com as provas de dedicação, obediencia e affeição que lhe dava Ruth, disse-lhe : « Minha filha, quero recompensar teu heroismo, dando-te meios de seres feliz ; Booz é nosso parente, e deve desposar-te : vai, pois hoje á noite ter com elle á granja ; deita-te a seus pés

e elle te dirá o que é preciso fazer. » Ruth obedeceu ; quando, á meia-noite, Booz despertou, ficou surprehendido, de ver uma mulher deitada a seus pés. Ruth lhe disse então : Sabeis senhor que sou vossa parenta e que, que, segundo a lei, deveis desposar-me. » Booz respondeu : Na



verdade minha filha mostras que és muito prudente, porquanto em vez de escolheres marido entre os rapazes, me preferiste : verdade é que sou teu parente, mas ha outro homem que tambem é teu parente e mais proximo do que eu ; se elle se recusar a desposar-te como o ordena a lei, tomar-te-hei por mulher pois todas sabem quanto és virtuosa. » No dia seguinte

Booz sentou-se em frente á porta da cidade, e escolhendo dez testemunhas entre os anciãos, disse áquelle que era o mais proximo parente da moça : « Noemi quer vender a parte da herança de seu marido : vê se queres compral-a e desposar Ruth para dar descendentes a teu fallecido parente. »

O homem respondeu-lhe : Renuncio a herança e a mulher, toma-a para ti. » No mesmo instante tirou, segundo o costume, seu sapato, provando assim que renunciava a herança do finado.

Booz tomou o sapato e casou com Ruth ; todos lhe disseram então : Sêde feliz com esta mulher, e que Deus a abencoe, como abençoou Rachel e Lia. » Deus attendeu ás supplicas de povo, pois Ruth teve um filho que recebeu o nome de Obed, e que foi o avô de David.

Noemi recebeu em seu seio este menino que consolou-a de todas as infelicidades e occupou o logar do marido e dos filhos que perdera.

LILI.

Que historia tocante, D. Luiza ! ao ouvi-la tive vontade de chorar.

D. LUIZA.

E eu, querida menina, chorei. Admiro a dedicação de Ruth pela sogra, sua prudencia e obediencia ; admiro a bondade de Booz que quer fazer-lhe bem, como intencionalmente e sem que ella seja obrigada a agradecer-lhe. Notai bem

isto, caras amiguinhas. Não basta gostar de praticar o bem, é preciso também saber praticá-lo. Há pessoas que soccorrem os pobres, porém de um modo tão brutal que, em vez de consolá-los, fazem-nos morrer de vergonha. Um homem honrado ficou pobre, se lhe fosseis dizer : Verdade



é que perdeste vossa fortuna por causa de vossa má conducta ; entretanto, quero vos impedir de morrer de fome, por isso vos darei uma esmola. Como imaginais, este homem soffreria muito mais recebendo vosso beneficio do que pela fome.

Prestais serviço a um amigo, mais fazeis valer aquelle serviço, fallando sempre nelle : dizeis a todo mundo que aquelle homem vos deve muitas

obrigações. Pois bem, eu penso que elle nada vos deve. Quando servimos a alguém, devemos fazel-o de modo que aquelle a quem servimos nada perceba ; devemos nunca fallar-lhe sobre o caso, e procurarmos auxiliá-lo como por acaso ; e se, porventura, elle vier a descobrir que quizemos obsequial-o, devemos mostrar-lhe que tivemos mais prazer em prestar-lhe aquelle serviço do elle em recebê-lo. Ia-me esquecendo de recomendar-vos ler o poema de Ruth e Noemi, por Florian. Ha nelle bellos versos que apprendereis facilmente e que vos deixarão gravada na memoria esta bella passagem da Historia Sagrada. E'a tua vez, Carlota.

CARLOTA.

Havia um homem chamado Elcana que tinha duas mulheres : uma dellas, chamada Anna, não tinha filhos, sendo por este motivo desprezada pela outra. Um dia, dirigio-se Anna ao templo para pedir ao Senhor que pozesse termo ao seus sofrimentos, e lhe disse :

«Se me deres um filho, oh meu Deus! consagra-o-hei ao teu serviço.» Como orava com muito fervor, tinha o rosto afogueado : o Summo-Sacerdote Heli, suppondo que ella tivesse bebido demasiadamente mandou-o sahir. Em vez de encolerisar-se, Anna respondeu-lhe :

Não estou ebria senhor ; sou uma pobre mulher muito afflicta que vem implorar soccorro ao Senhor ; se elle me conceder um filho não lhe

cortarei os cabellos, afim de consagral-o ao meu Deus. — Que elle te ouça tornou então o sacerdote. Anna levantou-se cheia de esperança, — e pouco tempo depois, Deus concedeu-lhe a graça pedida, dando-lhe um filho que se chamou Samuel. Assim que cessou de amamentar o menino, levou-o a Heli dizendo-lhe : « Senhor, eis diante de vós aquella mulher que vistes um dia tão afflicta. Deus ouviu-me e fiel á minha promessa, trago-vos o meu filho que será consagrado ao seu serviço. »

O Summo-Sacerdote abençoou Anna e seu marido, dizendo-lhes : « Que o Senhor vos envie outros filhos em paga do que lhe dais. »

Assim succedeu, tendo Anna tido mais tres filhos e duas filhas. Uma noite, estando Samuel a dormir perto da arca da Alliança, ouviu uma voz chamal-o e julgando que era o Summo-Sacerdote Heli, levantou-se e perguntou-lhe o que desejava. « Não te chamei filho ; vae-te embora e dorme. » Tendo-se repetido o facto tres vezes consecutivas, comprehendeu Heli que era o Deus quem chamava Samuel, e lhe disse : Se te chamarem ainda uma vez, responderás : Fallai, Senhor, vosso servo vos escuta. » Samuel fez o que Heli ordenára ; então Deus disse-lhe : Heli descuidou-se de corrigir seus filhos, por isso annuncio-lhe que nenhum delles chegará á velhice ; pois seus filhos são máos e em vez de punil-os severamente, elle contentou-se em reprehendel-os. Muito desejava Samuel occultar esta visão a Heli, mas como este ordenára-lhe que dissesse a verdade, Samuel

contou-lhe o occorrido ao que Heli respondeu :
« Cumpra-se a vontade de Deus ! » A partir desse
epoca. o Senhor esteve com Samuel, que residia
em Silo e ao qual todos consideravam propheta.

NOEMIA.

Quanto mais nos adiantamos na Historia Sagra-
da, mais bella acho-a. Parece-me que Heli era
um homem honesto; é pena que tivesse tido filhos
tão malvados.

D. LUIZA.

A culpa foi d'elle unicamente, cara amiga,
senão Deus não lh'o teria exprobadado. Elle conten-
tou-se em reprehendel-os, e isto quando commet-
tiam crimes abominaveis e, por conseguinte, mere-
ciam castigos mais severos. Quantos paes e
quantas mãis serão infelizes por não terem cas-
tigado seus filhos ! Bem vêdes, meninas, que não
vos deveis zangar com vossos paes e mestres, quando
vos corrigem, pois, tendo obrigação de fazel-o,
seriam severamente punidos por Deus se proce-
dessem de outro modo, como aconteceu a Heli.

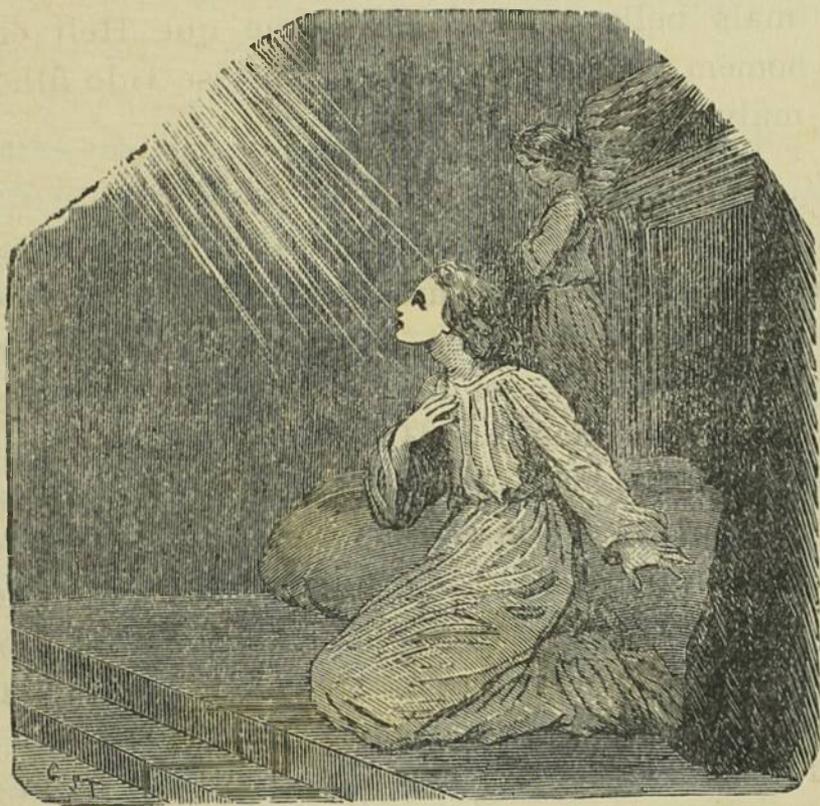
LILI.

Deus ameaçou os filhos de Heli de fazel-os
perecer antes da velhice. E' então um castigo de
Deus, morrer-se moço ?

D. LUIZA.

Algumas vezes ; mas acontece tambem que
morrer na mocidade, é quasi sempre um beneficio

de Deus, pois tira as crianças deste mundo antes que tenham commettido grandes peccados, se prevê que hão de commettel-os e tornarem-se máos. Ha tambem pessôas tão virtuosas que, desde seus primeiros annos, estão talhadas para o céo. Ainda não ha muito, li que um principe, her-



deiro do throno de Navarra, morreu aos dezeseis annos, suppondo todos que se envenenára tocando flauta. Era um bello rapaz, e a sua belleza valeralhe o cognome de Phebos ; mas á belleza alliava tambem a virtude, pois, em vez de murmurar por morrer moço disse aos que choravam em redor

de seu leito estas palavras repassadas de uma doce resignação :

« Meu reino não é neste mundo ; não choreis, vou para meu pai. » Como vêdes, meninas, a morte deste bondoso príncipe era a recompensa de sua piedade. Deus dava-se pressa em corôal-o na sua gloria. Dize-nos a historia Lili.

LILI.

Os Philisteus tendo declarado guerra aos Israelitas venceram-n'os ; estes trouxeram então para o campo de batalha a Arca da Alliança mas, como elles se tinham tornado máos, Deus não os soccorreu, sendo elles derrotados : a Arca do Senhor foi tomada pelos Philisteus, e os dois filhos de Heli foram mortos. O Summo Sacerdote em meio do caminho aguardava ancioso as noticias, inquietando-se muito mais pela Arca do que por seus filhos. Ao saber, por um homem que fugira da batalha, que a Arca cahira em poder dos Philisteus, sentio tamanha dôr que cahio, quebrando a cabeça o, que lhe causou a morte : contava então noventa annos.

Os Philisteus conduziram a Arca para o templo de Dagon, falso Deus que adoravam ; mas, ao amanhecer, encontraram o idolo no chão, a face contra terra em frente da Arca : levantaram-n'o ; porém, no dia seguinte, repetio-se o mesmo factó, encontrando-se os pés e as mãos do idolo, separados do tronco, na soleira da porta.

A partir dessa epocha, emquanto conservarão

a Arca, viram-se os Philisteus perseguidos por toda especie de molestias : conduziam-n'a de cidade em cidade e por toda parte onde ella passava os homens adoeciam. Finalmente depois de terem-n'a guardado durante sete mezes, pozeram-n'a sobre um carro ao qual atrellaram duas vaccas que amentavam dois bezerrinhos, e que além disso, nunca tinham sido atrelladas. Estas vaccas, em vez de voltarem ao curral, encaminharam-se para o paiz dos Israelitas.

Os Philisteus pozeram tambem muitos presentes no carro para abrandar a colera do Senhor. As vaccas pararam num campo onde ceifavam os Bethsamitas que, ao verem a Arca do Senhor, soltaram gritos de alegria, mas como a examinassem curiosamente e sem respeito grande numero delles succumbio.

A Arca foi conduzida para uma casa, onde a conservaram por espaço de vinte annos. Após este tempo, os Israelitas arrependeram-se de seus peccados, desfizeram-se dos idolos que tinham adorado, e devido ás orações de Samuel obtiveram misericordia. D'ahi em diante venceram sempre os Philisteus e retomaram as cidades que antes lhes haviam pertencido. Samuel governou-os em nome do Senhor.

MARIA.

Devia ser então um grande peccado olhar a Arca, para que Deus tivesse feito perecer todos aquelles que a olharam muito curiosamente.

D. LUIZA.

Certamente, queridinha, porque Deus só castiga aquelles que merecem. Elle havia dito aos Israelitas que estava na Arca mais particularmente do que nos outros logares, portanto, só deviam olhal-a cheios de temor e respeito.

Adeus, caras amiguinhas; espero que continuareis a estudar e a serdes bôasinhas. Lembrai-vos tambem que Deus está de modo particular nos logares onde a gente se reúne para imploral-o e ouvir sua palavra : deveis tambem rezear que elle vos castigue, como fez com os Bethsamitas, si não vos portardes na sua presença com respeito, piedade e decencia.

VIGESIMO TERCEIRO DIALOGO⁽¹⁾

VIGESIMO PRIMEIRO DIA

NOEMIA.

Vou contar-vos, bôas amiguinhas, com a permissão de D. Luiza, uma historia que lemos hontem á noite.

Havia uma mulher tão malvada que nenhum criado parava em sua casa; batia nos filhos e maltratava-os tanto, que fel-os morrer de desgosto, bem como o marido. Apesar de ser ainda moça e possuir grande fortuna. ninguem se apresentava para desposal-a, tão odiada ella era. Por fim, um gentilhomem da vizinhança teve a infelicidade de apaixonar-se por ella e pedil-a em casamento. Como era um bom homem. todos o lastimavam, chegando mesmo um de seus amigos a avisal-o de que ia fazer uma rematada tolice casando com aquella megéra que o faria morrer de desespero. « Não vos inquieteis, respondeu-lhe o fidalgo, antes de um mez, tornarei minha mulher mansa como um cordeiro. » O casamento foi cele-

(1) Daqui em diante apparece mais um discipula, chamada Rosita, de treze annos de idade.

brado no castello da dama ás quatro horas da manhã. Ao sahir da capella ella quiz subir ao quarto para mudar de traje para esperar as pessoas convidadas para o jantar. Ficou, porém muito surprehendida ao ouvir seu marido dizer-lhe que não era necessario fazel-o, visto ter elle resolvido leval-a para jantar na sua terra distante dalli quatro leguas. « Na verdade, disse-lhe sua mulher, creio que enlouqueceste ; esquecis que esperamos convidados ? — Não tenho que dar-vos contas dos meus actos, respondeu-lhe o marido : habituai-vos a me obedecer sem replicar, senhora, porque, grosseiro como sou, bem depressa vos arreponderieis de vossa resistencia montai pois immediatamente. »

A mulher, furiosa, disse-lhe que podia partir sósinho, porque absolutamente não o acompanharia. Sem se perturbar, o fidalgo chamou quatro lacaios que trouxera comsigo, todos elles homens robustos, e disse-lhes : « Si vossa ama não montar pela sua livre vontade, agarrai-a e amarra-a em cima do cavallo. » Então, indignada, vendo que não era a mais forte, ella montou voci: ferando mil insultos contra seu marido, que fingia não ouvir. Neste meio tempo uma cachorra que muito estimava, veio fazer-lhe festas. « Retira-te, disse elle, não estou disposto a receber tuas caricias. »

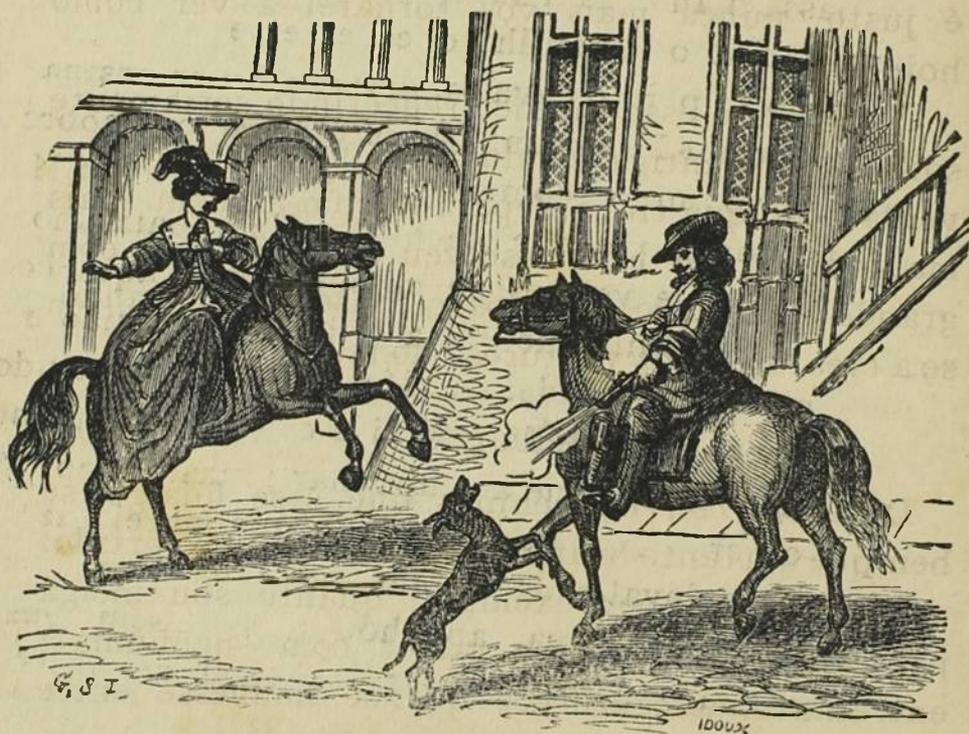
A pobrezinha que não o ouvia nem comprehendia voltou novamente a festejal-o. « Oh ! tornou elle não gosto que teimem commigo, » e agar-

rando uma pistola depositada no arção da sella, fingio disparar sobre a cabeça da cachorrinha.

Diante deste espectáculo, a mulher, assustada, cessou de insultal-o. « Este bruto disse ella comigo, seria bem capaz de fazer o mesmo commigo. » Caminharam tres leguas sem se dizerem uma unica palavra, mas, como, o cavallo da mulher recuasse diante de uma arvore que o amedrontou, seu marido ordenou-lhe que descesse; em seguida, virando se p'ra o cavallo, disse: « Eu te ensinarei a obedecer. » E, tomando a pistola, fez fogo sobre a cabeça do animal com o maior sangue frio. « Meu Deus, tende piedade de mim, dizia baixinho a mulher; que vai ser de mim, sósinha aqui com este endemoninhado? Na primeira occasião elle me matará. — Mudei de idéa, disse-lhe o marido, voltemos, ao castello; farei o cavallo ir a passo, para que possais-me acompanhar; mas, como não quero perder a sella do cavallo, que matei, fazei o favor de leval-a ás costas. » A mulher, mais morta do que viva, apanhou a sella sem ousar dizer uma palavra sequer, e chegou ao castello alagada de suor. Durante sua ausencia, despediram todos os seus criados e substituíram-n'os por outros inteiramente desconhecidos, cujo aspecto bastava para fazel-a tremer: boa vontade teve então de fugir, mas era impossivel pôr em pratica semelhantê idéa.

O marido fel-a jantar e cear sem que tivesse appetite, e quando elle disse-lhe que podia retirar-se para seu quarto, porque queria deitar-se, vendo-o

apanhar as pistolas ella julgou-se já morta. Entrando naquelle quarto que ella considerava seu tumulo, o marido sentou-se numa cadeira e ordenou-lhe que lhe tirasse os sapatos. Ella obedeceu em silencio; em seguida fazendo-a sentar-se na mesma cadeira, por sua vez a descalçou.



« E' justo, disse elle, que vos preste o mesmo serviço que de vós recebi, pois tal é o meu genio; trato as pessoas como me tratam; á vós, pois, de decidir sobre o vosso modo de proceder. Por uma grosseria que me fizerdes, receberéis quatro; tambem a mais pequena gentileza que tiverdes para commigo será duplamente retribuida.

Vossa conducta dictará a minha, e só de vós

depende ser a mais feliz das mulheres ; mais não esqueçais que se quizesseis ser para mim o diabo que fostes para vosso primeiro marido, contrariéis em mim um diabo cem vezes peor do que vós. — Basta, senhor, respondeu ella, cumprí vossa palavra, contento-me com isso : se o meu procedimento deve dictar o vosso, o que de resto é justo, nunca mais vos tornarei a ver como hoje. »

Com effeito, essa mulher, reflectindo seriamente sobre a sua antiga conducta, e firmemente convencida de que tinha deparado com alguém mais malvado do que ella, resolveu corrigir-se, e, com grande admiração de todos, o conseguiu tornando-se a creatura mais venturosa do mundo.

D. LUIZA.

Devemos convir, meninas, que esse fidalgo, se bem que um tanto brutal, adoptára um bom partido.

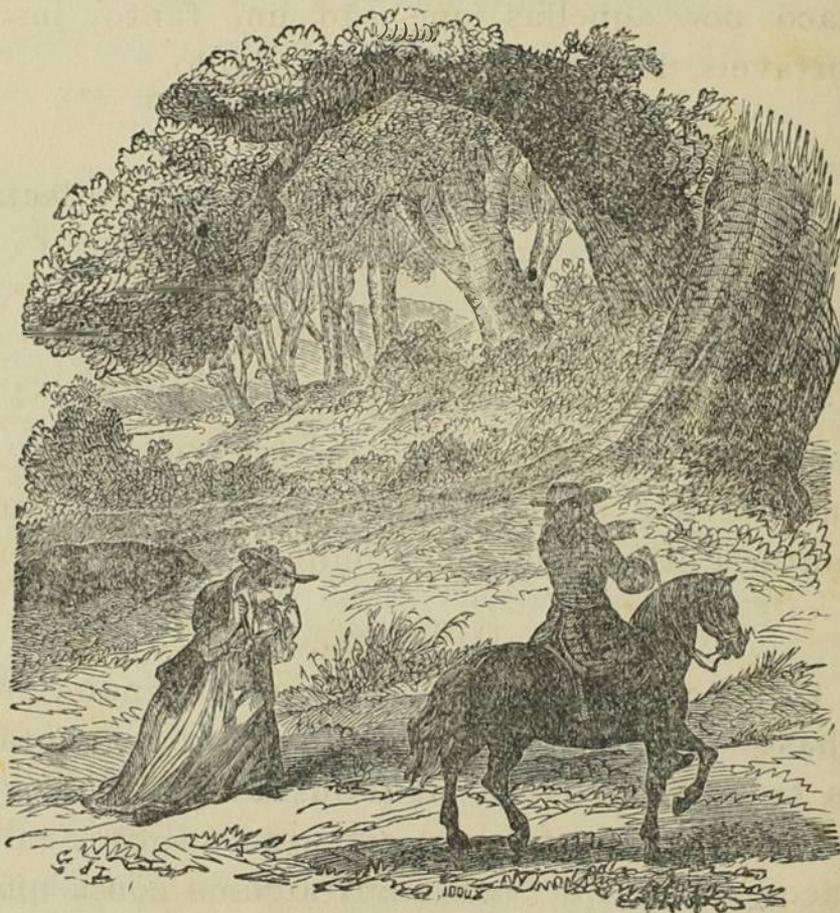
Bem vêdes, por exemplo, quanto sou meiga para com vós : nunca ralhei com nenhuma ; entretanto, asseguro-vos que, se houvesse entre vós uma discipula semelhante áquella senhora, eu adoptaria o mesmo systema do gentilhomem, não havendo outro meio de subjugar aquellas que não se querem corrigir pela brandura. Praza a Deus que eu nunca tenha de chegar a esse extremo ; todas vós sois doces e meigas : espero que Rosita, que vem passar alguns mezes com sua prima Noemia, seguirá vossos bons exemplos afim de sermos sempre amigas.

ROSITA.

Assim o espero senhora.

D. LUIZA.

Chama-me como as outras, querida menina ;
vem abraçar-me sem timidez, porque, como já te



disse. quero ser tua amiga, como sou de todas estas : ellas fazem tudo quanto eu quero e por meu lado, só desejo ser-lhes agradavel : pergunta a Carlota, outrora má como um pequenino demônio, e hoje tão bôa, a ponto de ser a minha predilecta !

MARIA.

D. Luiza, se gostardes mais de Carlota do que de mim, terei ciumes.

D. LUIZA.

Quero bem a todas, apesar de ter um certo fraco por aquellas que são um tanto insupportaveis, depois de havel-as corrigido.

ROSITA.

Eu poderia então vir a ser a vossa predilecta ?

D. LUIZA.

Como, és então insupportavel ?

ROSITA.

Tenho a certeza de que mamã vól-o disse, e que foi por minha causa que fizestes Noemia contar a historia daquella mulher.

D. LUIZA.

Ouve, queridinha, não te quero enganar ; advinhaste. Mas comtanto que tenhas bôa vontade, os teus defeitos não me assustam : havemos de corrigil-os. Presta bem attenção á lição, talvez encontres no que vais ouvir alguma cousa que te anime a tornares-te uma bôa menina. Sylvia, tu que leste a historia de França dize-nos quantas casas teem reinado neste paiz desde o principio da monarchia.

SYLVIA.

E' verdade que li a historia de França D. Luiza,

porém, li-a tão depressa que já não me recordo de uma unica palavra. Quando tenho livros, sou como um gastronomo diante de uma bôa mesa ; quero ler todos a um tempo, procuro acabar o mais rapidamente possivel ; devoro-os, por assim dizer. afim de ler outros.

D. LUIZA.

E como o gastronomo nem sempre engorda, pelo contrario. tem sempre indigestões, tu tens tambem indigestões de leitura que nem por isso te instruem mais. Deves corrigir-te deste defeito, cara Sylvia.

Noemia lê menos, porém tira melhor resultado de suas leituras ; verás que ella vai responder á pergunta que te fiz.

NOEMIA.

Tres casas ou raças teem reinado em França : chama-se a primeira, a raça dos Merovingios, por causa de um dos avós de Clovis, chamado Meroveo, que fizera algumas viagens á Gallia sem, comtudo, alli se estabelecer.

A segunda foi a raça dos Carlovingios. assim denominada em honra a Carlos-Magno, se bem que fosse seu pai Pepin. que fizesse entrar a corôa na familia ; a terceira. foi a dos Capetos que começou sob a regencia de Hugo Capeto e se divide em quatro ramos : a dos Capetos, dos Valois, dos Bourbons e dos Orléans. Finalmente ha a dynastia dos Bonapartes que começa por Napoleão Iº.

D. LUIZA.

Lembrai-vos bem do que ouvistes, meninas : vejamos agora como se dividia, outrora, a França : em vez, porém, de fallarmos sobre as trinta e duas provincias, citaremos apenas as principaes.

Temos ao Norte, Flandres, Artois e a Picardia ; ao Nordeste, Lorena ; ao Noroeste, a Normandia e a Bretanha. Não esqueçais os nomes destas provincias. Vamos á historia, Maria.

MARIA.

Estando Samuel já velho, seus filhos julgavam o povo em seu logar ; em nada, porém, se assemelhavam a seu pai ; eram mãos e chegavam até a acceitar dinheiro para condemnarem os innocentes e perdoarem aos culpados. Os Israelitas disseram então a Samuel : « Constitui-nos um rei como o tem as demais nações, para governar-nos. » A proposta desagradou a Samuel, a quem o Senhor fallou nestes termos : Não é a ti que o povo repelle ; é a mim. Explica-lhes ao que se expõem reclamando um rei ; em seguida, dá-lhes um. Esse rei tomará seus filhos para fazel-os correr diante de seu carro ; obrigará suas filhas a servirem-lhe de cosinheiras e criadas ; se aposará da decima parte de seus bens, campos e vinhas para dal-os a seus servos. Então elles clamarão para mim, que sou o Senhor, contra o rei que tiverem escolhido ; mas não os attenderei. » Samuel representou todas estas cousas aos Israelitas ; mas, como estes se obstinaram em

pedir um rei, Deus ordenou a Samuel preparar um sacrificio para então designar-lhe aquelle que houvesse escolhido. Havia um homem da tribu de Benjamin, chamado Saul, bello e galhardo mancebo, excedendo em tamanho a todos os rapazes de sua idade. Tendo o pai de Saul perdido as jumentas, ordenou ao filho ir procural-as, dirigindo-se o moço, acompanhado por seu servo, para muito longe. Depois de longas e inuteis pesquisas disse-lhe o servo. « Vamos consultar a Samuel, o inspirado por Deus. »

Tendo Samuel convidado Saul a jantar, fez-lhe servir a melhor parte ; em seguida, levando-o ao cimo da casa, derramou sobre sua cabeça um frasco de oleo, communicando-lhe que Deus o escolhera para governar seu povo.

Como Saul lhe respondesse que descendia da ultima tribu de Israel, Samuel lhe provou por diversos modos a sua eleição e entre outras cousas, disse-lhe : Ao sahir d'aqui encontrareis uma multidão de prophetas, aos quaes vos reunireis, prophetizando juntamente com elles ; em seguida, esperareis sete dias, os quaes decorridos, offerecereis um sacrificio ao Senhor. A' sahida encontrou Saul os prophetas, e possuido da graça de Deus, tornou-se outro homem. Aquelles que o conheciam, admiradissimos de ouvirem-n'o prophetisar exclamaram : *Saul entre os prophetas!* exclamação esta que passou a ser um proverbio.

Tendo Samuel reunido o povo, tiraram á sorte, recahindo esta sobre Saul que por se ter escondido, custaram muito a encontrar.

CARLOTA.

Porque se occultava Saul para não ser rei, D. Luiza ? Todos os homens desejam sel-o.

D. LUIZA.

Estes são cegos que desconhecem tanto os perigos como os deveres da realeza.

Entre os pagãos, houve muitos homens que procederam como Saul e só a muito custo se decidiram a acceitar a corôa. Um rei é um homem encarregado da felicidade do povo, ao qual deve sacrificar todas as suas inclinações e prazeres. Um bom rei não deve pensar de outro modo ; porém, é tanto mais infeliz por não poder fazer todo o bem que deseja, e por se servirem muitas vezes de seu nome para fazerem mal. Um homem sensato deve, pois, ter receios ao ser empossado do cargo de rei, como succedeu a Saul. Continúa. Carlota

CARLOTA.

Os Ammonitas marcharam contra os habitantes de Jabas que lhes disseram : « Fazei alliança comnosco e vos serviremos ; » mas o chefe dos Ammonitas respondeu : A alliança que farei comvosco será furar o olho direito de cada um. » Os habitantes de Jabas, aterrados, pediram sete dias par responderem, e tendo ido communicar a sua situação aos Israelitas, seus irmãos, pozeram-se a se lamentar. Saul, occupado em amainar a terra, apenas soube da causa daquella desolação, invocou o Senhor, e tendo retalhado os bois empregados no trabalho, dividio os pedaços por todas as cidades, dizendo que faria o mesmo áquelles que

se recusassem a acompanhar Samuel e elle. Assim, reuniu um numeroso exercito com o qual venceu todos os Ammonitas. Diversas pessoas entre o povo não tinham ficado contentes com a eleição de Saul,



chegando mesmo a despresal-o, recusando offerecer-lhe presentes, o que, de resto, elle fingira não perceber; mas, após esta grande victoria, disse o povo: « Quaes foram os que murmuraram contra a eleição de Saul? Entregai-nos e os faremos morrer » Então Saul ganhou sobre sí proprio uma victoria ainda maior do que a precedente. Não se fará morrer ninguem disse elle, tanto mais que hoje dia em que o Senhor nos

salvou, é um dia de jubilo. » Saul reinou tranquilamente durante dois annos, mas seu filho Jonathas tendo atacado os Philisteus, estes reuniram um exercito numeroso contra os Israelitas. A maior parte destes, assustados, esconderam-se, os outros, juntaram-se á Saul. Ora Samuel lhe havia dito. « Esperai-me para sacrificar ao Senhor. » Saul esperou sete dias, vendo, porém que Samuel não chegava e que os soldados desertavam, offereceu o sacrificio. Apenas terminou, appareceu Samuel e disse-lhe : « Si tivesses obedecido ao que o Senhor vos ordenou por minha bocca, a corôa ficaria na vossa familia, mas como desobedecestes, o Senhor vos regeita, tendo escolhido outro rei que obrará de accordo com a sua vontade. » Estas palavras affligiram Saul que, todavia, preparou-se para combater contra os Philisteus.

SYLVIA

Portanto, D. Luiza, Saul esperou Samuel durante sete dias ; tinha, creio eu, razão de sóbra, para offerecer o sacrificio, visto seus soldados principiarem a desertar : que faria elle sósinho contra os Philisteus ?

D. LUIZA.

Si tivesse obedecido ao Senhor, querida Sylvia, este não o teria abandonado, e seu auxilio vale mais do que milhares de soldados. Quando Deus ordena, não devemos replicar, mas sim submetter-nos. Saul desobedeceu porque perdeu a confiança em Deus ; duvidou do seu poder e da realisação de suas promessas, elle que tantas provas de sua divina protecção

havia recebido ! Não era muita ingratidão de sua parte ? Continua a historia, Lili.

LILI.

O acampamento dos Philisteus ficando perto do campo dos Israelitas, Jonathas, filho de Saul, cheio de confiança em Deus, ao qual pediu soccorro, para lá se dirigio acompanhado apenas por um homem : uma vez alli matou, vinte Philisteus, sendo os outros presos de tal temor que se matavam uns aos outros, ou desfaziam-se das armas para fugirem mais depressa. Saul perseguio-os, dizendo: « Maldito seja aquelle que comer antes de eu ter vencido os inimigos. » O povo estava fatigadissimo e tinha fome, mas apezar de passar num bosque onde havia muito mel, ninguem ousou tocar-lhe. Ignorando o occorrido e sentindo-se mal pela falta de alimento, Jonathas tirou com a ponta da vara um favo de mel. Isto bastou para fortalecel-o, mas, tendo sciencia do juramento que fizera seu pai, censurou-o. Ganha a victoria, Saul consultou a Deus se devia ainda combater os Philisteus ; como, porém, o Senhor não lhe respondesse, comprehendeu que alguém faltára ao juramento por elle feito. Deitou a sorte para conhecer, e esta recahindo sobre Jonathas, elle quiz matal-o, mas o povo oppôz-se, forçando o rei a perdoar-lhe.

CARLOTA.

Tive bem receio que Saul matasse Jonathas que, de resto, ignorando o juramento feito por seu pai, não era culpado.

D. LUIZA.

E' verdade, cara menina, porém Jonathas permit-tira-se murmurar contra seu pai e censural-o por ter feito aquelle juramento : essa falta merecia ser puni-da, e o foi, pelo medo que elle teve de morrer. Até ahi sua conducta fôra muito digna. Começou por dirigir-se ao Senhor, e cheio de confiança na sua misericor-dia, não temeu atacar um numeroso exercito, auxi-liado por um homem apenas. Que não faremos com o auxilio da oração e confiança em Deus ! E' ahi, querida Rosita, que é preciso procurar auxilio ; tens numerosos inimigos a combater : o orgulho, a teimosia, a colera. Sosinha, jamais o conseguirás, mais si Deus combater contigo como o fez com Jona-thas e com os Israelitas, certamente ganharás a vic-toria e sem tanto trabalho como julgas.

ROSITA.

Fizeram-vos um lindo retrato do meu character ; mas não vos disseram que, muitas vezes, me forçam a encolerisar-me, contrariando-me por cousas insi-gnificantes. Demais, senhora, cada um tem seus defeitos e asseguro-vos que as pessoas que fallam dos meus tem ainda peiores.

D. LUIZA.

Não é bonito o que acabas dizer, cara menina ; bem sabes que deves respeitar aquelles que me avisaram.

ROSITA.

Sei perfeitamente que devo respeito a minha mãe ,

mas ella nada vos teria dito si a criada não a tivesse feito fallar, e eu não creio dever respeitar minha criada.

D. LUIZA.

Laboras em erro, menina. A pessoa incumbida de tua educação, que te apraz chamar de criada, recebeu ordem de tua mãe de velar pela tua conducta ; por conseguinte, faz as suas vezes e lhe deves respeito. Acrescento até que o deves a todos, e que si não mudares de character, ninguem t'o deverá.

ROSITA.

Pertenço a uma classe que me facultará os meios de me fazer respeitar, ainda mesmo que não o queiram.

D. LUIZA.

Já que me forças a dizer-te verdades, crueis participo-te, menina, que longe de ter respeito pela tua classe ou pela tua pessoa, desprezo-te mais do que ás mulheres que vendem peixes pelas ruas : acima dellas só tens o teu orgulho ; ora este titulo não inspira respeito a ninguem. Faze o favor de não coser enquanto fallo contigo e me escutar com attenção.

ROSITA.

Não faço mal nenhum em coser ; ao contrario, divirto-me ; é por maldade que me quereis privar deste prazer, mas nem por isso deixarei de continuar.

D. LUIZA.

E' malfeito a gente trabalhar quando uma pessoa,

a quem se deve respeito, falla comnosco; ora, não só me debes respeito, como tambem obediencia.

ROSITA, *chacoteando*

Eu vos devo respeito e obediencia ?

D. LUIZA.

Sim, minha, cara ; e certamente si me faltas com elle é intimamente, do contrario, não o supportaria. Começo por mostrar-te que quem manda aqui sou eu, atirando tua costura ao fogo. Estou satisfeitissima por me teres dado, desde o primeiro dia, uma amostrinha da tua maldade ; mostrar-te-hei para quanto presto. E's tal qual aquella mulher cuja historia Noemia nos contou : encontraste, porém, peor do que tu. Já não me gabo mais de tornar-te bôa, mas pelo menos tenho a certeza de tornar-te a mais infeliz das creaturas.

Para principiar, previno-te que ficarás todos os dias em companhia de pessoas eguaes a ti, isto é, sem educação, e comerás com a copeira.

CARLOTA, *a Rosita*

Si soubesses, Rosita, como te tornaste desagradave desde que começaste a responder tão insolentemente a D. Luiza, lhe pedirias perdão immediatamente.

D. LUIZA.

Deixa-a, querida Carlota, ella não merece que ninguem se interesse por ella. Estou muito satisfeita, caras meninas, por terdes presenciado esta scena.

Tirareis melhor proveito desta lição do que de tudo quanto eu vos dissesse sobre o orgulho.

CARLOTA.

Quando me lembro D. Luiza, que ha apenas sete mezes eu tambem era assim, fico horrorizada.

Quanta obrigação vos devo por me terdes ajudado a corrigir-me !

D. LUIZA.

Tinhas boa vontade, queridinha, além disto, contavas apenas sete annos : o demonio do orgulho agasalhado na tua alma era ainda pequenino, por isso o estrangulamos facilmente ; mas o demonio desta infeliz creatura é forte, tem treze annos e a estrangulará na primeira occasião. Porque choras, Noemia ?

NOEMIA

Bem sabeis D. Luiza, que estimo minha prima de todo coração : imaginai, pois, quanto estou penalizada por vel-a tão má : porventura ella é já muito velha para se corrigir ?

D. LUIZA.

Nunca se é muito velha para isto, querida menina ; verdade é que hoje ella custará mais a corrigir-se do que hontem, e que amanhã já será mais difficil do que hoje, e quanto mais tempo se passar mais custoso se tornará. Recommendo a todas rezarem muito por ella para que Deus a converta.

SYLVIA.

Da melhor vontade, D. Luiza ; mas talvez ella lamente agora ter dito tantas asneiras.

D. LUIZA.

Não Sylvia ; sou entendida nesta materia, agora ella está estoirando de orgulho : faz o que póde para mostrar-se alegre, julgando insultar-me por esse modo, entretanto, está morrendo de vontade de chorar. Pobre menina, suppõe me dar um grande desgosto e effectivamente assim succede, porque vejo que se prejudica a si propria. Quanto a mim que si me interesso por ella é unicamente por caridade, si seu orgulho não fosse nocivo a sua alma cujo bem desejo, lhe perdoaria de todo coração as asneiras que me disse. Não me deram febre nem dôr de cabeça e podia dizer-me cem vezes mais do que disse, que não me resultaria disso mal algum.

Adeus, bôas amiguinhas ; contraria-me que esta scena tenha vindo interromper nossas lições, ia contar-vos um lindo conto, ficará, porém, para a proxima vez.

NOEMIA, abraçando D. Luiza

Minha bôa amiga, pelo amor de Deus, não deixeis minha prima sem lhe terdes perdoado : meu Deus ! se ella morresse esta noite, que seria della ?

D. LUIZA.

Mas, queridinha, ainda que eu lhe perdoasse, Deus não lhe perdoaria si ella não se arrependesse de seus erros.

ROSITA, atira-se aos braços da preceptora, chorando.

D. LUIZA.

Eis que o orgulho cede. Coragem, minha filha ; estás arrependida de teus erros ?

ROSITA.

De que serviria arrepender-me ? Dissestes que estou muito velha para corrigir-me.

D. LUIZA.

Não disse semelhante cousa, mas sim que isso te custará mais do que a qualquer outra. Si quizesse prometter-me fazer tudo quanto te disser, eu poderia prometter-te tambem que com o tempo te tornarás bôa.

ROSITA.

Não sei o que quero, mas sei perfeitamente que sou um monstro de orgulho, que estas meninas devem desprezar-me, vós, odiar-me, e que eu propria me odeio.

D. LUIZA.

Já é alguma cousa saber tudo isto, minha filha. Sê corajosa, aproveita esta occasião para te corrigires pois não se tornará a apresentar outra igual.

De mais, considerai bem quanto serás infeliz se não o fizeres. Tua mãe deixou-te sob a minha inteira responsabilidade ; ora eu trahiria sua confiança, si não combatesse teus defeitos.

Eis-me, pois, na necessidade de atormentar-te hor. rivelmente ; pois é certo que offenderia a Deus, si te deixasse tal qual és. Não seria muito melhor sermos amigas e trabalharmos ambas para te corrigir pouco a pouco. Não te pedirei nada impossivel.

Alem disso, tudo quanto te disser será em teu bene-

ficio e não para te offender. Não gosto de reprehender ninguém, e asseguro-te que esta de hoje vae fazer-me adoecer.

ROSITA.

Mas si eu vos prometter corrigir-me, far-me-heis ainda jantar na cosinha com a copeira ?

D. LUIZA.

Sim, cara menina, assim é preciso para castigar a tolice que fizeste hoje.

Quando alguém tem verdadeiro desejo de se corrigir, faz de bom coração tudo quanto se lhe ordena, para o conseguir.

NOEMIA.

Permitti-me, D. Luiza comer tambem na cosinha para que minha prima não tenha tanta vergonha.

D. LUIZA.

Aprecio a tua caridade minha bôa Noemia, mas não posso diminuir seu castigo, aliás bem merecido. Rosita, pelo seu orgulho, collocou-se abaixo dos inferiores, e posso garantir-vos que, aos olhos de Deus, ella é neste momento a ultima das creaturas.

Faz-se, pois, mistér que reconquiste o seu logar, por meio desta reparação : isto attrahirá sobre ella a graça de Deus que a ajudará a tornar-se melhor ; para a obter, porém, é preciso supportar o castigo infligido, com resignação.

Sobre este ponto, procederás como te aprouver,

cara Rosita, mas tenho o presentimento de que esta lição te corrigirá.

ROSITA.

Já que julgais que deste modo me corrigirei, fal-o-hei ; no emtanto, é horrível jantar com semelhante creatura.

D. LUIZA.

Essa creatura é uma creatura de Deus, tanto como tu, minha filha ; e como é uma bôa pessoa e faz bem seu dever, está, por este motivo, acima de ti.

Si ella soubesse quanto és má, não havia de querer dar-vos esta honra, e se julgaria mesmo deshonorada : porque, afinal, não é humilhante ser-se filha de um camponio ou de um remendão qualquer, nem servir para ganhar a vida, ou mesmo mendigar si se está enfermo : nada disto deprime, nem é peccado, nem leva ao inferno ; é, porém, vergonhoso ter-se orgulho, porque o orgulho é a perdição da alma. Já leste o Evangelho, Rosita ; não viste que Nosso Senhor Jesus-Christo, rei do céu e da terra, era tão pobre que nasceu numa mangedoura ? Escolheu sempre os pobres por companheiros, e aquelle que passava por seu pai era um operario carpinteiro, se bem que pertencesse á familia real.

ROSITA.

Pois bem, vou tomar uma boa resolução. Está dito, D. Luiza, jantarei com a copeira.

D. LUIZA.

De bôa vontade ?

ROSITA.

Sim, de boa vontade.

D. LUIZA.

Vem abraçar-me, querida filha ; façamos a paz : começo a ter esperanças. Uma vez que te sugestaste corajosamente ao castigo imposto, dispenso-te delle por esta vez, contentando-me com a tua obediencia.

ROSITA.

Sois muito bondosa em perdoar-me ; asseguro-vos que me envergonho e lamento ter-vos causado desgosto.

MARIA, *saltando de contente.*

E eu estou tão satisfeita por ver como Rosita tornou-se meiga, que de todo coração lhe perdôo o mal que nos fez impedindo D. Luiza de contar-nos a bella historia.

D. LUIZA.

Maria está sempre ás voltas com os contos.
Que paixão tens por elles, queridinha !

MARIA.

E' verdade D. Luiza. Dissestes-nos, porém, que aquelle que passava por pai de Jesus-Christo descendia da familia real ; como, pois, era possivel ser elle carpinteiro ?

SYLVIA.

Isto acontece algumas vezes cara amiguinha ;

recordo-me de ter lido na historia antiga que havia um homem da familia real de Sidon que era jardineiro.

MARIA.

D. Luiza, permittis que Sylvia nos conte esta historia ?



D. LUIZA.

Sim, visto termos ainda um quarto de hora.

SYLVIA.

Havia um rei chamado Alexandre cujo favorito tinha o nome de Ephestion.

Vindo Alexandre a Sidon, os habitantes dessa cidade pediram-lhe que lhes desse um rei do seu agrado. Alexandre disse então a Ephestion : « Offe-

reço-vos esta corôa, della podeis dispor em favor de qualquer de vossos amigos. »

Ephestion morava em companhia de dois irmãos fidalgos, e homens de bem. Disse-lhes que, podendo por ordem de Alexandre dispôr da corôa, não poderia fazer melhor uso da permissão do que offerecendo-a a um delles. Os dois moços agradeceram-lhe calorosamente, mas disseram-lhes que segundo suas leis, não podiam subir ao throno, por não descenderem da familia real. Encantado pelo respeito que aquelles dignos homens tinham pelas leis do seu paiz, e confiando em suas virtudes, entregou-lhes a corôa que elles recusavam para ser dada a alguem que fosse de sangue real e pessoa de bem. Havia na cidade um descendente da familia real, mas, então, tão pobre que só possuia um jardiminho que elle proprio cultivava para ganhar a vida. Os dois irmãos dirigiram-se á casa desse homem, que se chamava Abdolonymo, e como o encontrassem muito mal vestido disseram-lhe :

« Despi estas vestes indignas de vós e vinde occupar o throno de vossos pais. » Suppondo que zombavam d'elle, Abdolonymo lhes disse : « Não é honroso vir-des á minha casa zombar de mim porque sou pobre. » Os moços, vendo que elle não lhes dava credito, tiraram-lhe aquelles andrajos e fizeram-n'o envergar as vestes reaes. Ao ter sciencia da aventura, Alexandre desejou conhecer o homem.

Abdolonymo apresentou-se diante d'elle com modesta altivez ; e como o rei lhe perguntasse como supportava a sua nova dignidade, o ancião respon-

deu-lhe estas bellas palavras : « Praza a Deus que eu suporte a realeza com tanta coragem como supportei a pobreza !

Até agora meus braços forneceram-me os meios de subsistencia, e emquanto nada tive, não soffri falta de nada. »

Alexandre apreciou muito esta resposta, offereceu presentes riquissimos ao rei de Sidon e concedeu-lhe sua estima.

VIGESIMO QUARTO DIALOGO

VIGESIMO SEGUNDO DIA

D. LUIZA

Da vez passada vos prometti um conto caras amiguinhas ; vou cumprir a minha promessa ; antes, porém, vou participar-vos que Rosita está mansa como um cordeirinho, tendo apenas commettido uma unica falta, de resto, immediatamente reparada. Em compensação já principio a querer-lhe bem ; por sua vez tambem, ella me disse hoje pela manhã que durante toda sua vida nunca se sentira tão contente como nestes tres dias. Em summa, se ella se corrigir do orgulho e da colera, como o espero, tornar-se-ha uma menina muito amavel, pois, além de intelligente, é estudiosa e tem bom coração.

ROSITA.

Sois muito bondosa em me animar deste modo.

D. LUIZA.

Asseguro-te que nunca me sentirei tão contente, como quando poder elogiar-te com razão, o que é muito mais agradavel do que ralhar. Eu não duraria muito, se scenas eguaes á que tivemos da ultima vez

se repetissem com frequencia : esqueçamol-a. porém. Ouvi o conto, meninas.

Havia uma fada que queria casar com um rei ; mas como ella tinha muito má reputação, o rei preferio expôr-se á sua colera, a desposar uma mulher que ninguem estimaria ; porque nada é peor para um homem honrado do que ver sua mulher desprezada. Uma bondosa fada, chamada Diamantina, fez esse rei desposar uma princeza por ella educada e prometeu defendel-o da fada Furia, mas pouco tempo depois, sendo Furia nomeada rainha das fadas ultrapassando o seu poder o de todas as outras, achou meio de vingarse de Diamantina. Assim foi que, achando-se presente na occasião do parto da rainha, dotou o principe de uma fealdade superior ao que de mais horrivel houvesse no mundo. Apenas Furia retirou-se, Diamantina, até então occulta atráz do leito da rainha, procurou consolal-a. « Coragem, disse-lhe, apezar da maldade de vossa inimiga, vosso filho será muito feliz um dia. Pôr-lhe-heis o nome de Espirituoso ; não só elle terá muito espirito, como tambem poderá communicar-o á pessôa a quem mais amar. »

O pequenino principe era tão feio que ninguem podia encaral-o sem horror : quer chorasse, quer risse, fazia tantas carêtas que as creanças trazidas para brincarem com elle amedrontavam-se e designavam-n'o pelo « bicho ». Depois de crescido, todos desejavam ouvil-o fallar, mas fechavam os olhos quando o fazia : finalmente o povo, que a maior parte das vezes nunca sabe o que quer, tomou tanto odio por Espirituoso, a ponto de obrigar o rei a instituir herdeiro do throno

seu segundo filho nascido pouco tempo depois do primogenito. E' preciso dizer que naquelle paiz o povo tinha o direito de escolher um rei. Espirituoso cedeu a corôa a seu irmão sem se lamentar, e desgostoso da ignorancia dos homens que só dão valor à belleza physica e nem sequer cogitam da belleza da alma, retirou-se á vida privada, e applicando-se ao estudo das sciencias, tornou-se extremamente feliz. Não estava por isto a fada Furia cujo desejo era tornal-o a mais desgraçada das creaturas, e para conseguil-o, eis como procedeu.

Furia tinha um filho chamado Galante, a quem adorava, apezar de ser o maior ignorante do mundo. Querendo a todo transe tornal-o feliz, raptou uma princeza admiravelmente bella, mas para que esta não se desgostasse de Galante, por causa da sua estupidez tornou-a tão estúpida quanto seu filho. Essa princeza, de nome Astra, era educada em companhia de Galante, e se bem que tivessem ambos dezeseis annos, nunca conseguiram ensinar-lhes a ler. Furia mandou fazer o retrato da princeza e levou-o ella propria á casinha onde vivia Espirituoso em companhia de um unico criado. A maldade de Furia deu o resultado desejado, porquanto, apezar de saber o principe, que Astra morava no palacio de sua inimiga, apaixonou-se por ella a ponto de resolver ir ao palacio; mas, ao mesmo tempo lembrando-se de quanto era feio, julgou-se o mais infeliz dos homens, certo de parecer horrivel aos olhos da bella princeza. Durante muito tempo, resistio ao desejo de vel-a; finalmente, porém, a paixão supplantou a razão: partio pois acompanhado

pelo criado, com grande contentamente de Furia que saboreando de antemão o prazer de atormental-o á vontade, estava no auge da alegria.

Astra passeiava num jardim em companhia de Diamantina sua preceptora : ao ver o principe approxi-



mar-se deu um grito e quiz fugir ; como, porém, Diamantina a tivesse impedido de fazel-o, a princeza occultou o rosto entre as mãos dizendo á fada : « Mandai embora este homem, estou morta de medo. » O principe, aproveitando da occasião em que ella tinha os olhos fechados, fez-lhe um bello elogio ; mas foi como si lhe tivesse fallado latim : Astra era muito

ignorante para poder comprehendel-o. Naquelle momento Espirituoso ouviu Furia rir ás gargalhadas, zombando d'elle. « Basta pela primeira vez, disse ella ao principe ; podeis retirar-vos para um pequeno aposento que mandei preparar expressamente para vós, de onde tereis o prazer de contemplar a princeza, á vontade. » Julgais talvez que Espirituoso divertio-se em injuriar a maldicta fada ; não, era demasiado intelligente para fazel-o ; e sabendo que ella só procurava contrarial-o, não lhe deu o gosto de vel-o enfurecido. Estava, entretanto muito afflicto. Muito peor foi ainda depois de ter ouvido uma conversa de Astra com Galante, pois a immensidade de asneiras que disse fel-a perder aos olhos de Espirituoso metade da sua belleza, tomando este a resolução de voltar ao seu retiro e esquecel-a.

Antes, porém, quiz despedir-se de Diamatina : qual não foi à sua surpresa, quando a fada lhe disse que não abandonasse o palacio, porque conhecia o meio de fazer a princeza amal-o. « De todo coração vos agradeço, respondeu-lhe Espirituoso, mas não tenho pressa de casar-me. Confesso que Astra é encantadora, porém, quando calada : a fada Furia curou-me fazendo-me ouvir uma de suas conversas. Levarei seu retrato, que é admiravel, por estar sempre em silencio. — Debalde vos mostrareis indifferente, vossa felicidade depende do vosso casamento com a princeza. — Asseguro-vos que jamais me casarei com ella, a menos que me torne surdo ; ainda assim seria preciso perder a memoria ; do contrario, nunca poderia esquecer aquella conversa. Eu preferiria mil vezes

casar com uma mulher mais feia do que eu, se isto fosse possível, do que com um creatura estúpida com a qual não pudesse ter uma conversa séria, e que me trouxesse assustado quando estivessemos em companhia de alguém, receioso de que dissesse uma asneira cada vez que abrisse a bocca. — Acho graça no vosso terror, disse-lhe Diamantina; ouvi, porém, um segredo que sómente vossa mãe e eu conhecemos. Eu vos dotei do poder de tornar intelligente a pessoa que mais amasseis; basta, pois, desejardes. Astra pode tornar-se uma das pessoas mais espirituosas e intelligentes; então será, perfeita, porque é a melhor creatura do mundo, e tem muito bom coração. — Ai de mim! disse o principe, ides tornar-me muito desgraçado: Astra vai tornar-se demasiado amavel para minha tranquillidade, e eu sel-o-hei muito pouco para agradar-lhe; mas não importa, sacrifico minha felicidade á sua e desejo-lhe todo o espirito que está em meu poder dar-lhe. — O que acabais de fazer é muito generoso, mas espero que esta bella acção não ficará sem recompensa. Estejais no jardim do palacio á meia-noite; a esta hora Furia é obrigada a dormir e durante tres horas perde todo o poder.» Ao retirar-se, o principe, Diamantina foi ter com Astra que encontrou sentada com a cabeça apoiada entre as mãos na attitude de uma pessoa que medita profundamente. Como a fada lhe chamasse, a princeza respondeu-lhe: « Ah! senhora, se pudesseis ver o que acaba de se passar em mim, ficariéis bem admirada.

Desde alguns instantes sinto-me como em um novo mundo; raciocino, penso; minhas idéas se encadeiam

tomando uma forma que me causa um prazer infinito ; e sinto-me envergonhada lembrando-me da minha repugnancia pelos livros, pelas sciencias. — Pois bem ! disse-lhe Diamantina, podereis corrigir-vos ; dentro de dois dias desposareis o principe Galante, em seguida estudareis á vontade. — Pobre de mim, respondeu Astra suspirando, pois será possível que eu esteja condemnada a casar com Galante ? Elle tão estúpido, tão ignorante que me faz tremer ! Dizei, porém, porque motivo não descobri ha mais tempo a sua ignorancia ?

— Porque vós tambem ereis muito ignorante ; mas, eis ahi o principe Galante. » Com effeito, este entrou trazendo dentro do chapeo um ninho de pardaes.

« Vêde, disse elle, acabo de deixar o professor zangadissimo, porque em vez de estudar a lição, fui despregar este ninho. — Mas o professor teve razão de se aborrecer, pois não é vergonhoso que um rapaz dessa idade não saiba ler ? — Oh ! me enfadais tanto quanto elle ; que hei de fazer de tanta sciencia ? Prefiro um papagaio ou uma bola, a todos os livros do mundo. Adeus, vou empinar meu papagaio. — E pensar que serei mulher deste idiota ! disse Astra, apenas o principe retirou-se. Eu vos affirmo que prefiro morrer a casar com elle. Que differença entre Galante e aquelle principe que vi ainda ha pouco ! E' verdade que é muito feio, mas quando lembro-me do que disse, não o acho mais tão horrivel. E' pena que não tenha o rosto de Galante. Mas, afinal de que serve a belleza ? Uma molestia qualquer póde rouba-la ; a velhice nol-a

faz perder ; que resta então áquelles que não têm cultura de espirito? Realmente, se eu tivesse de escolher, opiniaria antes por esse principe, apesar de toda a sua fealdade, do que por esse estúpido com quem me querem forçar a casar. — Tenho grande satisfação em ouvir-vos raciocinar de uma maneira tão acertada, disse Diamantina ; mas tenho um conselho a dar-vos. Occultai a vossa intelligencia a Furia ; pois estará tudo perdido se lhe deixais perceber a transformação que se operou em vós. » Astra obedeceu á fada : apenas soou meia noite, a bôa Diamantina propoz á princeza descer ao jardim. Alli chegando, sentaram-se num banco, não tardando Espirituoso a se lhes juntar. Qual não foi a sua alegria, quando ouvindo Astra fallar, convenceu-se de lhe haver dado tanta intelligencia quanto tinha elle proprio ! Por seu lado. Astra estava encantada com a conversação de Espirituoso ; mas, quando soube por Diamantina a obrigação que lhe devia, foi tal a sua gratidão que esqueceu a sua fealdade apesar de vel-o distinctamente, pois era noite de luar. « Quanto vos sou grata ! disse-lhe ella. Como poderei pagar a minha divida para com-vosco ? — Facilmente, respondeu a fada, tornando-vos esposa de Espirituoso : só de vós depende tornal-o tão bello, quanto elle vos tornou intelligente. — Penalisa-me muito não o fazer, respondeu Astra, mas Espirituoso me agrada tal qual é ; pouco me importa que seja bello ; é amavel, isto me basta. — Acabais de pôr termo ás suas desgraças, disse Diamantina : se tivesses succumbido á tentação de tornal-o bello, ficaríeis para sempre sob o poder de Furia ; agora,

porém já nada tendes a recear de sua raiva. Vou transportar-vos ao reino de Espirituoso : seu irmão é morto e o odio que Furia inspirou ao povo contra elle deixou de existir. » Com effeito, Espirituoso foi recebido com alegria e antes de tres mezes de residencia no reino, o povo acostumou-se a seu rosto, sem jamais cessar de admirar-lhe o espirito.

CARLOTA.

Porque motivo Astra não deu belleza a Espirituoso ? Ella ignorava que desse modo recahiria sob o jugo de Furia.

D. LUIZA.

Porque tornára-se uma moça ajuizada, e uma pessoa sensata não se preocupa de casar com um homem bonito.

SYLVIA.

É porquê, D. Luiza ?

D. LUIZA.

Porque as mais das vezes o homem bonito é um ignorante, egoista, amante da sua propria pessoa, cheio de si, só cuidando de roupas como uma mulher. Ora, comprehendéis perfeitamente que nada é mais desprezível do que um homem desta especie.

ROSITA.

E' verdade, D. Luiza ; conheço um rapaz que se chama...

D. LUIZA.

Nunca se deve dizer os nomes das pessoas quando

se quer dizer qualquer cousa de mal. Acaba, mas não menciones esse homem.

ROSITA.

Pois bem ! todos os dias. elle leva tres horas a se vestir, como o faria uma mulher. Além do seu nome que calarei, chamam-n'o tambem Narciso.

LILI.

O que significa este nome ?

D. LUIZA.

Narciso era um mancebo extraordinariamente bello que, mirando-se numa limpida fonte, enamorou-se de sua propria imagem reflectida nas aguas. Debalde chamava essa bella imagem que, como bem imaginais, não podia vir ; foi tão grande a sua dôr por não poder fazel-a sahir da agua, que morreu e sendo, pelos deuses, convertido em flôr. A partir dessa epocha, quando um homem gosta muito de si proprio, chamam-n'o Narciso. Digamos agora alguma cousa sobre a geographia. Qual a provincia situada ao nordeste da França ? Dize-nos isto, Noemia.

NOEMIA.

A provincia de Flandres que fazia parte dos Paizes-Baixos francezes. Chamavam-n'os francezes para distinguil-os dos Paizes-Baixos hollandezes e dos que pertenciam á casa d'Austria.

MARIA.

Que quer dizer, a casa d'Austria ?

D. LUIZA.

Equivale a dizer, a familia d'Austria. Para comprehender bem a geographia historica, é preciso conhecer *as principaes familias da Europa*. Quando digo *as principaes familias da Europa*, quero apenas designar as dos principaes reis. A mais antiga familia ou casa da Europa é a de Habsbourg que deu á Austria diversos imperadores. Maria Theresa desposou Francisco, duque de Lorena, que tornou-se o chefe da nova casa d'Austria-Lorena hoje reinante. A Austria possuiu durante muitos annos a provincia de Lorena, elevada a ducado.

MARIA.

Comprehendo ; então o duque de Lorena era duque, como o pai de Rosita ?

D. LUIZA.

Não, queridinha. Ha duas especies de duques, de principes, de condes e de marquezes. Uns, nascidos num paiz onde ha um rei, uma rainha ou um imperador, são nobres, fidalgos, como o pai de Rosita ; mas não são soberanos. Os outros governam paizes onde não ha reis ; chamam-n'os então principes soberanos.

LILI.

E que privilegio lhes dá essa soberania ?

D. LUIZA.

Acabo de vê-lo dizer. Elles reinam ; podem mandar fazer moedas de ouro, de prata ou outro qualquer metal com a sua ephigie, e no paiz essas moedas ser-

vem para comprar as cousas que se fazem necessarias : é o que se chama ter o direito de bater moeda. Podem ainda conceder a vida a um homem condemnado á morte, e este direito de perdoar é um de seus mais bellos privilegios. Agora já não esqueceréis o que é ser principe soberano. A segunda casa da Europa é a de Bourbon, descendente de Hugo Capeto. Esta familia divide-se em dois ramos. O primeiro deu á França uma longa serie de soberanos ; o segundo reina ainda na Hespanha. A casa de Brandebourg reina na Prussia, a de Hanovre na Inglaterra, e a de Saboia, que possuia o Piemonte e a Sardenha, reina hoje na Italia, salvo Roma e os Estados do papa. Os descendentes de Bernadotte governam a Suecia. Entre as familias notaveis, ha ainda a casa dos czares na Russia ; esta porém só conheço a partir de Pedro o Grande, que pertencia a dynastia dos Romanoff. De resto consultai a lista dos soberanos actuaes, na Historia Uuniversal.

ROSITA.

Permitti-me uma observação, D. LUIZA : dissestes-nos outro dia que não fazieis caso de titulos ; no entanto fazeis-nos notar hoje que ha casas mais antigas e mais celebres do que outras : vale então alguma cousa descender de uma grande casa ?

D. LUIZA.

Certamente, cara Rosita. Todas vós sabeis que os homens descendem todos de Noé ; são pois, iguaes pela natureza e parentes uns das outros como os Israe-

litas o eram entre si. Mas os homens, iguaes pela natureza, não o são pelas qualidades da alma, do corpo e do espirito ; é esta a origem da nobreza.

Era justo honrar de modo particular aquelles que eram melhores do que os outros ou que possuíam qualidades especiaes que empregavam em beneficio de seus irmãos. Estes homens foram, pois, acatados com respeito e para induzir seus filhos a imital-os como tambem em respeito a sua memoria foram venerados desta sorte. E' pois alguma cousa a pessoa descender de uma familia nobre e antiga, porque isto deixa presumir que um de seus avós possuia talentos ou virtudes superiores nos outros ; mas notai bem que isto obriga os filhos a seguirem o exemplo de seus pais, sem o que não seria justo tributar-lhes honras pelas virtudes de outrem. Outrora havia em França um pessimo costume : se, por exemplo, havia numa familia um sugeito que fosse enforcado, a familia inteira estava deshonorada, ainda mesmo que fosse composta das pessoas mais honestas do mundo, e ninguem quereria desposar a filha ou a irmã de um enforcado.

CARLOTA.

O que era muito injusto. Não é minha culpa si meu pae irmão, ou meu primo é um velhaco ; não se deve desprezar-me senão por meus proprios actos.

D. LUIZA.

Tambem não seria justo respeitar-te pelas acções de outrem, e somente porque teus ascendentes foram pessoas honestas, de superior merecimento. E' muito

honroso descender-se de uma casa antiga ; porém, é mil vezes mais glorioso fazer-se entrar a nobreza na sua familia por um feito héroico, do que encontrar já essa nobreza e nada fazer para conserval-a com dignidade.

SYLVIA.

Não se deve, então, respeito aos reis e aos grandes senhores, quando elles não são virtuosos ?

D. LUIZA.

Ha duas sortes de respeito : aquelle que está no coração, e que se tem pelas pessôas virtuosas, só é devido ás gentes de bem, e não devemos tel-o pelos reis e nobres senhores que, por seus vicios, aviltam a classe a que pertencem. Ha, porém, um respeito exterior que consiste em obedecer aos reis e aos magistrados porque fazem as vezes de Deus sobre a terra. O dever ordena que se mantenha este segundo respeito, quero dizer, que se deve respeitar o titulo a autoridade e a classe, mesmo que se julgue a pessoa pouco digna. Não se devem desprezar as honras concedidas pelo soberano ou pela nação, porque seria supôr que são sempre tributadas á intriga e jamais ao verdadeiro merito, o que não é exacto. Todas vós, queridas meninas, vindes de familias nobres e, justamente por isso, tendes obrigação de ser mais virtuosas do que as outras ; si vos eximirdes a esse dever, não verei em vós mais do que uma filha de Noé, prima de um trapeiro, se bem que um tanto afastada. Respeitarei vosso titulo, isto é, curvar-me-hei á vossa passagem, apezar disso porem, estimar-vos-hei menos

do que a vosso primo, o trapeiro, porque, se elle tivesse tido um avô tão honesto quanto os vossos, ou tivesse recebido vossa educação, talvez fosse muito mais virtuoso que vós.

NOEMIA.

Mas, D. Luiza, a nobreza tem sido em todos os tempos a recompensa da virtude ? Nemrod, primeiro rei dos Assyrios era um ambicioso. Não vemos todos os dias as pessoas tornarem-se nobres a poder de dinheiro ? Daqui a duzentos annos, os filhos destes nobres dirão que descendem de uma casa antiquissima ; quando o caso é que, se seus paes não tivessem enriquecido por meios illicitos e injustos, não seriam então senão plebeus.

D. LUIZA.

Tua reflexão é excellente minha querida Noemia : abusa-se de tudo neste mundo. A nobreza, que devia ser somente a recompensa das virtudes e dos talentos, torna-se muitas vezes o premio da ambição, da avareza e muitos outros crimes. Isto nos prova melhor do que tudo quanto tenho dito, que a nobreza dos nossos antepassados é um titulo bem pequeno e bem equivoco, e portanto só devemos contar com a que adquirimos por nossas proprias acções. Este abuso, concernente aos meios de adquirir-se nobreza, mostra-nos qual tem sido a intenção dos homens ao concedel-a a muitos de seus semelhantes.

Ninguem lembrou-se da ambição de Nemrod quando lhe deram o titulo de rei, mas sim dos grandes serviços que prestára á sociedade, matando os animaes

ferozes e habituando os rapazes á obediencia militar. Um homem enriquece no commercio, dão-lhe titulos de nobreza, suppondo-se com certeza que procedeu dignamente e que essa riqueza é o premio de sua applicação ao trabalho. Vamos ás historias. Começa Lili.

LILI.

Samuel foi ter com Saül e disse-lhe : « Deus te ordena pela minha bocca declarares guerra aos Amalecitas, porque seus peccados chegaram ao excesso, seus crimes tornaram-n'os, bem como tudo quanto lhes pertence, abominaveis aos olhos do Senhor. » A' frente dos Israelitas, marchou Saül contra os Amalecitas ganhando a victoria. Mataram os Israelitas todos os animaes magros, mas conservaram as gordas sob pretexto de offerecel-as em sacrificio a Deus, não ousando Saül impedir que o fizessem. Elle proprio desobedeceu á Deus salvando Agag, rei dos Amalecitas. Deus appareceu então a Samuel e disse-lhe : « Como Saül foi infiel ás minhas ordens, abandonei-o e escolhi outro rei para meu povo. » Samuel affligio-se muito porque amava Saül; entretanto, foi procural-o para communicar-lhe as palavras do Senhor. Querendo o rei tentar desculpar-se, allegando que conservara os animaes para sacrificar-os a Deus, Samuel lhe respondeu : « Deus prefere a obediencia ao sacrificio. » Em seguida, ordenou que trouxessem Agag, que era muito gordo, mas que, mesmo assim, tremia extraordinariamente. Samuel lhe disse : « Já que fizestes chorar tantas mãis, matando-lhes os filhos com a tua espada, tambem farei chorar a tua, » e

assim fallando matou-o. Em seguida, quiz retirar-se, mas Saül lhe disse : « Pequei ; pedi ao Senhor misericordia para mim. » E como retinha o propheta pelo manto, rasgou um pedaço. Diante disto, disse Samuel : « Assim como rasgaste este manto e tiraste este pedaço de sobre o meu corpo, assim tambem Deus te tirará o reino de Israel para dal-o a um homem mais fiel. » Saül disse ainda ao propheta : « Si o povo perceber que o Senhor repudiou-me, recusar-se-ha a obedecer-me; por isso, supplico-vos que me acompanheis afim de que o povo vendo-nos juntos não desconfie de que Deus me abandonou. Samuel teve ainda esta condescendencia para com Saül, mas foi a ultima porque nunca mais durante a sua vida, tornou a vel-o.

CARLOTA.

Já que Saül confessou seu crime e pediu perdão, porque Deus, que é tão bom, não lhe perdoou ?

D. LUIZA.

Deus penetra até o amago dos corações querida menina; sabia, portanto que todo o pezar de Saül provinha unicamente do facto de perder o reino. Como te disse, elle quiz que Samuel se mostrasse ao povo na sua companhia. Si estivesse realmente arrependido de sua falta, teria dito ao phopheta: Apraz-me que o Senhor me tire o reino, comtanto que perdôe o meu crime.

Estou certa que Deus lhe teria perdoado. Devemos arrepende-nos de ter peccado, porque isto desagrada a Deus e não porque o peccado foi, para nós, causa de

alguma infelicidade. Um glotão, que morre por ter comido demasiadamente arrepende-se de ter sido guloso, não porque isto offende a Deus, mas porque sua gula vai causar-lhe a morte. Bem comprehendéis, meninas, que este arrependimento não é verdadeiro nem sincero; pois era o caso de Saül. Continúa Maria.

MARIA.

Deus disse a Samuel : Vai a Belem á casa de Isaï-dentre cujos filhos escolhi um para reinar em lugar de Saül. » Ao ver o primogenito de Isaï, bello e robusto mancebo, suppôz Samuel ser aquelle o escolhido por Deus, que, no entanto, lhe disse: Não é este ; não julgo pelas apparencias como os homens, mas pelo coração. » Os sete filhos de Isaï desfilaram diante de Samuel, mas a nenhum delles escolheu o Senhor. Samuel perguntou então a Isaï : Não tendes outros filhos ? Este respondeu : « Sim tenho ainda um chamado David, que está guardando as ovelhas. » Mandaram vir David, que era de pequena estatura, porém bello de rosto ; e tendo o Senhor feito conhecer a Samuel que era aquelle o seu eleito, este, tomando um vidro de oleo, sagrou-o rei. A partir dessa epocha, o espirito do Senhor communicou-se a David, abandonando Saül do qual se apoderou um espirito maligno, que o atormentava furiosamente. Disseram a Saül que ficaria alliviado se fizesse alguém tocar harpa na sua presença ; ora, como David tocava admiravelmente este instrumento, o rei pedio-o a seu pai. Apenas Saül, conheceu David, amou-o logo, e nomeou-o seu pagem de lança ignorando que fôra sagrado rei. Todas

as vezes que o espirito maligno se apoderava d'elle, David tocava harpa, sentindo-se o pobre rei immediatamente alliviado.

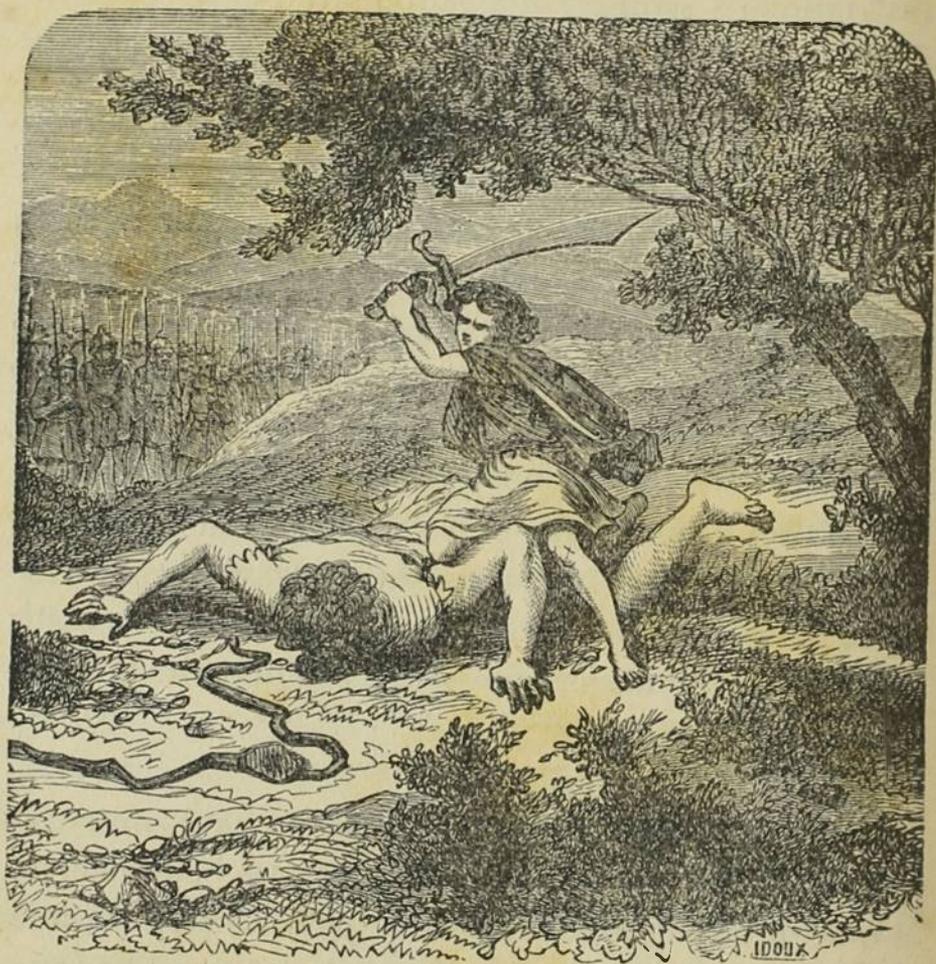
D. LUIZA.

Continúa Carlota.

CARLOTA.

Havia entre os Philisteus um gigante chamado *Golias*, cujas armas bastavam para inspirar terror : este gigante veio desafiar os Israelitas, mas nenhum ousava atacal-o. Como David voltára a pastar o gado, seu pai mandou o levar viveres a seus irmãos então no campo de batalha. Quando alli chegou, vio David que o gigante zombava dos Israelitas e do Deus que adoravam, o que o contrariou bastante. Perguntou então qual seria a recompensa daquelle que o matasse. Responderam-lhe que o rei lhe daria sua filha em casamento. Um de seus irmãos, que ouvira sua pergunta, chamou-o de orgulhoso, acrescentando que faria melhor em voltar a guardar os rebanhos. Ao ter sciencia das perguntas de David, Saül lhe disse: « Meu amigo, quererás porventura combater contra o gigante ? E's ainda uma creança. » David respondeu-lhe : « Quando levava ao pasto os rebanhos de meu pai, ursos e leões vinham, muitas vezes, atacal-os ; eu lhes dava caça, agarrava-os e matava-os ; ora assim como Deus livrou-me da guéla do leão e do urso, tambem póde-me livrar das mãos do gigante. » Saül deu-lhe então suas proprias armas ; porém, como David as achasse demasiado pesadas, tomou apenas sua funda e munio-se de cinco pedrinhas Ao vel-o,

e considerando a sua delicada apparencia, Goliath zombou de semelhante inimigo e disse-lhe : « Sou por acaso algum cão para vires a mim com pedras e um cacête ? Chega-te para cá que darei tua carne as aves do



céo e aos animaes da terra. » « Julgas-te em segurança com as tuas armas, mas eu venho ao teu encontro em nome do Senhor Deus dos Exercitos que me fará ganhar a victoria. » No mesmo instante, avançou para o gigante atirou-lhe um pedra que abrio-lhe uma brecha na testa e matou-o. Em seguida, decepou-lhe

a cabeça com sua propria espada. Ao verem Golias morto, os Philisteus fugiram; ainda assim os Israelitas conseguiram matar grande numero. Esta victoria foi celebrada condignamente; as mulheres tocando instrumentos cantavam; Saül matou mil, e David dez mil. Estas palavras provocaram a inveja de Saül que principiou a detestar David que se sahia bem em tudo quanto emprehendia por ter Deus ao seu lado. Jonathas, filho de Saül, foi mais justo do que seu pai, pois, apreciando a bella acção de David, fez-lhe presente da roupa que vestia, o que era naquelle tempo a maior prova de estima que se podia dar a alguem, e amou-o sempre.

MARIA.

Eu tinha compaixão de Saül, mas principio a não mais me inquietar a seu respeito, por ver a sua maldade para com David, que tão grande serviço lhe prestára e além, disso, praticára um acto tão heroico.

D. LUIZA.

Tem havido monarchas, assim como Saül, invejosos daquelles de seus subditos que praticam bellos feitos, o que é muito indigno e muito injusto. Observai ainda, queridas meninas, que David não disse a Saül: « Devido á minha força, matei um leão e um urso; com a minha força vencerei Golias. E' com o auxilio de Deus que elle confessa ter vencido estes terriveis animaes, e é tambem com o auxilio de Deus que espera vencer Golias.

Tornamo-nos muito fortes, caras meninas, quando

pômos nossa confiança em Deus. Tu, Rosita, que tens de combater inimigos mais temíveis do que os que David venceu, não o conseguirás sosinha, porque isto é impossível ; mas, si o Senhor combater contigo, ganharás a victoria ; é necessario, pois, querida amiguinha, que lhe peças, continuamente, seu auxilio.

SYLVIA.

D. Luiza, ha pouco nos dissestes, fallando das provincias da França, que a Lorena está situada ao nordeste ; como esta provincia tornou-se franceza, uma vez que pertencia á Austria ?

D. LUIZA.

Para dar-te esta explicação, seria preciso contar uma longa historia, e como hoje já é muito tarde para fazel-o, ficará para a proxima vez. Maria, esta será muito mais bella do que os teus queridos contos, porque tudo quanto disser será verdadeiro.

VIGESIMO QUINTO DIALOGO

VIGESIMO TERCEIRO DIA

MARIA.

Nos promettestes da vez passada começar hoje pela historia da Lorena.

D. LUIZA.

Cumprirei a promessa ; antes, porém, é preciso saberdes qual a differença de um reino electivo para um reino hereditario.

MARIA.

Que significam estas duas palavras ?

D. LUIZA.

Diz-se que um reino é electivo, quando os filhos do rei não são herdeiros do throno, podendo o povo dar a corôa a um homem não pertencente á familia real ; diz-se que um reino é hereditario quando a lei obriga a nação a reconhecer por soberano o filho do rei ou seu mais proximo parente. A corôa de França éra hereditaria.

Outrora, o reino da Polonia era electivo, pois o povo escolhia seu rei. Ora, tendo o rei da Suecia vencido os Polacos, obrigou-os a expulsarem o principe rei-

nante e elegerem outro. Este novo rei, chamado Estanislao, era o melhor dos soberanos; mas como o rei destronado lhe tivesse declarado guerra, Estanisláo foi derrotado e obrigado a fugir, disfarçado, em companhia de um fidalgo de sua côrte. Este levava uma bolsa onde estava toda sua fortuna. Um dia, quando dava algumas moedas a um pobre homem, vieram chamal-o para um negocio urgente; sahio, e por felicidade esqueceu-se de guardar a bolsa no bolso, porque tendo Estanisláo sido avisado de que seus inimigos vinham prendel-o, foi obrigado a fugir. Ora, imaginai como se veria embaraçado, se o cor-tezão não tivesse deixado em cima da mesa a bolsa onde estava a sua fortuna. O pobre rei pedio a uns homens, que encontrou no caminho, que ajudassem-n'ó a se esconder; mas, como eram pessoas muito ruins, fizeram-n'ó soffrer toda sorte de males durante diversos dias que teve de ficar com elles. A cada instante, ameaçavam-n'ó de entregal-o aos inimigos, por quei apesar de não saberem que era o rei, suppunham que era algum fidalgo da côrte; foi a felicidade de Estanisláo porque si o tivessem apanhado, tel-o-hiam matado. Afinal, fugio novamente indo refugiar-se no reino de um principe que lhe deu asylo, onde passou muitos annos. Como podeis avaliar, elle perdera todos os seus bens, mas, como era muito religioso, submetteu-se á vontade de Deus, e vivia contente. Esse rei tinha uma filha de raras virtudes, quasi tão piedosa quanto elle. Outra, em seu logar, teria morrido de desgosto por ter seu pai sido destronado; ella, porém, dizia: Na verdade, já que Deus assim o quiz,

mais vale para meu pai ter perdido a corôa do que tel-a conservado. Querendo recompensar a sabedoria e a sensatez dessa princeza. Deus permittio que ella desposasse um rei de França. Apezar de ser mais velha do que elle, e não dotada de grande belleza, o rei amou-a apaixonadamente pelas suas virtudes. Algum tempo depois, houve uma grande guerra que terminou sob a condição de que o duque de Lorena cederia seu paiz a Estanisláo, vindo em troca estabelecer-se noutra provincia mais rica denominada *Toscana*, na Italia. A partir do anno de 1737, Estanisláo então, duque de Lorena occupou-se unicamente de tornar seu povo feliz e fazer bem aos pobres. Desde sua morte, occorrida em 1766, a Lorena pertence á França.

SYLVIA.

Não é esta princeza polaca, filha do rei Estanisláo, que se chamava Maria Leckzinska, que desposou o rei Luiz XV ?

D. LUIZA.

Exactamente: rainha alguma foi mais digna de estima nem soube, mais do que ella, conquistar a affeição de seus subditos. Não deixava escapar uma unica occasião de ser util e de servir aos mais humildes. Estando um dia á janella, em Marly, durante a bôa estação, vio passar uma irmã de S. Vicente, nome que davam ás irmãs de caridade por causa de seu veneravel fundador, S. Vicente de Paula. A bondosa rainha chamou-a : « De onde vindes tão cedo, irmã ? — De Triel, senhora, respondeu-lhe a religiosa sem conhecê-la. — Já andastes muito ; é ainda

longo o percurso que tendes a fazer ? — Contava ir a Versailles, mas talvez não vá além de Marly, visto a côrte ahi se achar. — Tambem tendes negocios na côrte ? — Meus negocios são os do nosso hospital, que é pauperrimo. Ouvi dizer que tinham sido confiscadas muitas peças de fazenda que o administrador geral estava fazendo distribuir pelos hospitaes : eu desejaria muito obter algumas para fazer lençóes e cobertas para os doentes. — Seria uma bôa obra. Quereis que eu me incumba de fallar ao ministro ? — Não ousaria, senhora, fazer-vos este pedido, mas estou certa que vossa recommendação terá muito mais valor que a minha ; além, disso prestareis um grande serviço aos pobres. — Pois bem, irmã, podeis contar commigo, não esquecerei o hospital de Triel. » A religiosa retira-se cheia de gratidão pela amavel desconhecida que acaba de lhe testemunhar tanta bondade ; mas, apenas dá alguns passos, arrepende-se de não ter procurado saber o seu nome. Volta então e dirige-se á janella onde estava ainda a rainha. « Perdoai, senhora, a curiosidade que me faz voltar ; desejaria muito saber quem é a pessoa que tão desinteressadamente me honra com a sua protecção ? » Num sorriso cheio de bondade a princeza respondeu-lhe : « Guardai segredo : é a rainha. »

SYLVA.

Creio que amaria muito esta rainha.

D. LUIZA.

Não duvido, cara amiga, porque ella era tão intelligente quanto bondosa.

Alguns dos seus pensamentos que foram colleccionados, mostram-nos de modo bem evidente a rectidão de seu caracter. « Orgulhamo-nos da nossa classe, é provar que somos inferiores a ella. » — « A miseri-



cordia dos reis é fazer justiça; e a justiça das rainhas é exercer a misericordia. » — « Uma pessoa sensata julga um individuo pelo que contém a sua cabeça; as mulheres frivolas por aquillo que a cerca. » Esquecemos, porém, a lição de geographia. Fallemos agora sobre as outras provincias então situadas ao norte da

França. A Alsacia, por exemplo, cuja capital era Strasbourgo, perto do Rheno e que pertenceu á França, desde o decimo sexto seculo.

LILI.

O que é um seculo, D. Luiza ?

D. LUIZA.

São cem annos. Todos os povos do mundo têm escolhido um grande acontecimento para marcar os annos. Assim os filhos de Noé tomaram o diluvio por era, isto é, pela epocha da qual datavam, o que se chama *era*. Os Gregos contavam os annos pelos jogos olympicos, celebrados de quatro em quatro annos na cidade de Olympia; ao periodo de quatro annos que mediava entre duas celebrações consecutivas dos jogos olympicos, davam elles o nome de olympiada; dahi o habito de se dizer naquella epocha: Fulano viveu dez ou vinte olympiadas.

A era dos Gregos dotava, pois, do tempo em que principiaram as olympiadas. Os Gregos tomaram por era o anno em que Roma foi edificada; assim, diziam:

Tivemos tal guerra no anno 200 de Roma, isto é, duzentos annos após a edificação de Roma. A era dos Christãos data do nascimento de Jesus-Christo; si eu te perguntar Lili em que anno estamos, que me responderás ?

LILI.

Que estamos no anno de 1865.

D. LUIZA.

Que quer isto dizer, Sylvia ?

SYLVIA.

Quer dizer que são passados mil oitocentos e sessenta e cinco annos após a vinda de Nosso Senhor Jesus-Christo ao mundo.

MARIA.

Todos os dias na oração eu digo que creio em Jesus-Christo; entretanto, D. Luiza, não comprehendo muito bem o que digo.

D. LUIZA.

Porque a recitas como um papagaio, sem menor attenção. Acabemos a geographia; em seguida, recitarás lentamente o *Credo*; far-te-hei então observar o que elle encerra concernente a Jesus-Christo, até terminarmos a Historia sagrada, chamada antigo Testamento, que é a narração de tudo quanto Deus fez pelos homens antes do nascimento de Jesus-Christo; depois que souberdes bem esta historia, aprenderemos o Novo Testamento, isto é, a historia de Nosso Senhor Jesus-Christo, durante o tempo que elle passou sobre a terra.

Fallemos da Alsacia e da sua capital. Lorena tinha por capital Nancy. Depois de Lorena, um pouco para o Noroeste, tinhamos os Paizes-Baixos francezes ou a provincia de Flandres, cuja capital era Lille; em seguida vinha o Artois.

Seguindo sempre para o lado do Oeste, entrava-se na Picardia, capital Amiens, sobre o Somme; vinha, após, a Normandia, tendo por capital Rouen, sobre o Sena; a Ilha de França tem por capital Paris; final-

mente entre a Ilha de França e a Lorena, achava-se Champagne cuja capital era Troyes. Devo, porém, prevenir-vos, caras meninas, que estas divisões, se bem que necessarias para se conhecer e comprehender bem a historia de França, não mais existem. Em 1790, as trinta e duas provincias foram divididas em departamentos, hoje em numero de oitenta e nove ; são elles os seguintes. 1º a Lorena que foi dividida em quatro departamentos a saber: Mosella, capital Metz; Meurthe, capital Nancy; Vosges, capital Epinal; Mosa, capital Bar-le-Duc. 2º Flandres, hoje departamento do Norte, capital Lille. 3º O Artois que formou o departamento do Pas-de-Calais, capital Arras. 4º A Picardia, hoje departamento de Somme, capital Amiens. 5º A Normandia conta cinco departamentos todos importantes ; são os seguintes : o Sena-Inferior, capital Rouen ; Calvados, capital Caen ; Eure, capital Evreux ; a Mancha capital Saint-Lot ; Orne, capital Alençon. A Ilha-de-França compõe-se hoje de cinco departamentos, que são : Sena capital Paris ; Sena-et-Oise, capital Versalhes ; Sena-et-Marne, capital Melun ; Oise capital Beauvais ; Aisne, capital Laon. 6º A Champagne divide-se em quatro departamentos ; Marna, capital Châlons-sur-Marne ; Haute-Marne, capital Chaumont ; Aube, capital Troyes ; Ardennes, capital Mezières. 7º A Alsacia que forma o departamentos do Haut-Rhin, tem por capital Colmar ; e o Bas-Rheno capital Strasbourg.

Agora, para passar das cousas terrenas, tão passageiras, ás cousas eternas, que são immutaveis, recita o Credo, Maria.

MARIA.

« Creio em Deus Padre todo poderoso, creador do céu e da terra, e em Jesus-Christo, um só seu filho, Nosso-Senhor. »

D. LUIZA.

Dizes todos os dias que Jesus-Christo é filho unico de Deus, do pae todo poderoso, daquelle que creou o céu e a terra ; acrescentas que elle é nosso Senhor, nosso rei, nosso juiz, aquelle que tem o direito de nos dictar leis ; pois a palavra *senhor* exprime tudo isto. Vejamos agora o que fez Jesus-Christo.

MARIA.

« Foi concebido por obra e graça do Espirito-Santo, nasceu de Maria Virgem, padeceu sob Poncio-Pilatos, foi crucificado, morto, sepultado, desceu aos infernos ; ao terceiro dia, ressuscitou dos mortos, subio aos céos, está sentado á mão direita de Deus Padre todo poderoso, de onde ha de vir julgar os vivos e os mortos. »

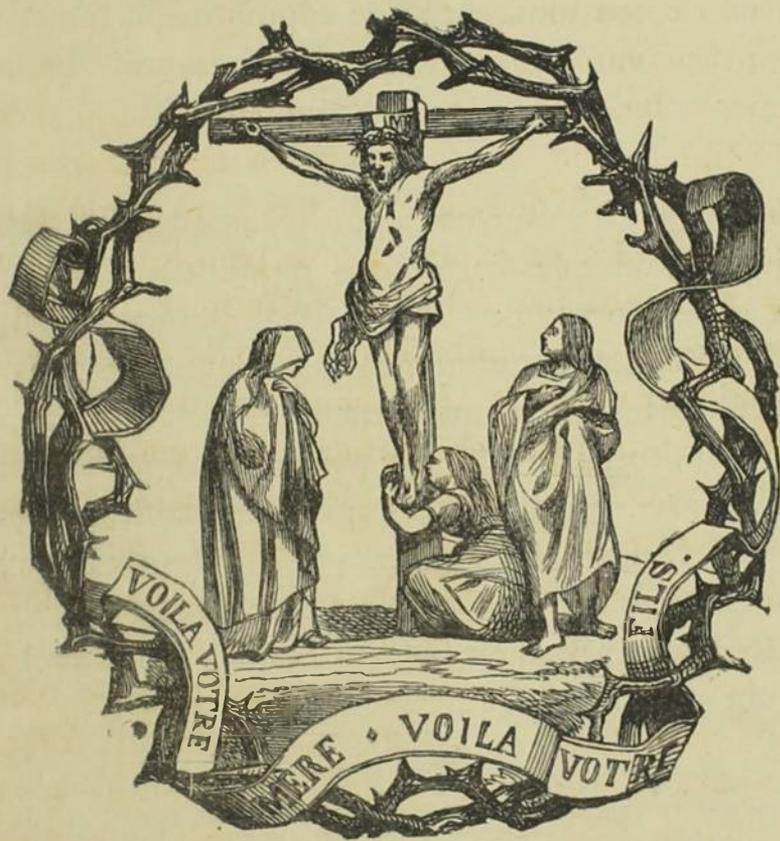
D. LUIZA.

Uma vez que Jesus-Christo veio ao mundo por obra e graça do Espirito-Santo, que nasceu da Virgem Maria, porque motivo se fez homem, elle que era Deus ? Para reconciliar seu pai com os homens que são todos peccadores ; para vir fazer penitencia de nossos peccados e expial-os, soffrendo e morrendo sob Poncio Pilatos. Como Deus é muito justo, é forçoso que elle castigue o peccado, e Jesus-Christo, por amor de nós, offereceu-se para soffrer esse castigo.

Se quizerdes saber quanto é horrivel o peccado, pensai em tudo que Jesus-Christo soffreu para nos obter de Deus o perdão. Os Judeus prenderam-n'o, amararam-n'o, esbofetearam-n'o, cuspiram-lhe no rosto ; depois disso, chicotearam-n'o ; em seguida, pozeram-lhe na cabeça uma corôa de espinhos, de modo que estes rasgavam-lhe as carnes. Representai-vos, caras meninas, Jesus-Christo em semelhante estado, o corpo todo dilacerado, o rosto coberto de escarros e de sangue coalhado que escorrera das feridas que os espinhos lhe fizera na cabeça ! Pois bem, queridas amiguinhas, ainda não é tudo ! Neste miseravel estado, pozeram-lhe aos hombros uma pesada cruz e obrigaram-n'o a carregal-a até o cimo de uma alta montanha : estando elle muito fraco, cahio em meio do caminho, mas não julgueis que lhe tiraram a cruz ; contentaram-se apenas de mandar um homem ajudal-o. Chegando ao cume da montanha, deitaram-n'o sobre a cruz, pregaram-lhe os pés e as mãos com grandes cravos ; em seguida, deixaram-n'o morrer sobre essa cruz. Chorais, queridas meninas, e tendes bem razão, porque, afinal, foi por amor de vós que elle soffreu todos estes tormentos ; para vos impedir de ir para o inferno, para vos obter a graça do céo. Se tivesseses praticado um crime, sendo por este motivo condemnadas á forca, e que eu fosse ter com o rei e lhe dissesse : « Sire, perdoai a Sylvia e a Rosita ! » ; e que o rei me respondesse : « Não é possivel ; ellas praticaram um crime, é preciso que sejam castigadas ; » e que eu respondesse ao rei : « Pois bem ! perdoai sire, eu serei enforcada em logar dellas ; não é

verdade que jamais me esquecerieis, e que todos os dias dirieis :

« Pobre D. Luiza, sem a sua intervenção, ha muito que eu teria sido enforcada ; é preciso que me esti-



masse muito para fazer semelhante sacrificio ; se ella podesse ressuscitar, dar-lhe-ia tudo que possui e amal-a-hia acima de todas as cousas.

ROSITA.

Oh ! sou bem ingrata em nunca ter pensado em tudo quanto Jesus-Christo soffreu por mim, quando, no entanto, gosto tanto daquelles que me fazem

bem ! Outro dia, minha prima Noemia vos pediu licença para comer commigo na cosinha para attenuar a minha humilhação ; pois bem ! ainda que eu vivesse cem annos, nunca esqueceria a sua bondade nem a amizade que me testemunhou nessa occasião ; eu a estimo e sou-lhe reconhecida por isto e, no emtanto, não penso em amar Jesus-Christo que muito mais fez por mim.

D. LUIZA.

Fizeste peor cara Rosita, pois, em vez de amar Jesus-Christo, o offendeste muito e repetidas vezes. Elle falla ao teu coração : « Minha filha, quando te deixas levar pela colera, quando faltas aos teus deveres, tu me offendes, a mim que tanto te amei ; ouve-me, corrige-te, torna-te bôa, porque sem isto não entrarás no paraizo e será inutilmente que hei soffrido tanto por ti. » Conservas-te surda, porém, despresas suas admoestações.

Não é isto ser mais ingrata e mais insensivel do que um animal ?

ROSITA.

Asseguro-vos, D. Luiza, que isto é o resultado da pouca attenção que se presta a essas cousas. Todos os dias eu rezo o Credo, com menos attenção, porém, que se cantasse uma ballada.

MARIA.

Nunca mais poderei deixar de chorar quando o rezar ; e, já que Jesus-Christo, que tanto me ama, exige apenas que eu seja bôa, asseguro-vos que não esqueceri o que me aconselhais para me corrigir.

Entretanto, D. Luiza, como houve creaturas tão malvadas a ponto de fazerem Jesus-Christo sofrer tanto ? Que mal lhes tinha elle feito ?

D. LUIZA.

Jesus-Christo nasceu entre os Judeus, e descendia de Abrahão e de David : eis aqui o que fizera a estes mesmos Judeus : curou os doentes, ressuscitou os mortos, fez bem a todos, mas exprobava aos padres e a hypocritas denominados Phariseus, sua hypocrisia e seus vicios. Como o povo ouvia e acompanhava Jesus-Christo, elles conceberam um inveja tal que, por pouco, não enlouqueceram. Enganaram então o povo dizendo-lhe que Jesus era um impostor, um malvado, motivo pelo qual fizeram n'ó morrer daquella maneira barbara e cruel, como vos contei. Mas, tres dias depois, elle sahio vivo do tumulo, e depois de ter ficado neste mundo, ainda durante quarenta dias, subio ao céo em presença de várias pessoas. Está sentado á direita de Deus, seu pai, de onde virá julgar todos os homens no dia do juizo final. Tudo isto achareis no Evangelho, onde Nosso-Senhor se mostra Deus e homem por compaixão pelas nossas misérias, pela sua justiça, sua bondade, seus milagres, sua divina misericordia. Elle vem reformar a antiga lei, por vezes cruel, como vemos no Velho Testamento. Continúa, Maria.

MARIA.

Como a colera e a inveja de Saül contra David augmentava cada dia, resolveu aquelle fazel-o perecer. Disse-lhe, pois, que lhe daria sua filha Michol em casa-

mento, se matasse cem Philisteus, suppondo que, por fim, David havia de encontrar algum que o matasse; tambem Deus, porém, o protegeu fazendo-o matar duzentos em vez de cem, de modo que Saül foi forçado a dar-lhe sua filha. Um dia estando David a tocar harpa na sua presença, Saül tentou varar-lhe o corpo com a lança e, como este se refugiasse em sua casa, o rei mandou os soldados prenderem-n'o. Então Michol, sua mulher, fêl-o descer pela janella e, depois de ter posto uma boneca na cama, com o gorro de seu marido, disse aos soldados que elle estava doente, dando assim a David, tempo de fugir. Jonathas enviou todos os esforços para induzir seu pai a restituir a David a antiga amisade, mas, vendo que todos os meios ^{seriam} improficuos, aconselhou seu amigo a fugir, firmando-se nessa occasião entre os dous, diante do Senhor, um pacto de eterna amisade. Ao fugir, foi David ter com o Summo-Sacerdote Abimelec, e pedio-lhe que lhe dêsse tres pães e armas. Ignorando o seu rompimento com Saül, deu-lhe Abimelec, cinco pães e a espada de Goliath; como, porém um Idumeo, servo de Saül, tivesse presenciado o facto, foi ter com seu senhor ao qual referio o occorrido. Este decretou immediatamente a morte do Summo-Sacerdote e todos os seus, se bem que Abimelec lhe demonstrasse estar innocente. Como os soldados não ousassem tocar no pontifice, Saül ordenou ao Idumeo que o matasse, o que este fez immediatamente. Alom disso, fez perecer oitenta e cinco immoladores, mandou destruir uma cidade que lhes pertencia e degolar as mulheres e as creanças, até mesmo as de peito.

CARLOTA.

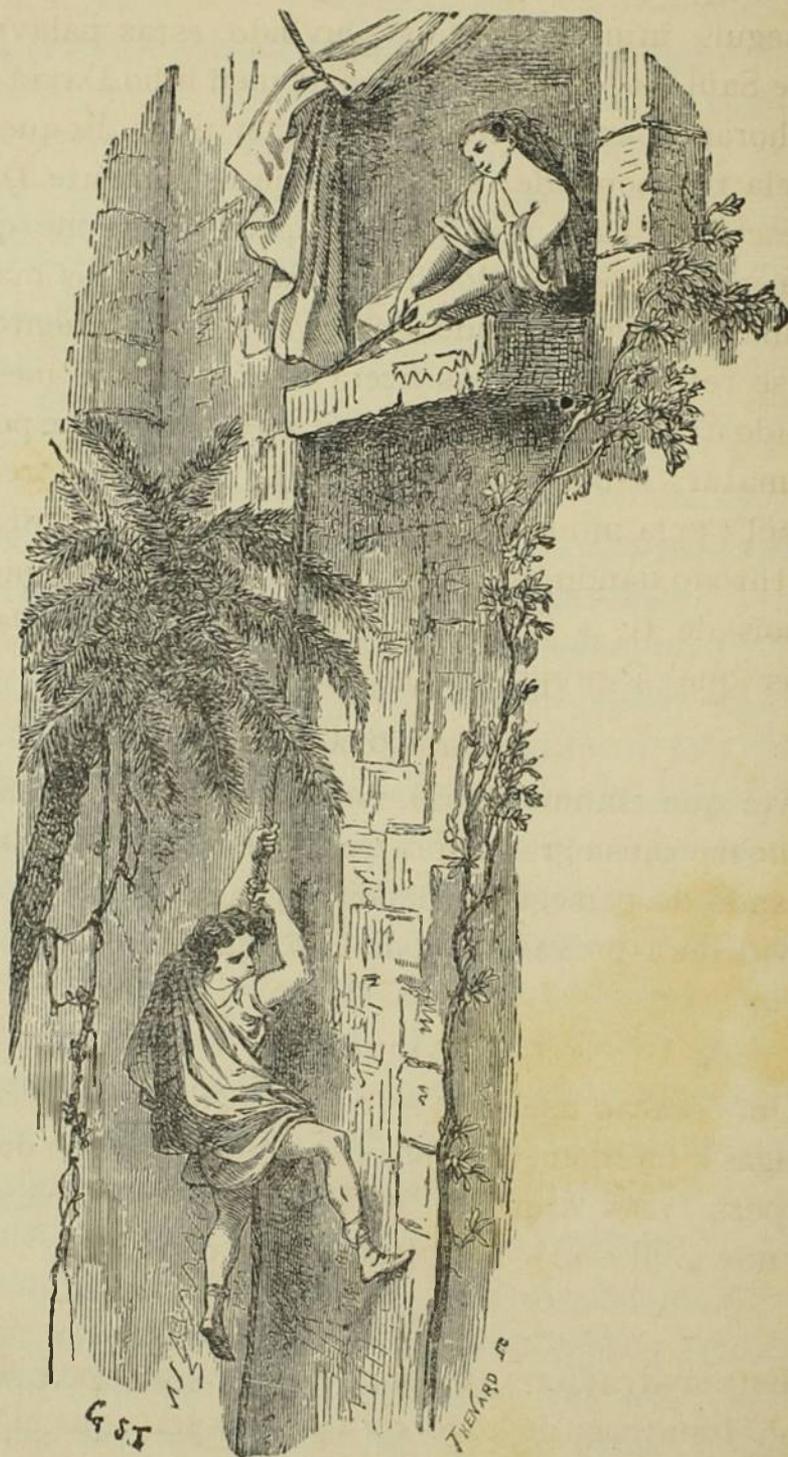
Oh ! Como Saül era malvado ! Porque não o castigou Deus ?

D. LUIZA.

Tem paciencia, Carlota ; Deus supporta durante muito tempo o peccador, vai amontoando seus crimes até que afinal sua bondade se cansa, e chega o momento em que faz cahir o raio, durante tanto tempo suspenso sobre sua cabeça. Continúa Maria.

MARIA.

Saül procurava David em todos os logares onde julgava poder encontral-o. Ora, um dia, estando David, bem como sessenta dos seus partidarios, occultos no fundo do uma gruta, Saül teve uma necessidade que o obrigou a alli entrar. Ora, como bem sabeis, quando se sahe de um logar claro e se entra num escuro, nada se vê ; Saül, pois, não vio David, mas este vio-o perfeitamente. Aquelles que o acompanhavam aconselharam-lhe a matal-o ; David, porém, respondeu-lhes : « Deus me guarde de pôr as mãos sobre meu rei, sobre aquelle que foi sagrado com o santo oleo. » Contentou-se apenas de cortar-lhe um pedaço da aba do manto e, ainda assim, arrependeuse depois, temendo haver faltado com o respeito ao rei. Quando Saül se retirou, David subio ao rochedo e chamou-o dizendo-lhe : « Senhor, porque dais crédito ás intrigas daquelles que vos dizem mal de mim ? Uma vez que pude cortar a aba de vosso manto, podia tambem vos matar, entretanto vos poupei, vos respeitei, porque sois



meu rei ; Deus será nosso juiz, pois bem : sabeis que me perseguis injustamente. » Ouvindo estas palavras, disse Saül : « Não é esta a voz de meu filho David ? » E, chorando acrescentou : « E's mais justo do que eu e, pela tua bondade, reconheço que certamente Deus te escolheu para rei ; jura-me pelo seu nome que, uma vez empossado do throno, não mandarás matar minha familia. » Tendo David feito o juramento, o rei se retirou. Jonathas fizera a seu amigo o mesmo pedido e dissera-lhe : « Coragem, meu pai não te poderá matar, sabendo perfeitamente que serás rei de Israël ; pela minha parte não terei inveja de subires ao throno, dando-me por satisfeito em ser o primeiro depois de ti. » O principe Jonathas amava David mais que á propria vida.

CARLOTA.

Até que emfim, vejo David reconciliado com Saül, o que me causa grande prazer. Espero que o rei tenha deixado de perseguil-o depois da indulgencia de que David dera provas, poupando-o, quando podia matal-o.

D. LUIZA.

Um coração máo não se coirige tão depressa. carvas amigas : ha momentos em que se envergonha da sua torpeza, mas esquece logo esta vergonha para ser de novo vil e máo como succedeu com Saül,

SYLVIA.

Este malvado rei tinha, entretanto, um bom filho ; amo Jonathas de todo coração. Espero que David o terá feito muito feliz depois de se ter tornado rei.

D. LUIZA.

David não teve este prazer, minha bôa Sylvia, pois Jonathas foi morto antes da sua realza, como veremos mais adiante. Continúa, Lili.

LILI.

Morrendo Samuel por essa epocha, David retirou para o deserto, perto do monte Carmel. Havia naquelle paiz um homem immensamente rico, porém muito grosseiro, chamado *Nabal*.

Este homem era casado com uma mulher de rara belleza e excessiva prudencia, chamada Abigaïl. Sabendo que Nabal mandava tosquiar os rebanhos no monte Carmel, mandou-lhe David os seus emissarios, incumbidos de comprimentarem-n'o em seu nome e scientificaram n'o de que durante todo tempo que estivera no deserto com sua gente, tivera cuidado de que não se lhe causasse o menor damno e que, portanto, rogava-lhe, segundo o costume, que lhe fizesse um pequeno presente. Em vez de attender a tão justo pedido, disse Nabal áquelles que lhe tinham sido enviados : « Não conheço este David ; o mundo está cheio destes escravos que fogem da casa de seus senhores. » Ao ter conhecimento de semelhante grosseria, David partio com quatrocentos homens, jurando fazer perecer Nabal e todos que lhe pertencessem. Um dos pastores, informado desta resolução, foi ter com Abigaïl ao qual disse : « Estes homens respeitaram-nos, comtudo, quanto possuíamos na montanha ; mas, como nosso senhor excitou-lhes a colera com a sua recusa, marcham agora sobre nós . »

Abigaïl levantou-se promptamente e tendo preparado grande porção de mantimentos, foi ao encontro de David ao qual fallou com tanta sabedoria, que o desarmou por completo. Este, comprehendendo então que estivera prestes a commetter um grande peccado vingando-se de Nabal, agradeceu-lhe o tel-o impedido de praticar tal crime. De volta á casa, Abigaïl encontrou o marido banquetecendo-se lautamente em companhia de amigos; mas, notando que estava embrigado, resolveu adiar para o dia seguinte a narração dos factos occorridos. Ao ter sciencia do perigo por que passara, Nabal ficou tão atterrorisado que adoeceu, morrendo oito dias depois. David disse então comsigo: « Como eu suffoquei a minha colera e o desejo de vingar-me, o Senhor vingou-me elle proprio. » No mesmo instante, lembrou-se de Abigaïl que tivera a providencia de abrandar-lhe a ira e, calculando o valor d'aquella mulher que, se vivesse em sua companhia o impediria de praticar muitos erros, mandou pedil-a em casamento e desposou-a. Já então tinha David duas mulheres, Michol e Abinoham.

Entretanto, Saül, já esquecido de que David lhe havia respeitado a vida, mandou reunir um numeroso exercito, no intuito de perseguil-o. Logo após a chegada das tropas a uma planicie, armaram as barracas para a noite, cabendo a Abner e seus soldados a incumbencia de vigiar a do rei. Como porém, em vez de ficarem de atalaia elles se deixassem vencer pelo somno, David, escoltado por um de seus alliados penetrou na tenda onde repousava Saül. Aquelle que o acompanhava pediu-lhe permissão para matar o rei,

mas David recusou-lh'a dizendo : « Aquelle que tocar no ungido do Senhor, não será innocente. » Em seguida partio contentando-se de levar a taça e a lança de Saül e, uma vez longe gritou, de modo a ser ouvido por Abner : « Realmente, sois muito honrado ! verdade é que mereceis a morte por não terdes sabido velar pelo vosso rei. » Tendo despertado e ouvindo estas palavras, Saül chamou novamente David seu filho, concordando que era mais leal do que elle proprio. Chegou mesmo a prometter-lhe que nunca mais lhe faria mal, mas David, conhecendo-o demasiado para acreditar na sinceridade de suas promessas, preferio refugiar-se em outro lugar.

NOEMIA.

Já me causa indignação este Saül com suas promessas jamais cumpridas. Realmente, era preciso que David fosse muito bom para não se desembaraçar, de uma vez, de um homem que tão encarniçadamente o perseguia.

D. LUIZA.

Mas este homem era seu rei, era seu sogro. Então, pelo facto de Saül ser máo, David tambem devia tornar-se máo como elle ? Que se tornaria o mundo, queridas meninas, se cada qual se julgasse autorizado a vingar-se ?

Devemos deixar este encargo á justiça dos homens, e, caso por este lado nada se consiga, á justiça de Deus. David acabava de verificar que Deus o vingára de Nabal sem a sua intervenção ; evitava, portanto, arriscar-se novamente a praticar um crime.

ROSITA.

Apezar, porém, de tão paciente, David era bem infeliz pois, a cada momento, via-se em perigo de vida. Como se ainda não bastasse, era obrigado a viver nas florestas, privando-se das cousas mais necessa-



rias quando, entretanto, era o verdadeiro rei tendo sido, desde algum tempo, sagrado por Samuel.

D. LUIZA.

Preferirias, então, ser Saül em vez de David ?

ROSITA.

Não, D. Luiza, de modo algum desejaria estar no lugar de Saül, pois julgo-o ainda mais desgraçado do que David.

D. LUIZA.

Tens razão, querida menina. Não se deve lastimar aquelles que são virtuosos, a cujo numero pertencia David. Não são os incidentes de vida, as privações, a pobreza, que tornam os homens infelizes; todas estas cousas são males corporaes: ora, tú e teu corpo são duas cousas diversas. Este é apenas um estranho, o involucro da tua alma, e, por este motivo os males deste corpo não teem importancia senão á medida que a tua alma a elles se associa. Se eu gostar muito de um vestido meu ficarei contrariada vendo-o rôto ou manchado, mas se eu fôr razoavel, consolar-me-hei bem depressa.

David sabia perfeitamente que, supportando todos os soffrimentos, que lhe advinham de Saül, prejudicaria apenas seu physico, ao passo que, se se tivesse vingado, prejudicaria tambem sua alma. Ora, esta, sendo elle proprio, devia interessal-o muito mais que o corpo, que era apenas o seu involucro.

CARLOTA.

Entretanto, o meu corpo é tanto quanto a minha alma, o meu *eu*.

D. LUIZA.

Enganas-te, minha filha. Quando morreres, os vermes comerão a tua carne, teus ossos se desfarão em pó; todavia, continuarás a existir porque tua alma ficará tal qual é, pois bem sabes que é immortal.

CARLOTA.

Já m'o disseram, mas não sei como póde ser isto.

D. LUIZA.

Algum dia comprehenderás. Quando estiveres mais adiantada, trataremos destas cousas ainda muito difficeis para ti. Vejamos agora se a historia de Abigaïl não nos offerece qualquer assumpto de reflexão.

NOEMIA.

Certamente, D. Luiza ; parece-me que David procedeu como um homem sensato : se elle desposou aquella mulher, não foi por ser bella e rica, mas pela prudencia de que deu provas acalmando-lhe a colera, impedindo-o de commetter um crime. Elle esperava sem duvida, que, em muitas outras occasiões, ella lhe prestaria igual serviço.

D. LUIZA.

Tua observação é justa. Nada é mais precioso do que um amigo que nos estime bastante para avisar-nos quando estamos prestes a fazer qualquer asneira ; devemos, portanto, preferir-o ás mais valiosas cousas.

David obrou ,pois, como homem de juizo desposando Abigaïl.

MARIA.

No emtanto elle já tinha mais duas mulheres ; porventura é isto licito ?

D. LUIZA.

Outrora, era permittido ter muitas mulheres, hoje, porem, entre os christãos já não o é, porque Jesus-Christo o prohibio.

SYLVIA.

Folgo muito em sabel-o. Si um marido podesse

ter diversas mulheres, nunca me casaria, porque então não poderia ser senhora em minha casa, além de que imaginaria sempre que meu marido amaria mais suas outras mulheres do que eu.

D. LUIZA.

O que equivale a dizer que estás disposta a ser ciumenta, queridinha ; serias então muito infeliz se tivesses nascido na China.

MARIA.

Os Chinezes têm muitas mulheres ?

D. LUIZA.

Sim, bem como quasi todos os povos da Asia. Como ainda nos resta um quarto de hora, vou contar-vos, como se fazem os casamentos na China. Antes de tudo, convêm notar que as mulheres chinezas não saem a pé, e que, alem de seus paes e maridos, não veem outros homens.

NOEMIA.

Como se podem então casar, D. Luiza. Um rapaz não tem a liberdade de ver uma moça, quando quer desposal-a ?

D. LUIZA.

Não são aquelles que devem-se casar, que tratão do casamento ; são os paes. Um homem que tem um filho vai ter com outro que tem uma filha, informa-se das suas qualidades e se a julga digna de seu filho, pede-a para elle. Se o pae accedeu ao pedido, vai dizer a sua filha que acaba de casal-a. Vestem-n'a, então

com as suas mais ricas vestimentas, fecham-n'a numa especie de liteira, e conduzem-n-a á casa de seu marido. O recém-casado aguarda com impaciencia o momento de ver sua mulher. Algumas vezes, fica satisfeito com o contracto, outras vezes a mulher não lhe agrada ; mas não julgueis que elle a maltrate, pois respeita muito seu pae que lh'a escolheu. Durante oito dias, vive com ella, mas ao cabo deste tempo, pede-lhe permissão para escolher outra mulher entre as que lhe foram dadas para servir-a. Esta permissão lhe é sempre cocedida, porém a outra mulher-escolhida por seu marido continúa sempre sua criada ao passo que ella será sempre a dona da casa ; os filhos da criada chamal-a-hão de mãe e viverão sob sua dependencia.

ROSITA.

Tanto melhor ! E' já uma consolação ser sempre a senhora. Se esta criada fosse insolente, poderia ella castigal-a ?

D. LUIZA.

Sem duvida ; isto, porém não acontece : a criada sabe que deve respeitar sua senhora e procura conquistar sua estima para si e seus filhos. A senhora, em attenção a seu marido, e para fazer-se amar por elle, trata bem a mulher que elle estima. Deste modo vivem todos na melhor harmonia.

NOEMIA.

Os Chinezes são porventura, mais sensatos do que os outros povos ? Li na historia da vida de Dionysio,

tyrano de Syracusa, que elle desposára duas mulheres no mesmo dia, tendo tambem descoberto o segredo de fazel-as viverem em paz. Ora, ainda a proposito deste mesmo factõ. ouvi um homem dizer que isso provava que Dionysio era o homem mais habil do mundo, pois nada era mais difficil do que manter a paz entre duas mulheres que vivem na mesma casa e que devem partilhar entre si a autoridade.

D. LUIZA.

Este homem tinha razão, tanto mais que ambas as mulheres de Dionysio tinham filhos e era natural que se disputassem o throno para elles. Mas, na China, a união é menos difficil : si a esposa tem filhos, estes estão sempre acima dos da criada, e de resto, meninas, a educação faz tudo. Desde a infancia, as moças ficam inteiradas de que é este o costume do paiz, de modo que, scientes disto, não lhes parece extraordinario o factõ.

LILI.

Uma vez que nunca sahem, estas pobres mulheres devem-se aborrecer mortalmente.

D. LUIZA.

Disse-te que não sahem a pé, mas que vão em liteiras, hermeticamente fechadas, visitar suas amigas. E' muito vergonhoso para uma mulher chineza apparecer em publico; só ás pobres ou ás deshonestas isto é permittido. Demais, ainda que as senhoras de sociedade gostassem de andar a pé, não poderiam ir muito longe, devido aos pés.

MARIA.

São então diferentes dos nossos ?

D. LUIZA.

Quando nascem, seus pés são como os nossos, mas tem o cuidado de dobrar-lhes os dedos para o lado de dentro e amarral-os com um cordãozinho. De modo que, quando as chinezas crescem, os dedos dos pés parecem collados á planta, como ficam os nossos quando fechamos a mão.

Não se sabe quem inventou este systema, mas provavelmente, quizerão, por este meio, ensinar as moças que não devem gostar de andar abaixo e acima, e que o seu logar é em casa onde devem ficar para cuidar dos filhos e dos arranjos domesticos. Aquellas que, dentre vós, desejarem conhecer melhor a China, poderão ler a viagem de um missionario, o abbade Huc, escripta pouco antes da guerra ter aberto á França e á Inglaterra o interior deste curioso paiz e os portos da Conchinchina e do Japão (1).

(1) Depois d'alguns annos, a China e o Japão, modernisam-se, adoptando os costumes europêos.

VIGESIMO SEXTO DIALOGO

VIGESIMO QUARTO DIA

MARIA.

Ha muito tempo que não nos contaes uma historia.
D. Luiza ; não teremos uma hoje ?

D. LUIZA.

Certamente, queridinha. Antes, porém. Noemia vai dizer-nos o que sabe sobre as provincias outrora situadas no interior da França.

NOEMIA.

Estas provincias, que eram dezesete, formão hoje trinta e cinco departamentos. 1º A Bretanha dividida em cinco, a saber: Ille-et-Vilaine, capital Rennes; Loire-Inferior, capital Nantes; Morbihan, capital Vannes; Côtes-du-Nord, capital Saint-Brieux; Finistère, capital Quimper. 2º O Maine, do qual se forma o departamento de Mayenne, capital Laval, e o de Sarthe, capital Mans. 3º O Anjou, departamento de Maine-et-Loire, capital Angers. 4º A Touraine, departamento de Indre-et-Loire, capital Tours. 5º O Orléanais dividido em tres departamentos a saber: Loiret, capital Orléans; Eure-et-Loire, capital Chartres; Loir-et-

Cher, capital Blois. 6º Poitou, também dividido em tres departamentos : Vienne, capital Poitiers ; Deux-Sèvres, capital Niort ; Vendée, capital Bourbon-Vendée. 7º Berry, formando os seguintes departamentos : Indre, capital Châteauroux, e Cher, capital Bourges. 8º O Nivernais : departamento de Nièvre, capital Nevers. 9º O Bourbonnais : departamento de Allier, capital Moulins. 10º A Bourgogne dividida em quatro departamentos : Côte-d'Or, capital Dijon ; Saône-et-Loire, capital Mâcon ; Ain, capital Bourg ; Yonne, capital Auxerre. 11º O Franco-Condado formando tres que são : Haute-Saône, capital Vesoul ; Doubs, capital Besançon ; Jura, capital Lons-le-Saulnier. 12º Saintonge e o Angaumois que formão o departamento de Charente, capital Angoulême. 13º Aunis, que se tornou em Charente-Inférieure, capital La Rochelle. 14º La Marche, departamento de Creuse, capital Guéret. 15º Limousin dividida em dois departamentos : Haute-Vienne, capital Limoges, e Corrèze, capital Tulle. 16º Auvergne que formou o Puy-de-Dôme, capital Clermont-Ferrand, e Cantal, capital Aurillac. 17º Finalmente o Lyonnais : departamento do Rhône, capital Lyon, e o de Loire, capital Montbrisson.

D. LUIZA.

Eis ahi uma nomenclatura um tanto fastidiosa e que demonstra a bôa memoria de Noemia e a vossa paciencia, queridas meninas, em seguil-a no mappa. Entretanto, podeis tirar d'ahi um grande proveito ; advinhas qual seja elle, Sylvia ?

SYLVIA.

Creio que sim. Quasi todos os departamentos teem o nome dos principaes rios que as atravessam ou de alguns montes notaveis como o Jura, o Puy-de-Dôme, o que ajuda a recordar o paiz e os cursos de água.

D. LUIZA.

Muito bem, mas basta por hoje sobre este assumpto. Passemos ao conto que vos prometti.

Havia um homem que tinha duas filhas gêmeas, ás quaes pozera nomes perfeitamente adequados. A mais velha, dotada de rara belleza, chamava-se Bella ; e a segunda, de um physico intoleravel, chamava-se Feiosa. Ambas tiveram professores e até a idade de doze annos foram applicadas aos estudos. Nesta época, porem, a mãe, esquecendo-se de que ainda lhes faltava muito que aprender, commetteu a imprudencia de leval-as comsigo a todas as festas. As duas meninas, muito amigas de se divertirem, ficaram contentissimas de comparecerem ás reuniões, e, desde então, unicamente preoccupadas com esta ideia, mesmo durante as lições, principiaram a aborrecer os mestres. Descobrião mil pretextos para não mais aprenderem : umas vezes iam festejar o dia de seu anniversario natalicio ; outras vezes tinham sido convidadas para um baile e gastavam todo o dia nos penteados, de sorte que, frequentemente, mandavam avisar aos mestres que não viessem : estes, por seu lado, vendo que as meninas já não estudavam, não tinham mais gosto em lhes ensinar, porque n'aquella terra os mestres não leccionavam somente para ganhar, mas

tambem pelo prazer de ver os alumnos progredirem. Assim, quasi que já não iam á casa de Bella e sua irmã, o que lhes causava grande satisfação.

Deste modo, viveram ellas até a idade de quinze annos : por este tempo, Bella tornara-se tão linda que a sua belleza causava admiração a todos que a viam. Quando a mãe levava-as aos bailes os cavalheiros,



muito pressurosos, acercavam-se logo de Bella ; um elogiava-lhe a bocca, outro os olhos, as mãos, o porte esbelto ; e, enquanto lhe prodigalisavam todos estes elogios, ninguem se lembrava que sua irmã existia. Feiosa, louca de desespero, dentro em pouco desgostou-se da vida de sociedade, das festas, onde todas as honras e preferencias eram para sua irmã. Começou, pois, a recusar-se a sahir e, um dia, tendo sido convidada para um baile, disse a sua mãe que estava com dôr de cabeça e preferia, portanto, ficar em casa. A

principio, aborreceu-se mortalmente e, para passar o tempo foi á bibliotheca de sua mãe buscar um romance, mas allí chegando notou que Bella havia levado a chave, o que a contrariou bastante, porque a de seu pai era composta de livros sérios e instructivos, que ella detestava. Mesmo assim, vio-se forçada a escolher um ; este continha uma collecção de cartas e, ao abril-o, deparou com a que se segue :

« Desejais saber porque motivo a maior parte das pessoas bonitas são extraordinariamente ignorantes e sem espirito ? Creio poder explicar-vos a razão d'isso : não é porque tenham nascido com menos intelligencia do que as outras, mas porque se descuidam de cultivar-a. Todas as mulheres são vaidosas, querem agradar : a feia, certa de que não o pode conseguir pelo seu rosto, procura distinguir-se pelo espirito ; partindo deste principio, estuda bastante e consegue, devido a sua instrucção, tornar-se amavel, e agradar apesar do seu physico. A bonita, pelo contrario, basta apparecer para conquistar todos ; sua vaidade está satisfeita, e, como não reflecte muito, não se lembra que a belleza é cousa passageira ; de resto preocupada com os seus adornos, com a ideia de comparecer ás festas, para ser vista, para receber elogios, não lhe sobraria tempo para cultivar o espirito, ainda mesmo que esta necessidade se fizesse sentir.

Depois de ter lido esta carta, que parecia ter sido escripta na sua intenção, resolveu tirar proveito das verdades que acabava de descobrir. Sem mais demora, reclamou os professores, applicou-se muito ao estudo

fazendo reflexões muito acertadas sobre o que lia, e, assim, tornou-se em pouco tempo uma moça de grande preparo. Quando era obrigada a acompanhar sua mãe aos bailes, sentava-se sempre ao lado das pessoas que lhe pareciam instruídas e ajuizadas, interrogava-as e retinha as respostas ditadas pelo bom senso que recebia : chegou mesmo a contrahir o habito de escrever-as para melhor se recordar, e, assim, aos dezeseite annos, falava e escrevia tão bem que todas as pessoas cultas tinham prazer em conhecê-la e corresponderem-se com ella.

As duas irmãs casaram-se no mesmo dia : Bella desposou um principe dotado de muitos encantos e ainda muito jovem, pois contava apenas vinte e dois annos. Feiosa casou-se com o ministro deste principe, homem de quarenta e cinco annos que a estimava muito pelas suas bellas qualidades e dotes de espirito, pois o seu physico não era proprio para inspirar-lhe amor.

Seu marido confessou-lhe que era apenas amisade o que sentia por ella ; isto, porém, não a contrariou, pois não pedia mais. Tambem não invejou a irmã ter desposado um principe que a amava loucamente e vivia tão apaixonado, a ponto de sonhar com ella toda a noite e não poder deixal-a um minuto. Durante tres mezes, Bella viveu muito feliz, ao cabo, porém, deste tempo, seu marido, já farto de contemplal-a, principiou a habituar-se á sua belleza e a dizer consigo que não devia renunciar a tudo por causa da mulher.

Iniciaram-se portanto as caçadas e outras diver-

sões nas quaes Bella não podia tomar parte, o que lhe pareceu muito estranho, persuadida como estava de que seu marido a amaria sempre do mesmo modo.

Desde então vendo que o amor que inspirara tendia a diminuir, julgou-se a pessoa mais infeliz do



mundo e fez recriminações ao principe que se zangou, reconciliando-se porém depois. Mas como as scenas se reproduzissem todos os dias, aborreceu-se de presenceal-as. Além disto tendo tindo um filho, Bella emmagreceu, sua physionomia soffreu certas alterações. Ora o marido que só amava a sua belleza, aborreceu-se della. A dôr que isto lhe causou acabou de

modificar o seu rosto e, como era muito ignorante, a sua conversa não agradava. Os moços enfastiavam-se na sua companhia porque era triste ; as pessoas idosas e de bom senso aborreciam-se tambem, vendo-a tão estúpida, de sorte que a pobre Bella vivia sozinha quasi o dia inteiro, e o que ainda mais augmentava seu desespero era ver a felicidade de sua irmã. O marido consultava-a sobre os negocios, confiava-lhe todos os seus pensamentos, guiava-se por seus conselhos ; enfim, dizia em toda parte que a mulher era o seu melhor amigo. O proprio principe que era um homem muito intelligente, comprazia-se na companhia da cunhada, assegurando que não era possivel estar meia hora junto a Bella sem bocejar porque só sabia fallar sobre módas e vestidos, cousas de que elle nada entendia. Seu desprezo pela mulher tornou-se tão grande que elle a mandou para o campo, onde a pobre Bella se aborrecia mortalmente e onde teria succumbido de pezar se sua irmã não tivesse a caridade de ir vel-a todas as vezes que lhe era possivel. Um dia, quando procurava consolal-a, Bella lhe disse : « Mas, minha irmã de onde vem a differença que existe entre nós ? Não posso deixar de convir que és muito instruida, ao passo que eu sou uma ignorante ; entretanto, quando eramos creanças diziam que eu sabia pelo menos, tanto como tu : » Feitosa contou-lhe a sua aventura, dizendo-lhe. « Estás zangada com teu marido porque te mandou para o campo ; entretanto, o que consideras como a maior infelicidade da tua vida póde fazer a tua ventura, se assim o quizeres. Tens apenas dezoito annos :

se estivesse na côrte unicamente preocupada com festas e distrações, seria tarde para te dedicares ao estudo ; mas o isolamento em que vives te dá tempo de sobra para cultivares a tua intelligencia ; debes illustrar o teu espirito pela leitura e pela meditação ; acredita minha querida irmã que não te arrepende-rás. » A principio Bella achou muita difficuldade em seguir os conselhos de sua irmã, por estar habituada a preencher o seu tempo com tolices ; mas, á força de se dominar, o conseguiu, fazendo admiraveis progressos em todas as sciencias. A' medida que ia fortificando o espirito, e como a philosophia a consolava nos seus pezares, ia tambem readquirindo a saude tornando-se mais bella do que nunca. Mas, já agora, não se preocupava com a sua belleza physica nem mesmo dignava mirar-se ao espelho. Neste meio tempo, o principe, tamanha aversão lhe tomára, que fizera annullar o casamento. Esta ultima desgraça só faltou matal-a, pois Bella amava loucamente o marido ; finalmente, a irmã conseguiu consolal-a. « Não te afflijas, dizia-lhe, conheço o meio de restituir-te teu marido ; segue meus conselhos e deixa o resto por minha conta. »

Como o principe tinha um filho de Bella, que devia ser seu herdeiro, elle não se apressou em tomar outra mulher e não pensou sinão em se divertir bastante. Apreciava immensamente a conversação de Feia e lhe dizia, ás vezes que elle nunca mais se tornaria a casar, a menos que encontrasse uma mulher que tivesse tanto espirito quanto ella. « Mas, si ella fosse tão feia quanto eu, lhe respondia rindo-se ? — Na verdade, senhora, disse o principe, isso não

me impediria de modo nenhum ; nos acostumamos a um rosto feio ; o seu não me parece mais desagradavel, pelo habito que tenho de a vêr ; quando fala, por um triz que não a acho bonita e depois, para fallar verdade, Bella me fez aborrecer as bellas ; cada vez que encontro uma, me metto na cabeça que é estúpida, não tenho coragem para lhe fallar com receio que me responda uma asneira. » Entretanto, chegou o Carnaval e o principe pensou que se divertiria muito si pudesse andar pelos bailes sem ser reconhecido por ninguem. Elle contou á Feia e pediu-lhe para se phantasiar tambem, porque, como ella era sua cunhada, não podiam censurar e, quando soubessem, isso não mancharia sua reputação ; entretanto Feia pediu licença á seu marido, que consentiu, tanto mais quanto fôra elle proprio que instigára essa phantasia ao principe, para poder realisar o plano que tinha de o reconciliar com Bella. Escreveu a esta princeza abandonada, de accordo com sua mulher, que descreveu ao mesmo tempo á irmã o vestuario que o principe traria.. Para o meio do baile, Bella veiu sentar-se entre seu marido e sua irmã e começou uma conversa muito agradavel com elles. A principio, o principe pensou que era a vóz de sua mulher ; mas, fallando ella um quarto de hora, elle perdeu a suspeita que tivera ao começo. O resto da noute passou-se tão depressa (assim a elle pareceu) que esfregou os olhos quando rompeu o dia, acreditando sonhar e ficou encantado do espirito da desconhecida, que elle não pode conseguir que se desmascarasse ; o que pode obter foi que ella viesse ao proximo baile com

a mesma roupa. O príncipe foi um dos primeiros a apparecer ahi; e, posto que a desconhecida chegasse meia hora depois d'elle este a chamou de preguiçosa e lhe disse que estava muito impaciente.

Ficou ainda mais encantado d'ella, esta segunda vez do que da primeira, e confessou a Feia que elle estava apaixonado como um doido por essa encantadora creatura. « Declaro que ella tem muito espirito, lhe respondeu sua confidente; si quer que lhe diga o que sinto, desconfio que é mais feia do que eu; ella sabe que o sr. gosta d'ella e receia perder o seu coração, mostrando-lhe o rosto. — Ah! sra., disse o príncipe, que não possa ella lêr em minh'alma! O amôr que inspirou-me é independente de seus traços; admiro suas luzes, a grandeza de seus conhecimentos, a superioridade de seu espirito e a bondade de seu coração. — Como pôde julgar a bondade do coração d'ella? lhe disse Feia. — Vou dizer-lhe, respondeu o príncipe; quando eu fiz notar he mulheres bonitas, ella as elogiou de bôa fé; fez-me mesmo observar, com finura, bellezas que me tinham escapado. Quando eu quiz, para experimental-a, contar-lhe as más historias que se disiam á respeito d'essas mulheres, ella desviou geitosamente a conversa, e me interrompeu para me contar alguma bôa acção que ellas fizeram e, emfim, quando eu quiz continuar fechou-me a bocca, dizendo-me que não supportava a maledicencia. Vê bem, sra., que uma mulher que não tem inveja das que são bonitas, uma mulher que tem prazer em dizer bem do proximo, uma mulher que não supporta a maledicencia, deve ter um excellente character e

um bom coração. Não se póde deixar de ser feliz com ella, ainda mesmo que seja tão feia quanto a sra. pensa ! Estou resolvido a lhe declarar meu nome e a lhe offerecer de partilhar do meu poder. »

Effectivamente. no primeiro baile, o principe deu-se a conhecer e lhe disse que não haveria felicidade para elle si não obtivesse a mão d'ella. Apesar de seus pedidos, Bella teimou em conservar a mascara, assim como estava combinado com sua irmã.

Eis o principe n'uma inquietação horrivel. Elle pensava, como Feia, que essa pessôa tão espirituosa devia ser um ministro, já que ella tinha tanta repugnancia em mostrar-se ; mas, ainda que elle a julgasse do modo o mais desagradavel, isso não diminuia o apego, a estima e o respeito que nutrira pelo seu espirito e pela sua virtude. Estava quasi adoecendo de desgosto, quando a desconhecida lhe disse : « Eu o amo, meu principe ; meu amôr é grande e assim receio perdê-lo quando me conhecer. Suppõe que tenho olhos grandes, talvez, uma bocca pequena, bonitos dentes, uma cútis de lyrios e rosas e si. por ventura-vae.me achar com uns olhos vesgos, uma bocca grande, um nariz de papagaio, dentes estragados, me pedirá logo que torne a pôr a mascara. Além d'isso, ainda que eu não fosse horrorosa, sei que o sr. é inconstante ; amou Bella loucamente e. entretanto, aborreceu-se d'ella. — Ah ! sra. lhe disse o principe, seja meu juiz ; eu era moço quando desposei Bella e confesso-lhe que só me occupava em olhar para ella e não em ouvil-a ; porém, quando fui seu marido e que o habito de a vêr dissipou minha illusão, imagine si a

minha situação era agradável ! Quando eu estava só com minha mulher, ella me fallava de um vestido novo que devia pôr no dia seguinte, dos sapatos de fulana, dos diamantes de beltrana. Si havia á minha mesa uma pessoa espirituosa e que se queria-fallar serio, Bella começava a bocejar e acabava dormindo. Experimentei de a convencer para instruir-se ; isto a impacientava ; ella era tão ignorante que eu tremia e corava todas as vezes que ella abria a bocca. Demais tinha todos os defeitos das tolas : quando se mettia uma cousa na cabeça, não era possível fazel-a voltar atraz, lhe mostrando as inconveniencias, pois não as podia comprehender. Era ciumenta, maldizente, desconfiada ; ainda se me fosse permittido distrahir-me em outra parte, eu teria tido paciencia, mas isso não lhe convinha : o amôr louco que ella me inspirára, queria que durasse toda a vida e me fizesse seu escravo. A sra. vê que ella me levou ao extremo de romper com o meu casamento. — Confesso que o sr. era digno de lastima, respondeu a desconhecida ; porém, tudo isso que me diz não me tranquillisa. Jura que me ama ; seria o sr. bastante corajoso para casar-se comigo, sob os olhos de seus subditos, sem me ter visto ? — Sou o mais feliz dos homens, lhe disse o principe ; venha ao meu palacio com Feia e ámanhã, desde cedo, reunirei meu conselho para desposal-a diante d'elle. »

O resto da noute pareceu bem longa ao principe e antes de deixar o baile, tendo tirado a mascara, elle ordenou a todas as pessoas de sua côrte de irem a seu palacio e fez prevenir os ministros. Foi na presença

d'elles que narrou o que lhe acontecêra com a desconhecida e, depois de ter concluido seu discurso, jurou que não teria outra mulher, qualquer que fosse o seu rosto. Não houve ninguem que não acreditasse, como o principe, que aquella, com quem elle se queria casar d'esse modo, não fosse horrorosa. Qual foi a surpresa de todos os assistentes, quando Bella, tirando a mascara, lhes appareceu como a mais linda pessoa que se possa imaginar ! O que houve de mais singular, foi que, nem o principe nem os outros não a reconheceram a principio tanto o repouso e a solidão a embellezaram. Dizia-se baixinho que a outra rainha era feia á vista d'ella. O principe, radiante de ter sido enganado tão agradavelmente, não podia falar ; mas Feia rompeu o silencio para felicitar sua irmã da volta da amisade de seu esposo. « O quê ! exclamou o rei, esta encantadora e espirituosa creatura é Bella ? !

Por que encanto accrescentou ella aos primores de seu rosto os de espirito e de character que lhe faltavam por completo ? Alguma fada poderosa fez este milagre em seu favor ? — Não ha milagre, respondeu Bella eu descuidára em cultivar os dotes que Deus me concedêra ; minhas desgraças, a solidão e os conselhos de minha irmã me abriram os olhos, e me ajudaram a adquirir graças á custa da provação e das molestias. — E estas graças me inspiraram um apego á provação da inconstancia, lhe disse o principe beijando-a. Effectivamente, elle a amou toda a sua vida com uma fidelidade que lhe fez esquecer seus passados males.

SYLVIA.

Asseguro-lhe, D. Luiza, que esse comto é o mais instructivo de todos aquelles que nos contou. Digamos a verdade, a sra. disse-o de proposito para nós ?



D. LUIZA.

Poderia bem ser ; mas que elle seja feito para vós ou não, o necessario é aproveitá-lo. Elle foi longo, o meu conto e receio que não tenhamos tempo de fazer geographia. Comecemos por nossas historias. E' a tua vez, Maria.

MARIA.

David, temendo cahir em poder de Saül, se retirou

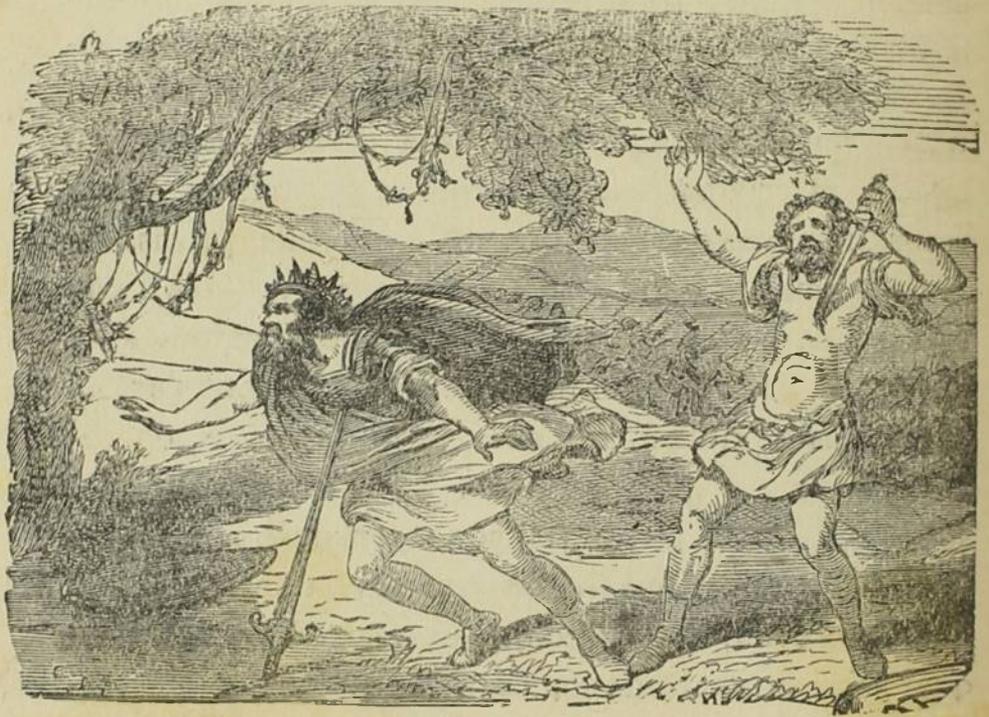
para junto de um dos reis dos Philisteus, que lhe deu uma cidade para ahi morar com o seu pessoal. Ao cabo de alguns annos, os Philisteus declararam a guerra á Saül, que teve um grande medo. Elle consultou ao Senhor, e como este não quizesse responder, lhe, disse aos seus vassallos : « Procurem-me alguma pessoa que advinhe com o auxilio do espirito maligno. » Ora, isso era muito difficil, porque elle mesmo decretára uma sentença de morte para essas creaturas. No emtanto, seus servidores lhe indicaram uma feiticeira. Elle foi á casa d'ella, disfarçado, com dous criados seus e pediu-lhe para fazer apparecer uma pessoa morta, da qual elle precisava.

Esta mulher lhe disse « Porque me tentaes ? não sabeis que o rei prohibiu fazer o que mandaes ? — Juro pelo Senhor, que nada de mal te acontecerá. » Então esta mulher fez suas imprecações e, de repente, deu um grande grito ! » Vós me enganastes, sois o rei. » Saül a tranquilisou e perguntou o que ella via. « Vejo um velho » lhe respondeu ella ; e, no retrato que descreveu, Saül reconheceu Samuel e perguntou qual seria o resultado da batalha. » Porque perturbas meu descanso ? disse Samuel. O que eu te predisse, acontecerá. Porque desobedeceste ao Senhor, elle vae-te tirar teu reino, e tu e teus filhos, estareis amanhã commigo. » Saül aterrorisado, prostrou o rosto sobre a terra onde elle se tinha atirado diante de Samuel ; mas, a pedido d'essa mulher, elle comeu um pedaço. No dia seguinte, deu a batalha, e como visse que os inimigos eram mais fortes que elle, atravessou sua espada no corpo e matou seu filho.

Os Philisteus tendo achado seu cadaver, o enforcaram; porém, os habitantes de Jabès se reuniram, levaram-no e sepultaram-no.

CARLOTA.

D. Luiza sempre tive medo dos mortos e de hoje por diante ainda mais terei. Minha ama me dizia que



elles voltavam e contou-me não sei quantas historias sobre esse assumpto.

D. LUIZA.

Tua ama é uma tola, minha bôa amiga. E' certo que si Deus quizesse, elle podia fazer os mortos apparecerem, como fez a respeito de Samuel, ao menos alguns phantasmas que se parecessem com elles;

mas também é certo que elle não faz milagres sinão com bôas rasões, e que todas as historias que, se reterem a esse assumpto, são fabulas. Eu poderia citar diversos exemplos, porém, relatarei só dous.

Um gentilhomem fôra mandado pelo rei á Allemanha para negocios importantes. Elle voltava pela posta com quatro criados, quando a noute o surpreendeu em uma ruim aldeia onde não havia uma só hospedaria. Elle pediu a um camponez, si não haveria meio de hospedar-se no castello. O camponez lhe respondeu : « Elle está abandonado, senhor ; só ha um rendeiro que mora muito longe do castello, onde só ousa entrar durante o dia, porque, á noute, apparecem espiritos que batem nas pessôas. » O gentilhomem, que não era medroso, disse ao camponez : « Não tenho medo dos espiritos ; sou peor que elles e, para te provar, quero que meus criados fiquem na villa, eu dormirei só no castello. »

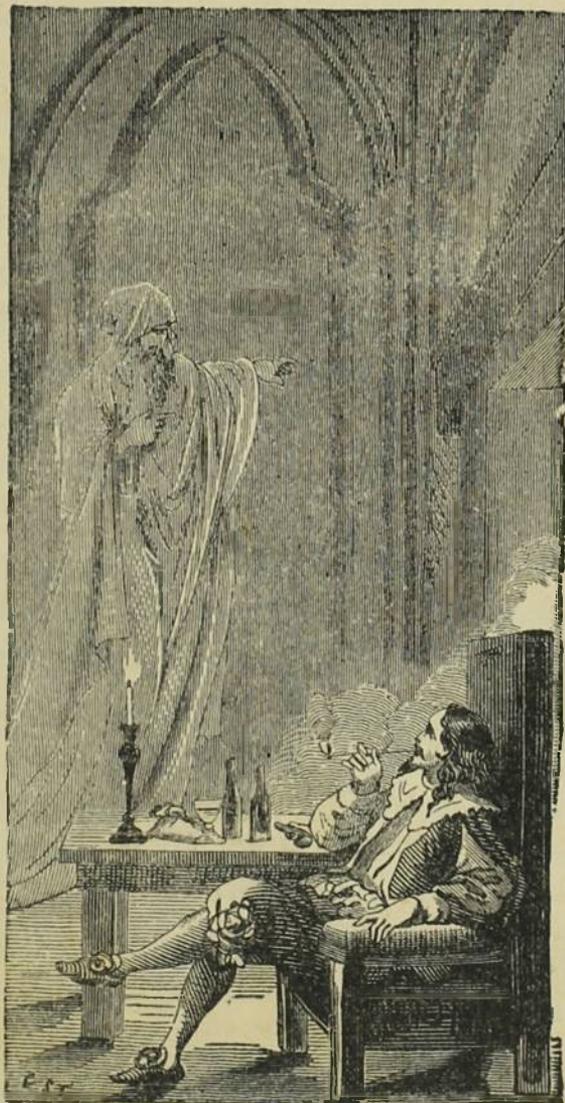
Não era, porém, sua intenção deitar-se ; — toda a sua vida ouvira fallar em almas do outro mundo, e elle tinha grande curiosidade de vêr. Fez accender um bom fogo, pegou-no cachimbo e no fumo, com duas garrafas de vinho, e pôz sobre a mesa quatro pistolas carregadas.

Lá para a meia-noute, elle ouviu um barulho horrivel de cadêas e viu um homem maior do que o normal que lhe fazia signal de chegar perto d'elle. Nosso gentilhomem pôz duas pistolas na cinta e uma no bolso ; pegou a ultima com a mão direita e regulou a candêa com a outra mão. Assim armado, seguiu o phantasma, que desceu a escada, atravessou o pateo

e entrou em uma alameda ; mas, quando o gentleman chegou ao fim d'ella, de repente, faltou-lhe a terra debaixo dos pés e elle rolou n'um buraco. Percebeu então a asneira que fizera, pois vira atravez de uma abertura mal feita que o separava de uma adega, que elle cahira, não em poder dos espiritos, mas de uma duzia de homens que deliberavam si o deviam matar. Elle percebeu pela discussão que eram moedeiros falsos. O gentleman, que cahira como um rato na ratoeira, levantou a vóz e pediu licença para fallar ; concederam-lh'a e elle disse : « Senhores, minha conducta, vindo aqui, vos prova que sou um inepto mas, ao mesmo tempo, ella vos deve certificar que sou um homem honesto, pois não ignoraes que quasi sempre um tratante é covarde. Prometto guardar segredo d'esta aventura e eu vos prometto sobre minha honra. Não commettaes um crime matando um homem que nunca teve intenção de vos fazer mal. Além d'isso, considerai as consequencias de minha morte. Trago commigo cartas importantes que devo entregar ao rei em mão propria ; tenho quatro criados na villa ; crêde que se farão tantas perquizas para saber o meu paradeiro que, afinal, se descobrirá.» Esses homens depois de o ouvirem, decidiram-se confiar em sua palavra. Fizeram-n'o jurar sobre o Evangelho que elle contaria cousas terriveis do castello. Effectivamente, elle disse no dia seguinte que o que vira era capaz de matar um homem de medo e elle não mentia, como sabem bem.

Eis ahi, portanto, uma historia de espectros bem certa. Ninguem duvidaria, pois, um homem serio,

assegurava ser verdade. Isto durou doze annos. Passados tempos como elle estivesse em seu castello,



divertindo-se com diversos amigos, vieram dizer-lhe que um desconhecido, que conduzia dous cavallos, o esperava na ponte para fallar-lhe, mas que não queria entrar.

Os companheiros ficaram curiosos para saber o que significava esta aventura ; assim que o gentilhomem appareceu, seguido por seus amigos, quem estava na ponte gritou. « Pare por favor, senhor ; só tenho uma palavra a dizer. Aquelles a quem promettestes segredo, ha doze annos, vos agradecem de o terdes guardado tão bem ; agora elles vos restituem vossa palavra ; elles ganharam com que viver e sahiram do reino ; mas, antes de os seguir, me encarregaram de vos pedir que acceiteis de sua parte estes dous cavallos, e eu vol-os deixo. Com effeito, esse homem, que tinha amarrado os dous cavallos a uma arvore, partiu com o seu como um relampago e logo todos o perderam de vista.

Então, o heróe da historia contou a um amigo o que lhe acontecêra e chegaram á conclusão que não se devia acreditar em historias de almas do outro mundo que parecessem verdadeiras, pois, si as examinassemos com attenção, se veria que a malicia e a fraqueza dos homens deu causa a esses contos.

SYLVIA.

Eu juraria que eram diabos ou phantasmas que estavam n'esse castello.

D. LUIZA.

Um pouco de reflexão, minhas filhas, lhes impedirá de crêr n'essas historias. Pensam, de bôa fé, que Deus, que é a sabedoria e a bondade, queira fazer milagres sómente para atormentar os homens? Acreditam que elle consinta a uma alma voltar á terra para fazer

tolices, tirar a coberta de uma pessoa que dorme, impedil-a de dormir e mil outras bobagens que só são dignas de escarneo ? Vou mostrar-lhes o que se passou commigo mesma, e o partido que se deve tomar n'essas occasiões.

Parece que o destino tinha guardado expressamente para mim a mais estúpida de todas as criadas. Aos 6 annos, eu sabia um milhão de historias do outro mundo, em que eu acreditava como no Evangelho e isso me fizera tão medrosa que eu tinha medo de minha sombra ; mas, quando tive uso de rasão, resolvi curar-me d'essa doença. Acostumei-me á ir só á noute, primeiro, com uma luz e depois sem luz. Disia para mim mesma :

Não estou só ; Deus está n'este quarto onde vou entrar, elle me defenderá ! Então, entrava sem medo, sentava-me e não sahia do logar sinão quando estava completamente tranquillã e depois d'isso caçoava de mim mesma. Si eu via alguma cousa no escuro, pegava e via que era um panno ou uma cadeira que, de longe, me appareciam sob uma fórma horrivel, porque o medo fazia crescer os objectos. Pouco a pouco, curei-me d'esta fraqueza e uma aventura que me aconteceu acabou de tornar-me sensata.

Tive negocios por algum tempo em uma pequena cidade ; ahi chegando, mandei vêr um tapisseiro para mobilar um aposento que eu ia alugar.

O tapisseiro disse-me que havia uma pequena casa mobilada e que elle m'a alugaria toda muito barato ; havia só dous annos que essa casa se reconstruira, porque se incendiára ; uma mulher velha, que entrára

para salvar seu dinheiro, ahi morrerá. Os visinhos tiveram muito cuidado em me narrar essa historia e me disseram que a velha vinha todas as noites contar as moedas. Dei uma gargalhada na cara d'essa gente, mas elles accrescentaram que eu havia de ser victima da minha incredulidade ; que essa casa, fôra alugada diversas vezes e que ninguem morára mais de trez dias. « Estou encantada, respondi ; sempre tive vontade de vêr ou ouvir alguma cousa de extraordinario, póde ser que, afinal, eu tenha esse prazer. Porém, os espiritos temem aquelles que não se receiam d'elles ; creio bem que a bôa velha não volte mais. »

Assim que fiquei n'essa moradia, visitei-a desde a adega até ao sotão, pois, si não tenho medo dos mortos, temo ainda aos vivos e eu pensava que algum inimigo do tapisseiro podia talvez divertir-se em amedrontar as pessoas para impedir de se alugar a casa. Nada encontrando, passei o dia bem tranquillamente. Lá para as onze horas da noite, estando junto a ofogo com meu marido, ouvi um barulho surdo, mas sem poder distinguir donde vinha, porque mudava de logar a cada momento. O mais das vezes, porém, elle parecia vir do meio do quarto. Esse barulho não me mettia medo e eu disse rindo: « Si eu não tivesse visitado as adegas, acreditaria que estavam fazendo moeda falsa, (pois o barulho parecia de uma prensa para fabricar moeda).

Pela manhã, não se ouviu mais nada ; porém, o ruido recommençou nas noites seguintes ; ao cabo de duas semanas notei que elle era mais forte á sexta-feira que era justamente o dia em que se queimára

a casa. Passei a noite da segunda sexta-feira sem me deitar e, perto das quatro horas da manhã, me pareceu ouvir fallar, mas tudo isso parecia sahir de debaixo da terra. Esperei o dia com impaciencia e pedi a meu marido que ficasse no mesmo logar ; quanto a mim, sahi ; fui á casa vizinha, que era uma hospedaria e vi que a estrebaria d'essa hospedaria era por detraz de nossa sala de visitas, de onde se ouvia o barulho. Sabem que os cavallos batem com as patas de vez em quando ; de dia, não os ouvia, porque havia barulho de todos os lados, porém, no silencio da noite, não se perdia uma só de suas patadas. Tomei um páo e batendo trez pancadas na terra com toda a força, entrei em casa ; meu marido me disse que depois que eu sahira, bateram trez pancadas. A's sextas-feiras, sendo dia de mercado, vinha muita gente do campo que dormiam na cidade e punham seus cavallos n'essa estrebaria, o que augmentava o rumôr nocturno. Appressei-me em contar a minha historia ; diversas pessoas vieram para ouvir esse barulho, que, desde o momento em que se soube a causa, não pareceu mais sinão o que elle era mesmo, pois, distinguia-se muito bem que eram couces de cavallo, na terra. Os que tiveram medo, e que haviam desacreditado essa casa, ficaram envergonhados. Eu só estive ahi um mez, porque de todos os lados appareceram pessoas para a alugar ; e o dono ficou tão contente com a minha coragem, que tive muita difficuldade em fazel-o receber dinheiro.

SYLVIA.

Ih ! D. Luiza, si a sra. não tivesse tido a presença

de espirito de ir á casa vizinha, teriam persistido em acreditar que a velha fazia todo aquelle barulho.

D. LUIZA.

Sem duvida ; pessoas que não racionassem ; pois, era extravagante pensar que Deus permittisse que essa velha viesse do outro mundo sómente para contar seu dinheiro. Continue, Alice.

NOEMIA.

Dous dias depois da batalha, um Amalecita veiu procurar David e lhe participou a morte de Saül e de Jonathas e para lhe provar que elle dizia a verdade, accrescentou : « Achei Saül quasi morto do golpe que elle déra em si e, como pediu-me que acabasse com elle, obedeci e vos trago sua corôa. « A estas palavras, David rasgou suas vestes e disse a esse homem : « Como foste tão ousado para pôr as mãos sobre o ungido do Senhor ? Certamente, morrerás. » Depois d'isto, David chorou Saül e seu amigo Jonathas e abençoou os habitantes de Jabés que lhes deram sepultura. David foi então reconhecido rei pela tribu de Judá, da qual sahira, mas Abner, um dos capitães de Saül, fez reconhecer um dos filhos d'esse infeliz principe pelas outras tribus e houve guerra entre os dous reis. Porém, o filho de Saül, tendo maltratado á Abner por causa de uma mulher, este veiu se entregar a David e reconhecel-o por senhor. Como Abner, voltava tranquillamente, Joab, capitão de David, do qual Abner matára o irmão em defesa propria, trançoicamente o matou. David chorou Abner e

amaldiçoou Joab, que fôra culpado de uma perfidia. David consultou o Senhor, fez a guerra aos Philisteus, a quem venceu e tomou tambem Jesusalem. Então, elle pensou em tirar a arca do Senhor que tinha ficado com Abinadam Puzeram-n'a em uma carroça nova, e David e toda a casa de Israël tocavam instrumentos diante da arca do Senhor. Ora, os bois que puxavam a carroça, pisaram em falso; um homem pôz a mão na arca para a segurar, mas, como esse homem não era puro, e se atrevêra a tocar arca, cahiu morto o que aterrorisou tanto David, que não teve coragem para guardar a arca em sua casa e a deixou com Hobed-Edom.

No entanto, David, sabendo que Deus enchêra de bençãos a casa d'esse homem, resolveu trazel-a para sua cidade, o que fez com grande apparato, pois immolou-se um grande numero de victimas no caminho e David, revestido de uma tunica de linho, dançava diante do Senhor. Em seguida, depositou a arca em um tabernaculo que elle fizera construir; depois abençoou o povo em nome do Eterno e lhes distribuiu viveres. Quando elle entrava em casa, Michol, sua mulher, veio recebê-lo e lhe disse. « Vós, vos engrandecestes hoje dançando diante da arca como um dançarino?! Era preciso vos rebaixardes tanto aos olhos do povo? » David lhe respondeu: « Eu não me rebaixei aos olhos do povo, porém, me humilhei diante do Senhor, que me preferiu a vosso pae, para me dar o reino de Israël; não me humilharia bastante em sua presença. » Deus agradou-se d'essa humildade de David e, para punir Michol, fel-a esteril.

D. LUIZA.

Agora é a tua vez, Carlota.

CARLOTA.

Deus chamou um propheta por nome Nathan, que foi procurar David da parte do Senhor e lhe disse : « Deus me manda que te diga que teu filho deve-lhe erigir um templo; elle deu-te a corôa de Israël e ella nunca sahirá de tua casa ; teu sangue reinará até o meia dos seculos. » David se prostrou diante do Senhor, entoou um cantico em seu louvôr e Deus o fez victorioso contra seus inimigos. Quando elle ficou mais socegado, informou-se cuidadosamente si não havia ninguem da casa de Jonathas e, tendo descoberto um de seus netos, entregou-lhe todos os bens de Saül e o fez comer á sua mesa ; ora esse rapaz era coxo de ambas as pernas.

David teve uma nova guerra ; contra o seu costume, não commandou em pessoa o seu exercito e ficou em Jerusalem, tendo nomeado Joab para seu immediato. Um dia em que elle passeava no terraço de seu palacio, viu uma bella mulher que se banhava e, perguntando o seu nome, soube que era Bethsabéa, mulher de Urias, que estava no exercito, pois, esse homem era um bravo. David apaixonou-se por essa mulher e como a não podia desposar, porque ella tinha marido, escreveu á Joab que desse um logar perigoso a Urias, onde elle pudesse ser morto. Joab lhe obedeceu e o bravo Urias morreu. David casou-se com a viuva e teve um filho. Ao cabo de dous annos, Deus lhe enviou Nathan, que lhe disse « Havia um homem rico que

possuía um grande numero de rebanhos ; elle tinha por visinho um homem muito pobre que só tinha uma ovelha que creára com seus filhos, e a quem muito queria. Veiu um viandante pousar em casa do rico que, em vez de matar um de seus animaes para dar de ceiar a esse viajante, mandou roubar a ovelha do pobre



e a matou. » A' estas palavras, David encolerisou-se e disse: « Esse homem merece a morte. — Pronunciaste tua sentença, lhe disse o propheta. Deus te deu o reino de Israël, grandes riquezas, um grande numero de mulheres ; elle te teria dado ainda mais, si fosse preciso e. apesar de todos esses beneficios, tu o offendeste e mandaste matar Urias para possuir sua mulher. Eu te

participo, portanto, da parte de Deus, que a espada não sahirá de tua casa e que te roubarão tuas mulheres.» David respondeu : « Pequei ». O propheta disse : « E o Senhor te perdoe ; todavia, como escandalisaste teu povo, o filho que tiveste de Bethsabéa morrerá.

SYLVIA.

Ah ! D. Luiza, como estou zangada ! Ahi está David, tão máo quanto Saül. Como pode ser que um tão santo homem procedesse tão cruelmente e, depois, vivesse dous annos sem ter remorsos ?

D. LUIZA.

E' o resultado dos grandes crimes, minhas filhas ; elles endurecem o coração. Mas notem bem ; Saül disse-a como David — pequei — mas David o disse sinceramente. Elle não se aborreceu com as desgraças com que o ameaçaram, mas sómente porque offendêra a Deus e o Senhor, que lê nos corações, lhe perdoou logo, isto é, restituiu-lhe sua amisade ; porém, isso não o impediu de castigar n'esta vida, porque elle castiga áquelles a quem faz misericordia na outra vida. Reparem tambem, minhas meninas, com que respeito é preciso tratar as cousas santas. Um homem contaminado toca na arca e morre immediatamente ; porém, aquelle que recebe a arca, sendo um homem de bem, enchem-n'o de benções.

Adeus, minhas filhas ; á proxima vez, começaremos a licção de geographia.

VIGESIMO SETIMO DIALOGO

VIGESIMO QUINTO DIA

Eu vos fallei da Lorena; diremos alguma cousa, hoje, sobre a Picardia. E' uma grande provincia, bastante fertil, mas onde não floresce a vinha. Diz-se **comnummente** que os Picardos teem a cabeça quente, isto é, são muito ardentes e se encolerizam á tôa, mas tambem tão depressa se zangam como se acalmam. Elles tem bom coração, são leaes e sinceros.

Outr'ora, Calais fazia parte da provincia da Picardia. Esta cidade foi tomada, em 1347, pelos inglezes, depois de um longo sitio. Seu rei, Eduardo III, chocado com a longa resistencia dos Calesianos, pediu que lhe mandassem quatro chefes das principaes familias de Calais, para que elle os matasse. Pensão, minhas filhas, que todas as pessoas fidalgas têm medo de ser escolhidas? De modo nenhum; cada um d'elles desejava ter a honra de dar o seu sangue pela sua patria. Os quatro que foram designados, á frente dos quaes estava Eustachio de S. Pedro (retenham bem esse nome) se dirigiram ao acampamento do rei da Inglaterra,

em camisa, de cabeça descoberta, pés descalços e com a corda no pescoço; mas a rainha, que lhes admirava a virtude, obteve seu perdão. O rei, em seguida, fez sahir todos os francezes de Calais e essas pobres creaturas foram ainda soccorridas pela rainha e pelas damas da sua côrte. Os inglezes guardaram essa cidade mais de dous seculos. Ella foi de novo tomada sob o reinado de Henrique II, pelos francezes, cujo commandante era Francisco de Lorraine, duque de Guise.

SYLVIA.

Esses pobres homens, que foram forçados a abandonar seu paiz e seus bens, me lembram um traço de historia que li algures ; mas não me lembro os nomes. Um principe se apoderára de uma cidade e, como elle estava furioso contra os habitantes, resolveu exterminal-os e não perdoar sinão ás mulheres ; permittiu, portanto a estas de sahirem da cidade e de levar o que tivessem de mais precioso. Advinhem o que ellas levaram ?

LILI.

Seus filhinhos, sem duvida.

SYLVIA.

Não.

CARLOTA.

Talvez levassem todo o seu ouro, prata, diamantes e os bellos vestuarios.

SYLVIA.

Não, minha cara, ellas tiveram mais espirito e mais coração ; cada mulher tomou seu marido ás costas e passaram assim diante do vencedor que ficou tão entusiasmado com a virtude d'essas mulheres, que perdoou a toda a cidade.

MARIA.

Estou contrariada que a Senhora se tenha esquecido do nome d'esse principe ; era um homem honesto.

NOEMIA.

A historia de Alice me faz lembrar uma outra ; si me permite, D. Luiza, eu a contarei. Meu principe é ainda melhor que aquelle do qual se acaba de fallar, e eu não me esqueci de seu nome.

D. LUIZA.

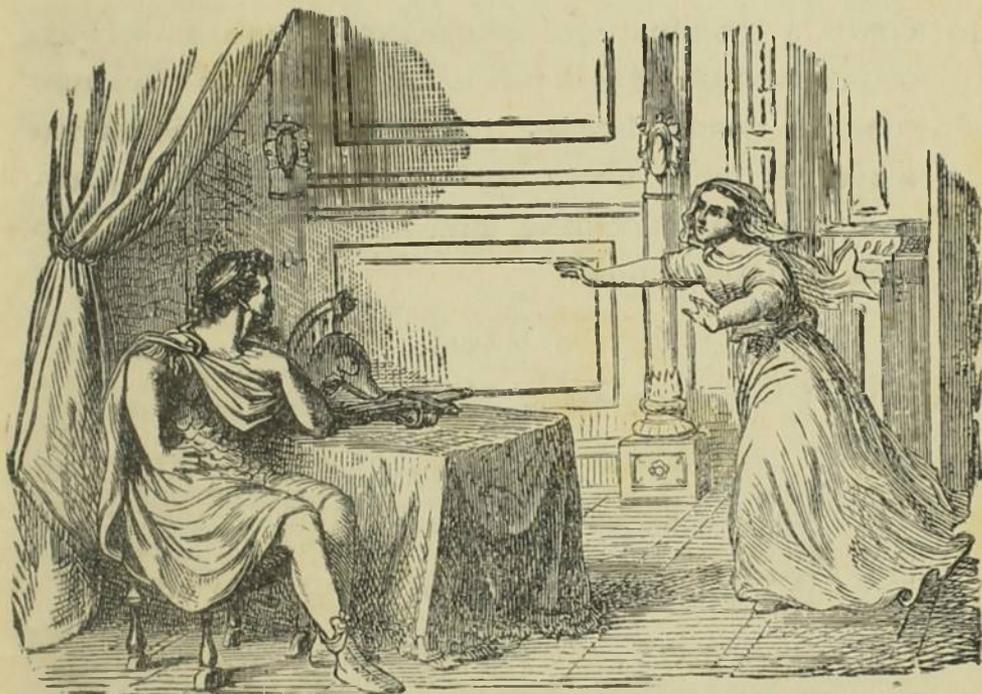
Alice se parece commigo ; ella está brigada com os nomes proprios ; tenho grande difficuldade em os reter. E' um defeito da infancia que é preciso evitar, minhas filhas. Quando eu tinha a sua idade, eu não lia, devorava os livros ; o meio depois d'isso para reter os nomes proprios ? Agora estou muito velha para me corrigir, mas, quanto a vocês, podem, si quizerem, terem esse trabalho. Vejamos a historia que você se lembra, querida.

NOEMIA.

Havia um grande capitão, chamado Demetrius Poliorcetes, que fizera muitos beneficios ao povo de Athenas Este capitão, partindo para a guerra,

deixou sua mulher e seus filhos entre os Athenienses; elle perdeu a batalha e foi obrigado a fugir. Primeiro, pensou que elle se devia abrigar com os seus amigos Athenienses, porém, esses ingratos recusaram recebê-lo; elles lhe devolveram sua mulher e seus filhos, sob o pretexto que não estavam garantidos em Athenas, onde o inimigo poderia vir buscá-los. Este procedimento dilacerou o coração de Demetrius, pois, não ha nada mais cruel para um homem honesto do que a ingratidão d'aquelles a quem ama e aos quaes beneficiou. Algum tempo depois, esse capitão arranjou seus negocios e veio com um grande exercito sitiá a cidade de Athenas. Os Athenienses, persuadidos que elles não podião esperar perdão de Demetrius, resolveram morrer com as armas nas mãos e deram uma sentença que condemnava á morte aquelles que se rendessem. Porém, elles não pensaram que havia pouco trigo na cidade e que, muito breve, faltaria pão. Effectivamente, depois de terem passado fome muito tempo, os mais rasoaveis disseram: « E' melhor que Demetrius nos mate de uma vez, que morrer á mingoa: talvez elle tenha compaixão de nossas mulheres e de nossos filhos. » Elles lhes abriram as portas de Athenas. Demetrius ordenou que todos os homens casados fossem para uma grande praça que elle cercára de soldados que tinham as espadas desembainhadas. Então, só se ouviu na cidade gritos e gemidos; as mulheres abraçavam seus maridos, os filhos seus paes e lhes disiam o ultimo adeus. Quando elles estavam todos reunidos n'essa praça Demetrius subiu para um logar alto e lhes censu-

rou sua ingratidão em termos os mais tocantes ; estava tão comovido, que chorava enquanto fallava. Elles calavam-se, persuadidos que esse principe ia mandar seus soldados matarem - 'os. Ficaram surpresos, quando elle lhes disse : « Quero mostrar-



vos quanto fostes culpados para commigo ; porque, afinal, não foi a um inimigo que recusaste auxilio foi áquelle que vos amava, que vos ajudára e que só se quer vingar, perdoando e vos fazendo bem. Voltae para as vossas casas. Enquanto estaveis aqui, meus soldados, por minha ordem, levaram trigo e pão as vossas moradas. »

SYLVIA.

Si os Athenienses eram pessoas de bem, elles de-

viam morrer de dôr de ter podido offender a um príncipe tão bom.

D. LUIZA.

Ainda mesmo que elles todos fossem uns tratantes, esse procedimento era bastante para que se arrependessem. Lembrem-me para que eu lhes conte, a proxima vez, uma historia que lhes provará o que eu digo. Mas é preciso aviarmo-n'os para darmos as nossas licções ; pois, ás quatro horas vae acontecer uma cousa que as espantará muito ; anoitecerá de repente e uma meia hora depois tere-mos o dia de novo.

MARIA.

Oh ! D. Luiza, como póde ser isso ?

D. LUIZA.

Eu lhe explicarei depois, minha cara. Agora diga sua Historia sagrada.

MARIA.

Deus que quizera ser misericordioso com David no outro mundo, punia-o bem severamente, em vida, do crime que elle comettera. Seu castigo começou pela morte do filho que elle tivera de Bethsábéa. Essa creança esteve doente durante sete dias, e David passou todo esse tempo prostrado em terra, jejuando e implorando o Senhor, para lhe pedir a vida do menino, de tal modo que seus servos não tinham animo de dizer-lhe que o filho morrerá ; porém, David soube e enxugou as lagrimas, se prosternou diante do Eterno e pediu comida. Seus

servos admirados lhe disseram : « Quando vosso filho estava doente, vós estaveis tão afflicto, como é que estaes agora tão consolado ? »

David respondeu : « Emquanto a criança estava viva, eu chorei, porque esperava que minhas lagrimas commovessem ao Senhor e eu obtivesse a vida de meu filho; agora, um pranto seria inutil e não lhe daria a vida ; elle não tornará para mim mas eu irei para elle. »

Deus recompensou a submissão de David; deu-lhe outro filho de Bethsabéa, a quem deu o nome de *Salomão* e Nathan lhe disse, da parte de Deus, que esse filho reinaria depois d'elle. David tinha ainda uma porção de filhos, mas isso foi para sua desgraça. Um d'elles, chamado *Absalão*, recebendo uma grande injuria de Ammon, que era um de seus irmãos, convidou-o para uma festa e matou-o. Absalão temendo a colera do pae, fugiu para a casa de um principe visinho e ahi ficou tres annos; mas ao cabo d'esse tempo, Joad, que commandava as tropas de David, obteve seu perdão. O rei permittiu a Absalão que voltasse para a sua terra, mas prohibiu-lhe de apparecer diante d'elle. Absalão, desesperado de ser banido de junto de seu pae, lhe mandou dizer que preferia morrer do que viver assim e David tudo perdoou.

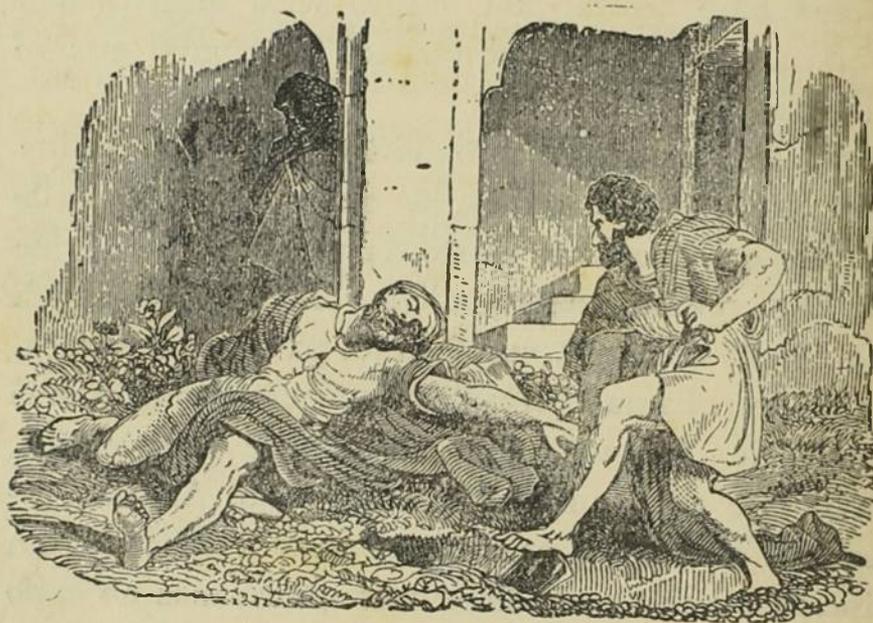
D. LUIZA.

Continua, Lili.

LILI.

No entanto, Absalão, em vez de se ter commo-

vido com a bondade de seu pae, resolveu desthronal-o. Elle começou a bajular ao povo para obter sua affeição e quando pensou ter conseguido, pediu licença ao pae para ir cumprir um voto que fizera ; em vez d'isso, reuniu os exercitos. Sabendo d'isso David fugiu de Jerusalém com seus amigos ; elle



passou, chorando, o valle de Cédron e subiu tambem, chorando, ao monte das Oliveiras. Enquanto fugia, um parente de Saül, contente com a sua desgraça, appareceu na montanha ; elle jogava pedras e terra contra David, amaldiçoando-o. As pessôas, que estavam com o rei, pediram-lhe licença para matar á esse homem, mas David lhes disse : « Deixae-o em paz, Deus o mandou amaldiçoar-me. Meu proprio filho se revoltou contra mim, como quereis que um parente de Saül não siga o seu exemplo ? Submetto-me de bom grado aos castigos do Senhor e, si

elle quer tirar-me o reino que elle me deu, fico satisfeito de o perder. » N'esse intirim, Absalão marchava para Jerusalém e David soube que estava com elle um certo Achitophel, que tinha tanta malicia quanto perversidade ; elle pediu a Deus que destruísse as artimanhas d'esse homem e que não consentisse que Absalão tomasse os seus conselhos. Ao mesmo tempo, um dos amigos de David, chamado Chusai, veio procural-o. O rei disse : « Pódes-me prestar um grande serviço ; volta para junto de meu filho para te oppôres a Achitophel e me prevenires de tudo o que se passar. » Chusai obedeceu e approximando-se de Absalão, exclamou « Viva o rei ! » Este principe admirou-se que elle tivesse abandonado seu pae que era seu amigo ; mas, como Chusai era um homem de merito e protestou sua fidelidade, elle ficou encantado de o vêr.

ROSITA.

Não tenho uma gota de sangue nas veias, D. Luiza, morro de medo que David não cahia nas mãos de Absalão, tão máu.

D. LUIZA.

Esqueces, minha querida, que Deus protegia David. Elle parece ás vezes abandonar os bons e os entregar aos máos ; porém, ao mesmo tempo que elle castiga os crimes dos primeiros, está attento aos seus interesses, e impede que elles succumbam. Admirem, minhas filhas, a penitencia de David ; elle sabe que a revolta de seu filho, as injurias de seus subditos, são o justo castigo da sua revolta contra Deus ; assim, elle

não vê nem seu filho nem esse insolente que o injuria : é a mão de Deus que o pune ; elle submette-se de bôa vontade e consente em perder seu reino. Deus não pôde abandonar tal homem ; e, ainda mesmo que eu não tivesse lido o resto d'essa historia , estaria quasi certa que David sahiria d'esse perigo.

E' verdade que Deus consente algumas vezes que os bons sejam opprimidos pelos máus, afim de experimentar a nossa fé ; mas isso é raro e quasi sempre elle não espera a outra vida para castigar os criminosos. Acaba essa historia, Carlota.

CARLOTA.

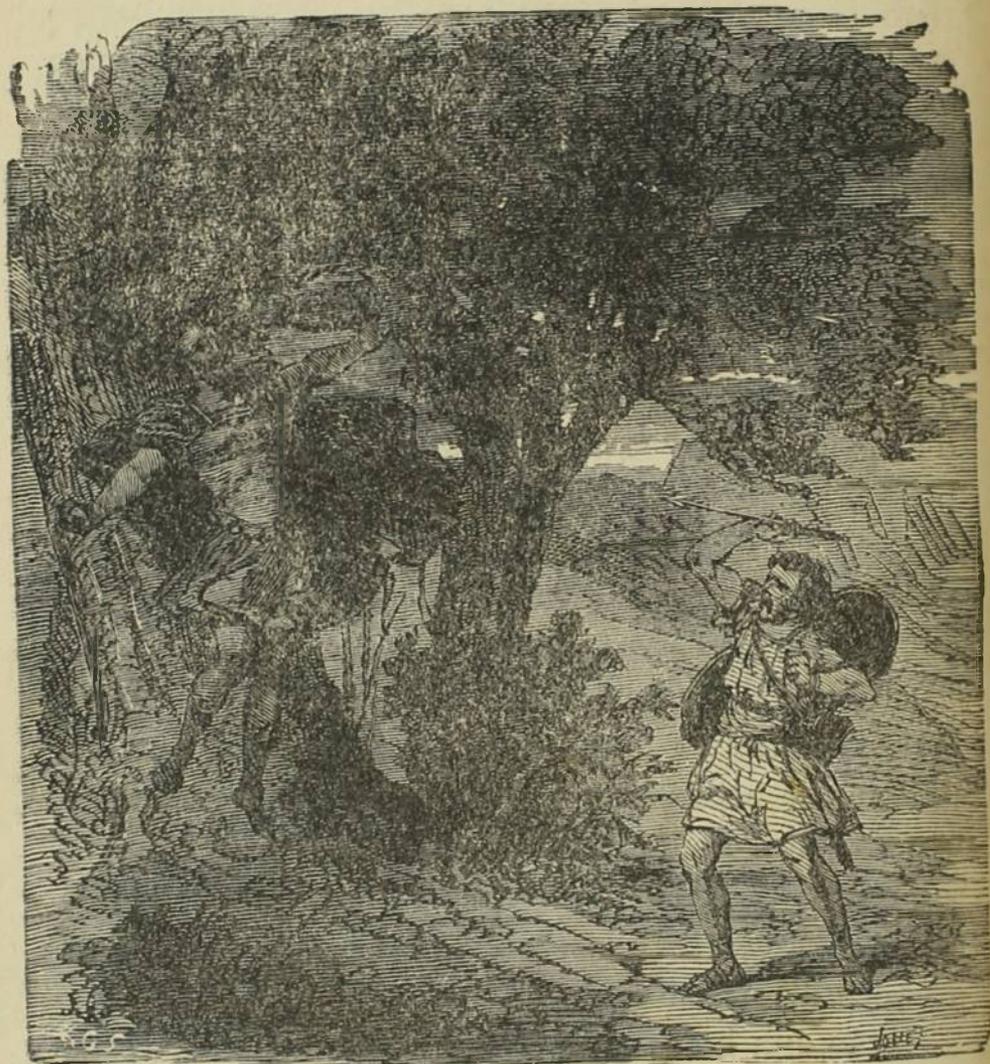
Absalão tendo convocado seu conselho, Achitophel lhe pediu algumas tropas para seguir contra David, antes que elle tivesse tempo de tomar coragem e reunir seu exercito. David estaria perdido si tivessem seguido esse conselho, porque os poucos soldados, que tinha, estavam tão fatigados, que não se aguentavam em pé ; mas Chusai disse á Absalão : « Tomai cuidado de agir assim. David e os que estão com elle são valentes, elles se baterão desesperadamente e, si ficardes em segundo plano n'esse combate, o povo, que ama vosso pae, tomará seu partido. E' melhor apparelhades um grande exercito e o envolvereis sem que elle possa escapar. » Deus cegou Absalão, que despresou a idéa de Achitophel. Este máu homem ficou tão furioso de vêr que não seguiu o seu conselho, que se enforcou, e Chusai preveniu á David que passasse o Jordão. Quando Absalão reuniu as suas tropas, marchou contra seu pae ; porém,

David não quiz marchar contra Absalão. Foi então Joab que commandou o exercito e David ordenou á Joab que poupasse Absalão ; mas elle não obedeceu ás ordens do pae, porque Absalão, tendo sido batido e querendo fugir, ficou preso pelos cabellos quando passava debaixo de uma arvore, onde ficou agarrado. Joab trespassou-lhe o coração, o que tendo David sabido, disse : « Prouvéra á Deus que eu morresse e que meu filho vivesse ! » Este bom pae tinha ficado fóra das portas da cidade e perguntava a todos noticias de Absalão. Joab, vendo que elle chorava o filho, faltou-lhe o respeito e o obrigou á apparecer diante do povo. Emtretanto, a tribu de Judá apressou-se em trazer David para Jerusalém; quando elle voltava, o homem, que lhe atirára pedradas, veio pedir-lhe perdão e ajoelhou-se a seus pés. Um dos criados de David disse a seu amo :

« Permitti-me que mate esse homem. » David lhe respondeu : « Fallas como si fosses meu inimigo, porque me aconselhas que me vingue ; não se dirá que fiz morrer um homem no dia em que tornei a ser rei. » As tribus de Israel ficaram com inveja da tribu de Judá ter trazido David e houve entre ellas grandes disputas.

Então, um homem, chamado Seba, tocou a trombeta e revoltou as dez tribus de Israel contra David. Joab foi sitiar uma cidade, na qual esse Seba estava encerrado, e ella teria sido destruida, sinão fosse a sabedoria de uma mulher que a salvou, porque, tendo reunido o povo, ella lhe disse que era uma loucura expôr-se á morte por causa de um revoltoso.

Então, o povo se sublevou contra Seba e, cortando-lhe a cabeça, jogou-a a Joab por cima do muro, o que acabou com a guerra.



ALICE.

Eu garanto, D. Luiza, que não tenho pena de Absalão ; era preciso que elle fosse bem máu para procurar matar seu pae e um pae que o amava tanto, e que já lhe perdoára a morte de Amnon.

D. LUIZA.

Absalão teria nascido, talvez com boas inclinações, minhas filhas, mas elle tinha paixões violentas ; não experimentou moderar-as, chegou por degraus a esse excesso de maldade de querer matar seu pae. Talvez que, se tivessem predito á Absalão, quando elle era joven, que se tornaria tão máu, elle teria morrido aterrorisado ; mas acostumou-se a ceder ás suas paixões e depois não foi mais senhor de si. Eis o que acontece a muita gente, minhas meninas ; eis o que acontecerá a vocês mesmos si não tiverem o cuidado de reprimir os vicios, quaesquer que sejam.

ROSITA.

Como, D. Luiza, eu poderia tomar-me tão má quanto Absalão ? Na verdade, não posso crêr isso.

D. LUIZA.

E eu, minha cara, poderia fazer juramento. Toda a pessoa que tem paixões violentas, deve convencer-se que é preciso tornar-se ou muito virtuosa ou muito má ; não ha meio termo . Sim, minha cara, si você toma o partido de dominar suas paixões, como o espero, lhe custará muito, sem duvida, mas sua virtude será forte, solida, inabalavel, porque a terá conquistado á ponta de espada, por assim dizer. Mas, si não tomar esse partido, não ha crimes que não seja capaz de commetter, ainda que as occasiões sejam poucas e que você precise aproveitar para se satisfazer. Tivemos um terrivel exemplo em França, ha alguns annos ; tenho desejo de lhes contar.

Uma moça, muito amavel e muito rica, só tinha um defeito; amava demais suas riquezas e só queria desposar um homem rico como ella. No mais, era docil e não tinha más inclinações. Morava com uma de suas tias, que guardava todo o dinheiro d'ella, e que conhecia o defeito da sobrinha. Apresentaram-se diversos partidos para essa moça, entre outros, um chamado Tiquete que apaixonou-se e esforçou-se para cahir nas bôas graças da tia. Esta que desejava ter o sr. Tiquete como sobrinho, lhe revelou o fraco de sua sobrinha, e que elle agradaria certamente si fosse rico. O sr. Tiquete confessou que não tinha grande fortuna e pediu-lhe que o ajudasse a enganar a sobrinha; ella consentiu n'isso e dando a esse pretendente 15 mil escudos em prata que ella tinha em deposito, elle mandou fazer um bouquet de brilhantes, que offereceu á moça no dia de seu anniversario.

Ella pensou que um homem, que tinha meios para fazer um presente d'essa ordem, devia ser rico como um Crésus, e consentiu em casar-se. Quando tornou-se sua esposa, e que percebeu que se enganára, tomou-lhe odio e, para se distrair, resolveu viver em grande companhia. Entre aquelles que a visitavam, havia um cavalheiro muito amavel pelo qual se apaixonou; então amaldiçoou a hora em que se casára e desejava todos os dias a morte do marido para ficar livre e poder desposar a quem amava. A primeira vez que teve esse pensamento, ficou horrorisada porque não estava ainda de todo corrompida; como pensava que nunca seria feliz com um homem que detestava

e que afagava com prazer a idéa de casar-se com outro, seu coração acabou de se estragar e se abandonou completamente ao desejo de vel-o morto. Quando se familiarisou com esta idéa, que ouvia sem escrupulos, pensou que seu marido gosava saúde e que, talvez, vivésse mais tempo do que ella. Pouco a pouco, lhe veio á cabeça que poderia mandar matal-o. Vêem bem, minhas filhas, que foi preciso muito tempo para se acostumar a um tão abominavel pensamento, mas, emfim, ella chegou a esse ponto. Pagou a um homem para matar seu marido ; deram-lhe um tiro de pistola, mas elle não ficou ferido. Como se sabia que sua mulher não o amava, todo o mundo acreditou que fôra ella que desfechára um máu golpe, e seus amigos a aconselharam que fugisse. já que lhe davam tempo ; ella, porém, não quiz nunca, com medo que seu marido se apoderasse de sua fortuna, na sua ausencia. Foi então presa e estando todos convencidos de seu crime, teve a cabeça cortada. Vêde, minhas filhas, a que extremos as paixões podem-nos arrastar! E' preciso que isso nos obrigue a combatel-as sem cessar e a não lhes ceder um passo.

NOEMIA.

David era bem senhor de suas paixões, D. Luiza, pois que elle não quiz que matassem um homem que o havia tão cruelmente offendido, e que elle não puniu Joab, que matára Absalão em sua defesa.

D. LUIZA.

David não deixou de ficar embaraçado n'esses

dous casos, minha cara. Elle sabia que na qualidade de rei, era obrigado em consciencia a punir os culpados ; mas, como era elle o offendido, não quiz-se vingar ; deixou, pois, ao cuidado de seu filho Salomão a punição d'esses dous criminosos depois de sua morte. Não foi por espirito de vingança, mas por amôr á justiça.

MARIA.

D. Luiza, David deixára de chorar o filho que elle tivera de Bethsabéa, desde que soube que elle morrerá, porque disia que suas lagrimas não o podião resuscitar ; e como foi que chorou seu filho Absalão depois de morto ?

D. LUIZA.

Havia muita differença, minha querida ; o filho de Bethsabéa morrerá criança e sem ter tido tempo de praticar o mal. David sabia, portanto, que elle tornaria a vêr esse filho, e que seria um dia feliz com elle no seio de Deus. Esta idéa era bastante para o consolar. Elle não tinha a mesma esperanza por Absalão, que morrerá no crime ; sabia que elle estava perdido para sempre e era para elle uma grande afflicção. Quanto a mim, minhas filhas, me consolo plenamente ; quando um de meus amigos, que foi um bom christão, morre como um homem bom, digo que elle é mais feliz do que eu ; mas fico inconsolavel, quando morre sem ter vivido bem, porque receio que fique-mos separados para sempre.

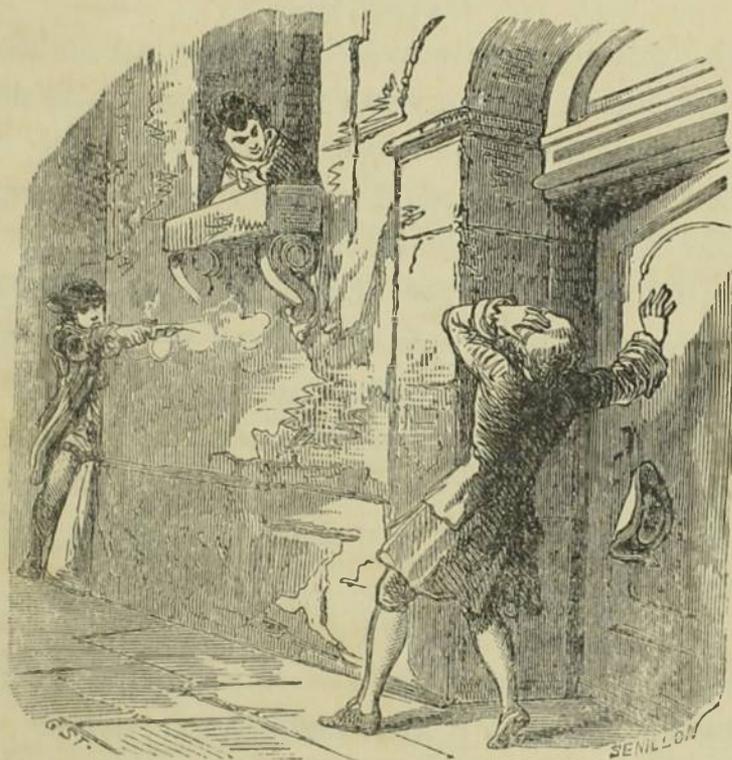
MARIA.

Ah ! D. Luiza, eu pensava que caçoaveis commigo,

quando dizieis que seria noute ás 4 horas e, entretanto, vejo que nos disse a verdade. Porque anoitece tão depressa? Quem lhe preveniu que isso aconteceria?

D. LUIZA.

Esta escuridão é causada por um eclipse de sol,



minha querida, e os actronomos predisseram que esse eclipse se daria hoje ás 4 horas.

ROSITA.

Não estou mais adiantada agora, D. Luiza, nem estas senhoras tão pouco, assim o penso. Não sei o que é um eclipse nem astrónomos.

D. LUIZA.

Sylvia vae-te ensinar, minha cara. Diga á essas meninas, lhe peço, o que é um eclipse.

CARLOTA.

Eu tambem sei, D. Luiza, si quizerdes eu posso dizer.

D. LUIZA.

Não, querida, desejava bem que aprendesse a dominar sua vaidade ; isso é mais importante do que saber o que é um eclipse. Ficaria aborrecida de calar-se n'este caso e apanhou com avidéz. a occasião de mostrar sua pouca sabedoria, sem pensar que você fazia ao mesmo tempo, alarde de amôr-proprio. Si Alice tivesse tanta vaidade quanto você, não lhe pe-ditaria sua pressa de querer brilhar á custa d'ella. Eis ahi o que torna abominaveis as mulheres que estudaram mais que as outras ; não deixam tempo aos outros para falar ; querem brilhar sósinhas e tornam-se nsupportaveis. Alice que sabe mais agora, do que você saberá n'estes dez annos é mais prudente ; ella nunca falla das cousas que as outras ignoram e, a menos que se a interrogue, cala-se, como convem a uma menina da idade d'ella. Então, Sylvia? está você zangada e furiosa contra mim! No emtanto, acabo de lhe prestar um grande serviço maior do que si eu lhe deixasse exhibir sua sciencia e que eu a elogiasse. Venha abraçar-me e agradeça-me ; mas que seja de bôa vontade.

SYLVIA.

Oh ! D. Luiza, não estou zangada com a sra., mas

sim commigo mesma ; por mais que faça, minha vaidade me leva a praticar tolices.

D. LUIZA.

Afinal, você vencerá, minha cara. Mas, com a mesma franqueza que puz em censurar sua vaidade, louvo sua docilidade. Aproveite esse exemplo. Emilia você está tão admirada de vêr sua collega não ficar com raiva de mim, posto que eu a tivesse reprehendido deante de todas e com tanta severidade.

SYLVIA.

Ainda que a sra. me batesse, D. Luiza, eu não me zangaria ; sei que a sra. gosta de mim e que tudo o que faz é para meu bem.

D. LUIZA.

E diz a verdade, querida. Garanto-lhe que a meu pezar, a mortifiquei ; mas minha amisade por si superou minha repugnancia em causar-lhe um pequeno desgosto. Voltemos aos nossos eclipses ; vou accender a luz porque quasi nada se vê.

NOEMIA.

Dizem que ha um eclipse quando a lua se encontra com o sol e a terra.

MARIA.

Não entendo isso.

NOEMIA.

Vou contar-te uma historia que te fará comprehendera.

Antigamente, não se conhecia a causa dos eclipses, e os antigos acreditavam que isso era precursor de grande desgraça ; assim, nada elles apprehendiam durante um eclipse. Houve um dia um capitão, chamado Pericles, que ia embarcar para a guerra. Quando elle pôz o pé a bordo de seu navio, sobreveiu um eclipse do sol e seu piloto não queria partir, porque pensava que morressem. Pericles, que era um sabio, não tinha medo e disse ao piloto que isso era uma cousa natural e que a lua, passando por diante do sol, impedia de o ver. O piloto não entendeu nada d'isso. Pericles, impaciente, jogou-lhe o capote em cima da cabeça e perguntou: « Me vês ? — Não vos posso vêr, porque o capote que está entre vós e meus olhos me impedem de vêr. — Ignorante ! tomou Pericles, ais ahi a rasão porque não vês o sol ; é que a lua está entre teus olhos e o sol, como meu capote está entre mim e teus olhos. »

D. LUIZA.

Comprehende, agora, Maria ?

MARIA.

Não. D. Luiza, porque não concebo como é que a lua póde achar-se diante do sol, e como se póde advinhar o momento em que isso acontecerá.

D. LUIZA.

O sol, estando mais alto que a lua, e a lua caminhando, não é extraordinario que elles se encontrem. Ora, sabe-se precisamente o trajecto que faz a lua e sabe-se ainda que ella não se desvia nunca de sua rota

commum ; assim se pôde predizer todos os eclipses que se devem dar.

SYLVIA.

Mas como inventaram sua sciencia ?

D. LUIZA.

A necessidade, que é a mãe da industria, produz todas as sciencias e as artes; mas foi a observação que descobriu a astronomia. Devem lembrar-se, minhas filhas, que os primeiros homens eram pastores, isto é guardavam rebanhos. Como viviam em paizes muito quentes, dormiam ao relento, no meio dos campos e, quando não dormião, não tendo nada que fazer, distrahiam-se olhando para as estrellas. A' força de olhar todas as noutes, elles notaram que a tal hora appareciam certas estrellas ; elles viram tambem que taes estrellas avançavam regularmente e chegaram a poder dizer o logar que ellas podião occupar no céu á hora certa. Fizeram um plano de suas observações, e passôas entendidas, que examinaram essas observações, fizeram uma sciencia exacta, porque estava fundada na experiencia.

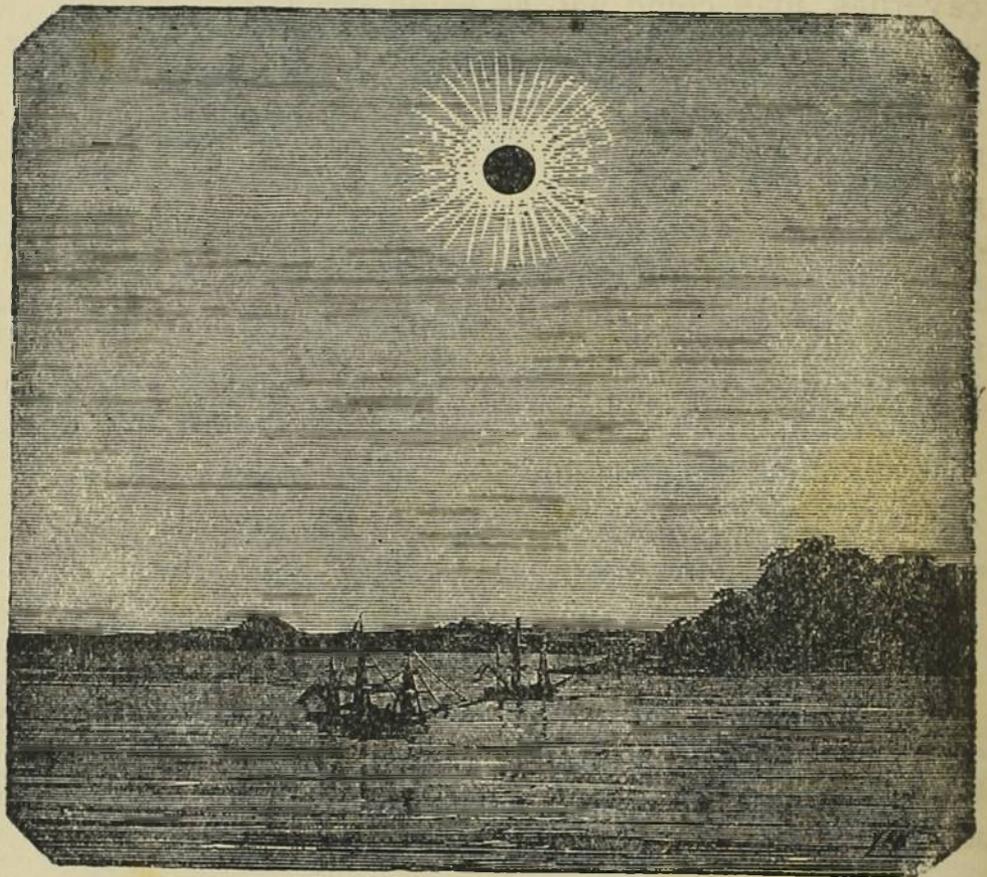
NOEMIA.

Permitti-me uma pergunta, D. Luiza. Já que os primeiros homens sabião astronomia, como é que no tempo de Pericles, assustavam-se quando viam um eclipse ?

D. LUIZA.

Esta sciencia conservou-se muito tempo no Egypto,

porém, não foi nunca aperfeiçoada, nem entre os Gregos, nem entre os Romanos. Os espertos sabião bem que o povo assustava-se sem rasão dos prodigios naturaes, mas-em vez de combater a superstição,



elles a entretinham, porque isso lhes servia para que o povo fizesse o que elles queriam.

SYLVIA.

Nos dissestes que a necessidade inventára as outras artes e sciencias ; ha muitas ?

D, LUIZA.

Sim, querida, cada necessidade produziu uma arte.

O mais necessario para os homens, depois do peccado de Adão, foi cultivar a terra ; essa necessidade fez nascer a agricultura. Depois, foi preciso pensar em se instalarem. No principio, os homens habitavam as cavernas, mas, como não as havia por toda a parte, elles construíram cabanas, que só serviam para os abrigar do tempo. Em seguida, pensaram em tornar mais commodas essas cabanas ; depois, procuraram fazel-as magnificas e isso produziu uma arte que se chamou architectura. Aquelles que moravam no Egypto, n'esse paiz onde nunca chove e onde o Nilo transborda, inventaram uma arte a que deram o nome de geometria. E' a arte de medir e contar.

CARLOTA.

Então eu sei geometria, D. Luiza, porque sei contar muito bem ?

D. LUIZA.

Você sabe uma parte da geometria, minha cara, porque sabe a arithmetica; mas essa sciencia é muito mais extrema, pois que comprehende tambem a arte de medir segura e rapidamente. Vou dizer-lhes o que levou os Egypcios a inventarem essa sciencia. Como a fartura ou a mingua depende entre elles do transbordamento do Nilo, calculem como deviam ser attentos em medir o crescimento d'esse rio. Além d'isso, o Nilo, transbordando, desviava sempre as pedras ou as raias que marcavam a herança de cada um o que os obrigava a ter sempre a medida na mão.

Do desejo de curarem-se das differentes molestias que affligião a humanidade, nasceu a medicina. Depois,

houve ambiciosos que quizeram governar os outros, homens virtuosos que quizeram reunil-os para viver em sociedade. E como esses homens não eram bas-



tante poderosos para obrigarem os outros a obedecer, ou bastante maús para abusarem do seu poder, procuraram o meio de conseguirem seu intento. Como elles tinham estudado o character dos homens, conheceram que se deixavam levar por bellos discursos, e d'isso

nasceu a rethorica ou a arte de fallar bem. Reflectiram depois que, para arranjar bem as palavras, precisava-se primeiro coordenar as idéas, e isso produziu uma outra arte que se chamou logica ou a arte de bem pensar. Outros homens consideraram que, em vão, o homem encontraria outras artes, si elle ignorava a de se fazer feliz, tornando-se virtuoso; estudaram então a arte de adquirir essa felicidade, regrando seus instinctos e esta arte, a mais necessaria de todas, chamou-se a philosophia. Do amôr da natureza e da desejo de imitar, nasceu a pintura. As outras necessidades dos homens, fizeram-n'os achar as artes mechanicas. Porém, por mais que procure, minhas filhas, não posso lembrar-me da necessidade que fez inventar a musica.

NOEMIA

Não é a necessidade de nos distrahirnos, D. Luiza ?

D. LUIZA.

Póde muito bem ser. A dança, na sua origem, não foi talvez inventada sinão para dar exercicio ao corpo. Peço-lhe, Alice, repita-nos os nomes das artes das quaes acabo de fallar.

NOEMIA.

A astronomia, a agricultura, a architectura, a geometria, a medecina, a logica, a rethorica, a philosophia, a pintura, a physica, a musica e a dança.

D. LUIZA.

Tens mais memoria que eu, minha cara, pois

esqueci a physica, que é a sciencia das cousas natu-
raes.

Quanto á essa, deve o seu nascimento á curiosidade
e á observação Adeus, minhas filhas, conservai
bem esses nomes de todas as sciencias; é veignonh-
oso não conhecer ao menos os nomes e o emprego
d'ellas.

VIGESIMO OITAVO DIALOGO

VIGESIMO SEXTO DIA

CARLOTA.

Da vez passada nos fizestes a promessa de começar hoje por uma historia D. Luiza.

D. LUIZA.

E estou disposta a cumpril-a, comtanto que me lembres a que proposito a fiz.

CARLOTA.

A proposito dos Athenienses e do principe Demetrio : dissestes que ainda mesmo que fossem uns patifes, a conducta d'aquelle principe tel-os-hia feito cahir em si, tornando-os assim em homens de bem.

D. LUIZA.

Já me recordo ; ouvi :

Havia um homem muito infeliz, pois teve por único filho um monstro, que resolveu tirar-lhe a vida. Para realisar o seu machiavelico intento, confiou-o a um criado, até aquelle dia seu cumplice em roubar o pae : o rapaz, porém, horrorisado de tão tremendo crime, lançou-se aos pés do ancião declarando tudo.

O pobre velho dissimulou o horrível segredo e disse ao filho que desejava leval-o ao campo para mostrar-lhe uma moça bella e rica com quem tinha intenção de casal-o. Tornava-se necessario atravessar uma floresta extremamente perigosa onde constantemente se encontravam ladrões. Chegados á floresta, o pai ordenou ao filho descer da sella e disse :

Estou sciente do horrível projecto que concebeste contra minha vida ; queres tirar-me os poucos dias que tenho de viver neste mundo ; reflectiste, porém, nas consequencias deste acto infame ? Teu crime, se fosse descoberto, te levaria ao cadafalso onde morrerias pela mão do carrasco ; conduzindo-te aqui, quiz poupar-te esse ultimo supplicio . podes varar-me o coração com toda segurança. Fere meu filho, acrescentou o ancião, apresentando-lhe um punhal e o seio nú ; fere, castiga-me por ter produzido um monstro como tú. Morrendo neste deserto, resta-me ao menos o consolo de pôr a salvo a tua vida e tua honra. Talvez algum dia te recordes da minha bondade, e commovido com esta ultima prova, chores o teu parricidio.

Como bem imaginais, o filho, por peor que fosse, ficou envergonhado diante das palavras do pai, arrependeu-se sinceramente e tornou-se um homem de bem.

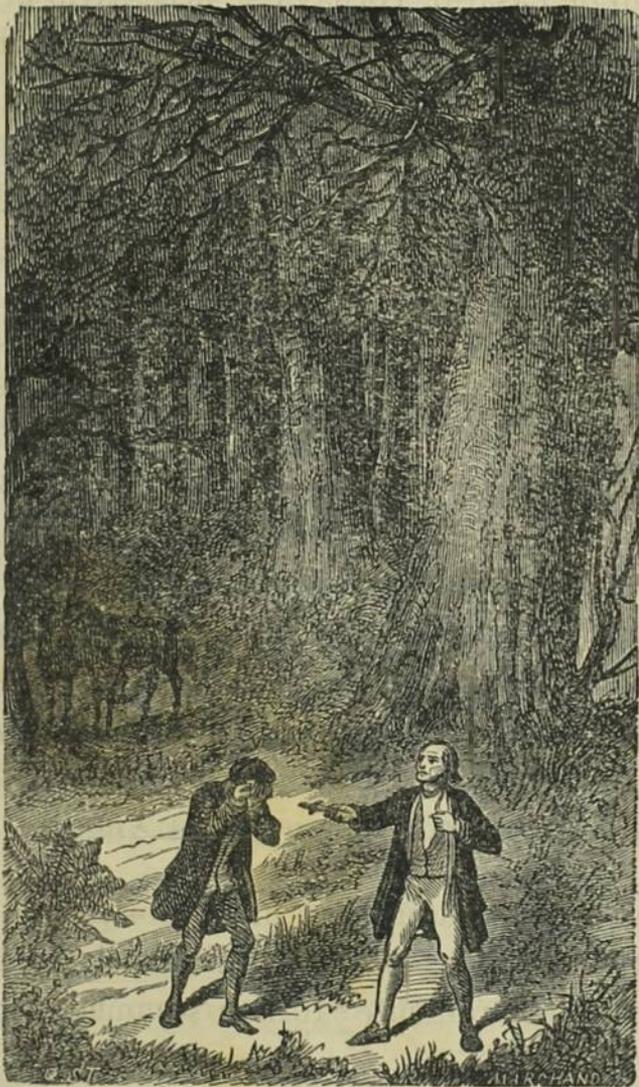
NOEMIA.

Mas é possível que haja homens tão máos a ponto de conceberem a morte de seus paes ?

D. LUIZA.

Um grande legislador pensava como tu, querida

Noemia, estabeleceu castigos para todos os crimes, excepto para os parricidas, pois não acreditava que um homem pudesse praticar semelhante acto.



MARIA.

Que significa parricidas ?

D. LUIZA.

Chama-se parricidas áquelles que matam o pae ou

a mã. ; regicidas áquelles que matam o rei ; fratri-
cidas os que matam os irmãos ; suicidas os que matam-
se a si proprios e desicidas os que mataram Jesus.

LILI.

E' um grande peccado matar-se a si proprio ?

D. LUIZA.

Por certo, cara Maria : os que se matam estão dam-
nados, a menos que tenham enloquecido antes, como
quasi sempre succede.

ROSITA.

Tenho ouvido dizer que só as pessoas corajosas
ousam suicidar-te.

D. LUIZA.

Enganaram-te ; é justamente o contrário : os que
se matam são pessoas fracas, que cedem covarde-
mente á dôr, pois, não tendo coragem de supportar
os males da vida, preferem livrarem-se de uma vez
pela morte a terem de resignarem-se com a vontade
de Deus, supportando as provações que nos enviar.

SYLVIA.

Li uma historia muito extraordinaria, sobre um
homem que queria morrer ; me permittis contal-a,
D. Luiza ?

D. LUIZA.

Com todo prazer, querida menina.

SYLVIA.

Julio Cesar sitiava uma cidade onde se achavam

dois de seus inimigos que tinham tentado causar-lhe grandes danos. Um delles temendo a colera do vencedor, resolveu envenenar-se : o outro pensou que mais valia ir ter com Cesar, porque dizia intimamente, talvez me perdõe : o peor que me pode succeder é a morte ; soffrel-a-hei corajosamente quando se apresentar, mas estou disposto a tentar tudo que a houna me permite para evital-a.

Tomadas aquellas resoluções tão differentes, um dos homens pedio ao seu medico um veneno assáz brando para fazel-o morrer sem grande soffrimentos ; o segundo deixou a cidade, foi ter com Cesar, dizendo-lhe que punha a vida entre as suas mãos. Cesar, dotado duma alma nobre e generosa, ficou commovido diante da confiança daquelle homem. Agradeço-vos do coração, disse-lhe, por me teres em tão grande conta julgando-me capaz de perdoar-vos : Deste modo me prestastes um grande serviço, pois nada na vida me causa tanto prazer como perdoar a meu inimigo : podeis contar com a minha estima e protecção. O homem, agradavelmente surprehendido em deixar Cesar, correu á cidade para tratar de salvar o amigo, se ainda fosse tempo. Encontrou-o deitado no leito, pallido como uma pessoa prestes a exhalar o ultimo suspiro ; ainda assim ficou muito admirado quando soube da generosidade de Cesar e lamentou ter-se envenenado. O amigo propoz-lhe mandar chamar o medico para pedir-lhe um antidoto.

O doente, porém, recusou dizendo : « Estou muito mal, sinto que poucos minutos me restam a viver. » Todavia, por condescendencia para com o outro, con-

sentio em chamar o medico ao qual perguntou se havia algum remedio que lhe podesse salvar a vida Este poz-se a rir e disse aos dois amigos : Admira a força da imaginação, a ideia de uma morte proxima reduzio este homem á agonia ! Conhecendo o coração de Julio Cesar, teria apostado toda a minha fortuna como elle perdoaria a ambos e que, portanto, lamentaríeis de ter-vos envenenado ; por esta razão, em vez de darvos veneno, vos fiz tomar uma pilula propria para vos fortalecer contra o medo. Levantai-vos, pois, porque, na verdade, só estás doente do espirito. Sciente de que não bebêra veneno e que, portanto, sua vida não corria risco, o nosso homem achou-se de repente curado e immediatamente se levantou. Ao saber do caso, Julio Cesar não pode deixar de rir, e recompensou o medico que tão bem o julgára.

D. LUIZA.

Esta historia veio muito a proposito para provar-vos que os que se matam são covardes. Como vêdes, aquelle homem, que queria-se envenenar, parecia não temer a morte pois voluntariamente tomára veneno; entretanto, o medo da morte fel-o adoecer realmente.

Basta, porém, sobre este assumpto; creio que nenhuma de vós será jamais tão tola para pensar em suicidar-se.

Digamos alguma cousa sobre a Normandia. Noemia: diz ás tuas amigas o que sabes sobre esta provincia, para que eu descance um pouco.

NOEMIA.

A Normandia fica situada ao Norte da França; ao sul. tem por limite a provincia chamada do Maine, a oeste e ao norte, a Mancha, e a leste a Picardia e a Ilha de França. Outrora, esta provincia chamava-se Neustria, e o seu nome actual foi-lhe dado por homens vindos do Norte : a palavra Normando significa em inglez Northman, homem do Norte. Estes homens, dos quae sa maior parte eram Dinamarquezes, ou viviam nas proximidades daquelle reino, sendo muito numerosos para o seu paiz, de resto extremamente frio, resolveram tentar fortuna moutra parte; embarcaram. pois, estabelecendo-se nos reinos vizinhos onde praticaram toda sorte de damnos, matando os homens, roubando mulheres e animaes, queimando as arvores e devastando as terras. Depois de terem arrasado um paiz, pediam uma quantia fabulosa para abandonal-o; mas, apenas tornavam á patria, cheios de riquezas, os patricios desejavam. por sua vez, enriquecer. A' França e á Inglaterra estes normados causaram grandes prejuizos, a primeira. sobretudo. vio-se reduzida ao ultimo extremo, pois os inimigos puzeram cerco á cidade de Paris. Enfim. um dos chetes chamado Rollon, convertido ao christianismo. pediu ao rei de França a Neustria, então inteiramente arruinada e quasi deshabitada, promettendo. que se o fizesse duque daquella provincia. impediria seus compatriotas de voltarem á França, pois. de ordinario. entravam pelo Sena que despeja suas aguas no mar na Neustria. Forçoso foi satisfazer-lhe o pedido.

Em compensação, Rollon prometeu render homenagens ao rei, isto é, declarar publicamente que fôra o rei quem lhe concedêra aquelle titulo, e, todas as vezes que houvesse um novo duque reinante, deveria renovar aquella homenagem. Deste modo, os homens do Norte estabeleceram-se na Neustria, e mudaram o nome dessa provincia para o de Normandia, porque chamavam-nos a elles proprios Normandos.

SYLVIA.

Admiro a memoria de Noemia, tanto quanto a sua sciencia.

NOEMIA.

E's muito indulgente. O que deves admirar é o cuidado que D. Luiza tem tido de instruir-me Eu tinha apenas 4 annos quando mamã confiou-me a ella; desde então, não se passou um só dia sem que ella não me ensinasse qualquer cousa util. Se tivesses tido a felicidade de teres uma tal preceptora, serias mais instruida do que eu.

D. LUIZA.

Agradeço-te, querida, a tua gratidão pelos cuidados que te tenho dispensado E' verdade que nada poupei para tornar-te bôa e instruida, mas devo tambem dizer que, pela tua docilidade e applicação, tornaste a minha tarefa agradavel.

ROSITA.

Daria tudo para que podesseis dizer o mesmo de mim.

D. LUIZA.

E' muito possivel, cara menina ; para isto, basta continuares a corrigir-te : nunca sinto tanto prazer como quando posso fazer elogios merecidos, e. para



provar-te, mostrar-te-hei hoje á noite uma carta que tive a honra de receber de tua mamã : ella diz-me que está satisfeitissima pelos elogios que lhe fiz de ti, e que, uma vez que te tornaste ajuizada, ella virá buscar-te no fim de 3 mezes.

ROSITA.

Bella recompensa, na verdade ! Se eu voltar para casa, dentro de um anno estarei exactamente como outróra ; além disto, D. Luiza deseja instruir-me. Maria está mais adiantada do que eu, que, no entanto, já sou crescida, o que muito me envergonha. Se quizerdes ter a bondade de ficar commigo ainda por algum tempo, pedirei a mamã que me deixe demorar o mais possivel em casa de Noemia.

D. LUIZA.

Vêde, meninas, como Rosita tornou-se palida. Agora parece uma moça ; pensa e falla como uma menina nobre.

ROSITA.

Francamente, confesso que dantes pensava e fallava como uma vendedora.

SYLVIA.

D. Luiza : não é verdade que a historia relata que um rei da Inglaterra tornou-se duque da Normandia ?

D. LUIZA.

Não, cara menina ; lêste que um duque da Normandia tornou-se mais tarde rei da Inglaterra. Contanos a sua historia.

NOEMIA.

Um rei da Inglaterra, tendo morrido sem filhos, instituiu seu herdeiro Guilherme, duque da Normandia, alcunhado o Bastardo, e, mais tarde, deno-

minado Guilherme o Conquistador. Como outros príncipes, parentes do ultimo rei, pretendiam a corôa. Guilherme não se apressou em tomar posse della : deixou os príncipes guerrearem-se entre si e, quando julgou-os um tanto enfraquecidos pela lucta, marchou para Inglaterra com um numeroso exercito e tornou-se senhor do reino : deste modo, tornou-se a Normandia uma provincia ingleza, e, por essa razão, os reis da Inglaterra eram considerados subditos ou vassallos dos reis de França. Eram, porém, vassallos mais poderosos que os senhores e lhes causaram muitos damnos.

Quando os reis de Inglaterra faziam alguma cousa contrária á promessa por elles feita ao rei de França, como homenagem, este tinha o direito de fazel-os comparecer perante os pares do reino afim de serem julgados e, si se recusavam a comparecer, podia apoderar-se dos bens que tinham em França.

Foi assim que perderam a Normandia, que voltou de novo a pertencer á França, no reinado de João-o-sem Terra, rei da Inglaterra.

D. LUIZA.

Sylvia: diz-nos quaes são as outras provincias do Sul de França, bem como os departamentos por que foram substituidas.

SYLVIA.

1º O Delphinado, do qual formaram-se tres departamentos : o de Isèra, capital Grenoble ; os Altos Alpes, capital Cap ; o Drôme, capital Valença ; 2º Guyenne, convertida nos seis departamentos seguin-

tes : Dordonha, capital Perigueux ; Gironda, capital Bordeaux ; Lot-et-Garonne, capital Agen ; Tarn-et-Garonne, capital Montauban ; Lot, capital Cahors ; Aveyron, capital Rhodéz ; 3º A Gasconha, dividida em tres departamentos : o de Gers, capital Auch ; o de Landes, capital Mont-de-Marsan ; os Altos Pyrneos, capital Tarbes ; 4º Béarn, que forma o departamento dos Baixos Pyrneos, capital Pau ; 5º o condado de Foix, hoje departamento de Ariège, capital Foix ; 6º o Roussillon : Pyrneos-Orientaes, capital Perpignan ; 7º Languedoc, que devido a sua extensão, foi dividido em oito departamentos a saber, Alta-Garonne, capital Toulouse ; Tarn, capital Alby ; Aude, capital Carcassonne ; Hérault, capital Montpellier ; Gard, capital Nîmes ; Ardèche, capital Privas ; Lozère, capital Mende ; Haute-Loire, capital Puy ; 8º a Provença, contando tres departamentos : Bouches-du-Rhône, capital Marselha ; Baixos-Alpes, capital Digne ; Var, capital Draguignan. Temos ainda o condado de Avignon, formando o departamento de Vaucluse, capital Avignon. Devemos acrescentar tambem a Corsega, capital Ajaccio ; a Saboia, recentemente annexada á França, que forma dois departamentos, o da Saboia, capital Chambery, e da Alta-Saboia, capital Annecy : finalmente, o condado de Nice, hoje departamento dos Alpes-Maritimos, capital Nice.

D. LUIZA.

Descansa um pouco, Sylvia.

SYLVIA.

Bem necessito de um pouco de repouso; foi preciso

o grande empenho que faço em mostrar-vos obediência, para reter tantos nomes, que, a fallar verdade, pouco me interessam.

D. LUIZA.

Por enquanto, querida meninas; mais tarde, porém, ficarás satisfeita por encontral-os na tua cabeça, promptos a responderem ao teu chamado quando delles careceres. Conheço muitas pessoas que, por não terem querido se dar o trabalho de decorar os nomes dos departamentos, são obrigados a recorrerem incessantemente ao dictionario para poderem sobrescriptar as cartas.

O conhecimento da geographia te facilitará muito o estudo da historia, permittindo-te, além disto, acompanhar as viagens de descobertas, que tanto te interessam.

SYLVIA.

Tendes razão, D. Luiza ; um destes dias ouvi fallar das viagens do capitão Cook no Oceano Pacifico, e tive grande prazer em ouvir citar as ilhas por elle descobertas.

D. LUIZA.

Maria, recita a Historia Sagrada.

MARIA.

Pela epocha em que David fugia do filho, Méphiboseth, neto de Jonathas, ao qual David dera as riquezas de Saül, e fizera sentar-se á sua mesa, ordenou a um servo que lhe trouxesse um burro,

pois queria seguir David, mas sendo aleijado, não podia fazel-o O servo, um homem de má indole, recusou obedecer-lhe, e, tirando grande quantidade de provisões da casa de seu senhor, levou-as a David como presente seu. Este perguntou-lhe : « Onde está teu amo ? ao que elle respondeu : Foi ter com Absalão, regosijando-se de vossa desgraça. » Encoleurisado com semelhante procedimento, David disse ao servo :

« Dou-te as riquezas de teu amo. » Na volta de David, o neto de Jonathas foi ao seu encontro, reclamando o castigo para seu servo que o havia calumniado depois de lhe haver desobedecido. Se David fosse prudente, teria procurado informar-se da verdade antes de castigar o culpado ; mas uma falta, muito commum nos reis, é a indolencia que os impede de inteirarem-se por si proprios dos acontecimentos, o que os expõe a commetterem grandes injustiças. Foi o que fez David nesta occasião, pois contentou-se em entregar ao neto de Jonathas metade de seus bens, deixando a outra metade ao infiel criado. David reinou ainda muitos annos, mas, nos seus ultimos annos, deixou-se dominar pela vaidade e quiz saber qual o numero de seus subditos. Alguns amigos fizeram-lhe vêr que devia contentar-se em agradecer a Deus por ter abençoado seu povo, sem procurar conhecer o numero. Como, porém, insistisse, apurou-se existirem quinhentos mil homens na tribu de Juda em estado de pegar nas armas, e oitocentos mil nas outras tribus. Dentro em breve, David reconheceu a falta que a vaidade

lhe fizera commetter, e pediu perdão a Deus. O Senhor enviou-lhe um propheta que lhe disse : « E' preciso que esta falta seja punida ; escolhei, pois, entre sete annos de fome, tres mezes de guerra, ou tres dias de peste. » David escolheu a peste por duas razões ; primeiro, porque julgou melhor morrer pelas mãos de Deus, do que pelas dos homens ; segundo, porque calculava que não passaria misérias, mas somente o povo : além disso em caso de guerra estaria em segurança, pois havia promettido não marchar elle proprio contra os inimigos, ao passo que escolhendo a peste não seria poupado, o que muito lhe agradava, pois queria partilhar do castigo uma vez que era o mais culpado.

O anjo do Senhor começou a ferir os Israelitas, dos quaes foram mortos setenta mil. Vendo o anjo dirigir-se para Jerusalem, David prostrou-se por terra, dizendo ao Senhor. « Para que feris estas innocentes ovelhas ? sou eu o unico culpado ; castigai-me, Senhor, não poupeis nem a mim nem a minha familia, mas tende piedade de meu povo. » A colera de Deus abrandou-se diante daquella supplica, pois David vio o anjo pôr novamente a espada na bainha.

David mandou erigir um templo ao Senhor no lugar onde o anjo se deteve.

CARLOTA.

Se é um peccado a pessoa se encolerisar, como a Escriptura santa diz que o Senhor encolerisou-se ?

D. LUIZA.

Porque não ha outro termo na nosso lingua que

possa exprimir os effeitos da justiça de Deus, e o odio que tem ao crime. Supponhamos, querida menina, que visses um homem matar outro ; ficarias contra o malvado e fal-o-hias punir, se isto dependesse de ti ; poderia dizer-se que estavas encolerisada, isto é, enfurecida contra aquelle homem.

Essa colera, porém, seria justa, não sendo uma paixão nem um peccado. Os juizes, que condemnão os criminosos teem contra elles esta especie de colera ; é este sentimento de justiça e de horror ao crime que faz punir o culpado e que a Escriptura chama a colera de Deus.

SYLVIA.

Esta aversão, que Deus tem ao crime, é muito forte visto ter castigado David tão severamente, por uma falta tão leve.

D. LUIZA.

Quelquer offensa a Deus é um crime tão grande, que não se ousa dizer que haja faltas leves ; entretanto, as que são commettidas por pessoas, ás quaes Deus tem feito grandes beneficios, são ainda mais graves que as de outras. E' por este motivo que Jesus-Christo diz no Evangelho que o castigo dos Judeus será muito maior do que o dos habitantes de Sodoma, pois se tivesse feito nesta cidade os milagres que fez entre elles, os habitantes teriam feito penitencia vestidos de sacco com a cabeça coberta de cinza. Continua. Lili.

LILI.

Estando David já muito velho, um de seus filhos,

chamado Adonija, resolveu tornar-se rei, e para este fim, procurou conquistar Joab, commandante das tropas e varios outros personagens de primeira categoria. Havia já algum tempo, Adonija procurava distinguir-se dos irmãos pela sua magnificencia. David tinha notado aquillo, mas, amando ternamente seus filhos, temia contrariar-os ; demais não acreditava que Adonija tivesse más intenções. A paciencia de David animou Adonija, que convocou os irmãos bem como os principaes partidarios no intuito de fazer-se sagrar rei. O propheta Nathan, porém, ordenou a Bethsabé que fosse ter com David, ao qual devia lembrar que, por ordem do Senhor, havia escolhido Salomão para lhe succeder. Por sua vez Nathan foi ter com David, e o informou dos projectos de Adonija. O rei então, ordenou que Salomão fosse sagrado immediatamente. Sabendo do occorrido, Adonija receiou ser condemnado á morte, pelo que refugiou-se no tabernaculo , abraçou-se ao altar e não o largou enquanto não teve certeza de ser perdoado. Salomão jurou conceder-lhe o perdão de todos os erros passados, comtanto que, para o futuro, elle se tornasse um homem de bem. Sentindo proximo o seu fim, David mandou vir Salomão e lhe recommendou que fosse fiel ao Senhor ; em seguida morreu, reinando Salomão após a sua morte.

D. LUIZA.

Continúa. Carlota.

CARLOTA.

Salomão era ainda muito novo quando subio ao

throno. Uma noite, enquanto dormia, appareceu-lhe o Senhor, dizendo-lhe : « Pede-me o que quizeres, eu t'ó concederei. » Salomão humilhou-se diante do Eterno e, considerando sua pouca idade, pediu a Deus que lhe concedesse a sabedoria que devem possuir os reis, e que lhes é tão necessaria para julgar e governar, como devem, o seu povo. Deus respondeu-lhe : « Já que preferes a sabedoria ás riquezas e outros bens temporarios, tornar-te-hei não só o mais sabio dentre todos os reis, mas tambem o mais rico e o mais poderoso de todos elles ; e se observares fielmente os meus mandamentos, viverás muito tempo sobre a terra. » Após esta visão, Salomão teve occasião de mostrar a sua sabedoria, ao julgar um processo muito singular. Duas mulheres compareceram á sua presença, dizendo-lhe uma dellas : Senhor, eu morava, em companhia desta mulher, num quarto onde não avia, além de nós, senão dois recém-nascidos, filhos de cada uma de nós, aos quaes amamentavamos. Ora succedeu que esta mulher, tendo posto seu filho comsigo no leito, abafou-o enquanto dormia. Ao despertar, vendo o filho morto levantou-se devagarinho pôz a criança morta ao meu lado levando o meu filho, para a sua cama. Pela manhã fiquei muito afflicta ao dar com o menino morto, mas, reparando bem, vi, que não era o meu filho, mas sim o desta mulher. » A outra disse ao rei : « Senhor, esta mulher mente, seu filho morreu, o meu é que está vivo. » Outro que não fosse Salomão ficaria bem embaraçado, pois não havia testemunhas ; mas, como o senhor lhe havia dado a sabedoria, disse a um dos guardas alli presen-

tes : « Trazei uma espada, parti o menino vivo ao meio e dai metade a cada uma destas mulheres. » Aquella que primeiro fallara, a verdadeira mãe do menino, estremeceu de dôr ao ouvir semelhante sentença, suas entranhas de mãe revoltaram-se contra aquelle acto, e, num impeto de amor maternal, lançou-se aos pés do rei, dizendo-lhe. « Senhor, por quem sois, dai o menino a esta mulher que o reclama ; prefiro perdê-lo a vê-lo morrer ! » A outra, porém, replicou : « A sentença do rei é justa, pois assim nenhuma de nós terá a criança. » Então, Salomão ordenou : Dai a criança viva áquella que primeiro fallou, pela sua ternura reconheço ser a verdadeira mãe. » Todos ficaram admirados da habilidade com que Salomão soube descobrir a verdade, e a verdadeira mãe retirou-se, bemdizendo-o, exultando de alegria.

MARIA.

Suppus que Salomão mandasse partir o menino ao meio. Que grande susto passei !

D. LUIZA.

Um rei, a quem Deus enchêra de sabedoria, não podia commetter semelhante crime. Mas, não admirastes nada na conducta de Salomão, meninas ?

ROSITA.

Sim, D. Luiza, admiro como um rei tão joven preferia a sabedoria a tudo mais.

NOEMIA.

E eu admiro a bondade de Deus, dando-lhe riquezas e outros bens que elle não pedira.

D. LUIZA.

Salomão pediu a Deus uma cousa muito util, mas teria feito melhor em pedir-lhe a graça de guardar fielmente seus mandamentos. Assim, teria obtido com esta graça a sabedoria bem como os outros bens que Deus dignou-se conceder-lhe.

CARLOTA.

Porventura, Salomão não foi um homem digno durante toda sua vida ?

D. LUIZA.

Não, querida menina, esqueceu-se do que devia a Deus e tornou-se idolatra.

SYLVIA.

De que lhe servio, então, a sabedoria ?

D. LUIZA.

A sabedoria humana, bem como a intelligencia e os talentos, são cousas muito frageis, só tendo algum valor emquanto reunidas ao temor de Deus. Salomão foi o homem mais sabio do mundo ; compôz as mais bellas obras que se póde conceber ; em seus livros falla sobre todas as arvores e todas as plantas ; mas, de que lhe servio tanta sciencia, se teve a desgraça de morrer sem se arrepende de seus crimes ?

MARIA.

Não pediu perdão a Deus antes de morrer ?

D. LUIZA.

A Escriptura falla-nos de seus crimes, mas nada

nos diz sobre o seu arrependimento. No entanto, ouvi dizer que alguns sabios pretendem ter elle se convertido ; não é, porém, muito certo, pois a Escrip-tura nada diz a este respeito, o que nos deve fazer tremer. Foi uma desgraçada paixão que tornou Salomão criminoso. Amou mulheres estrangeiras e desposou-as apesar da prohibição do Senhor. Estas mulheres desejaram possuir imagens dos falsos deuses aos quaes adoravam ; Salomão offereceu-lhes incenso por condescendencia para com ellas, pois, como bem sabeis, elle era demasiado intelligente para adorar deuses de madeira e de pedra.

SYLVIA.

Li os *Contos arabes*, onde se falla de Salomão com muito respeito : diz este livro que elle que governava todos os seres elementares, e que aquelles que pos-suem o seu anel tambem os governão.

MARIA.

Que significa seres elementares ?

D. LUIZA.

São os espiritos ou genios que habitão o ar, o fogo, a terra e a agua, segundo a crença dos Turcos e Arabes.

Elles imaginão que o ar é povoado de espiritos deno-minados sylphos ; que, na terra, existem outros cha-mados gnomos ; áquelles que habitão o fogo dão o nome de salamandras, e aos da agua chamão nym-phas.

Pretendem que estas creaturas são superiores

aos homens, tendo recebido de Deus o poder de fazerem muito bem e muito mal. Mas, dizem tambem que os sabios, habitantes deste mundo, teem grande autoridade sobre esses espiritos aos quaes obrigam a lhes obedecer com mais promptidão do que os escravos aos senhores, bem como áquelles aos quaes deram talismans.

LILI.

O que é um talisman ?

D. LUIZA.

E' um anel ou um pedaço de metal sobre o qual um desses pretensos sabios tenham gravado certos signaes.

CARLOTA.

E tudo que contam sobre estes sêres elementares, é verdade ?

D. LUIZA.

Tanto quanto as historias de fadas que vos tenho contado, queridas meninas. No emtanto, tenho visto pessoas intelligentes darem credito a todas estas asneiras.

Quando creanças, leram os *Contos arabes* e outros livros do mesmo genero ; ninguem cogitou de avisar-lhes que eram contos para fazer dormir em pé, inventados á vontade de quem os narra ; e isto estragou-lhes o espirito.

Conheci certa moça, de uma familia Pérot, de resto muito instruida, a quem um importante ministro consultava muitas vezes. Um dia, eu a ouvi dizer,

conversando muito seriamente, que, quando era pequenina, os sylphos arrebatavam-na dos braços da mãe indo deposital-a nos campos, entre as flores. Digo-vos o seu nome, porque já ha muito tempo ella não existe. Poderia citar-vos muitas outras pessoas distinctas que acreditam nessas tolices, mas não o faço porque nunca devemos mencionar as pessoas quando relatamos a seu respeito cousas pouco lisongeiras.

MARIA.

Dissestes, D. Luiza, que os Turcos acreditavam que Deus permittia ás creaturas elementares fazerem aos homens bem ou mal. Porventura, os Turcos crêem em Deus ? Tinha-os em conta de máos, suppondo que adoravam idolos.

ROSITA.

Tambem eu julgava que adoravam Mahomet.

D. LUIZA.

Estais enganadas, meninas. Os Turcos não são idolatras, porque adoram um só Deus, o mesmo que adoramos; mas são infieis porque não creem que Jesus-Christo seja Deus. Dizem que é um grande propheta pelo Altissimo enviado aos christãos, assim como Moysés aos Judeus, e Mahomet a elles. Em somma, os Turcos não são considerado; máos, ao contrário, dizem-n'os geralmente bons : praticam a caridade entre si, têm compaixão dos animaes, e muitos ha que, quando morrem deixam uma somma destinada á alimentação dos cães e dos passaros.

NOEMIA.

Não sei, então, de onde lhes veio esta fama de crueis. Porventura, maltratão os christãs ?

D. LUIZA.

Muitas vezes, porque nos desprezam. Chamão-nos de cães, não porque sejamos christãos, mas porque não seguimos as preceitos deixados por Jesus-Christo, nosso propheta.

Quando vêem, porém, um christão, cumpridor de seus deveres, estimam-n'o em vez de lhe fazer mal. Naturalmente, fallo das pessoas educadas, pois, em todos os paizes do mundo, os ignorantes se equivalem, isto é, odeiam, desprezam ou maltratam as pessoas sem razões para tal.

MARIA.

Desejava muito saber quem era Mahomet, D. Luiza.

D. LUIZA.

Von contar-te o que tenho ouvido dizer a seu respeito por diversas pessôas, pois nunca li a sua historia. Orphão aos cinco annos de idade, Mahomet foi educado por um tio ; aos quatorze, alistou-se numa caravana onde, segundo dizem, foi conductor de camelos.

Guerreou a Syria e, de regresso a Meca, casou com uma viuva rica, mais idosa que elle. Era dotado de grande intelligencia, extraordinaria coragem e, sobretudo, de uma ambição desmarcada. Após varios annos de estudo e solidão, resolveu distinguir-se das demais pessoas fundando uma nova religião. A cousa

era tanto mais facil, pois que os christãos habitantes daquellas regiões eram ignorantissimos ; além disso, havia tambem grande numero de Judeus e de idolatras nem por isso mais instruidos. Para realizar os seus intentos, Mahmet aproveitou de uma molestia que, entretanto, devia impedil-o de conseguir os seus fins. Soffria de epilepsia ou mal da gôtta. Não conheceis talvez esta molestia ; aquelles que d'ella padecem cahem por terra com terriveis ataques, durante os quaes se debatem horrivelmente, deitam espuma pela bocca como os damnados, depois, conservam-se sem sentidos durante muito tempo. Quando Mahomet tinha um accesso dessa terrivel molestia, dizia-se em extase, isto é, que durante aquelles instantes Deus fallava lhe ou o arrebatava para o céo afin de dictar-lhe suas vontades.

SYLVIA.

E é possivel que houvessem pessoas assás ingenuas para acreditarem em tal cousa ?

D. LUIZA.

As pessoas sensatas separaram-se d'elle : estas, porém, são sempre em numero limitado. Entretanto, Mahomet foi obrigado a fugir ; as difficuldades, porém, não o derrotaram. Urganisou a nova religião de modo a angariar discipulos, pois, no intuito de attrahir os Christãos, fallava de Jesus-Christo como de um grande propheta digno de todo respeito ; disse outro tanto de Moysés para conquistar os Judeus, e para não desgostar os pagãos, conservou algumas das suas cerimoniaes. Elle dizia que Deus, dando, entre relampagos

e trovões, as taboas da lei, quizera forçar os homens a lhe obedecerem pelo medo, mas que, não tendo este meio surtido o desejado effeito, mandára-lhes um outro propheta para induzil-os, pela brandura, á obediencia, e que, falhando ainda esta tentativa, mandára-o elle, Mahomet, para, por meio da espada, obrigar os homens á fidelidade. Conforme este principio, disse que a sua seita devia estabelecer-se pelas armas, devido ao que adquirio innumerados partidarios, provenientes de todos os lados, que contavam fazer fortuna na sua companhia. Deste modo, Mahomet, de legislador tornou-se monarcha, legando o throno á sua posteridade. Seu tumulo acha-se em Meca ; ella é venerado pela maior parte dos povos da Asia que são mahometanos.

SYLVIA.

Mas, como é possível que tanta gente se deixasse seduzir ?

D. LUIZA.

Havia na religião de Mahomet certos pontos muito proprios para seduzir os homens. Por exemplo, permite-lhes terem tantas mulheres quantas poderem sustentar ; promette-lhes, na outra vida, um paraíso onde se comerá lautamente, e beberá excellentes licores que não produzem embriaguez, pois, quanto a estes, é prohibido aos mahometanos fazerem uso. O que, porém, contribuiu muito para espalhar a doutrina de Mahomet, foi interdizer aos seus sectarios o estudo das sciencias e da religião, pois Mahomet bem sabia

que a sua seita só podia subsistir com o apoio da ignorancia.

Como livros, tinham apenas o Alcorão, obra de Mahomet, que consiste numa collecção de maximas e orações sem nenhum seguimento. Li uma parte desse livro, como, porém, não me interessasse, não tive coragem de concluir.

SYLVIA.

Então os Turcos não imprimem livros ?

D. LUIZA.

Ha muito pouco tempo é que teem typographias, e, ainda assim é uma innovação contrária aos seus principios.

NOEMIA.

D. Luiza, consentis que eu conte ás minhas amigas o que succedeu quando os mahometanos tomaram a cidade de Alexandria.

D. LUIZA.

Da melhor vontade, querida Noemia.

NOEMIA.

Havia n'aquella cidade uma rica bibliotheca, creada e conservada com extraordinario zelo pelos reis do Egypto : não continha livros semelhantes aos nossos pois, naquelle tempo, não se sabia imprimir; eram obras escriptas á mão, isto é, manuscriptos. Após a tomada da cidade pelos mahometanos, um sabio, que se tornára amigo do general, pedio-lhe que lhe desse todos aquelles livros.

Não ousando attender ao pedido, o general escreveu ao chefe para saber o que devia fazer da bibliotheca. Eis o que este respondeu-lhe :

« Se estes livros contem apenas o que se encontra no Alcorão, são inuteis, portanto devem ser queimados ; se contem outra cousa, é preciso queimal-os tambem. » Queimaram pois a bibliotheca : eram tantos os manuscriptos que, durante seis mezes, empregaram-n'os para aquecer os banhos publicos.

SYLVIA.

Que pena, D. Luiza ! Eu teria dito como aquelle sabio : Dai-me todos estes livros ; teria passado a vida a lêl-os.

ROSITA.

Gostas tanto assim da leitura ?

SYLVIA.

Mais do que tudo no mundo ; mais do que a opera, do que a comedia, bailes, passeios etc : consentiria de boa vontade em ir para um carcere, comtanto que me promettessem bastantes livros para eu ler da manhã á noite.

ROSITA.

Não tenho o mesmo gosto ; nunca pude supportar a leitura, e se leio actualmente, é apenas para obedecer a D. Luiza. A principio isto me aborrecia mortalmente ; agora, menos ; no emtanto, sinto bem que nunca gostarei tanto de ler como tu : é uma mania.

D. LUIZA.

Tens razão, é uma mania, que eu tambem tinha na

idade de Sylvia, e, sobre esse assumpto, não sou mais rasoavel que ella. Confesso que é um defeito gostar, em excesso da leitura; é, porém, maior defeito ainda, querida amiga, não gostar absolutamente. E' o defeito dos nescios, e se, por infelicidade, eu o tivesse, procuraria corrigir-me, e occultal-o-hia cuidadosamente, receiando qu me tomassem por uma ignorante.

ROSITA.

Mas de que serve gostar tanto de ler ?

D. LUIZA.

A mil cousas, cara meninas : lendo, a gente se instrue, se corrige, se distráe, e, como diz Sylvia, uma pessoa amiga de ler não se aborreceria num deserto, nem mesmo numa prisão. Demais o tempo assim empregado é melhor do que o perdido no jogo ou nos theatros. Adeus, meninas, já terminou a hora da lição.

VIGESIMO NONO DIALOGO

VIGESIMO SETIMO DIA

D. LUIZA.

Que tens Carlota, choraste ? Estás com os olhos vermelhos.

CARLOTA.

Não mereço estar em companhia destas meninas porque, depois que deixei-as a ultima vez, fui má como um demonio.

D. LUIZA.

E'muito mal feito isto querida menina; entretanto, reconheces a tua falta, te arrependes, o que já é alguma cousa : trata-se agora de reparal-a. Começa por confessal-a diante de tuas amigas.

CARLOTA.

Nunca ousarei D. Luiza : é demasiado horrivel o que tenho a dizer, e as minhas amigas não mais poderiam supportar minha presença.

D. LUIZA.

Se pensassem assim, não teriam caridade. De resto, bem sabem que todos nós estamos sujeitos a commet-

ter os maiores erros. Se não o fazemos é simplesmente pela misericórdia de Deus, e aquella que fosse tão orgulhosa, a ponto de desprezar um peccador arrependido, seria mais criminosa do que elle aos olhos do Senhor. Entretanto querida Carlota, ainda mesmo que estas meninas te desprezassem por causa da tua falta, deverias acceitar esta humilhação. Não temeste tornaes-te desprezível aos olhos de Deus, peccando, mas temes o desprezo das creaturas ! Isto não é justo. Aposto que peccaste por orgulho ; debes punil-o confessando o teu erro.

CARLOTA.

Tendes razão. Por orgulho, acontece-me considerar os criados como meus escravos, do que resulta encolerisar-me cada vez que me contradizem. Hontem, depois de ter jantado bastante, divertia-me em partir o pão em pedacinhos e atiral-os ao chão. A dama de companhia disse á criada que levasse o pão ; e eu disse que ainda estava com fome e, por conseguinte, queria comer. Mentia ; não tinha mais fome, era apenas por espirito de contradição. A dama de companhia, que bem o percebia, ordenou á criada, pela segunda vez, que levasse o pão, e, como esta obedecesse, dei-lhe uma bofetada, sapateei e quiz arranhal-a com as unhas.

D. LUIZA.

Tinhas razão de te envergonhares, menina, o teu procedimento foi inqualificavel ; não quero, porém, fazer-te censuras, porque vejo que, no teu intimo, já te tenho feito bastantes. Antes de dizer-te o que de-

ves fazer para reparar a tua falta, vou contar-te uma historia.

Havia na cidade de Athenas uma moça chamada Elisa, cujo genio se assemelhava ao teu. Seus escravos, muito numerosos, eram os mais infelizes que se possa imaginar. Elisa espancava-os, injuriava-os, e, quando as pessoas de bom senso mostravam-lhe que fazia mal em assim proceder, respondia-lhes : Estas creaturas são feitas para supportarem o meu máo humor ; para isto comprei-as, sustento-as, visto-as ; e são ainda muito felizes em terem, na minha companhia, o pão de cada dia.» Esta má rapariga tinha uma criada de quarto que era o seu passa-culpas

Todavia, não conseguia cansar-lhe a paciencia. Apesar dos máos modos de sua senhora, Mira era-lhe muito dedicada : desculpava tanto quanto podia seus defeitos e teria dado a vida para tornal-a melhor. Elisa teve de fazer uma viagem por mar ; como era cousa urgente e tambem não devendo demorar-se muito, levou apenas a criada de quarto. Mal achou-se em pleno mar, desencadeou-se um horrivel temporal desviando o navio do seu rumo.

Depois de terem vogado durante varios dias á mercê das ondas as pessoas da équipagem avistaram uma ilha. Como não sabiam onde se achavam e não tinham mais viveres, tiveram de aportar. Ao entrar o navio no porto, uma lancha veio ao seu encontro e as pessôas que nella se achavam perguntaram aos passageiros do navio seus nomes e qualidades. A orgulhosa Elisa fez escrever todos os titulos de sua familia ; havia para mais de uma pagina. Suppunha

que assim obrigaria aquellas pessoas a respeitarem-n'a. Grande, porém, foi a sua surpresa quando, em vez do que esperava, voltaram-lhe as costas, sem a menor consideração : mas, ainda maior foi o seu espanto quando a criada, tendo declarado seu nome e condição, aquelles estrangeiros trataram-n'a com o



maior respeito, dizendo-lhe tambem que podia ordenar no navio onde era senhora absoluta. Estas atenções impacientaram Elisa que disse á escrava : Que desafôro o teu, escutares os discursos desta gente ! — Cuidado, senhora, replicou o mestre da embarcação, já não estais em Athenas. Sabei que tresentos escravos, desesperados com o máo tratamento dos senhores, refugiaram-se nesta ilha, ha tresentos annos : aqui fundaram uma republica onde todos são iguaes mas, crearam tambem uma lei, á qual tereis de

submitter-vos por bem ou por mal. Para que os senhores comprehendam como procederam mal abusando do poder que tinham sobre seus escravos, estes os condemnaram a serem por sua vez escravos.

Aquelles que obedecem de bôa vontade, podem contar que lhes seja restituída a liberdade, mas os que recusam submitterem-se, ficarão sendo escravos toda a vida. Tereis todo a dia de hoje para lamentar-vos e habituar-vos á vossa triste sorte ; mas se, amanhã, murmurardes, ainda que levemente, ficareis para sempre escrava.» Elisa, aproveitando da autorisação, vociferou mil injurias contra a ilha e seus habitantes ; Mira, porém, aproveitando uma occasião em que ninguem a via, lançou-se aos seus pés dizendo : Consolai-vos senhora, não abusarei de vossa desgraça, respeitar-vos-hei sempre como minha senhora. » A pobre escrava assim o pensava, porque não conhecia as leis do paiz. No dia seguinte, fizeram-n'a comparecer perante os juizes acompanhada daquella que se tornára sua escrava : « Mira, disse o presidente, é preciso instruir-vos dos nossos costumes ; lembrai-vos, que se não os observais, isso custará a vida a vossa escrava Elisa. Lembrai-vos fielmente da sua conducta para comvosco em Athenas ; é preciso tratá-la durante oito dias do mesmo modo que ella vos tratou. Ides jurar-o immediatamente. Ao cabo de oito dias, sereis livre de proceder como bem vos parecer. E tu, Elisa, lembra-te que a menor desobediencia tornar-te-hia escrava até o resto de tua vida. »

Ouvindo estas palavras, Mira e Elisa pozeram-se a chorar. Mira atirou-se mesmo aos pés do magistrado

supplicando-lhe que a dispensasse de prestar aquelle juramento, « porque, acrescentou, morrerei de pezar se tiver de cumpril-o. — Levantai-vos, senhora, disse-lhe o juiz ; esta creatura vos trata então de modo tão barbaro, que só a ideia de imital-a vos faz estremecer de horror ?

Desejaria que a lei me permittisse satisfazer vosso pedido ; isto, porém, é impossivel. Tudo quanto posso fazer é abreviar esta provação, reduzindo-a a quatro dias. Não repliqueis, pois basta uma palavra e tereis de cumprir a sentença durante os oito dias. » Mira vio-se obrigada a prestar o juramento ; quanto a Elisa, participaram-lhe que começaria o serviço no dia seguinte. Para a casa de Mira foram enviadas duas mulheres, encarregadas de tomar nota por escripto de todas as suas palavras e actos durante os quatro dias. Vendo que não poderia evitar o que lhe impunham, Elisa tomou a sua decisão, como rapariga intelligente que era, porque, a despeito de seu orgulho, era dotada de grande intelligencia. Resolveu, pois, desempenhar tão bem o seu cargo, que Mira não teria occasião de maltratal-a.

Esquecia-se de que sua ex-escrava devia copiar-lhe os caprichos e o máo humor. Na manhã do dia seguinte Mira tocou a campainha ; Elisa correu tão depressa a attender o chamado, que arriscou-se a partir a cabeça, o que de nada lhe servio, pois Mira lhe disse num tom bastante aspero : » Preguiçosa, em que te occupavas ? Só acódes um quarto de hora depois do chamado. — Asseguro-vos senhora que abandonei immediatamente o serviço assim que ouvi a

compainha. — Cala-te, disse-lhe Mira, és uma insolente respondona que só sabe ser malcreada ; dá-me o vestido, quero levantar-me. » Muito contristada, Elisa foi buscar o vestido que Mira puzera na vespera e lh'o trouxe ; esta, porém, atirou-lh'o á cara, exclamando : « Que estúpida rapariga ! é preciso dizer-lhe tudo ; pois não deves saber que desejo pôr hoje o meu vestido azul ? »

Elisa suspirou novamente, sem comtudo ousar replicar, pois lembrava-se perfeitamente que em Athenas a pobre Mira tinha de advinhar todos os seus caprichos para evitar ser ralhada. Depois de vestir e servir o almoço a sua senhora, desceu para, por sua vez, almoçar. Mas, apenas sentou-se, ouviu a sineta, o que se repetio mais de dez vezes em uma hora ; e era sempre por bagatellas que Mira a fazia subir.

Ora havia esquecido o lenço num quarto; de outra vez era para abrir a porta ao cão, e sempre por cousas desta ordem. Entretanto, era preciso descer e subir duas enormes escadas ; deste modo, a pobre Elisa já não se aguentava, tão cansada se achava, mas dizia comsigo : » Coitada ! a pobre Mira soffreu muito em minha companhia, pois todos os dias tinha de recommençar a mesma lida. » A's duas horas, Mira participou que queria ir ao theatro e, por conseguinte, era preciso penteal-a. Disse á escrava Elisa que desejava os cabellos dispostos em longos anneis ; depois de penteada, porém achou que aquella móda, fazia-lhe a cabeça enorme : por conseguinte, foi necessario desmanchar o penteado e fazel-o novamente, o que obrigou Elisa a estar de pé até ás seis horas da tarde,

hora em que Mira resolveu sahir. Alem disto, teve de supportar mil impertinencias, como por exemplo: que era uma estúpida, uma desageitada que não ganhava o dinheiro que custava ! Só ás duas horas da manhã, depois de ter ceiado na cidade, Mira regressou do espectáculo; e, como perdera no jogo, vinha de muito máo humor. Vingou-se injuriando sua escrava, e como esta, ao despenteal-a, repuxou-lhe casualmente os cabellos, deu-lhe uma bofetada. Pouco faltou para que a paciencia faltasse a Elisa; mas, lembrando-se de ter dado mais de dez em Mira, calou-se. « Amanhã, quero sahir ás dez horas com o meu chapéo de rendas, disse-lhe Mira. — Não está limpo, disse a escrava, e bem sabeis, senhora, que são precisas cinco horas para laval-o. — Senhora, disseram as mulheres da ilha a Mira, lembrai-vos que esta pobre creatura tem necessidade de repouso. — Muito doente ha de ficar por passar uma noite em claro, respondeu Mira; ella foi feita para isto ! » Ai de mim ! disse Elisa consigo propria, mais de vinte vezes fil-a ficar accordada, para satisfazer os meus caprichos.

Durante os quatro dias, Mira repetio tão bem as asneiras de sua senhora, que esta comprehendeu a dureza do seu procedimento e convenceu-se de que tinha agido barbaramente para com a pobre Mira. No fim do quarto dia, extenuada de cansaço, adoeceu. Mira fel-a deitar no seu leito, deu-lhe da sua propria comida, finalmente, tratou-a com tanta dedicação como se estivesse em Athenas.

Elisa, porém, já não recebia seus serviços com a mesma altivez; humilhada pela bondade de sua

escrava, teria consentido em servir-a durante toda vida para assim reparar seus erros.

Esqueci-me de dizer-vos que no vapor, em que viajava Elisa, iam tambem algumas senhoras e cavalhei-



ros de Athenas; como, porém, não eram pessoas da sua classe, pouco os conhecia e quasi não se occupára com elles. Ao cabo de um mez, reuniram-n'os todos: os juizes, nomeados expressamente, examinaram o procedimento de cada um, começando por interrogar as senhoras, tornadas escravas, para saber como se tinham dado com a nova condição: todas confessaram,

suspirando, que achavam muito duro submeterem-se áquellas as quaes deviam ordenar. « E porquê, perguntaram-lhes os juizes, vos julgais no direito de ordenar aos vossos escravos ? A natureza pôz entre vós e elles alguma distincção ? Não ousais affirmal-o. O escravo, o criado e o senhor procedem do mesmo pae ; e os deuses, collocando-os em posições tão diferentes, não pretenderam que, a seus olhos, uns fossem mais que os outros. A virtude estabelece as categorias perante a sabedoria divina : é o unico titulo do qual faz caso, e é para facilitar a pratica de todas as virtudes, que permittio as diversas condições. O escravo deve distingui-se pela dedicação ao senhor, pela fidelidade e amor ao trabalho. E' preciso que os senhores, pela sua brandura e caridade, attenuem a dureza da escravidão, do mesmo modo que os escravos devem retribuir pela afeição, obediencia e zelo as bondades que delles recebem. Fizestes experiencia das duas condições, disse o juiz aos senhores tornados escravos ; que isto vos sirva de lição. De regresso a Athenas, jamais trateis vossos escravos como não desejarieis ser tratados durante o tempo que aqui passastes.» Em seguida, dirigindo-se aos escravos convertidos em senhores, o juiz disse : « A lei vos permite conceder aliberda de aos vossos escravos, nada vos força, porém, a fazel-o. Podeis deixal-os aqui toda vida, ou mandal-os para Athenas ; podeis ainda, se o quizerdes, regressar com elles. Aquelles, que quizerem libertar seus ex-senhores, inscrevam seus nomes neste livro.» O juiz esperava que Mira seria a primeira a restituir a liberdade a sua senhora ; ella, porém, conservou-se immovel no seu lugar, bem

como uma outra mulher e um rapaz de sympathica physionomia. Perguntaram á mulher porque motivo não restituia a liberdade a sua senhora, uma pobre velha. « Porque, respondeu, tendo sido sua escrava durante vinte annos, é justo que, durante igual numero de annos, tome a minha desforra: estou farta de obedecer, e, durante mais algum tempo, quero ter por minha vez o prazer de governar. » Esta mulher chamava-se Belisa. Nesta occasião, o rapaz, que se chamava Zenon, adiantou-se, dizendo ao juiz: Não me apresentei para assignar a carta de liberdade de meu senhor, porque, desde o momento em que me vi livre de tratá-lo segundo a minha vontade, elle deixou de ser escravo.

Peço-lhe perdão por ter sido obrigado a maltratá-lo durante oito dias: a lei ordenava copiar pelo seu o meu procedimento; asseguro-vos, porém, que isto me fez soffrer mais do que elle.

Podeis fazel-o embarcar para Athenas: offereço-me para acompanhá-lo e mesmo servil-o, se assim elle o exigir, durante toda a vida, porque, afinal, elle comprou-me, e, por isso, como homem de honra e consciencia não julgo dever aproveitar de um accidente que me restitue a liberdade, sem tel-o antes embolsado do dinheiro que custei-lhe.

— Este rapaz fallou por mim, disse Mira; sua historia é a minha. Apressai-vos em fazer-nos voltar a Athenas; o coração me diz que alli serei mais feliz; porque, se não me engano, minha querida senhora, tendo conhecido a affeição que lhe dedico, me tratará de agora em diante com mais brandura. » Elisa interrompen-

do a escrava, disse ao juiz. » Se já não fallei ha mais tempo, foi porque a vergonha e a confusão me prendiam a lingua. Esta pobre rapariga é digna de ser minha senhora durante toda vida, ao passo que eu não mereço ser sua escrava. Até hoje, julgava-me de uma especie differente da sua, e, realmente, não me enganava. Possuia, acima d'ella, nome, riquezas, orgulho, maldade, ao passo que ella tinha, acima de mim, um bom coração, paciencia, caridade e generosidade. Que seria de mim, hoje, se ella só tivesse os meus titulos ? Reconheço, pois, com muito prazer, sua superioridade sobre mim. Aceito, entretanto, a liberdade que me restitue, e agradeço-lhe querer voltar commigo para Athenas porque, então terei ensejo de provar-lhe a minha gratidão, partilhando com ella os meus bens, considerando-a como uma amiga digna de todo respeito, cujos conselhos seguirei, procurando tambem imitar-lhe os exemplos. »

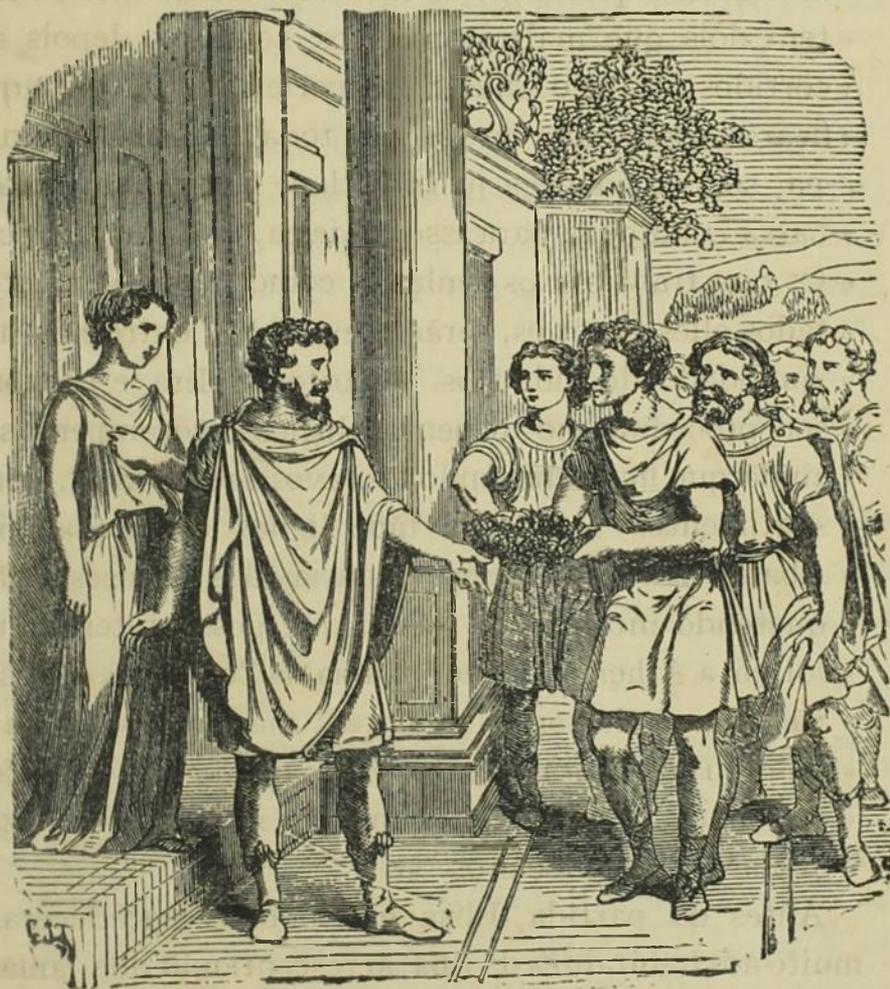
Zenocrate, senhor de Zenon, até então calado, adiantou-se por sua vez, e, dirigindo-e aos juizes, disse-lhes : « Eu partilho a vergonha de Elisa. Como ella, maltratei um escravo muito superior a mim pela nobreza de seus sentimentos : como ella, arrependo-me sinceramente de tão indigna conducta, e, como ella, quero reparal-a, tornando Zenon um homem feliz. »

Então o juiz, dirigindo-se ao auditorio, pronunciou esta sentença : « A escrava, que não se compadeceu da « situação de sua velha senhora tem sentimentos de « escravo ; por isso, condemnamol-a a ficar escrava « durante toda a vida : é a condição que condiz com a « baixeza de seu coração ; exhortamos, porém, sua senhora

« a não abusar da liberdade que lhe restituimos,
« sem o que se tornaria tão desprezível quanto esta
« creatura. Aquelles que resolveram mandar os senho-
« res para Athenas, e ficar n'esta ilha, aqui ficarão,
« mas não na qualidade de escravos. Entre estes, exis-
« tem dois que maltrataram os senhores depois de
« corridos os oito dias de experiencia ; estes aqui
« ficarão como escravos, porque toda, pessoa deshuma-
« na, sem caridade e justiça, deve pertencer á mais
« baixa condição ; para isso foi feita, é só isso merece.
« Os que trataram os senhores como queriam ser tra-
« tados elles proprios, serão admittidos, entre nós, na
« qualidade de cidadãos. Quanto a Mira e Zenon,
« seu procedimento dispensa elogios e recompensas :
« ainda que ficassem sendo escravos toda a vida, seus
« sentimentos tornão-os tão dignos quanto os reis.
« Abandonamol-os á providencia dos deuses, não
« querendo intervir no futuro que possam ter ; que
« voltem a Athenas em companhia de Zenocrate e Elisa.
« São dignos de serem senhores ; mas, que venham a
« sel-o ou não, serão sempre os mais dignos de todos
« os homens, honrando a condição na qual os deuses
« dignarem-se collocal-os. »

Antes da partida, Elisa e Zenocrate agradeceram muito aos habitantes da ilha, acrescentando que jamais esqueceriam as lições de humanidade delles recebidas. Durante a viagem para Athenas, Zenocrate e Zenon tendo occasião de apreciar melhor as bôas qualidades de Elisa e Mira, apaixonaram-se por estas, pediram-n'as em casamento, realizando-se o acto apenas chegaram a Athenas. Os fieis escravos, apesar de se tor-

narem livres, não quizeram separar-se dos senhores. Visto isto, ficaram encarregados do governo da casa, desempenhando este cargo com um zelo e fidelidade dignos de servir de exemplo a todos aquelles que a



Providencia, votou ao servilismo. E' verdade que Zenocrate e sua mulher jamais esqueceram a virtude de Mira e Zenon, e tratavam-n-os mais como amigos dignos de confiança, afeição, e mesmo, respeito, do que como pessoas que lhes eram sujeitas.

Então, Carlota, se estivessemos na ilha dos escravos, que seria de ti ?

CARLOTA.

Minha criada ter-me-hia batido, dado uma bofetada, chamado impertinente, insolente...

D. LUIZA.

O que seria muito justo, querida amiga; não exijo, porém, tanto. Amanhã, á hora do almoço, estarei em tua casa ; tua criada sentar-se-ha no teu lugar, á mesa, e será servida por ti. Estás horrorizada. Rosita?

ROSITA.

Sim. D. Luiza ; parece-me que nunca poderia resolver-me a fazer semelhante cousa. Demais, estas creaturas são tão insolentes, tão promptas á vos faltar com o respeito, que eu teria receio de incital-as ainda mais, assim procedendo.

D. LUIZA.

Enganas-te, querida, São nossos vicios que provocam o desprezo dos criados, mas nunca o que fazemos para reparal-os. Havia uma moça, chamada Tomelle, criada de vestir da Sn^{ra} Beaujolais, princeza de sangue real em França, A Sn^{ra} Beaujolais era dotada de um bom coração, muito viva, porém, succedia-lhe, ás vezes dizer palavras duras aos que viviam sob suas ordens.

Um dia, a princeza poz agua de flôr de laranja numa chicara de café e deixou-a sobre o toucador. A pobre Tomelle, muito cuidadosa, vendo a chicara fóra do seu lugar, julgou que a tivessem esquecido e, sem cheirar o

que estava dentro, jogou a agua numa bacia. Quando a princeza veio vestir-se, perguntou pela agua de flôr de laranja, e como Tomelle confessasse que, tomando-a por agua natural, despejara-a fóra, a princeza lhe disse muitas palavras offensivas. A Sn^{ra} de Beaujolais tinha uma irmã mais moça, que desposou, mais tarde, o principe de Conti ; esta era meiga, como um anjo. Achando-se á sós com a irmã, disse-lhe : « Minha querida irmã, se eu tivesse commettido uma grande injustiça, como a que praticaste esta manhã, asseguro-te que não dormiria esta noite. » Esquecida daquelle accesso de máo humor, a princeza perguntou-lhe qual era o crime que ella lhe imputava : a outra lembrou-lhe o seu arrebatamento da manhã. « E' somente isto ? perguntou, rindo, a princeza mais velha. — Oh, minha irmã, tu me affliges : pois consideras como cousa sem importancia um accesso de raiva que ferio o coração da pobre Tomelle ? Tu a tornaste muito infeliz esta manhã, e estou certa que, até agora não, pode comer satisfeita. As palavras dos principes levam a alegria ou o desespero á alma daquelles que os cercam, por isso, devem ter cuidado de nunca se permittirem uma palavra aspera ou offensiva : é uma espada afiada que despedaça o coração daquelle a quem é dirigida, sobretudo, si é uma pessoa que nos tem affeição. Apressa-te, querida irmã, em restituir a alegria á pobre Tomelle, reparando a tua falta. — Minha bôa irmã, respondeu a Sn^{ra} Beaujolais agradeço-te muito a reflexão, aliás muito justa, que me obrigaste a fazer e, para o futuro, prometto-te pesar as minhas palavras. Como, porém, reparar o passado ? Certamente não

quererás que eu peça desculpas a essa creatura que é menos do que a ultima das minhas criadas de quarto. — E' porque te recusarias a fazel-o, uma vez que a offendeste sem motivo ? respondeu-lhe a princeza mais nova. Crê no que te digo, querida irmã, uma pessôa da nossa classe avilta-se e torna-se desprezivel quando commette injustiças, mas colloca-se no seu logar, e faz estimar-se, quando tem a coragem de reparal-os. Em vão dirás que essa creatura é muito inferior a ti ; a differença só existirá emquanto fôres mais virtuosa que ella. Eis o que me ensinou a razão, eis tambem o que te demonstrará o bom senso, se quizeres escutal-o. » Com effeito, a Sn^{ra} Beaujolais reconheceu a verdade do que lhe dizia a irmã. Era de uso em França que a pessôa considerada mais distincta apresentasse a camisa á rainha ou ás princezas, quando estas se vestiam, e, de ordinario, quem o fazia era a primeira dama de honra. A' noite, quando a princeza foi preparar-se, voltando-se para a primeira dama do palacio, disse-lhe : « Permitti Sn^{ra}, que Tomelle me apresente a camisa ; hoje de manhã fui brusca com ella do que me sinto muito arrependida. » A pobre moça occulta por trás das outras, não ousava mostrar-se ; mas quão grande foi a sua alegria ouvindo a princeza fallar nestes termos ! Depois de lhe ter dado a camisa, atirou-se lhe aos pés, beijando a mão que a princeza lhe apresentava, e que banhou de lagrimas, além disto confessou que se sentia humilhadissima diante de tanta bondade. Considerava um sacrilegio o ter murmurado contra uma senhora tão bondosa ; emfim, a pobre Tomelle estava sinceramente arrependida. Eis ahi,

meninas, o effeito que produz sobre os criados a reparação de nossas faltas ; aproxima-os de nós, torna-os dedicados. Espero, portanto, que Carlota fará o que lhe disse para reparar sua injustiça.



CARLOTA.

Certamente, e da melhor vontade. Não sou de tão alta linhagem como aquella princeza ; porque não hei de reparar, do mesmo modo que ella, a minha falta?

SYLVIA.

O que foi feito dessas duas princezas, D. Luiza ?

D. LUIZA.

Morreram ambas muito moças, ha já muitos annos. Teria ainda muitos casos, semelhantes a este, para contar-vos ; resta-nos, porém muito pouco tempo. Lili, repete a Historia sagrada.

LILI.

Vendo-se tranquillo no seu reino, Salomão pensou seriamente na construcção de um templo em honra ao Senhor. Para esse fim, obteve de Hiram, rei de Tyro, grande quantidade de cedro, preciosissima madeira da qual se servio para a construcção do templo. em parte coberto de ouro : havia tambem um altar inteiramente de ouro ; os candelabros e grande parte dos vasos eram de primorosa e finissima esculptura. Terminada essa grandiosa obra, Salomão fez transportar a arca, contendo as taboas onde Deus escrevêra as suas leis, e depositou-a no recinto do templo. Em seguida, procedeu á cerimonia da dedicacção, immolando grande numero de victimas : rogou ao Senhor que residisse n'aquella casa, isto é, que alli estivesse de maneira particular, reconhecendo, no entanto que, semelhante morada não era digna daquelle que o céo não póde conter. Supplicou-lhe que escutasse os rogos dos que alli viessem orar e lhes fosse propicio. Querendo o Senhor mostrar-lhe que ouvira a sua supplica, fez apparecer no templo uma nuvem luminosa ; então, Salomão abençoou o povo e retirou-se para sua casa. Na mesma noite, appareceu lhe novamente o Senhor, dizendo-lhe que attendêra ás suas ora-

ções e recommendando-lhe ainda uma vez, fidelidade aos seus mandamentos.

Logo após a edificação do templo, mandou Salomão construir um palacio para si e outro para suas mulheres ; em seguida, occupou-se em fazer florescer o commercio nos seus Estados : o exito foi completo, pois em Jerusalem o dinheiro era tão commum como as pedras. A riqueza de seu palacio era conhecida no mundo inteiro. A rainha de Sabá deixou o seu reino para vir a Jerusalem admirar a magnificencia e sabedoria desse rei. Salomão, porém, na sua velhice, abandonou o caminho da virtude, esquecendo-se do que devia ao Senhor. Chegou a ter mil mulheres das quaes setecentas eram princezas e como as havia escolhido entre as nações que não tinham sido destruidas na Terra promettida, apesar de Deus prohibir formalmente taes casamentos, essas mulheres idolatras exigiram que elle erigisse altares aos seus falsos deuses. A sua fraqueza levou-o a obedecer-lhes e, até mesmo, a immolar com ellas. Diante disto Deus abandonou-o e deu-lhe inimigos. Enviou um propheta a um rapaz chamado Jeroboão : este propheta, cortando-lhe o manto em doze partes, disse : » Toma dez pedaços deste manto ; assim como o dividi, hei de dividir o reino do qual te darei dez partes, ficando as outras ao filho de Salomão, em memoria de meu servo David. » Deus appareceu ainda uma vez a Salomão, para censural-o, porém pela sua ingratição, annunciou-lhe a divisão de seu reino : todavia, prometteu-lhe que tal cousa só aconteceria após sua morte, em attenção a David, seu pai. Sabendo que um propheta promettêra parte

do reino a Jeroboão, Salomão procurou meios de fazer perecer o rapaz ; este, porém, fugio para o Egypto de onde só voltou depois da sua morte que teve lugar



pouco tempo depois. Além das obras escriptas sobre as arvores e as plantas. Salomão escreveu tambem sobre os animaes : deixou ainda um livro de proverbios e bellas maximas.

D. LUIZA.

Vê. Sylvia. o que vale a sciencia sem a virtude.

SYLVIA.

Tendes razão. E' triste pensar que Salomão tenha-se tornado tão mau e tão ingrato para com Deus. No que Lili acaba de relatar ha uma cousa que faz recear muito que Salomão tenha morrido em peccado : é que, em vez de submeter-se ás ordens de Deus, que queria dividir o reino entre seu filho e Jeroboão, tentou fazer perecer este ultimo.

D. LUIZA.

Tua observação é justa; mas, como a Escripura não o condemnou, tambem nós não devemos fazel-o. Continúa, Maria.

MARIA.

Tendo Roboão, filho de Salomão, reunido o povo para se fazer sagrar rei, seus subditos disseram-lhe : « Vosso pai nos impôz grandes tributos; agora, porém, que subis ao throno, alliviai-nos um pouco.» Roboão pedio tres dias para responder, e como consultasse aos anciães, cujos conselhos seu pai acceitava, estes responderam-lhe : « O pedido do povo é justo, se attendes agora, elle vos obedecerá sempre fielmente.»

Em seguida, Roboão consultou aos rapazes como quaes fôra educado, obtendo a seguinte resposta : « Não commettais a imprudencia de ceder ao povo ; deveis responder-lhe que, em vez de diminuir as tarifas, augmental-as-heis. Então sereis temido, ninguem ousará resistir-vos. » Roboão seguiu este máo conselho do qual resultou a revolta de dez tribus que escolheram Jeroboão como rei. Só as tribus de Juda e de Benjamin conservaram-se fieis a Roboão. A partir

desta epocha, dois foram os reinos: o de Israel onde reinava Jeroboão, e o de Juda, onde reinou Roboão e sua posteridade. Entretanto, Jeroboão disse consigo: Si eu deixar o povo ir offerecer sacrificios a Deus em Jerusalem, lhe voltará novamente a natural affeição que sente pelo sangue de David, e para poder fazer a paz com Roboão, far-me-ha perecer. Querendo evitar essa desgraça mandou fazer dois bezeros de ouro, expôl-os em publico e disse às dez tribus: Aqui estão os deuses que vos tiraram do Egypto. » Deste modo, Jeroboão fez o seu povo adorar idolos. Um dia, estando junto ao altar para queimar incenso, Deus mandou-lhe um propheta que lhe disse: Do sangue de David nascerá um homem chamado Josias, que banhará este altar com o sangue dos sacrificadores: como poderíeis duvidar que eu seja um enviado do Senhor, vou proval-o por meio de um milagre: Que este altar se fenda e que a cinza que se acha em cima espalhe-se! Jeroboão estendeu a mão para ordenar que prendessem o propheta; esta, porém, seccou e o altar fendeu-se.

Muito assustado, disse elle ao propheta: Rogai por mim ao Senhor para que me restitua novamente o uso da mão. » O mensageiro de Deus tendo attendido ao pedido, a mão do rei voltou ao estado primitivo. Em seguida, o rei convidou o propheta para jantar em sua casa; este, porém, respondeu-lhe: « Ainda que me desseis metade do vosso reino, não poderia fazel-o, pois o Senhor prohibio-me comer pão e beber agua antes de regressar a casa. » Assim fallando, partio; mas, como um falso propheta dissesse-lhe, em caminho, haver Deus lhe revelado sua chegada e ordenado

offerecer-lhe alimento, deixou-se tentar e comeu. Dentro em pouco, foi severamente punido, pois, quando retomou o caminho da casa, sahio um leão da floresta e estrangulou-o : o leão, porém, não atacou o burro onde ia montado o propheta, e, ainda mais, conservou-se junto ao cadaver do homem, como para mostrar que não foi pela fome, mas por ordem de Deus, que sahio da floresta.

D. LUIZA.

Continúa, Carlota.

CARLOTA.

Como Jeroboão não se corrigisse de sua má vida, Deus ferio seu filho de uma molestia grave, pelo que mandou a mulher consultar o propheta (que lhe promettera o throno) sobre a risco que corria a sua vida, ordenando-lhe, porém, que se disfarçasse. Inutilmente ella o fez, pois o propheta avisado por Deus da sua vinda, apenas ouviu-a fallar, disse-lhe : « Entrai, mulher de Jeroboão ; quando puzerdes o pé no batente de vossa porta, morrerá vosso filho. Será o unico da familia que entrará no tumulo de seus antepassados ; porque Deus reconheceu na sua pessoa qualquer cousa de bom : quanto ao resto de vossos descendentes, aquelles que morrerem na cidade serão comidos pelos cães, e os que morrerem no campo serão devorados pelo passaros, porque Jeroboão, em vez de servir o Eterno, que lhe dera um reino, incitou o povo a adorar falsos deuses. » Com o decorrer do tempo, realisou-se essa prophecia. Apareceu em Israel um novo principe que fez perecer a casa de Jeroboão. Este novo

rei, porém, não tendo sido mais fiel a Deus, outro príncipe tratou os seus como elle tratára a familia de seu senhor. Muitas outras mudanças tiveram logar na successão dos reis de Israel. Todos elles, porém, foram máos até Achab, o peor de todos, que desposou Jesabel, filha do rei de Sidon.



Os povos de Juda não foram mais fieis a Deus que os Israelitas: como elles, adoraram idolos. Só oneto de Salomão, chamado Asa, que foi tambem rei de Juda, marchou fielmente no caminho dos mandamentos do Senhor.

SYLVIA.

Realmente, os Judeus eram muito estupidos e tinham grande inclinação para o idolatria. Pois que ! após

todos os milagres obrados em favor de seus pais, puderam ouvir tão calmamente os discursos de Jeroboão quando este lhes dizia, designando-lhes os bezerros de ouro, por sua ordem fabricados: Eis os deuses que vos tiraram do Egypto! Na verdade, a estupidéz dessa gente me impaciente!

NOEMIA.

E Jeroboão, querida amiga, que vê sua mão seccar, obtém a cura, e, apesar disto, volta a adorar os idolos?

D. LUIZA.

Sem duvida, não acreditaes que elle podesse imaginar que os bezerros tivessem alguma cousa de divino; mas a ambição, que o devorava, não lhe permittia seguir as luzes de sua consciencia. Quanto ao que diz Sylvia, isto é, que os Israelitas eram muito propensos á idolatria, concordo; todavia, foi, antes, o máo exemplo das nações que os cercavam que a isso os impellio, do que a propria tendencia. Não levaremos mais longe a sua historia, caras amigas; antes, porém, de nos despedirmos dos Israelitas, desejo que Sylvia nos relate, resumidamente, o que reteve de nossas palestras sobre o Antigo Testamento.

SYLVIA.

Vou tentar fazel-o. D Luiza, em todo caso me desculpareis se omittir alguma passagem.

Primeiramente Deus creou o mundo, e depois o homem e a mulher, Adão e Eva, mais tarde explusos do Paraiso terrestre por castigo á sua desobediencia.

Após a sua queda tiveram elles dois filhos, Abel e Caim ; este que era o mais velho, teve inveja do irmão e matou-o : foi o primeiro crime ; tambem Deus maldisse o assassino. Como os homens se tornassem máos, o Eterno mandou o diluvio, fel-os perecer á excepção de Noé, que era um homem justo e por isso foi salvo na arca em companhia de sua familia. Seus descendestes, antes de se separarem, quizeram construir uma torre cujo cimo attingisse o céu, afim de se porem ao abrigo de um segundo diluvio. Mas esta empresa insensata não teve resultado, pois Deus confundio-lhes as linguas de modo que já ninguem se comprehendia. Assim a torre de Babel jamais foi concluida. Em seguida dispersarão-se e povoaram as differentes partes do mundo. Houve o patriarcha Abraham ; já não me lembro de quem era filho...

D. LUIZA.

Descendia de Sem, um dos filhos de Noé.

SYLVIA.

Deus predisse-lhe numerosa posteridade. Seu filho Isaac desposou sua prima Rebecca da qual teve dois filhos, Esaú e Jacob ; um delles, o mais velho, vendeu, por gula, seus direitos de primogenitura. Jacob foi obrigado a refugiar-se em casa de seu tio Laban cujas filhas desposou, porque era permittido aos patriarchas terem muitas mulheres. As filhas de Laban chamavam-se Lia e Rachel. Todas vós sabeis a historia de José vendido por seus irmãos, e como eu deveis lembrar-vos do captiveiro dos Israelitas no Egypto, do seu livramento por Moysés, da passagem do mar Ver-

melho, das miserias que passaram, no deserto, do maná que Deus fez chover para alimentar-os e do milagre do rochedo ferido por Moysés de onde brotou uma fonte d'agua natural que estancou-lhes a sêde. Foi tambem nessa occasião que o Senhor deu a Moysés a lei dos dez mandamentos e mostrou-lhe a Terra promettida na qual não entraria. De facto morreu pouco antes.

D. LUIZA.

Descansa querida Sylvia. Noemia vai dizer-nos quaes os homens mais celebres do Antigo Testamento.

NOEMIA.

Parece que de todos o mais notavel foi Moysés, sempre muito attento em observar a lei divina, ao qual coube a tarefa de guiar o povo israelita, no meio de tantas provações, estando este sempre prompto a se revoltar a murmurar e tornar-se novamente idolatra.

D. LUIZA.

Com effeito, esse grande homem foi tão admiravel pela sua fé como pelas suas leis e pelos milagres que operou. Depois d'elle muitas guerras houveram para conquistar a Terra promettida. Poderias citar-nos principaes, chefes suscitados por Deus para governarem o seu povo ?

NOEMIA.

Josué succedeu a Moysés, em seguida veio Gedeão, depois o propheta Samuel, que sagrou Saül rei de Israël e finalmente David e seu filho Salomão.

D. Luiza.

Muito bem, Noemia ! O rei David, cuja historia estudámos recentemente foi culpado, e penitente. Escreveu os Psalmos que estão cheio de transportes para Deus, e que tão bem exprimem a tristeza d'uma alma arrependida. Nelle afflictos ou alegres, encontramos canticos, consolações, esperanças, sempre de accordo com o estado de nossa alma. O rei propheta ahi annuncia numa bella linguagem a vinda de Nosso Senhor Jesus-Cristo, que dez seculos mais tarde devia mudar a face do mundo e fundar o christianismo, esta lei de amor, salvação e caridade que jamais estudaremos, amaremos e praticaremos bastante.

Como as nossas palestras estão a terminar e como tambem a de hoje foi um tanto prolongada e profunda para a vossa pouca idade, vos prometto para manhã um lindo conto.

TRIGESIMO DIALOGO

VIGESIMO OITAVO DIA

D. LUIZA.

Bom dia queridas meninas. Esta noite lembrando-me das nossas palestras veio-me um certo escrúpulo. Temos fallado sobre varios assumptos e eu receio não me ter explicado bastante claramente tratando-se de cabecinhas loucas como as vossas. Por isso desejava saber se alguma dentre vós não teria qualquer explicação a pedir-me ?

CARLOTA.

Sim D. Luiza. Não comprehendí bem o que nos dissestes uma vez a respeito dos elementos.

SYLVIA.

Tambem eu não comprehendo como a agua, por exemplo, que não tem cheiro, nem gosto nem côr, seja composta de outra cousa que não é agua !

D. LUIZA.

No emtanto querida, nada é mais certo. A agua é composta de duas substancias gazosas, uma das quaes chama-se gaz *oxygeneo*, e encontra-se em grande quan-

tidade no ar que respiramos e a outra, chama-se gaz hydrogeneo, ou ar inflammavel.

SYLVIA.

Como ! Pois o ar que se inflamma, que se accende, que nos allumia, simplesmente chamado gaz entraria na composição da agua ?

D. LUIZA.

Exactamente. No anno de 1776, dois sabios francezes estudando as propriedades do gaz hydrogeneo, descoberto por um sabio inglez alguns annos antes, tiveram a curiosidade de conhecer exactamente a especie de fuligem que produz o gaz ao queimar. Para esse fim puzeram um pires de porcelana sobre a flamma, e ficaram muito surprehendidos vendo que em vez de fuligem o pires estava coberto de pequeninas gottas de agua clarissima. O sabio inglez que por seu lado, fazia experiencias, obteve o mesmo resultado : reunindo os dois gazes produziu agua.

SYLVIA.

Tambem eu ficaria muito admirada, pois na verdade me parece uma cousa extraordinaria.

D. LUIZA.

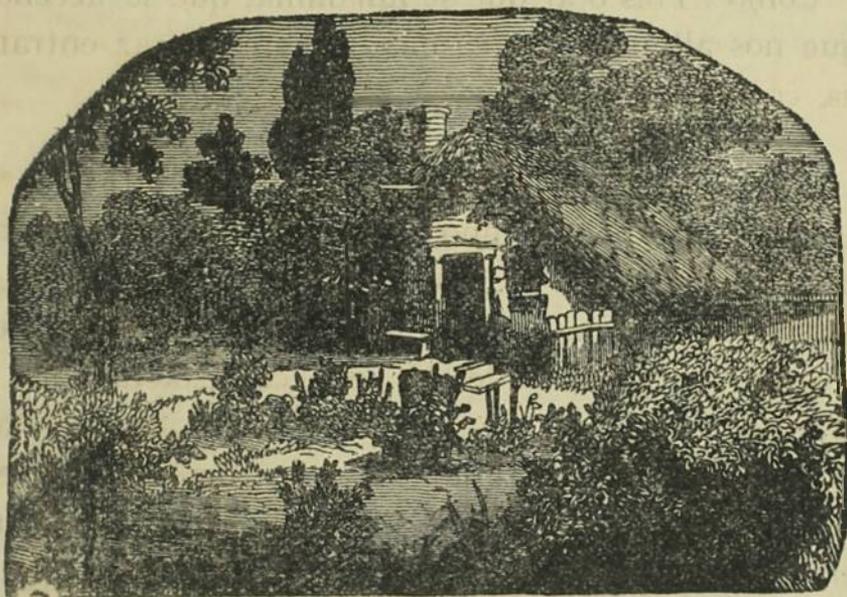
Ha ainda outras cousas mais extraordinarias nas descobertas que se teem feito e se fazem todos os dias graças á chimica.

MARIA.

A que se chama chimica D. Luiza ?

D. Luiza.

É uma sciencia que consiste em compôr e decompôr os corpos para saber de que materia são feitos ; em fundir os metaes e retirar os gazes que se desprendem.



Foi assim que se chegou a saber que o ar que respiramos é composto de varios vapores ou gazes, podendo serem separados uns dos outros, dos quaes alguns são mortiferos quando isolados, mas combinados com outros tornam-se puros e dão-nos vida. Deste modo podem os chimicos, decompondo substancias que nos parecem tão simples, como a agua, o ar, a terra, d'ellas tirar, conforme lhes aprouver, a vida ou a morte.

SYLVIA.

São então verdadeiros feiticeiros. Eu teria medo desses sabios.

D. LUIZA.

Acertaste querida Sylvia, Durante muito tempo a

chimica foi considerada como uma feiticeiria ; chamavam-n'a então *alchimia*, e aquelles que a ella se dedicavam eram temidos e perseguidos, porque muitas vezes utilisavam-se dessa sciencia para satisfazer odios ou vinganças, compondo venenos subtis cujo segredo só elles possuam.

MARIA.

E' uma sciencia bem feia D. Luiza.

D. LUIZA.

E' preciso não encarar as cousas por um só lado, minha cara Maria. Ha cêrca, de sessenta annos, a chimica tornou-se uma sciencia positiva que todos podem estudar, tendo sido muito util á industria á qual tem prestado grandes serviços. Estou vendo, pela physionomia distrahida de Lili, que isso não lhe interessa tanto como a nós.

LILI.

Na verdade, gostaria mais de ouvir o lindo conto que nos promettestes.

MARIA.

Ah sim ! um bello conto de fadas bem cheio de peripicias !

D. LUIZA.

E tu Noemia não dás opinião.

NOEMIA.

Bem sabeis que prefiro historias ; porem os contos tambem me divertem um tempo.

SYLVIA.

Eu desejal-os-hia um pouco verdadeiros, e um pouco inexactos.

CARLOTA.

Comtanto que hajam fadas magicos ou gigantes, estou satisfeita.

D. LUIZA.

Teria muito trabalho de imaginação queridas meninas, para contentar a todas vós. Uma, deseja cousas extraordinarias, outra fantasticas ereaes, a terceceira gosta de magicos, mas todas querem, assim o espero, encontrar tambem neste conto além do prazer, uma pontinha de verdade e de moral. Pois bem chamarei em meu auxilio uma dama ingleza (1), muito intelligente e instruida, autôra do conto que vou relatar a meu modo e que intitularei :

A FAMILIA DOS GIGANTES.

Havia um lavrador, pai de muitos filhos, cujo unico bem era um pedacinho de terra muito limitado, de modo que não produzindo bastante trigo, mal podia o pobre homem sustentar sua numerosa prole. Um dia resolveu vender o pouco que tinha e seguir o exemplo de muitos dos seus visinhos, pobres operarios, que iam tentar fortuna muito distante, num paiz onde, lhes tinham garantido, os terrenos eram baratos e a mão de obra cara. Embarcou, pois acompanhado de toda a familia. Mas, ao cabo de quinze dias de viagem, sobre-

(1) Mistress Marcett.

veio uma grande tempestade ; o navio impellido pelas ondas e pelo vento que soprava com furia já não podia ser governado.

Afastando-se do rumo que levava, vogou durante muito tempo ao acaso e finalmente foi dar n'uns escolhos, onde se despedaçou. Varios passageiros pereceram ; outras foram salvos numa lancha atirada pelo mar, a uma praia visinha. Entre estes achavam-se o lavrador, a mulher, os filhos, um pedreiro, um carpinteiro, um marceneiro e um serralheiro, que tinham embarcado com elles.

Quando se viram em terra sãos e salvos ficaram satisfeitissimos e de joelhos deram graças a Deus por tel-os livrado de tão grande perigo. Em seguida olharam em tórno de si : o paiz era ameno e fertil mas parecia deserto. Não se via casas nem habitantes.

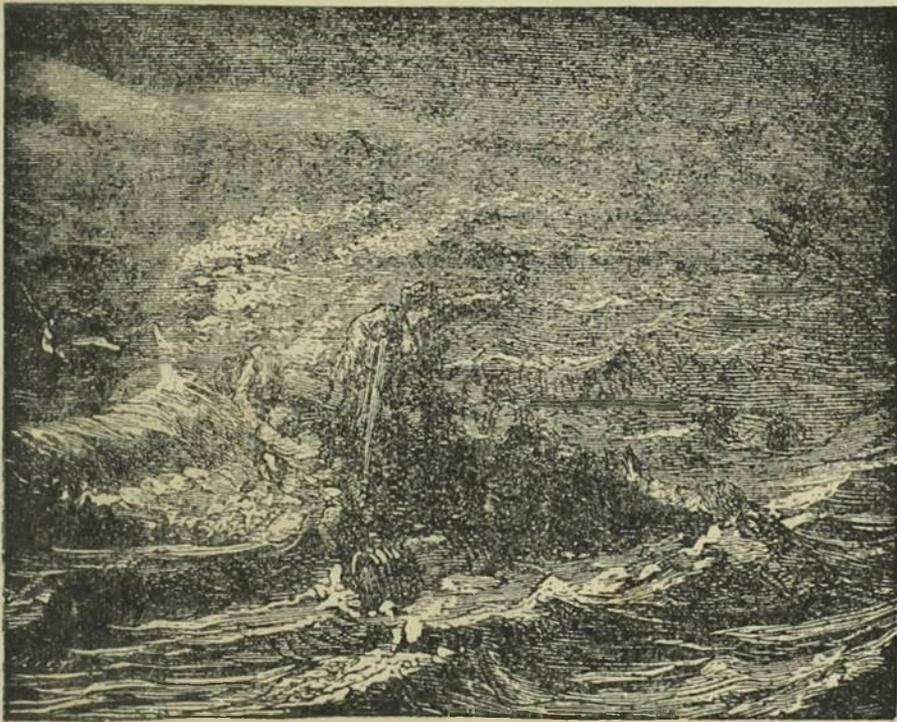
— Tanto melhor ! disse o lavrador. No paiz de onde viemos, não havia bastante terreno para todos ; aqui são os homens que faltão á terra. Se ao menos tivéssemos as ferramentas que tínhamos trazido !

— E tambem vasilhas, marmitas, para preparar a sôpa ! disseram as mulheres.

— Oh ! exclamaram as crianças que pena não termos um gallo e uma gallinha ! mas, talvez os encontrássemos ainda nas gaiolas, a bordo do navio.

Apenas a mar baixou, como o faz duas vezes em vinte e quatro horas, appareceu a carcassa do navio encalhada entre dois rochedos. Os homens dirigiram-se até lá, a nado e trouxeram machados, serras, martellos, enxadas, farinha, trigo, um saquinho cheio de sementes, e algumas taboas com as quaes fizeram

uma jangada que lhes permittio irem e virem varias vezes do escolho á costa ; deste modo salvaram uma infinidade de cousas. Todos trabalharam ; de troncos de arvores construíram casas. Enquanto os homens caçavam e pescavam, as mulheres colhiam bananas, côcos



e batata doce. O trigo semeado cresceu e produziu rapidamente porque o clima era quente e a terra fértil. Tres mezes após o naufragio vivia-se quasi na abundancia. Só o pão era raro devido á falta de moinho para moer o grão ; era preciso pisal-o na pedra para extrahir a farinha, operação essa muito lenta e fatigante.

Um dia, suppondo encontrar habitantes, resolveu o lavrador fazer uma viagem de exploração ao interior da ilha. Durante muito tempo caminhou ao acaso,

atravez um bello paiz, plantado de grandes arvores para elle desconhecidas. Contemplando o horizonte avistou altas montanhas para as quaes se dirigio, mas á proporção que avançava, mais distantes lhe pareciam. Finalmente foi dar a um valle, onde havia resolvido descansar um pouco, quando de repente descobrio estirado na relva, um enorme gigante adormecido. A cabeça repousava sobre uma collina que lhe servia de travesseiro. Trajava um vestido furta-côr de extraordinario brilho ; quando o sol reflectia sobre elle dir-se-hia uma fazenda toda de ouro e luz : á sombra, sob as arvores tornava-se verde como as folhas ou azul como o céu. Os afamados vestidos das historias da carochinha nada seriam comparados com este, no qual se via a lua e as estrellas tão brilhantes como se se reflectissem num espelho. Esperto (era o nome do lavrador) não se fartava de contemplal-o, e immovel, não ousava recuar nem avançar receando despertar o gigante. De repente este espirrou com tanto estrondo que o pobre homem, louco de medo, fugio correndo. Ainda não estava muito longe ouviu que uma voz meiga o chamava. Voltou-se e deu com um rosto sympathico e franco que lhe sorria.

Olá amigo ! disse o gigante, porque fugis ? Mesmo forte como me vêdes, não sou máu, nem tambem vos quero mal, antes ao contrario.

Esperto um pouco menos assustado, hesitava ainda.

— E' a minha enorme estatura que vos assombra ? perguntou o colosso. Entretanto não tendes mêdo desta montanha que é ainda maior do que eu.

— Porque a montanha não anda nem se move

replicou Esperto. Até esta data ainda não vira gigantes e a fallar verdade julgava que não existiam, e que o que dizião nos livros a esse respeito eram contos para divertir as crianças.

— Pois bem, de hoje em diante sabereis que existem gigantes que só desejão ser uteis aos homens, e um destes sou eu.

— Neste caso, deveis ser um poderoso auxiliar, replicou Esperto, pois me pareceis mais forte do que Sam-são. — Intimamente pensava : Em um só dia este camarada daria conta de muito mais trabalho do que eu em um mez.

O gigante atalhou-o como que advinhando-lhe o pensamento.

— Quereis tomar-me a vosso serviço ?

— De muito bôa vontade, respondeu Esperto : quanto porem quereis ganhar ? Pois suppunha que se faria pagar de accôrdo com a sua força !

— Ganhar ! repetio o gigante dando uma gargalhada ; não quero dinheiro ; não teria o que fazer d'elle.

O lavrador quasi pulou de alegria com a ideia de ter encontrado um operario que trabalhava por vinte, sem salario algum. Já se dispunha a partir para dar a bôa nova á mulher quando o gigante o deteve dizendo-lhe :

— Trepai em minhas cóstas ; assim vos poupareis de andar e chegareis mais depressa.

Esperto não se agradou muito deste modo de viajar, mas não querendo offender o gigante calou-se. Accedendo ao desejo do gigante trepou nos seus largos hombros. Immediatamente o conductor pôz-se

em marcha ; mas, com grande admiração de Esperto, não caminhava nem corria ; parecia antes deslizar tão levemente e tão depressa que em menos de um quarto de hora chegaram ao t ermo da viagem.

A mulher e os filhos de Espertos fizeram grande ala-



rido ao avistarem a enorme cabeça que ultrapassava o cimo das arvores. Este porem tranquillizou-os dizendo lhes que nunca se achara mais   vontade nem mais contente. Apenas o gigante, tomando-o entre um dos d edos e o pollegar, depositou-o no chão, contou   mulher a sua aventura.

« E' um magnifico achado o teu, respondeu a mulher. Mas como alojar o nosso operario ? Não poderá entrar em casa sem levantar o tecto e quanto a alimentar-o,

nem pensar nisto, pois ficaríamos reduzidos á miseria.

Esperto que não reflectira neste inconveniente, coçou a cabeça.

— Que costumais comer ? perguntou ao novo hospede.

— Nada : não como e muito menos, bebo ; deito-me ao relento e não me resfrio. Nunca se vira um operario tão commodo.

— E que especie de trabalho fazeis ? perguntou a mulher.

— Tudo quanto quizerdes que eu faça ; cumpre-vos determinar.

— Não desejamos fatigar vos demasiado.

— Desconheço o cansaço ; assim como não como, não durmo, e posso trabalhar dia e noite, durante um anno, sem sentir fadiga alguma.

Os senhores estavam cada vez mais admirados. « Se o puzessemos immediatamente a moer o trigo ? disse a mulher. Assim fallando mostrou-lhe as pedras de que se servia para pisar o grão. Aquillo porem nas enormes mãos do gigante era como um brinquedo de creanças. Trepando-lhe nos hombros Esperto conduziu-o a um campo onde estavam depositadas duas grandes mós, que elle nunca teria podido transportar para casa. O gigante apanhou-as, pôz uma sob cada braço e uma vez de volta, ajustou-as uma á outra, e na mesma noite enquanto todos dormiam, pôz mãos á obra. A casa inteira estremecia devido ao poderoso manejar do gigante ; as creanças acordadas, em sobresalto, diziam : « E' *Aquafluens* que trabalha ! » Na vespera tinham perguntado ao gigante qual o seu nome e, como era muito exquisito e desconhecido até aquella

data, tinham-n'o gravado na memoria. Estavam já na melhor harmonia com o bom gigante : se este deitava-se na relva, todos os meninos agrupavam-se em volta delle saltando, gritando ; ou então enrolavam-se nas prégas de seu bello vestido matizado de ouro e prata, divertindo-se em brincar o jogo das escondidas, como os patinhos quando se occultam n'agua. Outras vezes faziam-lhe carêtas, que o bom gigante retribuia ; se riam elle tambem ria com muito gosto.

No dia seguinte de manhã, em vez dos dois saccoes de trigo, viam-se tres de magnifica farinha e um de farélo, Nada mais tendo a fazer, o gigante pôr a lavar a casa de alto a baixo ; nunca ella estivera tão limpa. Em seguida cuidou das creanças que devido á sua companhia estavam sempre aceiadas, alegres, bem dispostas e com bastante appetite. Depois do almoço, dirigio-se, Esperto acompanhado pelo gigante, para uma floresta proxima, onde vira um enorme tronco de carvalho, derrubado pelo vento, do qual queria apropriar-se para fazer portas, mesas, cadeiras, etc ; mas como transportar aquelle pesadissimo fardo ? Aquafuens tirou-o de apuros encarregando-se do transporte, o que para elle era um brinquedo. Imediatamente pôz o tronco sobre os hombros e apenas chegou a casa, munio-se de uma serra, e num abrir e fechar de olhos preparou uma infinidade de taboas. « Só com uma unica serra elle adianta tanto o trabalho, com dez serras faria dez vezes mais, » disse consigo Esperto : no mesmo instante foi tomar emprestadas as serras dos vizinhos aos quaes deu em troca taboas e madeira serrada.

Quando viram o gigante no trabalho ficaram todos maravilhados, e cada um dos vizinhos pediu a Esperto que lhe alugasse por um dia, ou mesmo por uma hora, aquelle operario-prodigio.

Em paga traziam-lhe ora um cabaz de peixes outras vezes alguns casaes de patos do matto.

Um dia veio uma pobre viuva, trazendo ás costas um sacco de batatas, pedir o auxilio de Aquafluens para transportar pedras e areia destinadas á construcção de uma casa que seu filho mais velho projectava levantar.

— Não julgueis, replicou Esperto que eu venda a alguém mais pobre do que eu o auxilio que Deus me enviou ; seria uma ingratidão ; levai de novo as batatas e servi-vos de Aquafluens todo o tempo necessario.

Entretanto o filho da viuva, que se chamava Audaz, tratou de interrogar o gigante :

Não tendes então pessoa alguma de vossa familia aqui pelos arredores ?

— Sim, respondeu Aquafluens, tenho um irmão ; uma creatura muito exquisita : em nada nos parecemos. Eu adoro os campos, elle só está bem nas alturas ; quando anda num passo regular, elle, corre sempre.

— E' tão trabalhador como vós ? perguntou Audaz.

— Sim, mas isso depende da sua disposição de espirito. E' muito caprichoso e só faz o que bem lhe parece ; questiona sempre commigo até me irritar.

Desde então Audaz pôz-se á procura do irmão de Aquafluens. « Uma vez que o tiver descoberto, pensava elle, saberei tirar proveito das suas aptidões. »

Um dia avistou uma exquisita fórma no cimo de

uma montanha. No entanto não a distinguia nitidamente, porque, quando tentava approximar-se, sentia-se repellido : essa fôrma estava sempre em movimento. Ora girava rapidamente em torno de si propria, ora abria e agitava duas enormes azas de gaze, tão finas e transparentes como as de um mosquito. De repente precipitou-se na planície ; então Audaz no intuito de impedir-lhe a passagem abriu os braços; mas no mesmo instante recebeu em pleno rosto uma tremenda bordoadada que fel-o cahir de nariz no chão.

— Ai ! agora reconheço-vos ! exclamou num tom que fazia dó. Sois o irmão de Aquafluens.

— Chamam-me Turbilhão disse, a figura volante. Foste muito louco ou muito destemido em pretenderes deter-me !

— Ai de mim ! replicou Audaz, sou um pobre homem que vinha apenas implorar vosso auxilio para livrar-me da miseria.

— Se fallas verdade estou disposto a trabalhar para ti replicou Turbilhão conservando porem a minha liberdade. Não reconheço senhor, nem tambem tenho o genio calmo de Aquafluens. Seu passo de tartaruga me impaciente e quando o vejo muito pesado, estímulo a sua morosidade. Acocorado sobre seus hombros basta-me abrir as azas para fazel-o correr.

Muito surprehendido por ouvir accusar Aquafluens de lentidão, Audaz contou suas proezas.

— Ora ! comparado a mim é um caracol !

Assim fallando o gigante levantou o vôo e num segundo desapareceu.

Muito penalizado, Audaz principiava, a lamentar-se,

quando o caprichoso Turbilhão passou perto d'elle gritando :

— Só habito nas alturas !

— Eu moro justamente numa montanha disse



Audaz. Se quizerdes construirei para vós no ponto mais elevado, uma linda habitação.

Muito bem ; se me convier lá moerei trigo para ti ; verás que em uma hora trabalho mais do que meu irmão em um dia.

Muito gabarola é elle, pensou consigo Audaz ; mas farei o possivel para habituar-me ao seu genio.

Como seguiam juntos, encontraram Aquafluens conduzindo uma carga de madeira que dez bois não poderiam transportar.

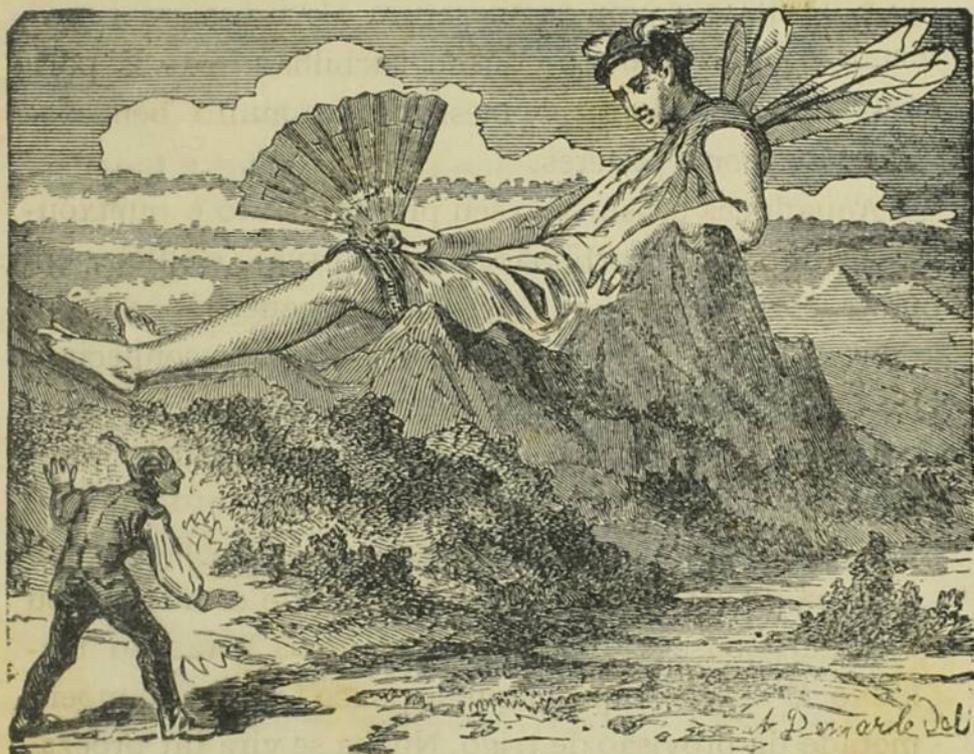
Bem vejo que sem o meu auxilio nunca mais chegarás disse Turbilhão ; e dando um impulso com uma das enormes azas fel-o chegar ao seu destino.

— Agora irmão, disse Aquafluens depois de se ter desembaraçado do seu fardo, vais ajudar-me a voltar ao lugar de onde vim.

— Absolutamente ! replicou Turbilhão. Eu vou para adiante : si vens para o mesmo lado, muito bem ; se não volta como poderes.

Aquafluens censurou o seu procedimento e queixou-se. Enfurecido, Turbilhão, bradou, rugio e entrou em lucta com o irmão que perdeu o sangue-frio e espumou de raiva. Seus amiguinhos já não o reconheciam de tal modo a colera-lhe alterara os traços e lhe transformára a physionomia. Entretanto Turbilhão retomando o vôo, acompanhou Audaz, um tanto inquieto por ter de tratar com tão extravagante personagem. A força de atenções, de cuidados, e de estudar o seu character conseguiu prendel-o algumas horas ao trabalho. E' verdade que naquelle pouco tempo elle moera metade da provisão de trigo. Nunca se vira tal proeza. Tambem se encontrava uma porta ou uma janella aberta, pst ! escapava-se e durante uma semana inteira flauteava. Ia e vinha com uma rapidez sem igual. Tambem não se podia contar com a sua pontualidade : levava para o sul a mensagem que se lhe confiava, destinada ao norte, para leste o que era para oeste. Muitas vezes em meio do caminho, tornava ao ponto da partida. Ainda assim, mudando de ideia vinte vezes por dia não deixava de contribuir para a prosperidade de Audaz, que agora podia fornecer farinha a toda a colo-

nia. Não se fallava senão sobre os dois operarios-prodigio, e todos desejavam ter tambem seu gigante. Não faziam outra cousa senão interrogar Aquafluens que no emtanto não parecia disposto a responder.



Finalmente um dia tendo um tal João o Astucioso insistido muito, disse-lhe :

— Pois sim ; existe ainda nesta ilha uma pessoa da familia. Ai de mim ! é minha filha : abandonou-me desde pequena e nunca mais a tornei a ver. Sua mãe descende da raça das salamandras e a filha se lhe assemelha mais do que a mim : é uma evaporavel. Um dia em que a embalava nos meus braços, ella escapou-se e desapareceu.

— Teria então abandonado a ilha ? perguntou Astucioso.

Aquafluens sacudio a cabeça : não o acreditava, pois que Turbilhão a tinha visto sahir de uma fonte de aguas quentes onde banhava-se ; porque, acrescentou, lhe é necessario uma temperatura elevadissima : ao menor frio desfallece ou desfaz-se em lagrimas. E' por essa razão que não podemos viver juntos.

Então, perguntou Astucioso, não é tão forte quanto vós ?

— Muito mais ainda, respondeu o gigante, com tanto que a ponham no regimen que lhe convem ; possui a força de um gigante e a subtileza de uma fada. Quanto ao trabalho, é capaz de fazer dez vezes mais do que eu e Turbilhão reunidos. A difficuldade está em attrahil-a e retel-a prisioneira.

— Mas como descobrir uma prisão bastante vasta ? perguntou João.

— Que isto não vos dê cuidado, tornou Aquafluens ; ella cresce ou encolhe-se, conforme lhe apráz ; póde subir até as nuvens ou occupar um espaço diminuto. Quanto mais opprimida estiver, mais trabalhará.

Não lhe agradecerá muito, com certeza estar prisioneira ?

— Certamente ; tanto que faz todos os esforços para escapar-se. Como seu tio Turbilhão aprecia acima de tudo a liberdade.

— Se quizesseis auxiliar me, disse João, talvez, conseguissemos apanhal-a e pôl-a numa gaiola.

— Ou antes numa garrafa, respondeu Aquafluens,

mostrando um enorme garrafão que trazia debaixo do braço.

— Quereis rir a minha custa ! replicou João.

— Absolutamente. Ides ver.

— Obtido o consentimento de Esperto a quem João levára um suculento fiambre, partiram os dois.

Quando se approximavam da montanha onde se achava a fonte d'agua quente avistaram um corpo transparente vôando nas alturas.

— Eil-a ! exclamou Aquafluens.

Debalde João procurou distinguil-a ; só avistou uma nuvem branca que pairava nos ares. Pouco a pouco a nuvem foi tomando a forma de uma enorme mulher cuja cabeça attingia o céu. Suas vestes fluctuantes levemente tintas de roseo pelo sol poente, pendiam em longas franjas sobre o cimo das arvores e das collinas á medida que ella deslisava no espaço. Em breve tudo desapareceu !

— Era ella ! exclamou João ; e foi-se !

— Paciencia ! ha de voltar, respondeu Aquafluens.

No dia seguinte voltaram á fonte, mas não viram a gigantea.

— Ainda está no banho, disse Aquafluens. Preparemo-nos para agarral-a, apenas puzér o nariz do lado de fóra.

Assim fallando, collocou a garrafão, á beira da fonte, tendo a precaução de pôr a gargálo voltado para baixo. João assistia á operação, não ousando confiar no seu exito. De repente vio surgir uma especie de fumaça muito clara ; no mesmo instante Aquafluens tapou precipitadamente a garrafa exclamando :

Desta vez, cá está. João não podia acreditar.
— Se está ahi dentro, é de suppôr que se resigne.



— Não vos fieis nisto : está atacada de frio. Apenas chegardes em casa tratai de pôl-a junto ao fogo, sem o que nada conseguireis della.

João seguiu o conselho do gigante e para satisfazer

plenamente a estrangeira, mergulhou o garrafão numa tina de agua fervendo. No mesmo instante a rolha explodiu produzindo o estampido de um tiro de pistóla, e deu passagem a uma pequenina fórma que foi crescendo, engrossando e finalmente desapareceu pelo tubo da chaminé.

Muito desconcertado, foi João contar o seu infortunio ao gigante, que lhe disse :

—Vos pregou uma das suas peças costumadas. Não me admiro, pois sei que é incorrigivel. Mas havemos de apanhal-a outra vez.

De que serve, interrompeu João se não podemos retel-a ?

Não era nenhum tólo, e bem sabia que tratando-se de uma pessôa tão violenta, tornava-se necessario uma solida prisão. Resolveu portanto dar uma busca em casa dos visinhos, onde com effeito descobrio uma caldeira de cobre com tampa, que fôra salva do naufragio. Cederam-lh'a em troca de um par de sapatos velhos.

— Agora desafio-a a quebrar isto e fazer saltar esta tampa , como uma rôlha.

— Ora, quando zangada já tem feito saltar outras mais fortes do que esta, disse Aquafluens. Eis porem um magnifico preservativo, acrescentou, descobrindo ao lado da caldeira uma pequenina abertura tapada por uma portinha. Se ella agastar-se demasiado, o ar que entrar por aqui acalmal-a-ha. Por aqui passará apenas o ar necessario para refrescal-a, não lhe sendo possivel de modo algum, evadir-se.

Munidos da caldeira dirigiram-se á fonte ;

ainda uma vez surprehenderam a pobre *Vaporosa* no banho, e triumphantes trouxeram-n'a novamente para a casa.

Vendo-se captiva, a filha de *Aquafluens* enfureceu-se e tentou revoltar-se contra seu novo senhor : este porem que devido a seu pai aprendera governal-a ordenou-lhe que se acalmasse e dictou-lhe suas condições. Consentia em alimentar-a e aquecel-a convenientemente (o que não era pequena despeza pois consumia cem kilogrammas de carvão por dia !) comtanto que ella trabalhasse sem descanso.

Pelo menos espero, disse ella, respirando e soprando ruidosamente, como fariam dez cavallos reunidos, que me não pôreis a moer trigo ou serrar madeira. Esses trabalhos vulgares são indignos de mim : sei fazer girar uma róca, manejar uma lançadeira, fio e teço melhor do que a mais habil fiandeira e do que mais perfeito tecelão. Faço papel e imprimo ; posso fazer a agua subir, das entranhas da terra á superficie, tirar o carvão, das minas, fundir e preparar o ferro, finalmente manejo tão bem o mais pesado martello como a mais fina agulha.

— Se tudo isto não é basofia, disse João a *Aquafluens*, *Vaporosa* possui bellos talentos e eu vos felicito de tel-a por filha.

— Ella pecca pela cabeça, suspirou *Aquafluens*. Se tivesse tanto juizo quanto poder governaria o mundo.

— Parece-nos que o mais urgente, disseram *Esperto* e *Andaz*, chamados em conselho, seria mandar preparar camisas e roupas para nossas familias : Occu-

pai-a pois em fiar e tecer o algodão, que abunda na ilha. Veremos depois o que sabe fazer.

Dentro de pouco. Aquafluens auxiliado pelos operarios salvos de naufragio, havia construido uma fabrica para a fiação. Vaposa tomando o trabalho a seu cargo manejava tudo sem brincar nem descansar um minuto.

A medida que augmentavam as riquezas da colonia, a necessidade do conforto se fazia sentir : quando digo riquezas, bem sabeis que não me refiro ao ouro nem á prata, mas unicamente aquillo que em qualquer parte é a verdadeira riqueza, isto é o trigo os animaes, os legumes, as fructas, etc. Aquafluens transportando pedras e madeira, ajudára os colonos a construirem casas commodas e confortaveis. Turbilhão nas suas horas de bom humor, moera mais trigo, cevada e milho do que era necessario para o consumo geral. Vaporosa mais habil e mais forte do que os seus, chegára por ultimo e promettia maravilhas. Era uma questão de saber guial-a sem a desgostar e tambem não deixal a inactiva. Depois de ter fiado e tecido bastante algodão para supprir a colonia, deram-lhe grande provisão de lã que foi transformada em magnifica flanélla. Ninguem se fartava de vel-a trabalhar sem tregua nem repouso : após a lã chegou a vez do canhamo e do linho do qual fabricou grande quantidade de panno de qualidade superior e tão largo, que, Esperto Audaz e João, sempre muito saudosos da sua terra natal e agora possuidores de grandes riquezas, pensaram em construir um navio de vélas e carregal-o, de mercadorias. Assim fizeram, mas uma vez cons-

truido o navio, começaram os tres gigantes a disputar o seu commando.

« Desafio-o a mover-se sem o meu auxilio disse Aquafluens.

— E's bastante forte para carregal-o, é verdade, porem ainda assim só poderias fazel-o andar muito lentamente, a menos que eu accomodando-me no convéz, abra as azas e o faça voar sobre as ondas.

De accôrdo replicou Vaporosa ser-lhe-á necessario obedecer aos teus caprichos indo sómente onde quizes, ao posso que eu posso leval-o a qualquer parte, mesmo a despeito dos vossos esforços reunidos.

— « Tens razão, disse Aquafluens. » e confessou que só poderia conduzir a navio até a fóz de algum rio, pois uma vez no mar perdia todo poder. Tinha de se haver com alguém mais forte do que elle. Turbilhão e Vaporosa arranjaram-se amigavelmente, decidindo que o primeiro seria commandante emquanto-lhe aprovesse ir na direcção do porto para onde se dirigia o navio, mas apenas se afastasse, por pouco que fosse, do rumo, immediatamente Vaporosa assumiria o commando. Graças a este tratado, a travessia se fez rapidamente, reduzindo a dez dias o que dantes seria obra para tres mezes. Figurai-vos a surpresa daquella gente que, nunca tendo visto gigantes trabalharem, avistaram pela primeira vez Vaporosa manobrando um grande navio, fazendo-o andar, virar, avançar recuar, sem comtudo dispender maiores esforços do que se se tratasse de um brinquedo de crianças. Toda a gente estava maravilhada, todos querião ver de perto a filha de Aquafluens. Encantada com tão gentil

acolhimento, esta redobrava de habilidade e pericia, esquecendo no meio de tantos elogios, o dissabôr que lhe causava o captivoiro.

Apenas em terra, João e sua mulher virão-se assaltados por uma, multidão que lhes fazia inumeras propostas, cada qual mais vantaçosa.



Por seu lado, Vaporosa já mais civilisada pe'a conveniencia da especie humana, dec'arou-se prompta a fazer tudo quanto reclamassem de si, pois dispunha de uma força illimitada : atreláda a cem carros puxal-os ia dez vezes mais depressa do que cem cavallos ; podia tambem levantar pesos fabulosos, vasar mares, perfurar montanhas, etc. E, cousa singular, não exagerava !

Haveis de convir, queridas meninas, que o poder de Vaporosa ultrapassa demasiadamente o das fadas. E' ainda muito mais admiravel, e no entanto todas nós a conhecemos ; não ha ninguem a quem não tenha prestado qualquer serviço.

MARIA.

Oh ! Eu não a conheço D. Luiza, e não creio que jamais tenha feito qualquer cousa por mim.

D. LUIZA.

Enganas-te querida. Tem fiado e tecido teus vestidos, traz da China o chá que bebes todas as manhãs. Estava a bórdo do navio que te levou á Irlanda, e foi graças a ella que vieste tão depressa de Londres até aqui.

MARIA.

Ah ! agora advinho é o vapor ! Que tola fui em não advinhar mais cédo ! E o conto, D. Luiza, termina ahi ? Não nos dissestes o que foi, feito do senhor de Vaporosa.

D. LUIZA.

Não queria entristecer-vos dizendo que o bravo João, que procedera tão dignamente, só recolhera desgostos, como premio dos seus favores. Os que se apoderaram de Vaporosa recusaram ao seu primeiro senhor qualquer parte nas immensas riquezas que lhe devião. Desgostoso com a ingratição de seus compatriotas, o pobre João regressou á ilha onde viveu e morreu pobre como acontece quasi sempre aos inventores.

SYLVIA.

Na verdade é muito triste. Dizei-me porem D. Luiza, como Vaporosa pôde ser filha do gigante *Aquafluens* ?

D. LUIZA.

Noemia nôl-o dirá.

NOEMIA.

Supponho, sem ter muita certeza, que este gigante é uma corrente d'agua, um rio por onde se transporta pesadas cargas de madeira, que faz andar as ródas da azenha, que carrega no seu dorso, homens e embarcados, cujo vestido, é da côr do tempo.

D. LUIZA.

Acertaste querida ; *Aquafluens* é a reunião de duas palavras latinas que significão agua que corre, ou agua corrente.

SYLVIA.

Ah ! agora atino ! E' a agua em ebulição que produz o vapor, e eis porque Vaporosa é filha do fogo e da agua.

MARIA.

Era muito difficil encontrar esta explicação. Gosto mais de Turbilhão : sabe-se logo quem é. Muitas vezes o tenho visto e ouvido.

CARLOTA.

Visto !..... Nunca se vio o vento.

MARIA.

Quero dizer que vi-o sacudir os galhos das arvores,

levantar a poeira, varrer as folhas seccas que algumas faz rodar de um modo bem divertido. O tenho visto vezes tambem encrespar a agua e produzir a espuma.

CARLOTA.

Sim, quando se zanga com seu irmão, o gigante Aquafuens. Mas é exacto, D. Luiza que o vapor faz tantas cousas ?

D. LUIZA.

Nunca acabaria se emprehendesse contar-vos tudo quanto os homens acharam meio de fazel-o executar, sem fallar do que está destinado a fazer para o futuro. Vejo que comprehendestes este conto allegorico, narrado no intuito de fazer-vos conhecer algumas das forças mysteriosas e *gigantescas* que Deus, na sua infinita bonhade, pôz á disposição do homem, para que exercitasse a intelligencia em governal-as e dellas tirar partido no interesse de todos. Mas, basta por hoje queridas meninas, até amanhã.

TRIGESIMO PRIMEIRO DIALOGO

VIGESSIMO NONO DIA

SYLVIA.

Esta noite, D. Luiza, sonhei que Vaporosa levava-me num trem de ferro puxado com extraordinaria velocidade por uma gentilissima fada, sentada sobre uma nuvem de immaculada brancura e corôada de um arco-iris em todo esplendor de sua belleza.

CARLOTA.

Oh ! como desejaria tê-la visto tambem ! Porque não nos chamaste para mostral-a ?

SYLVIA.

O que dizes ! pois é possivel mostrar um sonho ? Ainda que estivesseis todas presentes, nenhuma de vós a teria visto.

CARLOTA.

E' verdade, mas é pena, porque sempre tive muita vontade de vêr uma verdadeira fada !

D. LUIZA.

Para isso seria preciso que realmente existissem fadas *verdadeiras*. Ora como sabes ellas são apenas

filhas da nossa imaginação e só nella existem. Tenho observado que tu, bem como Lili e Maria teem muita propensão em dar credito a tudo que é fantasia, por isso acho conveniente nos occuparmos de historias verdadeiras. Noemia vai ler nos um conto, *real*, pois não só conheci o seu autor como tambem os personagens que nelle figuram.

LILI.

Será divertido D. Luiza ?

D. LUIZA.

Vais ver. Noemia, pronuncia claramente as palavras e não tenhas pressa. Espero que darás a cada personagem o tom que lhe convém. Uma bôa leitôra faz o seu auditorio assistir aos acontecimentos descritos no livro.

Em vez de uma narrativa enfadonha, a leitura torna-se deste modo um pequeno drama palpitante e cheio de interesse, cujos personagens podemos dizer estamos vendo e ouvindo.

SYLVIA.

Neste caso sente-se um grande prazer, mas como é raro ouvir lêr bem !

D. LUIZA.

Tens razão Sylvia ; a mesma observação fiz eu muitas vezes. Por isso não comprehendo como ha pessoas que não procuram se exercitar em ler alto e bem. No entanto basta para o conseguir, habituar-se desde creança. Partindo deste principio empreguei todos os esforços no intuito de fazer Noemia adquirir

este talento o que me foi tanto mais facil por me ter auxiliado uma bôa vontade. Hoje acho-me largamente recompensada pelo resultado obtido. Além do prazer que deste modo podemos proporcionar aos outros, sentimo-nos nós mesmos muito satisfeitos em pene-



trar o pensamento de um autor e interpretar devidamente as suas ideias.

CARLOTA.

Muito desejaria estar assim preparada, D. Luiza ;
indicaí-me o meio de conseguil-o.

.D. LUIZA.

Ha pouco acabei de dizer, querida Sylvia, basta ape-

nas lêr muito e ouvir lêr ber. A melhor lição será a que te vai dar Noemia que na verdade lê perfeitamente. Começa querida amiga.

A PROVAÇÃO DE HENRIQUETA

Numa bella tarde de verão, um alegre bando de creanças brincava sobre a relva verdejante que em leve declive, se estendia em frente a casa de campo do pai de uma das meninas. Duas das maiores brincavam o arquinho emquanto as mais novas acompanhavam com o olhar as peripecias do jogo, impacientes por saberem a quem caberia a victoria.

Vinte sete vezes já os arcos tinham sido atirados, recebidos, devolvidos sem jamais tocarem no chão.

— Attenção Maria !

— Cuidado Henriqueta ! gritavam cada qual a seu turno as pequenas espectadoras, á medida que os braços das duas concurrentes se iam tornando mais pesados, e que visavam menos certo.

— Desejaria bem saber quem aguentará mais tempo ! disse uma das meninas á sua visinha. Espero que ha de ser Maria de Granson.

— Não creio, replicou esta. Neste jogo Maria sempre se fatiga mais depressa do que Henriqueta.

— Porque julgas que Maria ganhará, Lucia ?

— Ora ! disse Lucia, porque gosto mais de Maria E' tão bôasinha !

— Henriqueta é bôa tambem algumas vezes, disse Emma.

— Sim, ás vezes. Maria porém é sempre. No seu entusiasmo pelo successo de Maria, Lucia pulava, corria, mexia-se, approximando-se cada vez mais das jogadoras, de modo que, exactamente no momento em que Maria preparava-se para mandar o arco pela nonagesima sexta vez, bateu-lhe no cotovello fazendo com que o arco lhe cahisse áos pés.

— Insupportavel creaturinha! exclamou desesperadamente Henriqueta voltando-se para Lucia ; vieste estragar a nossa partida justamente no momento mais interessante ! não podias estar mais distante ou então quieta ?

— Lamento immensamente ter te feito perder a partida. Maria ! oh ! de fundo do coração exclamava Lucia, fitando Maria com os olhos rasos d'agua.

— Não foi uma desgraça irremediavel, disse esta com brandura ; tenho quasi a certeza que desta vez teria deixado cahir o arco, ainda mesmo que não me tivesses esbarrado no braço querida Lucia pois, principiava a sentil-o pesado !

— Poiseu não mesinto absolutamente nada cançada, exclamou Henriqueta num tom de triumpho. Estou prompta a recommençar ; vamos Maria, ainda uma partida !

— Mas, talvez uma destas meninas quizesse jogar tambem ? disse Maria dirigindo-se ás creanças que a cercavam.

— Então, vem tu Isabel ! anda depressa, porque conto bater-vos todas umas após outras, disse Henriqueta alegremente. Agora, afastai-vos ; para trás, as pequenas ! não venhais interromper o jogo, como ha pouco.

Ao som daquella vóz imperiosa as creanças retiraram-se todas apressadamente.

— Não tenha receio Henriqueta. Ninguém quer ficar ao *vosso* lado, disse Lucia.

A palavra *vosso*, e a emphase com que foi dita, fizeram affluir o sangue ás faces de Henriqueta que se



tornou muita vermelha. Já se preparava para dizer palavras offensivas, quando a attenção de Lucia foi desviada pelo offerecimento que lhe fizera Maria de ajudal-a a compôr uma quantidade de margaridas, em fórma de cadeira, que partindo da acacia plantada em frente á janella do salão, iria ter ao pé da magnolia que se achava no lado opposto.

Lucia accitou e radiante, encheu o vestido de um enorme punhado de margaridas, vindo-as, depôr no cóllo de Maria, sentada na selva.

Henriqueta continuou a jogar. sem prazer porem, pois estava encolerizada contra Lucia, contra si propria, contra a sua antagonista. A principio Isabel approximara-se muito d'ella depois afastara-se de mais ; em seguida o sól batendo-lhe em cheio no rosto escurecia-lhe a vista a tal ponto que não podia vêr o que fazia. Isabel afastou-se approximou-se novamente, trocou de logar com ella, sem nenhum, resultado porem.

Henriqueta continuou a murmurar até que finalmente suas companheiras aborreceram-se e acabaram por recusarem-se a jogar com uma pessoa que exigia tanta condescendencia dos outros sem todavia ter nenhuma.

— Demais, Henriqueta, disseram as meninas, ha já muito tempo estás com as varinhas. As outras tambem gostariam de jogar. Não te lembras disto, ou antes tu nunca pensas nos outros.

— Ah ! não penso nos outros, Isabel ! disse Henriqueta enfurecida, e vermelha de indignação. Palavra que me tens numa linda conta ! Pois bem farei uma cousa que agradará a todos, estou certa : uma vez que a minha companhia vos aborrece, retiro-me. Com certeza passareis perfeitamente sem mim.

Assim fallando atirou ao chão as varinhas e o arco, com um ar de desdem e partio affectando essa altivez propria dos malcreados. Mas, para seu castigo, em breve notou que as amigas partilhavam a sua opinião e davam-se perfeitamente sem ella.

O som alegre de suas vozes, e as risadas cheias de animação vinham aos seus ouvidos atravez o rendilhado

de arbustos em florescencia que separava o pequeno largo onde brincavam as creanças de uma longa aléa que Henriqueta percorreu varias vezes em toda a sua extensão, no isolamento a que se condemnára por orgulho e por capricho. « Não me reunirei a ellas, pensou consigo Henriqueta, enquanto não me chamarem, o que acabarão por fazer, que isso lhes agrade ou não, pois afinal hei de lhes fazer falta, tenho a certeza ! » Com effeito não se engánara até certo ponto, pois não tardáram a ter *necessidade* della e doseu auxilio, mas não vieram buscal-a. Henriqueta era a mais fertil em inventar brinquedos, a mais habil e executar os jogos mais interessantes : ninguem brincava melhor do que ella os jogos antigos, ninguem tinha mais pericia nos novos. Além destes talentos de sociedade, Henriqueta possuia excellentes qualidades : era sensivel, generosa, sincera. Que lhe faltava pois para ser uma companheira agradavel ? Só uma cousa, mas uma cousa sem á qual todos os talentos, todas as qualidades, não conseguiriam conquistar a affeição nem a indulgencia dos outros : faltava-lhe um bom character.

Henriqueta seria capaz de muita dedicação para com aquelles a quem estimasse ; da melhor vontade os ajudaria a livrarem-se de difficuldades, nos estudos ou nos jogos : estava prompta a explicar as passagens mais complicadas da grammatica, a tocar a parte mais difficil, da musica, e sua collecção de brinquedos estava sempre a disposição das amigas : apezar porrem de toda esta espontaneidade em obsequiar, Henriqueta não podia conquistar nem sobretudo

conservar a estima de ninguém. Continuamente cedia a necessidade de dizer alguma coisa pouco amavel : dominada pela irritação do momento, deixava escapar uma ironia ou qualquer impertinencia, que muitas vezes ultrapassava o seu desejo, e que não teria dito de sangue frio.

Cinco minutos depois já a havia esquecido, ou se se recordava ainda, bem depressa desculpava-se dizendo comsigo, « apezar de ser um tanto violenta um tanto colerica todos sabem que tenho *um bom coração*. » Esta phrase de excusa sobre seu bom coração e o habito de julgar que um bom coração é desculpa bastante para um máu character, era em Henriqueta, o resultado do modo de pensar e dizer de uma tia, que sem ter más intenções, era no entanto pouco sensata, e junto a qual Henriqueta passara um tempo consideravel durante uma longa ausencia de sua mãe. Por fim estas duas ideias tinham-se de tal modo confundido no espirito da menina que estava prestes a crêr que afinal pouco importava ter se máu genio com tanto que se tivesse bom coração. Felizmente para ella a volta da mãe preservou-a de um engano que lhe poderia tornar infeliz toda a vida.

Durante muito tempo continuou Henriqueta a percorrer a aléa em todos os sentidos, prestando attenção as vozes das amigas, desejando ardentemente reunir-se a ellas, mas não podendo nem querendo humilhar-se ao ponto de ir juntar-se-lhes sem um pedido dellas, ou convite positivo que poupasse ao seu orgulho a confissão de seus erros,

se bem que o seu bom senso os reconhecesse e a impellisse a reparal-os.

Por sua vez, suas camaradas não se achavam absolutamente dispostas a darem um tal passo. E' verdade que ella lhes fazia falta, pois tomava parte muita activa nos divertimentos, mas tambem estavam livres de uma creatura impertinente, caprichosa, que se irritava pela menor cousa, e que não



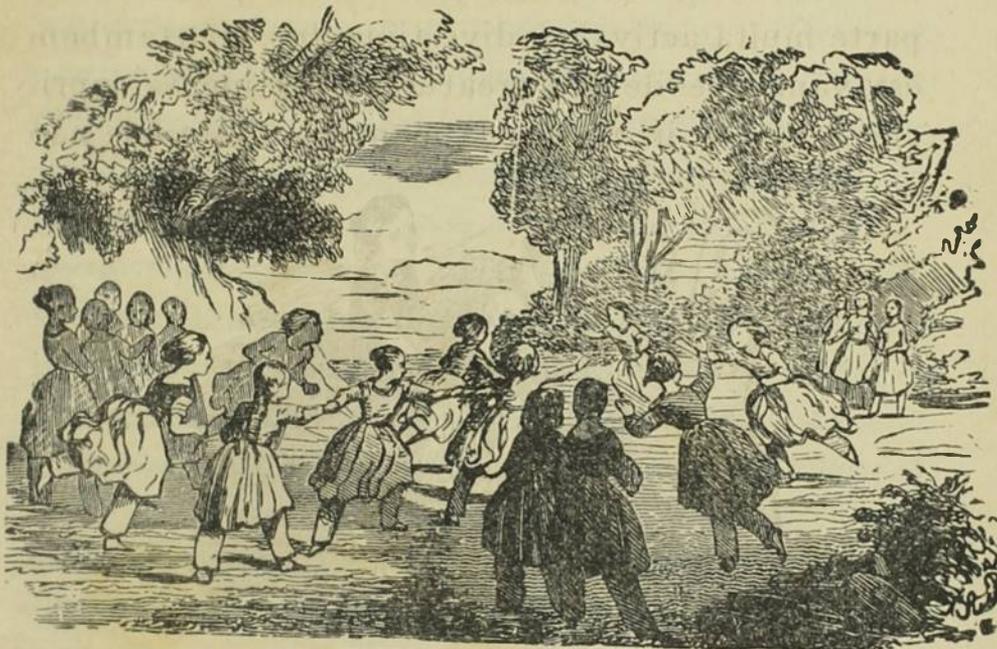
permittia que os outros se divertissem senão ao seu gosto.

Pouco a pouco o ruido das vozes diminuiu, e só com intervallos e um tanto afastado, o ouvia. As creanças tinham abandonado a relva o jogo do arco e as grinaldas de margaridas para brincar o jogo das escondidas : Henriqueta ouviu as ruidosas exclamações annunciadoras da animada busca que faziam, os triumphos do successo, aos quaes juntavam-se as gargalhadas das captivas que eram retiradas do refugio escolhido, no meio de uma alegre algazarra e conduzidas ao theatro da brincadeira.

Henriqueta ouviu, escutou, até que finalmente seu

orgulho abrandou e fundio-se áquella radiosa alegria.

A solidão e o abandono são excellentes remedios contra o m^o humor. Henriqueta alçabava de abrir caminho por entre uma sebe de lilazes e encaminhava-



se afoitamente para o alegre bando, quando Lucia quasi fel-a retroceder.

— Oh ! Eis ahi Henriqueta ! exclamou. Teria apostado que se aborreceria de estar só !

Henriqueta ia castigar-se segunda vez por um accesso de colera quando felizmente para ella, interveio Maria de Granson : Maria, que gostava da paz e por toda parte a levava comsigo.

Sem possuir a metade dos talentos de Henriqueta, era querida por todos que a conheciam, unicamente porque era sempre amavel e meiga, disposta sempre a ceder nas pequenas como nas grandes cousas, quando

o dever a isso não se oppunha. Maria estava com effeito muito satisfeita por tornar a vel-a, e pôz tanta sinceridade e bôa vontade em reconciliar Henriqueta com suas companheiras, de modo que não foi possível resistir aos seus bemfazejos esforços. A tarde passou-se pois muito agradavelmente, e promettia terminar em perfeita harmonia, quando um maldicto engano vindo atrapalhar uma quadrilha, fez Henriqueta perder o bom humor, adquirido ainda não havia muito.

Ahi está ! eu bem previa isso ! Sabia que fatalmente seria assim, se permittissem a essas insupportaveis craanças dansarem comnosco ! exclamou Henriqueta elevando a vóz e córando de impaciencia. Nunca vi uma cousa tão estúpida ! Não sabes então distinguir tua mão esquerda da direita menina tôla ? proseguiu virando-se encolerizada, para Lucia,

— Decerto que sim, disse Lucia. Enganei-me, mas todo mundo póde se enganar uma vez, Henriqueta : não vejo portanto razão para te zangares tanto nem para me chamares tôla. Aposto que quando eras da minha idade atrapalhaste mais de uma contradansa e commetteste mais de um êrro.

— Em todo caso, não tão ridiculos. Por exemplo, nunca tomei minha mão direita pela esquerda : ou então se não soubesse distinguil-as, ficaria quieta no meu canto em vez de ir transtornar tudo. Demais é intoleravel uma só pessoa estragar a alegria de sete !

— E' tambem a minha opinião Henriqueta, por conseguinte vais me dar o prazer de te afastares, disse uma vóz calma, por detrás da menina.

Era a mãe de Henriqueta que chegará exactamente

no momento em que esta altercava tão violentamente.

— Na verdade, é preciso ter havido um grande desacerto para causar tamanho barulho. O que foi, Henriqueta ?

— Oh ! nada, senhora ! isto é, nada de importancia disse Lucia, compadecendo-se do embaraço de Henriqueta. Recomeçemos ; procurarei não me enganar uma segunda vez.

— Preferiria não dansar mais disse Henriqueta, amuada.

— Tambem eu preferiria que não dansasses enquanto estivesses de mau humor, disse-lhe sua mãe em voz baixa. mas como, retirando-te privarias as outras de um prazer, ordeno-te continuares.

Notando a contrariedade de sua mãe a menina não fez mais objecção. Desempenhou o que exigiam de si, é verdade, porem de tão má vontade, que não houve uma só das crianças que não se regosijasse intimamente ao chegar a hora da partida. Foi evidente para Henriqueta que suas amigas estavam radiantes por verem-se livres d'ella.

A propria Maria disse-lhe adeus mais friamente que de costume. Então lagrimas de dôr e de humilhação correram-lhe pelas faces, ao lembrar-se com quanto ardor desejára aquelle dia, e quando comparou seus sentimentos actuaes com os da manhã. Era uma cousa tristissima ter consciencia da sua propria tolice, mas ser obrigada a confessal-a aos outros, era ainda peor.

« No emtanto terei de fazel-o, dizia, comsigo, pois, apenas estiver com Eduardo, elle não deixará de me perguntar se diverti-me, se passei um dia agradavel !

E se disser que não, quererá saber porque ; então serei forçada a convir diante de mamã, de Anna, e de Luiza, que fui impertinente e malcreada. »

Estas ideias pouco consoladoras succediam-se no espirito de Henriqueta, no dia seguinte de manhã, emquanto lentamente descia a escada ; e, quando entrou na sala de jantar onde a mãe almoçava em companhia de seu irmão e suas irmãs, seu andar era tão differente do de costume que a pequena Annita abandonando a chicara de leite á mercê do gato que tentava metter nella a cabeça e a lingua, correu ao seu encontro perguntando-lhe se sentia-se mal? Eduardo pôz de novo no prato, sem d'elle ter provado, um pedaço de pastel de náta, e soltou uma gargalhada vendo o andar vagaroso de Henriqueta e o seu ar preocupado.

— Então Henriqueta ! Que tens, deixaste a tua alegria lá-por cima, no travesseiro ? estás como uma pessoa que sonha : que te aconteceu ?

— Nada, disse Henriqueta arrebatadamente e sentando-se no logar do costume junto a Eduardo, collocou a cadeira de modo que este só lhe visse os hombros.

— Mas, na verdade, o que significa tudo isto ! porque razão estou eu condemnado a vêr-te as costas em vez do rosto e não quero dizer que ponho objecção em vêr o teu gracioso busto quando estás bem apertada no teu collete e de pé, mas, ainda assim prefiro o teu rosto no qual leio sempre qualquer novidade ; quando a bocca emmudece, falla o rosto. Anda, deixa-me olhar-te de frente Henriqueta, continuou Eduardo, procurando vêr a cara que lhe fazia a irmã.

— Supponho que é justamente porque o seu rosto está demasiado expressivo hoje, que Henriqueta evita mostral-o, disse a mãe.

Ouvindo esta observação, as lagrimas que desde a sua entrada na sala tinham-se accumulada nos seus olhos, começaram a cahir abundantemente no prato.

— Minha querida Henriqueta disse-lhe o irmão, mudando immediatamente de tom, se eu disse alguma cousa que te penalisasse, perdôa-me, porque queria apenas brincar contigo ; anda vem abraçar-me e conta-me como foste de partida em casa de Maria de Granson.

Henriqueta abraçou-o mas á palavra, « partida » as lagrimas correram de novo.

— Pois que ! então disse outras vez alguma tolice ? Ah ! advinho o que foi : alguma menina desastrada permittio-se olhar por cima do hombro direito, quando devia tel-o feito pelo esquerdo, e Henriqueta reprehen-deu-a talvez muito asperamente.

Foi isto, não ? E agora estás contrariada ou mesmo um pouco envergonhada da promptidão que mostraste em realçar as faltas do proximo : Advinhei ?

A supposição de Eduardo aproximara-se tanto da verdade que Henriqueta não poudede deixar de rir, apesar da contrariedade que lhe causa aquella perspicacia. Mas quando o irmão continuou a consolal-a dizendo-lhe que não entristecesse e procurasse esquecer aquelles pequenos aborrecimentos que de outra vez saberia evitar, sua mãe interveio.

— Querido Eduardo, disse ella, deste modo, dás a tua irmã, se bem que com as melhores intenções, o

peior conselho possível : evitar pensar em seus defeitos não é o meio de corrigir-se delles ; ao passo que vê-los em toda a sua hediondez é já um pouco do caminho para chegar a odial-os. Henriqueta deve portanto continuar a pensar nelles até descobrir como é que ella sempre tão bem intencionada, está sempre a molestar os que a estimam, por falta de poder sobre si propria.

— Com effeito mamã, disse Henriqueta suspirando, não sei como explicar semelhante coisa : ninguem sente mais do que eu, ter agido mal, ninguem se arrepende tanto : na propria occasião em que cedo aos meus defeitos tenho consciencia de que faço mal o que muito me penalisa. Oh ! [eu desejaría tanto poder vencer a minha impaciencia.

— Tens esse firme proposito ? perguntou-lhe a mãe.

— Oh ! mamã, como me podes fazer tal pergunta ? certamente, quero corrigir-me dos meus defeitos. E como eu todos os mais não o desejam tambem ?

— Sim, sem duvida... com a condição de corrigir se sem trabalho : nem todos são sinceros neste desejo, senão cada um procuraria os meios de conseguil-o.

— E quaes são elles, mamã ! Se me disseses o que é preciso fazer. fal-o-hia.... isto é procuraria fazel-o.

— Minha, cara filha, disse-lhe a mãe, os meios são tão simples e tão claros, que não necessitas do meu auxilio para descobril-os.

— Poderia conter-me quando tenho impetos de responder uma impertinencia, ou então calar-me até que possa responder com brandura ; ou ainda, poderia...

— Não procures mais, querida irmã, interrompeu

Eduardo, pois, ainda que ficasses a inventar outros até amanhã de manhã, não encontrarias melhores.

— E' que não é tão facil paralyzar a lingua quando se está encolerizada, disse Henriqueta. Asseguro-te mamã que tenho experimentado algumas vezes, mas nunca pude conseguil-o.

— Sei que não é facil, disse-lhe a mai ; sei por experiencia.

— Por experiencia ! tú, mamã ? exclamaram a um tempo, estás gracejando ! nunca te vimos impertinente nem aborrecida ; nunca te vimos responder mal a quem quer que fosse.

— Assim é felizmente, respondeu a mãe rindo ; mas, quando tinha a idade de Henriqueta, cedia quasi tão frequentemente quanto ella a tentação de responder mal.

— Neste caso mamã, dize-nos como fizeste para curares tão radicalmente perguntou Henriqueta ; talvez os mesmos meios me fossem proficuos.

— Creio que devo a cura, em grande parte, as innumerables mortificações por que passava devido ao meu character pouco supportavel. Não pude tolerar, o tornar-me um objecto de aversão para os que me rodeavam. Um acontecimento occorrido justamente no dia em que attingi a tua idade, Henriqueta, causou-me uma impressão tão profunda, que a partir daquelle momento, resolvi corrigir e púz-me á obra corajosamente.

— E qual foi esse acontecimento mamã ? — é alguma historia ! — queres contal-a ? exclamaram juntos as duas creanças mais novas.

Não se trata de nenhuma historia, portanto, Anna não te prepares para ouvir cousas assombrosas, disse

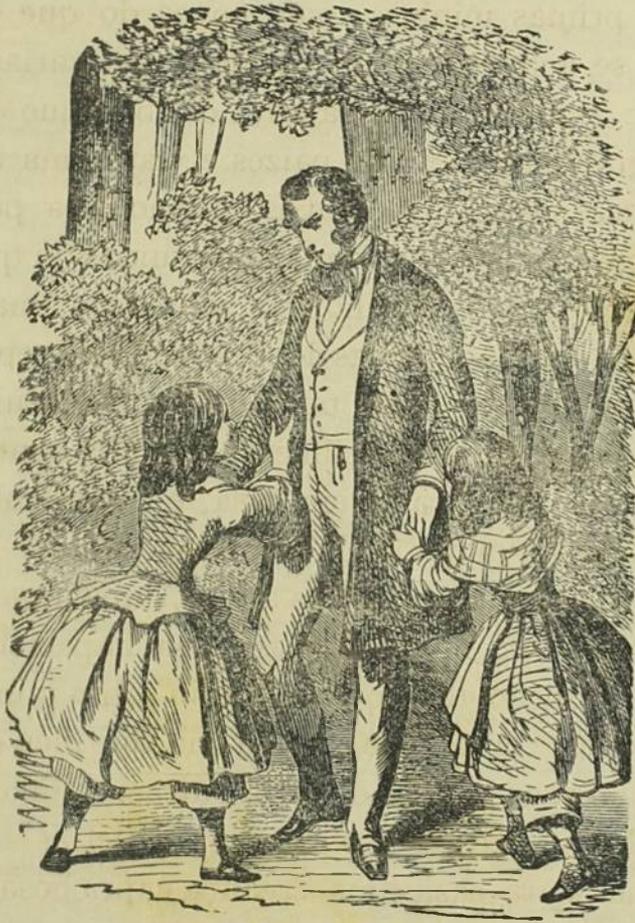
a mãe, rindo. Já vos porei todos a par do facto cujo narração não será longa. Vossos avós, isto é meus pais preparavam-se para passarem as férias no campo, em casa de uma senhora do qual eu me julgava muito querida. Contava portanto ser convidada, tanto mais que duas primas minhas, mais novas do que eu, lá deveriam se achar também. Esperava-se varias pessoas entre as quaes, um viajante celebre que havia visitado grande numero de paizes e visto uma multidão de cousas exquisitas e novas, mesmo para pessoas infinitamente mais velhas e mais instruidas do que eu. Ouvira dizer que o tal senhor era sobretudo amavel e conversador com as crianças de sorte que me preparava não só para divertir como também para instruir-me. Imaginareis pois, muito facilmente a minha contrariedade ao saber que ficaria em casa, e a vergonha foi para mim muito maior quando minha mãe me explicou porque não me levava. Sua amiga tinha uma familia numerosa e eu mostrava tamanha impaciencia á menor contradição, tão pouco imperio sobre mim propria, tão pouca vontade de corrigir-me, que meu exemplo poderia tornar-se prejudicial ás outras meninas. De resto minha mãe receava ser desagradavel as amigas levando-lhes para casa uma criança caprichosa e impertinente : assim m'o disse com bastante pezar.

— Pobre mamã ! exclamou Henriqueta. E que fizeste ? o que respondeste ?

— Nada, pois bem sentia quão justa era a reprehensão. Mas, apenas, mamã, partiu, fiz o que julgo que muitas meninas de dez annos fariam no meu caso : sentei-me e chorei até mais não poder.

— Pobre mamã ! repetiram os tres meninos. Bom ! e depois ? ... perguntaram rolando-a.

— Depois, disse-lhes rindo, a mãe, chorei até ter esgotado todas as lagrimas. Nessa occasião lembrei-me



que de nada me serviria chorar, ao passo que procurando dominar-me e fazendo o firme proposito de calar-me ou retirar-me apenas me sentisse prestes a brigar por ninharias ou dar más respostas, evitaria para o futuro semelhante contrariedade e pouparia a mamã o desgosto de castigar-me.

— Agora, mamã, dize-nos qual foi a tua primeira provação, e como conseguiste a victoria, disse Henriqueta, que ouvia com o maior interesse a narrativa da mãe.

— Minha primeira mortificação teve logar, se bem me recordo, uma meia hora, pouco mais ou menos, após a partida de meus pais.

Eu tinha de concertar um vestido e enquanto fui buscal-o ao primeiro andar, William, o menor dos meus irmãos, abriu a costureira e tirou um carretel de linha para brincar com o gatinho. Quando descí estavam ambos no auge da brincadeira: o gato desenrolara a linha enlaçando em redor dos pés da mesa e de todas as cadeiras da sala; e William por seu lado tirara da caixa todos os alfinetes e espetára-os, nas almofadas do sofá.

— Insupportaveis creanças! exclamou Henriqueta, já enfurecida, com os olhos a despedir chammas. Eu teria....

— Mas, de repente, lembrando-se da sua resolução calou-se: sua mãe sorriu, Eduardo porem bem como as irmãs soltaram uma gargalhada.

— Aposto que ficarias irritadissima como que me aconteceu. Senti uma vontade louca de ralhar com William e bater em Minet: todavia posso orgulhar-me de não tel-o feito. Obtive uma victoria completa sobre mim propria e não sobre os outros: contentei-me em tanger Minet; quanto ao seu companheiro, era muito creança para comprehender que não devia brincar com o carretel como o fazia com a pélla. Por conseguinte, tirei com todo cuidado os alfinetes espetados nas almofadas, colloquei-os um por um dentro da caixa, e a partir

d'aquelle dia. nunca mais esqueci de fechar-a á chave, cada vez que deixava o pequeno William sózinho no quarto.

— Na verdade, antes isto do que zangar-se ; mas o peor é que os outros meios só me occorrem demasiado tarde, de modo que não posso calar o que já disse, por mais pezar que sinta.

— Pódes, porém, evitar de cair outra vez na mesma falta.

— Decerto, disse Henriqueta, hesitando, mas..., e, á palavra *mas*, fez longa pausa. Mas, o quê, querida filha ? perguntou lhe a mãe, depois de esperar durante alguns instantes que Henriqueta completasse a phrase.

— Ia dizer uma cousa, mamã, receio, porém, que aches a pergunta muito estúpida.

— Diz sempre, e então veremos.

— Ia dizer... queria perguntar... se... se... se o character tem grande importancia..... quando eu... quando as pessoas teem bom coração, mamã !

— Não quero insistir nas palavras, cara filha, disse-lhe, rindo, a mãe ; porque, como creio que tu propria não sabes bem o que queres dizer, não é de admirar que tuas expressões sejam vagas. Antes de responder a tua pergunta, desejaria saber o que entendes por um *bom coração*.

— Oh! mamã, estou certa que sabes muito bem a que me refiro. Não tens ouvido, muitas vezes, algumas pessoas dizerem, fallando de outras, que teem bom coração apezar do seu máo character ?

— Sim, muitas vezes, mas de pessoas que fallam sem reflectir, pois, do contrario, não affirmariam semelhante

cousa. Se entendes por um bom coração a afeição, a gentileza, a bondade para com os outros, o desejo de lhes ser util, tornal-os felizes, has de convir que os modos bruscos, as palavras asperas, os olhares de desdem, são meios um tanto exquisitos para chegar-se a esse fim.

Durante alguns instantes, Henriqueta conservou-se calada, reflectindo no que dissera sua mãe.

— Entretanto, mamã, disse finalmente, creio... não crês que as pessoas, mesmo não tendo bom character, podem, a despeito disto, estar sempre promptas a prestarem grandes serviços aos amigos ?

— Supponho que entendes por *grandes serviços*, ajudar os amigos em occasiões de grandes perigos ou sérias difficuldades: no entanto, lembra-te, querida filha, que durante toda a tua vida só uma vez tenhas de fazer grandes sacrificios, ou dares dessas grandes provas de dedicação: póde acontecer mesmo que essas occasiões nunca se apresentem, ao passo que todos os dias, quasi a cada hora, podes prestar pequenos serviços, seres condescendente e meiga. E si não fôres indulgente nas pequenas cousas, quando isto depende de ti, como queres que eu acredite que o serás nas grandes ?

— Pela minha parte, não creio em tal e julgo que os outros pensarão do mesmo modo. Supponhamos, por exemplo, que papá tivesse dito ao pobre homem, que cahio outro dia no charco da lagôa: « Meu amigo, não vale o pena parar para ajudar-vos a sahir deste buraco; se tivesseis cahido no rio e ido ao fundo, então sim, com o maior prazer iria pescar-vos. » Que julgas que teria dito o homem ?

Em seu logar, diria : Primeiramente, ajudai-me a sahir do charco e terei cuidado de não cahir no rio, replicou Henriqueta.

— Com effeito, é provavel que esta seria a resposta da maior parte das pessoas, disse a mãe, e agora, queridos filhos, se acabastes de almoçar vamos ao trabalho ; já conversámos muito sobre este assumpto.

As observações de sua mãe impressionaram vivamente Henriqueta que, apesar de colerica e impaciente, não era teimosa. Todavia, lembrando-se de quantas vezes resolvêra corrigir-se e da pouca duração e do fracasso das suas tentativas, deu um grande suspiro onde transparecia todo o desanimo que lhe ia n'alma. « O anno passado, disse comsigo, quando briguei tanto com Anna por ter deixado aberta a gaiola do meu passarinho, e fil-a chorar tanto ao ponto de accordar o pobre Eduardo, então doente, prometti formalmente a mim propria não tornar a encolerisar-me. Entretanto, apesar de ter mais um anno de idade, nem por isso estou melhor ; acho-me mesmo peor. Comtudo, vou fazer ainda uma tentativa : lembro-me que, da primeira vez que me puz a desenhar o carvalho do fundo do jardim, atirei o lapis ao chão, dizendo que nunca conseguiria fazel-o; mamã garantio-me o successo, se perseverasse : recommeci, acabando por reproduzir a arvore... e até muito bem... segundo a opinião de mamã. »

Animada das melhores intenções, Henriqueta levantou-se para regar suas flôres. Mas, ai ! alguém a tinha precedido; deste modo, o seu character foi posto á prova mais cedo do que ella contava. A primeira cousa que

ferio-lhe a vista, foi sua irmã Ada, de quatro annos de idade, muito occupada a plantar num vaso um enorme taraxaco de linda côr amarella.

— Olha, como é bonito ! disse a creancinha no auge de entusiasmo, mostrando a flôr a Henriqueta.

— De facto é *muitissimo* bonito disse, esta, mas, onde apanhaste este vaso, Ada ?

Alli dentro, estava este pedaço de páo que eu tirei e *joguei* fóra, disse a creança mostrando, radiante, qualquer cousa aos seus pés.

Henriqueta abaixou-se para apanhal-o ; porem, que dôr a sua quando reconheceu no pedaço, de páo que os afilados dedinhos de Ada tinham conseguido arrancar, um enxerto de uma rarissima planta estrangeira, que lhe fôra dada recentemente por uma amiga de sua mãi ; uma preciosa *linea borealis*, recebida com tanta alegria, cuidada e vigiada com tanta anciedade, e que justamente, principiava enraizar !

— Menina tôla e estúpida, não te tenho dito cem vezes A phrase, tão mal começada, não se acabou...

— Não, estou decidida a não succumbir desde a primeira vez, disse Henriqueta.

E, não ousando confiar por demais na sua força de vontade em presença do taraxaco, que a pobre Ada, toda risonha, continuava a fazer-lhe admirar, muito lealmente, retirou-se correndo.

— Bravo, bravo ! disse Eduardo que tudo presenciára por detrás de uma vidraça. Não deverias, porém, fugir assim, querida Henriqueta ! E' humilhante bater em retirada deante do inimigo.

— Não, quando o perigo é superior ás nossas forças,

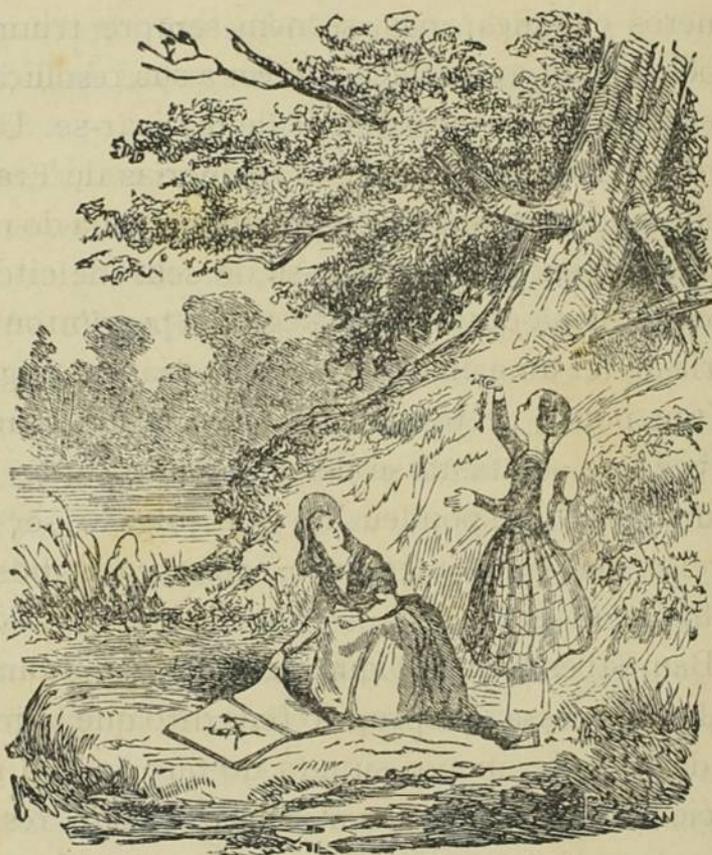
disse a mãe. Henriqueta agio prudentemente, retirando-se *desta vez*; no proximo encontro será mais valente.

— Em todo caso, é uma victoria bem mesquinha aquella que alcançamos fugindo, disse Eduardo, não ha motivo de glória.

Ora, como essa victoria, ainda que diminuta, custára muito a Henriqueta sendo-lhe preciso um grande esforço, mesmo para fugir, a observação de Eduardo pareceu-lhe soberanamente injusta, o que lhe fez notar num tom muito mais alto do que era necessario. Eduardo era um bom menino, e amava sinceramente a irmã; mas tambem tinha suas fraquezas, de modo que nem sempre resistia á tentação de troçar. Propôz, portanto, offerecer uma corôa a Henriqueta como aos vencedores da antiguidade. Porem, de que seria a corôa? Estava indeciso sobre a escolha. De louro, de salsa, ou de folhas de carvalho? Não, nada disto convinha, era demasiado commum, e era uma cousa tão extraordinaria, tão sublime, não se enfurecer contra uma crença, que não tinha consciencia do que fazia, e ainda mais por causa de uma planta sem importancia, enfeitada de um pomposo nome latino, que era preciso uma recompensa tão rara quanto um tal excesso de magnanimidade.

— Ah! Eis uma ideia luminosa! magnifica! exclamou Eduardo saltando e dando cambalhotas em volta da sala: ha de ser uma corôa de taraxaco! Não é uma descoberta admiravel? extraordinaria? porque quasi já não ha taraxacos: de resto, além de muito apropriado á circumstancia, é um emblema de paz, um symbolo de innocencia, que lembra, ao mesmo tempo,

a juventude e a primavera !... Estou satisfeitissimo commigo proprio pe la genial ideia ! Ada me ajudará, pois tambem deu prova de bom gosto. Ah ! que magnifica ideia !!... Não, não, ao contrario é uma ideia estúpida ! disse de repente Eduardo ao ver o ar pezaroso



de Henriqueta. Na verdade, fui muito máo, muito idiota, não achas mamã ?... Minha pobre Henriqueta, estou certo de que deves achar-me muito máo. Estás zangada commigo ?

— Sim, um pouco, disse Henriqueta com meiguice ; desta vez. porem, resisti; não fugi.

A mãe sorriu e estendeu-lhe a mão.

— Não te havia predito que a primeira prova te tornaria valente ?

A medida que os dias e as semanas decorriam, Henriqueta teve de sustentar mais de um combate, de fazer face a mais de um encontro nos quaes a impaciencia de sua lingua, o seu genio arrebatado. expozeram-n'a a innumeros choques; mas, se nem sempre triumphou, teve pelo menos a satisfação de ver a sua resolução tornar-se cada dia menos difficil de realizar-se. Um dia, encontrou seu irmão lendo as Memorias de Franklin. Este chegando á passagem onde o auctor falla do methodo que adoptou para corrigir-se de seus defeitos, leu alto para a irmã ouvir, e, em seguida perguntou-lhe se gostaria de ter uma lista igual, e se teria a coragem de fazer um ponto preto ao lado da palavra brandura, cada vez que se afastasse dessa virtude.

Henriqueta, respondeu-lhe que julgava ser capaz de fazel-o, mas que, entretanto, não via a utilidade de semelhante cousa.

— Bem sabes, Eduardo, que, até hoje, tenho cumprido a minha promessa. Tu proprio tens dito que hoje estou mais da metade, menos sujeita do que ha um mez, a impacientar-me pela menor cousa, a dar respostas bruscas ! no emtanto, deve ser desagradabilissimo ver escripto tudo quanto se faz de mal.

— Certamente, disse Eduardo, e, justamente por essa razão, nos observaremos mais attentamente. Sei perfeitamente que eu destestaria ver, cada dia, quando abrisse minha secretaria, uma longa serie de pontinhos pretos a me fazerem caretas. Ouve, Henriqueta, sabes o que devemos fazer ? Quero a todo custo curar-me do

meu habito de desordem: nesta ultima quinzena, perdi duas regoas e tres lapis porque nunca me lembro de guardar as cousas depois de me ter servido dellas.

Ainda hontem, se, por felicidade, mamã não tivesse entrado na sala de estudo depois da minha ida para o collegio, a bussola portatil, que papa me emprestou, se teria quebrado, pois esqueci-a sobre a mesa, ao alcance de William que se dispunha a bater com o martello no vidro, para ver mais de perto aquella cousinha que está sempre em movimento: bem sabes o que quero dizer, a agulha de marear! Decididamente, vou fazer duas listas uma para mim, outra para ti. Ficarei com a tua e tu guardarás a minha.

Eduardo foi buscar duas folhas de papel e, em cada uma, traçou sete linhas perpendiculares cruzadas por outras horizontaes; no alto de cada uma dellas, escreveu o nome de cada dia da semana, do lado esquerdo do quadrado, escreveu a palavra ORDEM em letras maiusculas, na lista que lhe pertencia, e BRANDURA na de sua irmã.

Cada vez que Eduardo deixasse os livros ou os lapis espalhados, depois de se ter servido delles, Henriqueta marcaria um ponto preto sobre a linha ORDEM, e quando Henriqueta se encolerisasse a proposito dessas pequenas differenças de gosto ou de opinião, que hão de por força surgir entre pessoas que vivem constantemente juntas, Eduardo, por sua vez, faria um pontinho preto sobre a linha BRANDURA.

Promptas as listas, Eduardo mostrou-as aos paes, explicando-lhes seu plano. Ambos sorriram, e o pae disse-lhe que julgava aquelle methodo de muita utili-

dade tanto para um como para o outro até terem conseguido. Eduardo, tornar-se ha cuidadoso, amigo da ordem, e Henriqueta ser á meiga e indulgente para todos. Obtido, porém, o resultado, os aconselhava a pôrem de parte as taes listas, para não se habituarem a censurar e observar mutuamente seus defeitos, como também porque, crescendo, deviam aprender a exercerem sobre si proprios um poder duradouro, sem serem obrigados a reccorrer para esse fim a um meio ficticio.

— Si, no fim do mez, Eduardo, conseguires mostrar-me uma pagina que tenha ficado em branco durante toda a semana, continuou o pae, dar-te-hei as Memorias de Eloras, aquelle bella recordação que, por causa da tua falta de cuidado recusei emprestar-te a semana passada.

Os dez primeiros dias do mez ainda não tinham decorrido, e já os meninos, em desespero de causa, tinham tido, por mais de vinte vezes, impetos de abandonar as lista. Os pontos pretos eram sem conta ! Na segunda semana, dois dias se passaram sem que houvesse uma só marca no diario de Henriqueta, e, no de Eduardo, só haviam tres. Chegára a quarta-feira ; era já quasi meio-dia quando surgiu uma pequena disputa entre os dois por causa de um globo que Eduardo descuidára-se de tornar a pôr no gabinete do pae.

O menino pretendia que aquillo não devia ser contado ; não era um descuido, pois tinha a intenção de servir-se novamente delle depois do almoço ; portanto, não valia a pena guardal-o. Henriqueta, porém, replicou que melhor teria sido ir buscal-o ao gabinete, do que deixal-o em cima da mesa ao alcance das creanças. 

Creio mesmo, acrescentou ella, que um dos pequenos já lhe pôz a mão, pois vejo uma grande arranhadura em redor da ilha de Juan Fernandez e tenho quasi a certeza de não tel-a visto antes.

— Farias melhor em estares absolutamente certa do que affirmas, antes de accusares os outros, disse Eduardo.

Quanto a mim, julgo que a arranhadura *sempre* alli esteve.

— Sempre ! oh , Eduardo ! como podes dizer semelhante asneira !... Mas, eu é que estou a dizer tolices, disse Henriqueta, lembrando-se de repente de suas resoluções. Ah! tens um maldicto ponto para mim ! Que pena ! eu que contava tanto ter hoje uma pagina em branco !

— Mas eu tambem, interrompeu Eduardo, mereço um máo ponto. Foi para desculpar-me que disse que precisava do globo depois do almoço : tencionava guardal-o; a verdade, porem é, que esqueci-me inteiramente.

A ultima semana do mez foi uma epocha de verdadeiro triumpho para ambos. Todos declaravão, unanimemente, que nenhuma palavra aspera sahira dos labios de Henriqueta, apesar de Ada e William terem derramado por duas vezes o vasinho d'agua emquanto ella pintava á aguarella, e esvasiado muitas outras vezes a sua costureira no intuito de nella encontrarem algum brinquedo. A casa já não vivia desarrumada como outrora, quando Eduardo, tendo de ir para o collegio, não encontrava os livros, as regoas, ou os lapis e o compasso no logar do costume. A' força de vontade e perseverança, elle aprendêra a pôr em pratica a

seguinte maxima, tão simples e no entanto tão util :

« Um logar para cada cousa, e cada cousa em seu logar. »

— Pela tua physionomia vejo que temos esta semana uma pagina em branco, meu caro Eduardo, disse o pae quando este, no ultimo dia do mez, appareceu na sala. Tendo observado teus progressos, já o esperava. Aqui tens o livro que te prometti.

Eduardo agradeceu, tomou o livro, folheou-o, admirou as gravuras, tornou a agradecer e depois calou-se, mas com um ar de quem tem ainda alguma cousa a dizer.

— Então meu filho, que tens ? em que pensas ? perguntou-lhe o pai que acompanhára com o olhar todos os seus movimentos.

— Pensava em pedir-te que me permittisses dar este livro a Henriqueta, respondeu o menino. Si consegui ser um pouco mais cuidadoso, em grande parte a ella o devo. Quanta cousa teria esquecido se ella não m'otivesse lembrado ! De resto, papá, é muito mais difficil a gente vigiar-se a si proprio todos os dias, a todo instante, e dominar um character irascivel, do que corrigir-se de falta de ordem.

— Assim o penso tambem, Eduardo, disse-lhe seu pae. Se queres conversar a este respeito com tua mãe, enconral-a-has lá em cima. Eduardo subio rapidamente a escada e encontrou a mãe arrumando varias plantas de grande belleza, numa linda jardineira.

— Oh ! aposto que é para Henriqueta ! Obrigado, mãe ! exclamou Eduardo. Vou correndo buscal-a, queres ?

E, sem esperar a resposta, desceu a escada, num pulo.

Não necessitamos descrever a alegria de Henriqueta ao receber o lindo presente da sua bôa mamã, porque não ha nenhuma das nossas jovens leitoras que não conheça, por experiencia, o prazer que nos proporciona uma recompensa bem merecida. Quem não sente que a maior de todas as alegrias é a approvação daquelles que se affigem de castigar e se sentem felizes em recompensar ?

TRIGESIMO SEGUNDO DIALOGO

TRIGESIMO DIA

D. LUIZA.

Bom dia meninas. Tendes um ar grave hoje. Em que pensas tão profundamente, Sylvia ?

SYLVIA.

Em muitas cousas, e, para fallar-vos em nome de todas nós, estamos tristes lembrando-nos que é esta a nossa penultima lição.

D. LUIZA.

Desta temporada querida ; nada nos impede de recommençar d'aqui a seis mezes, quando voltardes do campo.

CARLOTA.

Seis mezes, é tanto ! e durante todo esse tempo nós não teremos mais nem contos nem historias.

LILI.

Como eu desejava que ainda existissem as fadas !

SYLVIA.

E eu tambem ! sei bem o que havia de pedir-lhes.

D. LUIZA.

Toma cuidado, querida ; não faças votos indiscretos que mais tarde ficarias aborrecida em os vêr realisar-se.

SYLVIA.

Como a mulher da pele do chouriço ; mas eu não seria tão tola. Por exemplo, D. Luiza, eu pediria ás fadas para prolongarem o inverno afim de que as nossas reuniões durassem mais tempo.

D. LUIZA.

Eis ahi um desejo horrivelmente egoista, minha querida ; não pensas que para ter um pequeno prazer, condemnarias ao frio e ás mais rudes privações as pobres creaturas que acham já o inverno tão longo?

SYLVIA.

Tem razão, D. Luiza, fallei sem reflectir. Não é o inverno que eu desejava que se prolongasse, são as nossas palestras.

D. LUIZA.

Te cansaria depressa, minha cara, si ellas durassem sempre. Mas, já que fallamos sobre esse assumpto vou dizer hoje, como conto de despedida, o que aconteceu á ultima das fadas, que era tambem a rainha do reino da Magica.

A ULTIMA FADA.

Esta fada era tão bôa que lhe puzeram o appellido de *Bemfazeja*. Quando ella herdou a corôa, ha uns

400 ou 500 annos, seu primeiro cuidado foi examinar o uso que suas subditas, as senhoras fadas, fazião de seus poderes. Ficou horrorizada das desordens que ellas causavam no mundo. Não eram, sómente algumas velhas fadas rabugentas e cheias de malicia que fazião passar maús bocados ao pobre genero humano ; aquellas mais bem intencionadas occasionavão toda a sorte de males, dotando as crianças a tordo e a direito. Bemfazeja, que era sabia, prudente e moderada, resolveu remediar o mal. Ella começou por supender o poder das fadas e prometeu a si mesma de vêr com os seus proprios olhos si era realmente um favor dar ás creaturas o que ellas mais ardentemente desejão.

Bemfazeja sahiu então de seu reino e impôz-se a lei de não recusar nenhum pedido rasoavel que lhe fizessem. Ella não despendêra muito em equipagens posto, que tivesse de fazer uma longa viagem. O bastão, sobre o qual apoiava um corpo que parecia decrepito, servia-lhe, ao mesmo tempo, de carruagem, de cofre e de guarda-vestidos ; bastava sacudil-o para que elle lhe fornecesse no mesmo instante tudo o que precisava. Uma noite, ella chegou a uma pequena aldeia cujos habitantes pareciam muito pobres. A' porta da primeira cabana ella viu um rapaz, vestindo apenas feia camisa de algodão.

— Não haveria meio, perguntou-lhe Bemfazeja, de achar n'esta aldeia alguma alma caridosa que quizesse me dar um abrigo por esta noute ?

— Não vá mais adiante, minha bôa mãe, respondeu o camponez. Só tenho uma pobre morada para offercer-lhe ; mas, como a senhora não achará cousa melhor em toda a villa, peço a preferencia. A fada

não se fez de rogada. Ella entrou em uma cabana bem igual á de Philemon e Baucis ; a mesma pobreza, a mesma caridade de parte dos donos; só não se parecia com o feliz par, na idade.

— Como viveis n'esta solidão ? lhes perguntou a fada. Qual é vosso trabalho? chega para as vossas necessidades ?

— Nós aqui vivemos felizes, respondeu seu hospede ; a floresta visinha nos fornece um penoso trabalho, porém, com o auxilio do qual nós podemos viver de alimentos grosseiros. Temos a paz, a saúde, amamos-nos ; que podemos desejar mais ?

— E nunca desejastes nada ?

— Perdoe-nos, bôa mãe, disse o camponio; tenho invejado algumas vezes a felicidade dos ricos, que pôdem, á sua vontade, aliviar os infelizes. O céo me deu um coração compassivo, que muitas vezes me faz soffrer. Reparto o pouco que tenho com aquelles que teem ainda menos do que eu; porém, este pouco é tão pouca cousa, que, muitas vezes, fico reduzido a lamentar aquelles que não posso socorrer.

— Gosae amplamente do prazer de fazer o bem, disse a fada tomando a sua bella fórma de rainha. As riquezas só devião ser possuidas por aquelles que pensassem como vós.

Assim fallando, Bemfazeja, sacudira seu bastão ; sahiu d'elle grande quantidade de ouro, diamantes e perolas finas que cobriu todo o chão da cabana. O camponez e sua mulher, attonitos, procuraram a fada para agradecer, mas ella desaparecêra e continuára a sua viagem.

Uma manhã, quando ella entrava em um pequeno bosque copado e ridente, viu uma moça ricamente vestida, sentada junto a uma arvore e muito occupada a



lêr. Aproximando-se d'ella, a fada custou a reter um grito, tão grande era a sua fealdade.

Porém, Bemfazeja, que tinha bom senso, pensou que a mais bella alma póde habitar em um máu corpo. Havia entre ella e a moça um grande fosso lodoso sobre o qual haviam posto uma prancha. A fada arriscou-se e, fingindo dar um passo em falso, cahiu ao, comprido na lama. A mocinha, compade-

cida, chamou seus criados. os quaes não estavam longe ; mas, como estes se demorassem em vir ella entrou no lamaçal e deu a mão á velha para ajudal-a a levantar-se. Anninha, era o nome d'esta jovem, não se contentou em ter prestado esse serviço á fada ; fel-a subir para o seu carro e levou-a para sua casa de campo,



onde deu-lhe um de seus vestidos enquanto limpavam o da velha que estava todo sujo de lama. Ella levou mesmo a caridade até a fazel-a jantar comsigo. Enquanto comiam, a fada, segundo o seu costume, lhe fez perguntas :

— Ousaria perguntar-vos, minha bella menina, lhe disse ella, como se chama a cidade que nós vemos junto a esse morro ?

Anninha desatou a rir ouvindo chamarem-n'a bella.

Era a primeira vez na sua vida que alguém se lembrara de dizer-lhe semelhante cousa.

— Ou a senhora quer caçoar commigo, ou a senhora não enxerga bem, disse ella á velha. Sei perfeitamente que sou feia de metter medo e só como um insulto é que se me póde achar bonita.

— A minha vista não é das melhores, respondeu a velha, mas como acho que tudo quanto é bom é bonito, pensei não me arriscar muito dando-vos esse titulo. Dizei-me por favor; achaes ser uma desgraça essa fealdade que asseguraes ser insuportavel ?

— Na verdade, não, replicou Anninha nem vejo que eu seja menos que os outros n'este mundo. Tenho procurado em compensação fazer apparecer o que me falta em belleza, pela doçura de genio e a despreoccupação de espirito e, algumas vezes, tenho a vaidade de acreditar que o consegui. Não sou moça para me desesperar, porque a Providencia me fez feia, posto que não me seria desagradavel... ser bella.

— Não tendes rada a desejar mais sobre isso, disse a fada. Mirae-vos no vosso espelho.

Dizendo estas palavras, Bemfazeja desapareceu, encantada por ter prestado um serviço a uma pessoa que tanto merecia.

Desceu para Paris ; era a cidade da qual indagára o nome. Ella parou no caminho, em frente de uma grande fazenda. O dono, que estava em pé á porta, de braços cruzados, parecia mergulhado em tristes reflexões. Bemfazeja pediu-lhe um copo d'agua.

— Com todo o gosto, bôa mulher, lhe respondeu o homem. Entre, jantará com meus empregados.

— Não tenho fome, tornou a velha, mas ousou perguntar-vos a causa de vosso desgosto.

— Uma bagatella, respondeu o fazendeiro, e eu me envergonho de ser tão sensível. Vê esta arvore, continuou elle mostrando uma grande pereira cujos ramos seccos se estendião acima de sua casa ; plantei-a eu mesmo, ainda menino e a vi crescer com enorme prazer. Ella me resguardava, no verão, dos raios do sol e me dava os melhores fructos do mundo ; peras magnificas, de um tamanho sem igual. Ai ! de mim ! minha pobre arvore morreu ! Daria a metade da minha fortuna para a salvar, porém, não ha mais remedio.

Acabando de dizer estas palavras, o homem não poudo reter as lagrimas.

— Consolae-vos, lhe disse a fada, comereis ainda este anno os seus fructos.

Ao mesmo tempo, bateu na arvore que logo reverdesceu e se cobriu de flôres, pois estava-se na primavera.

— Como é preciso pouca cousa para perturbar e para dar a felicidade á creatura ! dizia a fada afastando-se. Ella chegou á grande cidade e viu ahi logo uma figura extraordinaria. Era um homem alto e magro cuja casa, outr'ora preta, tornára-se cinzenta á força do uso. Um chapéo velho, todo estragado, apenas lhe cobria a cabeça ; trazia como camisa um collarinho postiço, sujo e rasgado ; suas meias estavam esburacadas assim como seus sapatos. Elle entrou em um botequim, onde se fez servir uma refeição de seis vintens que elle não comeu, mas sim devorou. Bemfazeja, que se sentára á mesma mesa, defronte d'elle, convidou-o para partilhar seu jantar, no momento em que elle acabava o

d'elle ; assim, sua proposta foi bem accete. Um frango desapareceu logo em um abrir e fechar de olhos e tambem um enorme pedaço de carne assada. Este homem, sentindo-se satisfeito, rompeu o silencio que guardára até então, e disse á velha.



— Está admirada minha senhora, de meu appetite ; mas só faço uma refeição durante 24 horas. e faço-a bem quando posso.

Bemfazeja não pode deixar de rir d'essa franqueza, e perguntou-lhe qual era a sua profissão.

— Pelo meu todo, não advinha ? respondeu o homem. Por mal de meus peccados, sou escriptor.

— Pensei sempre, disse Bemfazeja, que o talento era bastante para fazer viver aquelle que o possuísse.

Elle não vos dá recursos, consideração, conhecimentos honrosos e uteis ?

— Ha escriptores e escriptores, replicou elle. Eu não sou d'aquelles que cortejam a opinião publica com trabalhos futeis. Não posso tirar do meu cerebro, sinão o que é bom, util, e isso não dá pão para a bocca. Um livro de moral, pelo qual um livreiro atrevido me deu 600 francos o anno passado, está todo inteiro na sua loja, excepto uns 20 exemplares dos quaes eu devo ainda a encadernação e que distribui aos que se têm encarregado de fazer propaganda do trabalho. Porém, elles perderam seu tempo e esse livro me desacreditou de tal modo que meu nome é capaz de fazer bocejar e adormecer uma sala inteira...

— Não poderieis, disse a fada, achar algum editor honesto e caridoso, que tomasse a peito os vossos escriptos e que se encarregasse de os imprimir sem declarar o vosso nome ?

— A sra. chega, sem duvida, do Menomotapa, minha bôa velha, retrucou o escriptor zangado, para conhecer tão mal as pessôas. Si a sra. soubesse quantas humilhações me foi preciso supportar para obter o emprego de revisor de imprensa, se admiraria como um homem honesto pode sobreviver a tanto. Tambem não sou mais que um esqueleto e, si Deus não pôe já um termo aos males que soffro, será preciso que eu succumba.

— Mas, emfim, proseguiu a fada, não poderieis procurar a protecção de algum grande homem ou a de um de vossos collegas de nomeada ?

— Oh ! raios ! gritou o escriptor levantando-se bruscamente, a sra. resolveu me pôr doido com os seus « não poderieis... » Não sra. eu não posso fazer nada !...

— Não vos quiz incommodar, senhor, disse Bemfazeja ficaria contentissima em prestar-vos um serviço. Ousaria pedir-vos para me lêrdes algumas das vossas producções ? Mas aqui faz frio, si fôssemos para a vossa casa ?

— Não lhe posso dizer que meu quarto está quente, porque, no inverno, ahi não a'cendo lume. Escrevo, deitado na minha cama por falta de lenha ; mas, com certeza, a sra. se aquecerá subindo, pois, o commodo que occupo fica no setimo andar.

Bemfazeja seguiu o escriptor que lhe deu amavelmente a mão para subir e lhe offereceu a unica cadeira que elle tinha e ainda assim. estava tão desconjunctada que não offerecia muita segurança. Algumas prateleiras cobertas de livros e de papeis empoeirados, uma mesa sem um pé, um pote para cerveja, uma garrafa que servia de castiçal; uma enxerga, eis toda a mobilia exacta do Sr. Bento ; era o nome do dono da casa que foi obrigado á sentar-se á beira da cama. Elle leu alguns manuscriptos para Bemfazeja ouvir, a qual achou talento n'esse escriptor tão maltratado pela fortuna.

— Então, minha sra. lhe disse elle, no meio da minha miseria pouco falta para que eu se seja mais feliz do que um rei. Si meus trabalhos me dessem sómente o necessario para viver como um austero anachoreta, não desejaria mais nada. Gosto do trabalho e toda a minha ambição é de poder-me entregar a elle sem reser-

vas. enquanto que eu me amofino de ser obrigado todos os dias a corrigir as tolices alheias.

Emquanto Bento fallava, a fada dizia comsigo « E' possivel que no meio de uma cidade rica, illustrada, um homem de talento seja reduzido a uma situação tão penosa por falta de achar uma mão que o tire do esque-



cimento ? E' para alliviar o merecimento dos indigentes que o céo me fez dispensadora de seus dons. Trate-mos de os espalhar. »

As fadas nunca fazem em vão seus votos. Apenas Bem fazeja acabára de pronunciar o seu, o mansarda de Bento mudou de aspecto. Um mobiliario simples, mas commodo, tinha substituido os moveis estragados.

Uma bibliotheca bem guarnecida attrahiu sobretudo a attenção do escriptor.

— Entregae-vos sem reservas, ao vosso gosto pelo estudo, lhe disse Bemfazeja. Todas as vezes que abrires o cofre que está á direita da bibliotheca, encontrareis a somma que desejardes. Bento quiz atirar-se aos pés de sua bemfeitora ; porém, ella já partira para procurar novas occasiões de dar a felicidade.

Depois de ter percorrido diversas ruas, ella avistou uma rapariga que caminhava muito depressa e lhe perguntou se poderia indicar uma casa onde ella pudesse passar a noute.

— De bôa vontade, bôa velha, respondeu a moça, graciosamente; siga-me; vou conduzil-a á minha senhoria. E' uma bôa mulher que tem quartos mobiliados, e onde a sra. ficará muito bem. Porém, diga-me, si faz favor, a sra. não é de Paris e não conhece aqui ninguem ?

— Não, minha bella jovem, respondeu a fada, acabo apenas de chegar.

— Deus seja louvado de me ter posto em seu caminho ! Paris está cheio de gente má. Mas eu caminho muito depressa para a sra. ; tome meu braço. Iria mais devagar, si não viesse experimentar um vestido que preciso entregar ámanhã de manhã ; sinão não tenho com que fazer um caldo para minha pobre mãe que está doente.

— Não vos incommodeis, lhe disse a fada. Sou forte, apesar da minha idade, e posso seguir-vos.

Em caminho, a rapariga contou á fada que seu pae, que era sapateiro, ficára arruinado por causa de seu

máu comportamento e morrêra deixando a mulher muito pobre e doente.

— Felizmente, accrescentou ella, tenho um officio ; mas os alugueis são tão caros, ganha-se tão pouco que, com difficuldade posso sustentar minha pobre mãe e lhe dar todo o bem estar que a sua molestia exige.

— Queria vel-a, disse Bemfazeja. Tenho bons remedios e póde ser que eu a possa curar.

— Quanto lhe serei grata ! exclamou a rapariga, chorando de alegria e lhe apertando as mãos. E' uma mãe tão bôa ; ella gosta tanto de mim, que daria a minha vida para allivial-a.

Chegaram.

— Alegre-se, querida mãe, disse a joven, trago-lhe uma bôa mulher que espera poder restituir-lhe a sua saude.

Bemfazeja approximou se da doente, consolou-a e fazendo-a tomar algumas gottas de um excellente elixir, a bôa creatura sarou logo. Não se póde imaginar a alegria da mãe e da filha. Esta correu á um armario do qual tirou quatro vintens embrulhados em um papel, e desceu para buscar um pouco de vinho. Durante sua ausencia, a mãe disse á fada :

— Receio que minha filha morra de prazer. Ella me é tão dedicada, que trabalha dia e noute para me sustentar e não pensa sinão em alliviar meus males.

Bemfazeja, enternecida, beijou a rapariga que entrava e que se appressou em limpar um copo e lhe offerer vinho. A fada bebeu um bocadinho, e tocando com o seu bastão um velho bahu que estava no quarto :

— Gozae disse ella, a recompensa devida á vossa pie-

dade filial, e possa o céu conservar muito tempo vossa mãe para a ventura das duas !

O velho cofre encheu-se de moedas de ouro e a fada desapareceu. Alguns dias depois, quando Bemfazeja passava por diante de uma casa, ouviu gritos muito fortes. Tudo ahi estava em desordem. Diversas pessoas entravam e saham precipitadamente e todas pareciam tão preocupadas que a fada entrou até o fim da casa sem que ninguém lhe dissesse nada. Ella viu, então, no chão uma mulher bem vestida que rolava pela ssoalho e arrancava os cabellos; um homem sentado juncto d'ella aparentemente insensível á sua dôr, tinha as mãos crusadas e o olhor fixo. Diversas pessoas rodeavam a cama de uma criança de quatro annos, que expirava. Bemfazeja se approximou do homem, que estava immovel e perguntou-lhe qual era a molestia da criança ?

— Eu entendo um pouco de medecina e poderei talvez alliviar vosso desgosto. O homem olhou para a fada e respondeu com tristeza.

— Si a sra. sabe fazer milagres, esperaria alguma cousa, mas...

Elle não acabou. A's primeiras palavras, a mãe se levantára e parára de chorar. Quando ella ouviu o que Bemfazeja disse, ergueu-se de repente, apertou-a em seus braços e supplicou-lhe que lhe desse vida, salvando o seu filho; depois, sem dar tempo de responder, levou-a para perto do berço e recommçou a gritar, vendo o pequeno exhalar o ultimo suspiro quasi. As fadas, sem nunca terem estudado medecina, sabem mais que os mais habeis medicos. Bemfazeja percebeu logo que os soffri-

mentos da criança eram causados por um verme de uma enorme grossura que o mordia interiormente e provocava terríveis convulsões. Ella pediu uma colher com agua bem fresca e deitou um pó do qual conhecia a efficacia. O menino, depois de alguma agitação, expelliu a bicha e logo ficou alliviado.



— Deem-lhe qualquer cousa para comer, disse a fada, podeis contar com a cura. A estas palavras, o pae, que não tinha sahido de onde estava, correu para a criança e vendo o verme que elle tinha posto, cahiu aos pés da fada.

Elle lhe apertava as mãos, beijava-as, depois se levantava para ir vêr o filho. Quando ficou mais calmo, pediu a Bemfazeja que viesse ao seu gabinete.

— Senhora, disse, eu lhe devo tudo. Felizmente sou bastante rico para lhe poder provar o meu reconhecimento. Não ponha barreiras ao seu desejo ; ainda que custasse toda a minha fortuna, não seria bastante para pagar o serviço que a sra. acaba de me prestar.

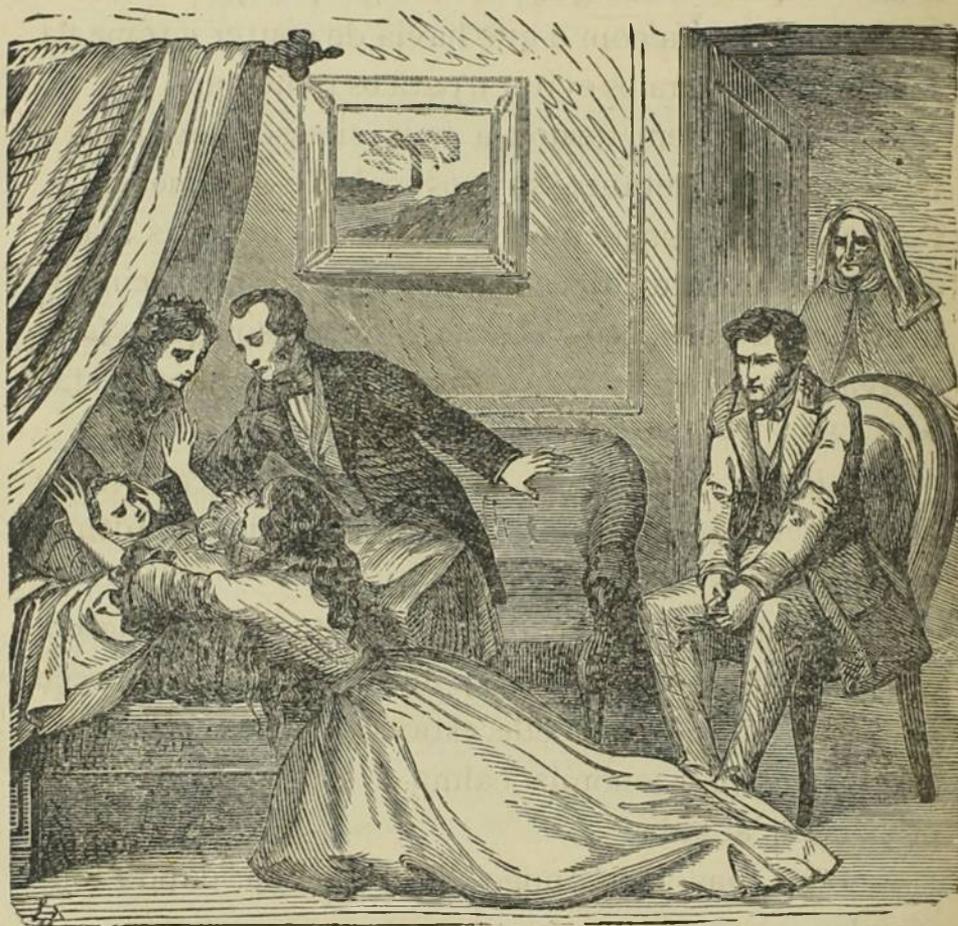
— Estou contentissima de vos vêr tão reconhecido, replicou a fada, porém, tornando-me agradável, eu só procuro o prazer de praticar o bem.

Elle quiz insistir; Bemfazeja já tinha ido á procura de outras aventuras. Um dia, em qu ella passava diante de uma cocheira onde se alugavam carros para passeio, um homem muito bem vestido e sympathico ajustou um com dous logares. A fada teve a phantasia de querer fazer parte da viagem e, pedindo licença para fazer sociedade com elle, subiu para o carro e sentou-se a seu lado. Comprehendeu logo que seu companheiro tinha um pezar ; elle suspirava muito e lhe respondia distrahido.

— Estaes preocupado, disse a fada. Ousaria perguntar vos o que tendes ? Não me julgueis indiscreta, o coração me diz que posso fazer alguma cousa em vosso beneficio.

O homem olhou para ella e suspirou. — A snra. seria muito fina, tomou elle, si pudesse dar-me socego. Confesso-lhe que minha tristeza provém de uma cousa bem ridicula e que nunca tive coragem para dizer a ninguem. Sou negociante; além dos ganhos que me traz o meu negocio, possúo uma bôa renda. Tenho saude, graças a Deus ; tenho mulher e trez filhos a quem adoro e dos quaes sou adorado. Depois d'isso, parece que eu devia ser feliz, mas qual ! A incerteza dos successos da vida se apresenta a todo o instante á minha imagina-

ção. Não posso gozar do presente que me foge, enquanto me atormento com o que me póde acontecer para o futuro. Cada dia me parece ser a véspera do dia em que devo perder minha mulher, meus filhos, meus



bens, minha saúde e minha vida. Compreende que, uma tal inquietação, por muito ridícula que pareça, tem fundamento e eu não posso ser feliz.

— Com effeito, disse a fada, vossa situação é especial. Os homens só se occupam do futuro, na esperança de o tornar melhor e de escapar ás contrariedades do presente.

— Não posso deixar, fallou o estrangeiro, de notar as incertezas dos factos como uma das grandes miserias da vida. Caminhamos aqui em baixo, ás apalpadellas, por entre precipicios. O homem poderia queixar-se menos, si elle visse de um só golpe as desgraças que o ameaçam. Elle saberia com o que havia de conter e tomaria suas medidas para os evitar e para os remediar.

— Não sei bem, tornou a fada, si esse meio traria a felicidade. Entretanto, só vos cabe experimental-o. Conhecereis, no principio de cada anno, todas as males que vos teem de acontecer. Desejo que esse conhecimento vos traga o repouso. O estrangeiro pensou que a fada estava louca e ia dar uma risada, quando viu que estava só!

Bemfazeja teve ainda muitas outras occasiões de praticar o bem, mas não fallarei sinão de sua ultima aventura.

Uma noute, ella encontrou á porta de uma igreja um pobre que se sustinha em duas moletas. Conheceu pela sua pallidez que elle estava doente; entretanto tinha uma physionomia calma e contente, que surpreendeu a fada.

— Bons dias, meu amigo, lhe disse ella, dando uma esmola.

— Obrigado, sra., respondeu o pobre; porém, nunca tive maus dias.

— E' verdade, perguntou Bemfazeja, eu temia, ao contrario, que vós nunca tivésseis conhecido bons.

— Oh! replicou o mendigo, meus males são poucos comparando ao que eu soffro vendo a miseria de uma familia que eu estimo, e que não posso mitigar. No



entanto, nunca desesperarei, porque vejo meus soffrimentos como meios dos quaes se serve a Providencia para me conduzir á verdadeira felicidade.

A fada desejava prolongar essa conversa e propôz acompanhá-lo até a casa.

— Com todo o prazer, disse-elle, mas receio que a sra. se arrependa da visita.

Elle conduziu-a ao fim de uma ruasinha e a fez subir a uma agua-furtada onde ella viu duas creanças cobertas de chagas e qu e uma pobre mulher curava. quasi núa. Não havia um cadeira no quarto e a fada foi obrigada de se assentar no chão.

— Ha muito tempo que vos achais n'esta situação ? perguntou ella.

— Ha dous annos, respondeu o pobre. Eu era operario e sustentava honestamente minha familia. Uma noute. o fogo queimou minha casa e perdi tudo o que tinha. Fiquei, depois entrevado das duas pernas e meus filhos cahiram doentes. Não tive outro recurso sinão a caridade publica, e eu a imploro todos os dias para poder ter pão para minha familia.

— Como conservastes serenidade no meio de tantas desgraças ?

— Confiando em um pae infinitamente bom e poderoso. Sei que elle me ama. que elle póde e quer-me fazer feliz. Eu me entrego a elle, persuadido que minha pobreza, meus males e os de meus filhos são preferiveis á saúde e ás riquezas, já que esse Deos, cheio de bondade, as envia.

— Nunca vos faltou então o necessario ? lhe disse a fada.

— Não sra. ; aconteceu-me hoje, talvez pela centesima vez de acabar o dia sem que eu nada tivesse ganho e isto quando não tínhamos um pedaço de pão para o dia seguinte. Não direi que algumas vezes eu não tivesse descrido da Providencia, mas pensava nas palavras do Evangelho : « Si Deos tem cuidado com uma herva do campo, quanto não terá elle de cuidados para comosco, gente de pouca fé... » e no momento de voltar para a minha mansarda, recebia mais do que esperava. Bemfazeja, tornada de respeito por uma virtude tão rara, disse ao mendigo :

— Não ponho paradeiro aos vossos desejos ; sou fada, não ha nada que eu não possa fazer em vosso beneficio ; riquezas, honras, eu tudo posso dar ; pedi.

— Deus me livre ! tornou o pobre. Ignorante do que me diz respeito, eu iria talvez desejar, sob outra fórma, peiores males do que os que tenho tido até aqui. Deixae á Providencia o cuidado de escolher o que me convem. Torne-se, si quizer, seu instrumento para me proteger de vez em quando. Si Deus quizer me tornar a pôr em estado que eu possa ganhar a minha vida, trabalharei sem cessar deixando-lhe o cuidado de fazer prosperar o meu trabalho. Eis tudo o que desejo.

— E são os que vou satisfazer lhe disse a fada ; vós me abris os olhos. Não pertence ás intelligencias que teem um termo, de tocar nas obras d'aquelle que é a sabedoria e a bondade. Ai ! de mim ! creio ter feito a desgraça d'aquelles a quem dotei conforme o que pediam.

Acabando de fallar, Bemfazeja desapareceu e deixou na agua-furtada uma bolsa contendo cem moedas de

ouro. Esta quantia permittiu que o pobre homem se tratasse assim como dos seus filhos.

Elle recoprou a saude e, contente, recomeçou a trabalhar. Por seu lado. Bemfazeja, voltára ao seu reino, onde a deixaremos descansar de suas grandes caminhas. Até ámanhã, minhas caras filhas.



TRIGESIMO TERCEIRO DIALOGO

TRIGESIMO PRIMEIRO DIA

D. LUIZA.

Sonharam com a rainha das fadas ?

SYLVIA.

Não, D. Luiza, porém, pensei muito n'isso e pergunto a mim mesma si realmentes ella andou mal recompensando boas creaturas e praticando o bem.

NOEMIA.

Para mim, o mendigo era um santa, porque acceitava com tanta resignação seus pezares e recusava os dons e receiava fazer máu uso d'elles.

D. LUIZA.

Note, minha cara, que elle não queria acceitar nada de sobrenatural e que contrariasse a ordem estabeccida pela Providencia.

CARLOTA.

Bemfazeja ainda não descansou bastante. D. Luiza ?
Diga-nos hoje o fim da historia.

D. LUIZA.

De bôa vontade, minha querida. Já que resolvi dar sueto á geographia e á historia, e de consagrar á rainha de suas bôas amigas as fadas, nossas duas ultimas palestras, voltemos á ellas.

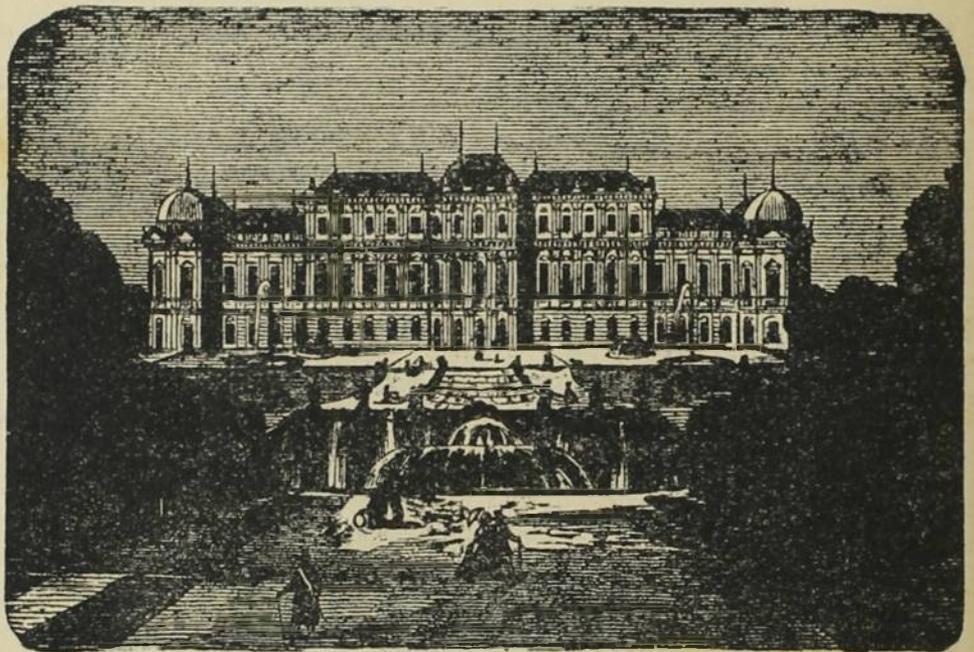
Bemfazeja passou oito annos a restabelecer a paz entre suas subditas; era preciso conhecer as consequencias dos dons que ella concedêra. Poude, emfim, partir e foi directamente á aldeia onde recebêra generosa hospitalidade. No lugar da cabana, em que habitava o caridoso casal que a acolhêra, ella viu um soberbo palacio. Uma brilhante equipagem estava á porta, com uma porção de cavallos, de cães e de caçadores.

— De quem é essa bella vivenda? perguntou a fada, que tinha tomado o aspecto de uma moça mal vestida e coberta de ulceras.

— Aquelle que mora n'esse castello, lhe respondeu um velho, era outr'ora igual á nós. Nunca soubemos porque encanto elle ficou rico de repente, e menos ainda comprehendemos a mudança que a riqueza operou n'elle.

O marquez de Durcy, quando era simplesmente um pobre lenhador, era adorado por seus vizinhos. Era meigo, serviçal, caritativo; mas, desde que elle ficou fidalgo, está tão vaidoso, que por favor nos lança um olhar e, enquanto gasta sommas enormes para sustentar lacaios, cavallos, cachorros, elle veria sem pena seus antigos vizinhos morrerem de fome, á sua porta. Sua mulher fez de princeza e não se póde calcular a dureza dos dois. Elle comprou o bosque onde trabalhava antigamente para ganhar a vida e ha

quatro dias que maltratou um de meus filhos e quebrou-lhe a bengala nas costas, porque accusaram o pobre rapaz de ter quebrado um galho de arvore. Somos obrigados a soffrer sem nos queixarmos. Elle é o dono de logar ; as authoridades comem á sua mesa ; como poderemos esperar obter justiça ? Assim que o



pobre homem acabou de fallar, o marquez sahiu do seu palacio, seguido por uma pequena côrte.

— Generoso senhor, gritou a fada, tenha compaixão de uma pobre doente desamparada ! Mandai que me recebam nas vossas cavallariças ; eu seria bem feliz si pudesse me alimentar com os restos de vossos criados!

— Aqui está uma creatura imprudente, disse o marquez de fresca data. Pensa ella que o meu castello é hospital ? Retira-te, desgraçada ! e si toarnres á appa-

recer diante de mim, farei enxotar-te pelos meus criados! A fada voltou ao seu natural.

— Não vos farei censuras (disse ella a este máu ricaço, que cahiu a seus pés logo que a reconheceu); é a mim a quem devo attribuir todos os vossos crimes. Deveria eu achar-me mais sábia que a Providencia,



que vos fez nascer pobre, porque previa-vos o abuso que farieis das riquezas? Voltae ao vosso nada; que possais ainda achar as vossas primerias virtudes!

A estas palavras, o palacio desapareceu e tambem as riquezas que estavam dentro d'elle. Só ficou ao Marquez a sua misera cabana onde elle ainda foi feliz em achar um asylo, e onde teve orcasião de se arrepender de sua crueldade.

Bemfazeja, receiosa, desejava saber da moça a quem tinha dado tanta belleza. Ella estava assentada no logar em que a fada a vira pela primeira vez ; porém, em vez de um livro, tinha um espelho e, considerando os destroços que a variola fizera no seu rosto, ella chorava copiosamente. Si a fada não estivesse certa que sua arte a não enganava, não a teria reconhecido. Bemfazeja tomou o aspecto de uma camponeza que vendia fructas e, approximando-se da joven, lhe offereceu tão graciosamente que chamou sua attenção.

— Ousaria perguntar-vos porque choraes ? disse a fada com pena. A sra. ainda me pergunta ? respondeu afflicta. Olhe para mim e saberá ! Ah ! houve um tempo em que semelhante desgraça me seria indifferente, emquanto que hoje não a posso supportar sem horror. Bemfazeja, que retomára a forma de uma velha, lhe disse :

— E porque tendes menos rasão agora, do que antes ?

A moça, que reconhecêra a fada, lhe respondeu :

— Ah ! sra., que fatal presente me fez ! Restitua-me a belleza, ou torne a dar-me as virtudes que me tirou.

— Não comprehendo porque rasão a belleza vos fez perder vossas virtudes ?

— Vou dizer-lhe, respondeu a joven, Nasci em uma familia onde a belleza parecia uma herança e sendo a mais moça de trez irmãs que se podiam comparar ás tres Graças, minha fealdade que a toda a hora me lançavam em rosto, me fez crêr que eu era a mais infeliz de todas as creaturas. Eu tinha uma governante de merecimento pouco commum e que, vendo

ser eu o rebutalho de meus parentes, se affeiçoou mais a mim do que as minhas irmãs, que, aduladas por toda a gente, eram pouco doces.

« Minha querida filha, me dizia muitas vezes, para



que se afflige com um mal imaginario ? Não se precisa ser bella para ser bôa, e só a si compete adquirir o que as molestias e os annos não lhe podem tirar. » Consegui com effeito, debaixo da direcção d'esta encantadora mulher, uma doçura, uma affabilidade, uma instrucção e conhecimentos, que faziam esquecer minha fealdade. Minhas irmãs tinham muitos admiradores ;

eu, tinha amigos. Alguns d'esses, attrahidos pela belleza d'ellas, paravam para conversar commigo e eu tinha muito prazer com esta troca de idéas.

Era estimada por toda a gente honesta. Eis ahi, sra., os bens que me fez perder. Logo que olhei para o meu espelho, a minha vaidade despertada me fez desprezar tudo o que podia ornar o meu espirito ; não mais leituras, não mais conversas instructivas. Passava a maior parte do tempo a me enfeitar e me a mostrar para receber elogios. Oito annos passaram-se assim rapidamente, e uma doença funesta, transformando minha physionomia, tornou-me o assumpto predilecto de todas as pessoas que a vaidade tinha separado de mim. Aconselham-me de me retirar da sociedade ; porém, a solidão que outr'ora tanto eu apreciava, tornou-se-me insupportavel. Meu espirito obsecou-se á força de me occupar em futilidades ; perdi o gosto do bom e do util. Si pego em um livro, bocejo, cae-me das mãos e adormeço. Tenho saudades das distrações, dos espectaculos ; em uma palavra, sou a mais infeliz das mulheres.

Assim fallando, ella estava banhada em lagrimas. Olhou machinalmente para o espelho que tinha na mão e, como se si tivesse visto pela primeira vez, atirou-o despeitada a vinte passos de distancia. Bem-fazeja teve pena e, se culpando das desgraças do moça, disse :

— Porque não tenho eu o poder de vos conceder ao mesmo tempo a volta de vossa belleza e o vosso senso ! Mas só uma d'estas cousas vos posso dar ; escolhei.

A esta proposta, Anninha ficou pensativa e visi-

velmente agitada. Depois, se levantou de repente e disse á fada ;

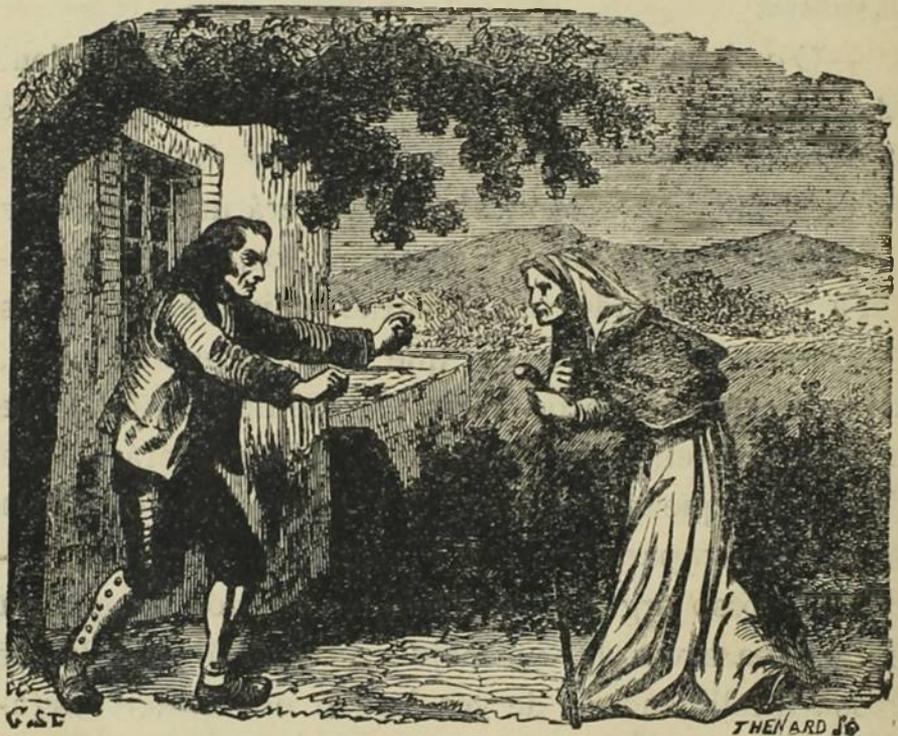
— Não trepido mais, sra... Que a minha fealdade augmente si fôr possível, comtanto que eu fique nas felizes condições em que me achava, ha alguns annos. Torne a dar-me minhas virtudes e meu juizo. e ficarei satisfeita.

— O que me pedis, ultrapassa meu poder, respondeu. Bemfazeja : sois a unica que podeis retomar a posse d'esses bens. e vossa escolha é de um bom augurio. D'aqui por diante a natureza não terá mais segredos para vós; porém, vossos conhecimentos, longe de excitar a vossa vaidade, vos tornarão mais meiga e mais humilde si todas as vezes que adquirirdes um novo, tiverdes o cuidado de abrir um volume in-folio que achareis em cima de vossa mesa. Elle conterà a lista das cousas que ignorareis toda a vossa vida e esta lista immensa, comparada com o que sabeis abaterá as fumaças de vosso orgulho. A Providencia vos recusára a belleza para vos dar o desejo e a occasião de cultivar vossa intelligencia e de vos formar um character agradavel. Eu tinha mal a proposito desviado suas vistas sobre vós, e vos torno a collocar no logar do qual infelizmente vos tirei.

« Justo céo ! exclamou a fada afastando-se, não tenho feito até aqui sinão maús presentes. Oh ! sabedoria dos mortaes e das fadas, não sois mais do que uma ceguiera, e os homens, seguindo as vossas pégadas, dão tantas quedas quantos passos andam ! »

Ella encaminhou-se para a fazenda onde fizera fructificar a pereira secca ; estava-se já na estação das

fructas e a fada não poude deixar de admirar as bellas pêras que cobriam a arvore. « Por esta vez, disse ella, não tenho nada a me exprobar e si o bom fazendeiro vive ainda, teve bastante tempo de gozar dos fructos da bella pereira que tão amargamente elle lamentava. »



Chegando, ouviu o ancião que soltava grandes gritos misturados de queixumes. « Maldicta seja a velha feiticeira ! disia elle. Quem mandou-a metter-se nos meus negocios ? Deus sabia bem o que fazia, quando seccou de repente esta malaventurada pereira que me dá fructos tão amargos ! » A fada apressou-se em entrar ; mas, assim que o fazendeiro a viu, quasi lhe saltou ao pescoço.

— A sra. ainda vem trazer-me alguma desgraça ?

Fez um bello trabalho, resuscitando minha arvore e dando-me tão bellas pêras !

Os invejosos disseram que era sortilegio, accusaram-me de feitiçaria. E, desde então, cada qual me rouba mais minhas fructas. Ainda hontem, alguns perversos, atirando pedras nos galhos par derrubar as pêras, quebraram a cabeça de meu meto. A criança está á morte e devemos isto á senhora !

— Levai-me onde está o doentinho, disse a fada ; não pouparei nada para reparar o mal do qual sou a causa involuntaria.

Bemfazeja applicou sobre a ferida um balsamo de que só as fadas conhecem a virtude e, no dia seguinte, o menino estava livre de perigo.

— Estou-lhe bem grato de o ter curado, disse o velho, mas, nem por isso, deixarei de estar á mercê da inveja e da má vontade de meus visinhos. Acredite-me, bôa velha, ainda que a sra. veja seccar todas as arvores do mundo, não as faça florescer ; que Deus nos dê ou nos tire, o que elle faz está bem feito, e nós devemos resignarmo-nos.

— Elle tem rasão, pensou a fada ; estou com vontade de voltar atrás, porque não auguro nada de bom do resto de minha viagem ; mas... é preciso levar a experiencia até o fim.

No mesmo instante, ella se tornou invisivel e se transportou á casa do sr. Bento. Atravessou um grande jardim, no fundo do qual havia uma sala. Viu uma mesa bem posta. O dono da casa achava-se á cabeceira, cercado por seis convivas que comiam e fallavam como escriptores, itso é, sem parar. A's vezes, Bento abria a

bocca ; então faziam silencio, escutavam com attenção e applaudiam o que elle dizia.

— Oh ! seculo ! oh ! costumes ! exclamou um dos convivas, o merecimento geme no esquecimento ; a pobreza, o desprezo é o que lhe resta. Quando muito se poderiam citar vinte escriptores que não se tenham de queixar da sorte !

— O desprezo que se alardia pelos sabios, fallou um outro em tom prophético, é um presagio certo da decadencia da sciencia e das artes ; nós retrogradámos para a barbaria.

— Estáes enganado, disse por sua vez Bento. O paiz das riquezas não é o solo dos escriptores ; elles ahi se abastardam. Dizem que a pobreza e a mãe da industria ; sem ir procurar muito longe, vos citarei a mim como exemplo. Deus me dêra algum talento ; a necessidade me obrigou a cultivar-o. Eu era trabalhador ; mas esta inclinação que eu pensei era natural, provinha da penuria, que me levava ao trabalho. Dizia commigo mesmo que eu escreveria com mais ardor si fosse alliviado do cuidado de prover á minha sustitencia ; persuadia-me que as inquietações que me assaltavam impediam ao meu espirito de tomar seu vôo. N'esta disposição, minha bôa ou má estrella me fez encontrar uma fada, que me pôz de repente em um bem estar que eu não conhecêra nunca. Que aconteceu ? A abundancia me tornou preguiçoso. Não trabalho mais desde esse dia, nem um trabalho bom sahiu de minha penna. Vêde um homem que aspira a ser Académico ! Quantas massadas não tem elle para aperfeiçoar seus escriptos ! Quantas preoccupações de successo ! Si obteve

o que queria, não é mais o mesmo ; adormece e adeus ! sonhos. Conclui d'isso que, no interesse das letras, é preciso deixar ao escriptor o agulhão que o instiga ao trabalho.

— Sou de vossa opinião, disse a fada se tornando visível ; sou devedora ao publico do bem que não lhe fizestes. Voltae para o estado do qual vos tirei. Eu ajuntarei um correctivo em favor de vossa sinceridade. Todas as vezes que fizerdes um trabalho *verdadeiramente util*, e que tiverdes difficuldade na venda, podeis contar commigo sobre a somma que vosso livro vos teria proporcionado, si os homens tivessem o bom gosto que agora elles estragaram e, para não fazer invejosos, concedo as mesmas graças aos vossos convivas.

— Viva ! exclamou Bento. Reconheço a justiça da sua sentença e não me queixo. Estou mais agradecido a este ultimo favor do que da grandeza em que a sra. me collocou tão sem proposito. Assim que Bemfazeja desapareceu, os escriptores se separaram, anciosos para entrar nas suas boas graças.

Poucos a conseguiram, pois não é cousa facil fazer um *trabalho util*. A fada desejou ir para juncto da rapariga da qual recompensára a piedade filial. Logo foi transportada para perto de uma casa magnifica. Entrou ; um laçao de feições rudes, perguntou-lhe o que queria ?

— Eu desejava fallar á mãe da sra.

— Que disparate, velhota, respondeu o bruto ; a sra. não tem mãe. Ha nove annos que estou ao seu serviço, e nunca ouvi fallar n'isso e supponho que já morreu ha muito tempo.

Bemfazeja abriu um livro que trazia sempre comsigo onde estavam escriptos os nomes das pessoas que ella conhecêra. Esse nome se apagava por si mesmo quando aquelle ou aquella n'elle indicado morria. Ella ahi achou o nome da mãe da moça e, querendo fazer novas perguntas ao laçao, deparou com uma velhinha apoiada em em páo, que se encaminhava para o palacete. Tornando-se invisivel, ella teve certeza que, com effeito, o porteiro não conhecia a mãe de sua patrôa.

— Eu não poderia fallar-lhe ? perguntou a velha.

— A sra. deitou-se muito tarde, disse o homem ; mas ella me ordenou que nunca a despedisse ; sente-se ; vou avisal-a que você está aqui.

A pobre mulher suspirou e, pensando que estava só, deixou cahir lagrimas que ella enxugou logo que viu o criado.

— Siga-mea disse elle ; sra., inda está deitada, mas mandou que você subisse pela esca da occulta.

Bemfazeja penetrou com elles em um rico aposento. Ella reconheceu a moça que estendeu os braços para a mãe logo que ficaram sós.

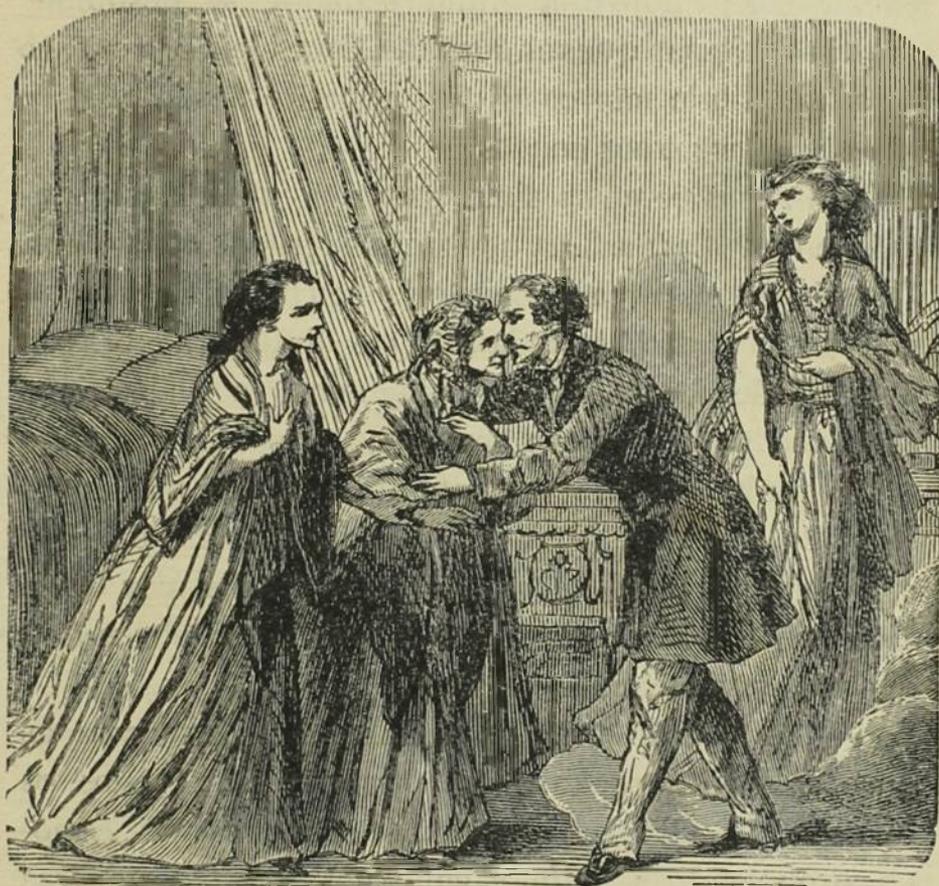
— Estou desesperada, lhe disse, de ter estado tanto tempo sem vos vêr ; porém, minha querida mãe, não me foi possivel achar um minuto.

Bateram á porta. Uma criada annunciou o dono da casa que perguntava si já era dia no quarto da mulher. Elle entrou e, vendo a velha que se levantára e que se afastára :

— E' tua ama, creio eu ? disse elle, á esposa ; bons dias, minha velha, como tens passado ?

E, sem esperar resposta, contou as peripecias de

uma ceia, em que estivera na vespera com amigos seus. Disse que jantaria em casa n'aquelle dia e fez um cumprimto á supposta ama e lhe pôz uma moeda na mão. Assim que elle sahiu, esta creatura exclamou, chorando.



— Vê, minha filha, ao que me reduces ! Não é bem cruel para mim representar um tal papel e receber esmola sou uma louca de me prestar á mentira que tua la das mãos de meu genro ? Abusas de minha ternura vaidade exige.

— Para que se afflige, minha mãe? replicou a filha. Póde duvidar de minha amisade ? Algum dia lhe deixei faltar qualquer cousa ?

— Para que viver na abundancia ? tornou a mãe. Eu era mil vezes mais feliz na minha pobreza. Ao menos tinha uma filha que não se envergonhava de mim, que me dava seu carinho. Perdi-a, esta filha, continuou ella em soluços ; é hoje uma grande senhora ; se deshonraria em confessar que sou sua mãe. Esta ideia me parte o coração. Ainda não comi com appetite desde que te casaste, e morro aos poucos.

— Não nos veremos, sinão para nos affligirmos mutuamente ? disse a filha que tinha lagrimas nos olhos. Quereis que eu perca a affeição de meu marido, expondo-o aos sarcasmos da sociedade ? Que dirião si soubessem que elle desposára uma — ninguém ? e poderíamos esconder por muito tempo si eu vos apresentasse como minha mãe ? porque afinal de contas, não tendes os modos e o tom de uma pessoa distincta e é o que me obriga a occultar a minha amisade por vós. Bemfazeja, esquecendo-se que estava invisivel, deixou-se arrebatado e exclamou :

— Que coração consegui estragar ? ! A esta voz, as duas mulheres espantadas, olharam para todos os lados e iam chamar, quando a fada se mostrou. A moça corou vendo, a-e a fada, lendo em sua alma as justas censuras que ella se fazia não quiz augmentar sua afflicção.

— Um nascimento obscuro não é uma deshonra, lhe disse ella ; mas, esforçar-se por escondel-o, mentir, para se impôr aos outros, eis o que é desprezível. Corae, não de ter uma mãe pobre, mas de ter podido desconhecê-la e appressai-vos em reparar o vosso erro, confessando-o, não somente aos olhos de vosso marido, porém.

á face do mundo inteiro si é possível. Só si é verdadeiramente nobre quando nos elevamos acima dos preconceitos vulgares e sermos virtuosos custe o que custar.

Emquanto a fada fallava, a jovem senhora parecia muito agitada. Afinal o seu bom character venceu. Ella mandou chamar o marido e lhe disse ;

— Peço-lhe perdão, senhor, de tel-o illudido me fazendo passar por descender de familia nobre ; nasci de pobres operarios e eu ganhava difficilmente á minha vida, quando um pequeno serviço prestado a esta que aqui está me valeu sua protecção e os immensos bens que me elevaram á a tura de sua esposa. Eu não era digna, pois, tive a fraqueza de corar de minha mãe. Consinta que a apresente e perdoe-me a falta de confiança que tive para comsigo.

Ella segurava sua mãe pela mão. O marido, a principio, interdicto, tomou alegremente seu partido ; abraçou a sogra e não podia tirar os olhos da fada que tinha tomado o seu real aspecto.

— Eu temia, lhe disse Bemfazeja, que o orgulho fosse mais forte que vós. Ficaria bem sentida de ter de retirar as minhas dadivas ; porém, vós as mereceis, os dois. Confessae, entretanto, senhora, que, sem este feliz desenlace, terieis rasão em vos queixardes de mim, porque as riquezas que eu vos dei, não valião certamente, as virtudes que ellas quasi abafaram em vosso coração. Arrisca-se muito quem quer se intrometter em tirar as creaturas da condição em que a Providencia as collocou. Procedei de modo, para o futuro, que eu não tenha censuras a vos fazer.

A fada dirigiu-se em seguida para a casa dos paes, cujo filho ella salvára. Achou-os mergulhdos no mais horrivel desespero.

— Ah! sra., exclamou o pae, logo que a viu; o serviço que nos prestou foi fatal. Prouvéra á Deus que o infeliz menino, que arrancastes á morte, tivesse parecido ao nascer; nós não estaríamos expostos á vel-o subir ao cadafalso! Mas, accrescentou o pae desolado, conheço seu poder. Tornae a dar-nos, pela segunda vez, o nosso filho. Tirai-o das mãos da justiça e transportae-o, si preciso fôr, para os mais remotos paizes.

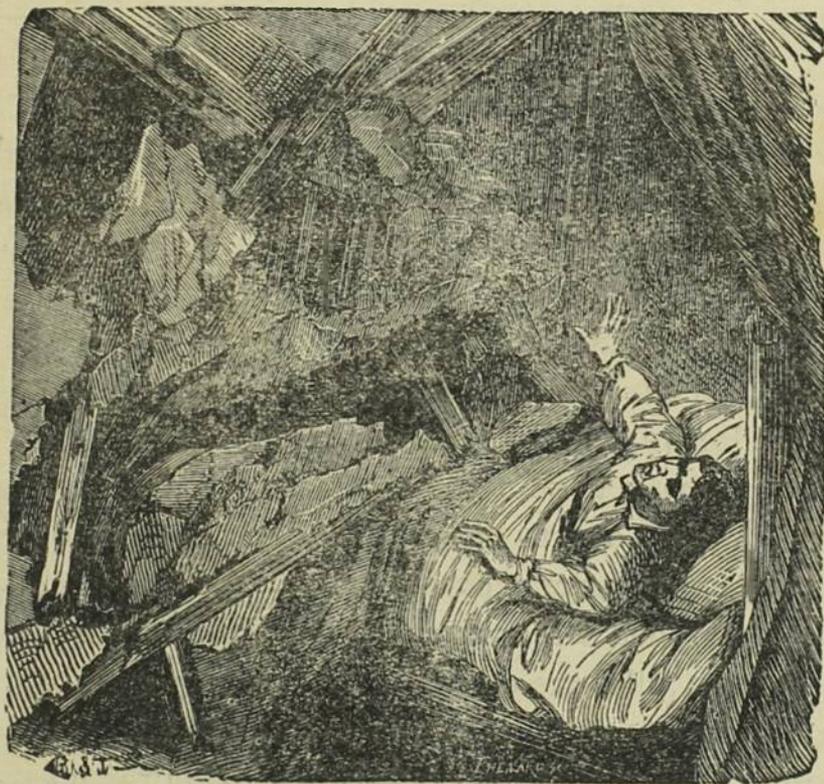
— Quanto sinto não poder conceder o que me pedis, respondeu Bemfazeja, e reparar assim o mal que fiz. Mas, prolongando os dias de um culpado, eu me tornaria cúmplice de novos crimes que elle commettesse. Deixai á Providencia o cuidado do que lhe diz respeito e mereci, por vossa submissão a seus designios, que ella tenha compaixão d'elle.

Entretanto, a piedada com o desespero da mãe, a fada ia talvez esquecer-se de sua resolução de não mais intervir nos decretos da Providencia, quando vieram dizer aos paes que o filho expirava. Elles imploraram á fada que empregasse sua arte para o salvar de novo; porém, ella não se deixou enfraquecer persuadida, como estava, que elles escapavam assim a maiores desgraças e á vergonha de vêr seu filho morrer ás mãos, do carasco.

Só lhe restava saber si, o conhecimento do futuro, tinha sido salutar áquelle que, não tendo nenhum desgosto real, se affligia com os que lhe poderiam acontecer um dia.

Ella chegou em frente de uma pobre casa de campo e viu á porta um homem de tal modo desfigurado que custou a reconhecel-o. Com elle, porém, não aconteceu o mesmo ; assim que a viu, cobriu-a de injurias.

— Não me offendo com os vossos insultos, lhe disse a fada ; sem dúvida que os mereço ; mas conta-me quaes foram as consequencias da clarividencia que



tanto desejavaes. Talvez que eu possa remediar o mal que fiz sem querer.

— Por tal preço, lhe perdoarei o passado, disse o homem. Como são loucos os mortaes em quererem rasgar o véo que a divina Providencia lançou sobre o fu-

turo ! As precauções, que tomamos para nos subtrahirmos ás desgraças futuras, muitas vezes attrahem-n'as. Vai julgar.

« Depois que a perdi de vista, esperei com impaciencia o primeiro dia do anno. Chegou, emfim, esse dia tão desejado : Imagine o meu desespero descobrindo que eu estava ameaçado de quebrar as duas pernas, de perder minha fortuna e o pouco juizo que eu tinha, antes do fim do anno.

Como a primeira d'essas desgraças devia acontecer em Janeiro, resolvi não sahir de minha cama, por cautela. Abandonei a direcção de meus negocios ; um terror panico se apoderou de mim ; por cousa alguma d'este mundo eu queria me levantar ou andar. O setimo dia, quando minha mulher e meus criados vendião na loja, o tecto de meu quarto de dormir desabou de repente. Retiraram me quasi morto debaixo dos escombros e eu tive não sómente as duas pernas partidas porém, tambem o resto do corpo desfigurado como vê. O que houve de peor n'esse accidente foi que o medo transtornou meu cerebro. Passei muitos annos nas mão dos medicos ; elles me curaram, mas as despezas absorveram a maior parte de minha fortuna. Meu negocios se desorganisaram e fiquei reduzido a vir morar n'esta cabana onde passo meu tempo em mandal-a para o diabo, a si e á sua sciencia, esperando, com receio, outro anno que, me augurando algum novo desastre me trará, segunda vez a loucura.

-- Nada receie por esse lado, lhe disse a fada, d'aqui por diante não podereis prevêr o futuro. Um dos maiores

favores que Deus tem feito ao homem é de lhe occultar os males que o ameaçam. Amofinar-se antes d'elles chegarem, querer prevenil-ós é uma loucura pelo menos tão funesta como a que soffrestes. Confiai d'ora avante á Providencia o cuidado de vellar por vós e por vossa familia, que ella protegeu. Só vós, fugindo ás suas regras, merecestes ser abandonado. Que a licção vos aproveite! Quero remediar o mal que fiz cedendo aos vossos rogos ; vos ponho no estado em que estaveis quando vos encontrei ; achareis sobre vossa mesa o equivalente do que perdestes. Aproveitai-o como antes e, longe de prevêr males imaginarios, gozai dos dons que Deus vos fez presente.

Profundamente convencida por, sua experiencia, que não pertence ás intelligencia limitadas, nem mesmo ás fadas, de retocar as obras do Creador, Bemfazeja voltou para seu reino.

Ella ahi interdictou para sempre á suas subditas a arte e o exercicio da magia, e sentindo proximo o seu fim, legou em testamento, á especie humana. os dons preciosos de resignação, de força d'alma e de fé que fazem os verdadeiros milagres.

SYLVIA.

Ah! D. Luiza, como lhe agradeço! Já estou emendada de ter desejos.

D. LUIZA.

Não é prohibido, minha cara filha, de desejar realisar todo o bem que depende de nós; assim,

querer corrigir-se, tornar-se sensata e bôa, e já começar a ser. Ahi o campo é livre e vasto, lhe garanto. Por minha parte, faço do fundo do coração, um voto ao deixal-as; é que a lembrança das nossas palestras possa contribuir para vos fazer amáveis e virtuosas moças, esperando que sejam um dia dignas e bôa mães de familia.



INDICE

- VIGESIMO DIALOGO. — *Decimo oitavo dia.* — O principe Tity e a fada das nesperas (*Conto*). — Gedeão ; a filha de Jephtheu. — O ovo e a galinha... 5
- VIGESIMO PRIMEIRO DIALOGO. — *Decimo nono dia.* — O principe Tity (*continuação*). Historia de Sansão. — A mosca no mel. — O instincto e a razão. — O entendimento a vontade e a memoria, guiam nossos actos..... 30
- VIGESIMO SEGUNDO DIALOGO. — *Vigesimo dia.* — O principe Tity (*fim*). Remedio contra as pessoas arrebataadas. — Os Gaulezes. — Ruth e Noemia. — Samuel juiz d'Israël 61
- VIGESIMO TERCEIRO DIALOGO. — *Vigesimo primeiro dia.* — Correção d'uma colerica. As provincias do Norte da França. Saul eleito. Impertimencia da Senhora Tempestade. — Demonio d'orgulho. — Abdolomina..... 91
- VIGESIMO QUARTO DIALOGO. — *Vigesimo segundo dia.* — O principe Espirituoso (*conto*). Narciso. As principaes familias reinantes. — O gigante Goliath e David..... 117
- VIGESIMO QUINTO DIALOGO. — *Vigesimo terceiro dia.* — O rei Stanislau e sua filha Maria Leezinska. — O que se entende por « Era ». — Geographia da França. — O Symbolo dos Apostolos. — David e Saul. — Os casamentos chinezes..... 139

- VIGESIMO SEXTO DIALOGO. — *Vigesimo quarto dia.*
 — Belote e Laidronette (*conto*). Os que chegam.
 — Continuação da historia de David 166
- VIGESIMO SEPTIMO DIALOGO. — *Vigesimo quinto dia*
 — O cerco de Calais. — Demetrius Poliorcètes. —
 (Sua magnanimidade). — Revolta de Absalão. —
 (Sua morte) Afflicção de David. — Mulher Crimi-
 nosa. — Eclipse do Sol. — Anedoctas sobre Péri-
 cles. — As sciencias e as artes 195
- VIGESIMO OITAVO DIALOGO. — *Vigesimo sexto dia.*
 — O pae e o filho . — Historia do homen que
 quiz suicidar-se. — A Normandia. — Punição de
 David — (*seu fim*) Julgamento de Salomão. — Ma-
 homet. — A bibliotheca de Alexandria. — Amor
 pela leitura..... 221
- VIGESIMO NONO DIALOGO. — *Vigesimo septimo dia.*
 — Elisa e Mira (*conto*). Tomelle e a Senhora de
 Beaujolais-Jerobão..... 250
- TRIGESIMO DIALOGO. — *Vigesimo oitavo dia.* — Com-
 posição da agua. — A chimica. — A familia dos
 gigantes (*conto*)..... 279
- TRIGESIMO PRIMEIRO DIALOGO. — *Vigesimo nono dia.*
 — A fada Vapor. — Provações d'Henriqueta (*conto*
verdadeiro)..... 307
- TRIGESIMO SEGUNDO DIALOGO. — *Trigesimo dia.* —
 Os desejos. — Bemfaseja, a ultima fada (*conto*)... 339
- TRIGESIMO TERCEIRO DIALOGO. — *Trigesimo primei-*
ro dia. — A ultima fada (*continuação e fim*) 362

